

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

QUEM SOMOS NÓS? MULHERES NEGRAS JOVENS
ESTUDANTES DA BAIXADA FLUMINENSE:
NARRATIVAS QUE CONSTROEM HISTÓRIAS E
MEMÓRIAS

ROBERTA RENOIR SANTOS FUMERO

2021



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**QUEM SOMOS NÓS? MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES
DA BAIXADA FLUMINENSE:
NARRATIVAS QUE CONSTROEM HISTÓRIAS E MEMÓRIAS**

ROBERTA RENOIR SANTOS FUMERO

*Sob a Orientação da Professora
Adriana Alves Fernandes Costa*

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Dezembro de 2021**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F976q FUMERO, ROBERTA RENOIR SANTOS , 1973-
QUEM SOMOS NÓS? MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES
DA BAIXADA FLUMINENSE: NARRATIVAS QUE CONSTROEM
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS / ROBERTA RENOIR SANTOS FUMERO. -
Seropédica, 2021.
239 f.: il.

Orientadora: Adriana Alves Fernandes Costa.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação
Agrícola, 2021.

1. Mulheres Negras. 2. Jovens estudantes. 3.
Baixada Fluminense. 4. Ensino Técnico. 5. Narrativas.
I. Costa, Adriana Alves Fernandes , 1978-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

ROBERTA RENOIR SANTOS FUMERO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 16/12/2021

Adriana Alves Fernandes Costa, Dra. UFRRJ

Fabírcia Vellasquez Paiva, Dra. UFRRJ

Francisco Evangelista, Dr. UNISAL

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Minha mãe Martha, que é a sustentação da minha ancestralidade, a base dos meus valores e meu apoio incondicional nos diferentes momentos da caminhada.

Meu filho Rhyan, por quem me reinvento, sonho e luto, acreditando na construção de um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que é essa energia impulsora e direcionadora dos nossos caminhos, que nos faz acreditar e não desistir dos nossos objetivos.

Agradeço ao PPGEA, pois, além do curso, ganhei vários presentes, como minha turma DS 2019/02. Nossa sincronia é algo especial. Vivemos momentos intensos de união, pressão, alegria e companheirismo que poderíamos lembrar aqui por um longo período, mas gostaria apenas de reiterar o quanto vocês foram importantes nessa trajetória; vocês tornam concreta a máxima de que sozinhos não somos nada, mas juntos constituímos a força.

Outro presente, a Professora Dra. Adriana Alves Fernandes Costa, para mim a Adri. Mais que orientadora, ela foi meu chão durante toda essa caminhada. Não existe distância e dificuldade intransponível para quem quer realizar seus objetivos. Eu era lembrada disso constantemente, e como precisava!!! Gosto da imagem de que Adri e eu somos cores e formas bem diferentes, porém complementares, que ao se juntarem pintam lindas telas de arte. Sou de cores fortes, pinceladas às vezes irregulares, emotivas e que dizem ao que vieram (coisas dessa Renoir). Já Adri tem o tom certo para o contorno das figuras, e ela as delineia com toques especiais. As pessoas não cruzam a nossa vida à toa, então que venham muitas “exposições” por aí, porque a vida é incrível quando se está com quem se gosta e te faz bem.

Eu digo que a escrita me salvou nos momentos mais nebulosos dessa recente jornada. A dissertação, claro, além do apoio que recebi da minha amiga Verônica Cunha, que me lançou em um mundo novo, no qual nunca imaginei entrar (poesias). Verô tem uma frase muito instigante: “Qual foi a última vez que você fez algo pela primeira vez?” Para mim virou meio que um desafio me oportunizar “primeiras-vezes”; como somos dessas, até o primeiro livro foi lançado no meio desse turbilhão de emoções. Muito grata por me fazer sentir que os limites são dados por você mesmo e mostrar que o comprometimento profundo com determinadas causas vale a pena.

Agradeço às MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES DA BAIXADA FLUMINENSE que participaram da pesquisa. Vocês são uma renovação de energia, representatividade positiva de juventude e negritude; sigam nesse caminho de luta, autocrítica e resistência.

Devo meu profundo agradecimento às mulheres negras do meu núcleo familiar que sustentam minha ancestralidade; às amigadas, companheiras de trabalho, professores e alunos que constantemente me mostram o quanto são enormes as demandas em relação à negritude.

Às autoras que li ou às que me fizeram escrever, pois são referências nessa caminhada e me dão direcionamento na luta. Espero que todas se sintam representadas por este estudo. Que cada capítulo, poesia, referencial teórico seja uma maneira de trazer reflexão e ação.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com os outros para fazer de outro modo.

Paulo Freire

RESUMO

FUMERO, Roberta Renoir Santos. **Quem somos nós? Mulheres negras jovens estudantes da baixada fluminense: Narrativas que constroem histórias e memórias.** 2021. 239f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2021.

O presente trabalho teve como objetivo principal conhecer as narrativas de constituição de identidades contadas por mulheres negras, jovens estudantes do Ensino Médio Técnico da FAETEC, no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Os procedimentos metodológicos aplicados foram: análise documental para identificação do perfil das estudantes; encontros virtuais com debates em torno do tema da pesquisa, tendo o portfólio reflexivo como instrumento de registro e de formação. Os critérios de seleção das participantes se configuraram através da indicação de professores e professoras que conheciam as potenciais participantes, bem como a disposição destas em participar das reuniões. Os dados foram abordados por intermédio do Paradigma Indiciário de Análise. Os resultados do estudo demonstraram que a construção identitária é processual, plural e singular. Também indicaram importante constituição cultural, construída pelo território e pela história do grupo social o qual as participantes da investigação estão inseridas.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Jovens estudantes; Baixada Fluminense; Ensino Técnico; Narrativas.

ABSTRACT

FUMERO, Roberta Renoir Santos. **Who are we? Young black women students from Baixada Fluminense: Narratives that build stories and memories.** 2021. 239p. Dissertation (Master Science in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2021.

The present work had as main objective to know the narratives of constitution of identities told by black women, young students of Technical High School at FAETEC, in the city of Duque de Caxias, Rio de Janeiro. The methodological procedures applied were: document analysis to identify the students' profile; virtual meetings with debates around the research theme, with the reflective portfolio as a recording and training instrument. The selection criteria of the participants were configured as follows: through the indication of professors who knew the potential participants, as well as their willingness to participate in the meetings. The data were approached through the Analysis Evidence Paradigm. The results of the study demonstrate that the construction of identity is procedural, plural and singular. They also indicated an important cultural constitution, built by the territory and the history of the social group in which the research participants are inserted.

Keywords: Woman, Blacks, Baixada Fluminense, Technical Education, Narratives.

RESUMEN

FUMERO, Roberta Renoir Santos. **¿Quiénes somos? Jóvenes estudiantes negras de Baixada Fluminense: Narrativas que construyen historias y recuerdos.** 2021. 239p. Tesis (Maestría en Educación Agropecuaria). Instituto de Agronomía, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2021.

El presente trabajo tenía como objetivo principal conocer las narrativas de la constitución de identidades contadas por mujeres negras, jóvenes estudiantes de la Escuela Técnica Superior de FAETEC, en la ciudad de Duque de Caxias, Río de Janeiro. Los procedimientos metodológicos aplicados fueron : análisis de documentos para identificar el perfil de los estudiantes; encuentros virtuales con debates en torno a la temática de investigación, con el portafolio reflexivo como instrumento de grabación y formación. Los criterios de selección de los participantes se configuraron de la siguiente manera: a través de la indicación de los docentes que conocían a los potenciales participantes, así como su disposición a participar en los encuentros. Los datos se abordan a través del paradigma de evidencia de análisis. Los resultados del estudio demuestran que la construcción de la identidad es procedimental, plural y singular. También señalaron una importante constitución cultural, construida por el territorio y la historia del grupo social en el que se insertan los participantes de la investigación.

Palabras clave: Mujeres, Negras, Baixada Fluminense, Educación Técnica, Narrativas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa da Região da Baixada Fluminense.....	11
Figura 3 - Participante A	209
Figura 4 - Participante A	210
Figura 5 - Participante A	214
Figura 6 - Participante A	215
Figura 7 - Participante A	216
Figura 8 - Participante A	218
Figura 9 - Participante A	218

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Homens e Mulheres por município	59
Tabela 2 - Mulheres de 15 a 29 anos por município	59
Tabela 3 – Mulheres de 15 a 29 anos por município e grupo etário.....	61
Tabela 4 – Mulheres de 15 a 29 anos por município e raça/cor	62
Tabela 5 – Mulheres de 15 a 29 anos por município e ocupação.....	63
Tabela 6 – Proporção de mulheres negras de 15 a 29 anos por nível de instrução e município da Baixada Fluminense, 2010.....	63
Tabela 7 – Renda média domiciliar per capita das mulheres de 15 a 29 anos por município e raça/cor	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Esquema das buscas de produção acadêmica centrada na mulher negra:	28
Quadro 2 – Número de funcionários da instituição	33
Quadro 3 – Dados sobre as participantes da pesquisa.....	34
Quadro 4 - Ocupação e renda	34
Quadro 5 – Escolarização.....	34
Quadro 6 – Atividades culturais.....	35
Quadro 7 – Ideias centrais capturadas de cada roda de conversa.....	37
Quadro 8 – Ideias centrais capturadas das narrativas (portfólios) produzidos pelas participantes.....	43
Quadro 9 – Frequência das Categorias.....	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – População negra e não negra na Baixada Fluminense.....	60
Gráfico 2 – Razão entre mulheres e homens de 15 a 29 anos por município da Baixada Fluminense, 2010	60
Gráfico 3 – Divisão por faixa etária das mulheres nos municípios da Baixada Fluminense...	61
Gráfico 4 – Dados da escolarização das mulheres da Baixada Fluminense	62
Gráfico 5 – Dados sobre a população negra e não negra da Baixada Fluminense	64
Gráfico 6 – Proporção de mulheres negras de 15 a 29 anos por nível de instrução e município da Baixada Fluminense, 2010.....	65
Gráfico 7 – Mulheres de 15 a 29 anos que não trabalham e não estudam por município da Baixada Fluminense por raça/cor, 2010.	65

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CETEP	Centro de Educação Tecnológica da FAETEC
CVT	Centro Vocacional Tecnológico da FAETEC
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais de Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EP	Educação Profissional
ETE	Escola Técnica Estadual da FAETEC
FAETEC	Fundação de Apoio ao Ensino Técnico do Estado do Rio de Janeiro
FAETERJ	Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do RJ da FAETEC
FN	Feminismo Negro
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
INEP	Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MF	Movimento Feminista
MMN	Movimento de Mulheres Negras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 CAPÍTULO I SOMOS MULHERES NEGRAS E FAZEMOS HISTÓRIAS ONDE ESTAMOS	3
1.1 Identidades das mulheres negras: falar é preciso!	3
1.1.1 Por uma Baixada que conhecemos, para uma que queremos	11
1.1.2 Ensino Técnico em foco	15
2 CAPÍTULO II NARRATIVAS: CONHECENDO E REVISITANDO TEORIAS.	18
2.1 Discutindo conceitos: barbárie e mônadas	18
2.2 Escrivência: com versos marco História	21
3 CAPÍTULO III CONSTRUINDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS EM PESQUISA	27
3.1 Procedimentos metodológicos: pesquisa e ação	30
4 CAPÍTULO IV REVISITANDO E REESCREVENDO NEGRITUDE: ANÁLISE DE RESULTADOS DA PESQUISA	32
4.1 Contextualizando	33
4.2 Descrevendo os dados coletados na pesquisa	36
4.2.1 Roda de conversa	36
4.2.2 Portfólios	43
4.2.3 Portfólio do pesquisador	46
4.2.4 Fotos	47
4.3 Analisando os dados	47
5 CONSIDERAIS FINAIS DA PESQUISA	50
6 REFERÊNCIAS	53
7 APÊNDICES	58
Apêndice A- Inventário de Dados Populacionais dos Municípios da Baixada Fluminense ...	59
Apêndice B – Quadro com Principais Conceitos de Walter Benjamin e Conceição Evaristo Trabalhados nesse Estudo	66
Apêndice C – Questionário para as Estudantes Participantes da Pesquisa	67
Apêndice D - Planejamento das Rodas de Conversa – Negritude em Foco	70
Apêndice E - Transcrição	76
Apêndice F- Narrativas dos Encontros da Pesquisa	208
Apêndice G - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	220
Apêndice H- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	223
8 ANEXOS	228
Anexo A - Parecer Consubstanciado do CEP - Plataforma Brasil	229
Anexo B - Textos Utilizados na 4ª Roda de Conversa sobre Literatura	232
Anexo C - Termo de Autorização de Uso de Imagem	239

INTRODUÇÃO

Mulher, negra, professora da Baixada Fluminense. Essa sou eu! Trago comigo um perfil que remete a uma série de demandas e lutas cotidianas, tais como: condições de igualdade para mulheres nos diferentes segmentos; enfrentamento e desconstrução do racismo na nossa sociedade; construção de uma educação que atenda com qualidade a todos; conhecimento e divulgação de uma área cheia de diversidade e cultura singular.

Ao mencionar minha história, diria que ela se confunde com as de milhares de mulheres negras do nosso país. De família humilde, crescendo em uma comunidade pobre, com poucos recursos, creio que o meu diferencial foi a EDUCAÇÃO. Tenho uma mãe que sempre dimensionou a educação como ferramenta essencial de melhoria e representatividade social. Ainda hoje, essa é a base de vários dos meus posicionamentos como cidadã e profissional.

Tenho uma trajetória profissional vinculada à Baixada Fluminense, que dá respaldo a muitos valores sociais que tenho construído. No período inicial da graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995), fui chamada por uma organização não governamental de Duque de Caxias para implementar projetos de formação de educadores e abertura de turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) na região. Tal experiência me levou posteriormente a participar como supervisora pedagógica de núcleos de ensino em alguns programas dos municípios da região, entre eles: MOVA, Transformar, Brasil Alfabetizado. Durante muitos anos, exerci essa função, o que possibilitou conhecer profundamente a realidade da área. Num determinado momento, passei em um concurso público para professor do município de Duque de Caxias; anos depois, para a FAETEC (Fundação de Apoio ao Ensino Técnico), pertencente à rede de ensino estadual, numa unidade da mesma localidade. Em toda essa caminhada, já se vão mais de 20 anos nos quais atuo, trabalho e me envolvo com as problemáticas e os processos de transformação desse campo.

No decorrer das minhas atividades profissionais, percebi que determinadas demandas, as quais, a princípio, identificava como pessoais, são na realidade sociais. Situações de preconceito étnico e o desrespeito aos direitos unicamente por conta de uma classe social são situações com que me confronto frequentemente e que suscitam ações, como a participação em grupos que divulguem e debatam tais questões; a construção de materiais que se contraponham a esses episódios e assim por diante.

Dentro desse contexto, emerge o meu problema de pesquisa: quais são as narrativas de constituição de identidades das mulheres negras jovens estudantes do Ensino Médio Técnico, na Baixada Fluminense? Quanto aos objetivos, o geral destina-se a conhecer as narrativas de constituição de identidades contadas por tais mulheres.

Em face do exposto, meus objetivos específicos são:

- identificar, descrever e analisar as narrativas do processo de constituição de identidades das mulheres negras jovens estudantes que frequentam os cursos Qualidade, Logística e Segurança do Trabalho;
- conhecer os diversos elementos (sociais, culturais, estéticos, educacionais, econômicos) que formam os perfis femininos do público já mencionado.

A metodologia do estudo aqui desenvolvido é de cunho predominantemente qualitativo, pois trabalhamos com as narrativas das mulheres como construtoras de histórias e memórias. Os resultados e as análises se correlacionam, certamente, no ato de narrar. Outra característica relevante é que o *locus* desta investigação é a instituição na qual integro a equipe técnico-pedagógica.

Em relação aos procedimentos metodológicos, foi necessário adequar os instrumentos ao contexto pandêmico em que vivemos. O plano inicial consistia no mapeamento e o delineamento dos perfis das participantes deste estudo, isto por intermédio de pesquisa documental envolvendo questionário socioeconômico – idade, zona de residência, cor, se

frequentou escola pública ou privada, renda familiar – (APÊNDICE C), com o intuito de identificar alguns indicadores da vida social e educacional dessas mulheres. Ou seja, a proposta era partir dos dados gerais do público da unidade para alcançarmos núcleo da nossa pesquisa, ocorreram mudanças significativas e esse questionário foi aplicado diretamente para as participantes já selecionadas.

Sendo assim, o público-alvo, foi selecionado por uma amostra por conveniência, composta por no máximo cinco integrantes. Os professores da área de Humanas da unidade indicaram possíveis participantes. Como critério, deveriam demonstrar interesse na produção da escrita de textos narrativos que comporiam o portfólio reflexivo.

No segundo momento foram seis reuniões – encontros semanais e virtuais, de duração de até duas horas, com estudantes negras dos cursos Técnicos de Qualidade, Logística e Segurança do Trabalho da unidade ETE IMBARIÊ, que integra a rede FAETEC de ensino. Em tais encontros foram abordados temas que envolveram os objetivos da investigação com cunho autobiográfico: as escritas foram produzidas e analisadas pelas participantes, em um portfólio reflexivo individual e coletivo. Para efetivar esse processo, as narrativas produzidas pelas participantes foram enviadas por e-mail para a pesquisadora.

Em seguida, como critério de recorte, as narrativas foram trabalhadas como mônadas (BENJAMIN, 1987) capturadas no portfólio reflexivo (SÁ-CHAVES, 2005) coletivo. Tais dados foram abordados por intermédio do Paradigma Indiciário de Análise.

O trabalho está dividido em 4 capítulos. No capítulo I, abordo o conceito de identidades das mulheres negras jovens estudantes na Baixada Fluminense e discuto os trajetos do ensino técnico. No capítulo II, resalto os conceitos de narrativas seguindo os pressupostos teóricos de Walter Benjamin (1987), e diálogo com o conceito de Escrivência lançado por Conceição Evaristo. No capítulo III, destaco os procedimentos metodológicos e apresento os resultados da pesquisa. Por fim, no último capítulo, analiso os resultados obtidos e elaboro a resposta social da pesquisa.

1 CAPÍTULO I

SOMOS MULHERES NEGRAS E FAZEMOS HISTÓRIAS ONDE ESTAMOS

Negra raiz

Negra na cor
Negra no amor
Negra no sangue e na luz.
Mãe beata
Que nunca se deixou atar
Negra na cor
Negra no amor
Negra no sangue e na luz.
Beata mãe
Que sempre estendia a mão
Negra na cor
Negra no amor
Negra no sangue e na luz.
Beatriz
Beata Beatriz
Aquela que fez feliz!

Verônica Cunha
Corações em Palavra (2019)¹

Beatriz é alguém de muito longe ou de perto, que pode estar no território urbano ou no rural, pode ser escritora ou analfabeta, mas que representa os propósitos de valorização e pertencimento de muitas mulheres negras. A proposta deste capítulo é discutir a constituição das identidades das mulheres negras a partir das perspectivas formativas e de um lugar específico, sendo este o Ensino Técnico.

O desenvolvimento deste capítulo está organizado da seguinte maneira: na primeira parte, trato do conceito de identidade das mulheres negras. Na seção seguinte, focalizo as mulheres negras da Baixada Fluminense, remetendo-me a determinados aspectos históricos, dados que caracterizam e situam as problemáticas da região. Na terceira parte, abordo esse público dentro do Ensino Técnico, quando menciono a estrutura desse segmento educacional na atualidade e cito referências que mostram a relação de tal segmento educacional com a questão da negritude feminina.

1.1 Identidades das mulheres negras: falar é preciso!

Quando me proponho, inicialmente, a falar sobre identidade, o tema pode parecer algo simples, pois todos nós temos características, valores que nos identificam e nos posicionam no meio social. Contudo, identidade é um constructo complexo, que traz em si uma série de

¹Verônica Cunha é professora, escritora, negra, nasceu e reside no município de Queimados. Neste momento desenvolve um trabalho de divulgação da leitura e debates sobre problemáticas da Baixada Fluminense através de seus livros.

variáveis que nos tornam seres singulares. Diante disso, apresento alguns entendimentos que perpassam pela discussão desse conceito.

Hall (2006), em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, aponta alguns elementos:

A questão de identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Há um quadro no qual o autor menciona elementos de uma sociedade que se encontra em constante transformação, trazendo um processo de mudança nos valores estruturais que anteriormente sustentavam o meio social e, por consequência, as identidades que a formam. Essas reestruturações no âmbito das identidades pessoais geram e proporcionam novas configurações as quais compreendo como identidades culturais.

Para detalhar um pouco essa construção, a obra de Hall (2006) trabalha com três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Tentarei pontuar alguns elementos preliminares sobre cada um a seguir.

O primeiro se apoia na concepção da pessoa humana como um indivíduo.

totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia em núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele (HALL, 2006, p.11).

Em outras palavras, ao longo da existência do indivíduo, temos uma abordagem individualista da identidade, a qual não considera a interferência exterior como algo relevante ou predominante.

Seguindo com o debate, Hall (2006, p. 12) menciona que o sujeito sociológico.

refletiria a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

A identidade aqui seria uma espécie de relação entre o interior e exterior, quando são trazidos e internalizados valores como parte do nosso interior. Isso contribui para que nos adaptemos aos lugares culturais e sociais em que estamos.

Falando do sujeito pós-moderno, o autor menciona que seria alguém que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Logo, a identidade “torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 12). A ideia daquele sujeito único, estático, dá espaço para alguém que se modifica e que abre novos significados à sua identidade, conforme suas diferentes realidades.

Os conceitos trazidos por Santos (1999) dialogam com elementos abordados por Hall (2006).

[...] que as identidades culturais, então, não são rígidas, nem imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente sólidas, como a de homem, mulher, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido de jogos de polissemias, choque de temporalidade em constante processo de transformação,

responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificação em curso (SANTOS, 1999, p. 119).

Tanto Hall (2006), como Santos (1999), estabelecem uma perspectiva de que os processos para a formação das identidades são algo em construção, não se constituem como elemento finalizado. Santos (1999) acrescenta que as identificações são plurais e trazem em si uma interface de determinação de diferenças e graus de hierarquia. Estabelecem-se os conceitos e questionamentos sobre posição social, a identidade, portanto, se constitui como demarcador do grupo na sociedade.

Ainda seguindo nessa lógica de discussão, Santos (1999, p. 120) menciona que “quem pergunta pela sua identidade questiona as referências hegemônicas, mas, ao fazê-lo, coloca-se na posição do outro e, simultaneamente, numa situação de carência e por isso de subordinação”. Interessante, pois nos faz refletir que pesquisar a identidade de um grupo possivelmente (também) é interpretá-lo no contexto da sociedade daquele momento. Sabemos que os que se situam em categorias hierárquicas ditas superiores ou dominantes se posicionam como formadores de consciências e de práticas, desconsiderando as interfaces sociais e culturais dos demais.

Freitas (2006), apoiada por Erikson (1987), discute o desenvolvimento da identidade a partir dessa teoria, na qual a constituição da identidade se dá em um processo contínuo de rupturas e superações. No entanto, a autora não se restringe aos aspectos biológicos, pois incorpora em sua discussão a importância e influência do espectro social nesse desenvolvimento. Ou seja, Freitas (2006) traz a abordagem de que a identidade se vincula às novas construções, com possibilidades de reestruturações.

Poderíamos dizer então que a identidade vai-se representando por proposições substantivadas, isto é, constitui-se nas ações, o ser é o que faz, o que sente, o que pensa e também o que deixa de fazer, pensar e sentir. Essas ações vão recebendo nomes e passam a ter normas de expressão dadas pela sociedade e, segundo suas nomeações, criam a ilusão de um indivíduo dotado de uma substância que se expressa através dele (FREITAS, 2006, p. 64).

Dentro desse contexto, Santos (1999, p. 121) menciona que “o nome moderno para identidade é subjetividade” e que o “humanismo renascentista seria a afloração desse paradigma da individualidade como subjetividade”. Ele mostra as múltiplas tensões das correntes estruturadoras da subjetividade moderna, em que aparecem a subjetividade individual e a coletiva – aqui se estabelece a questão do que se apresenta com caráter individual/pessoal e o que é coletivo/voltado para todos (indivíduo e Estado). Ainda contextualizando identidade, Santos (1999) segue:

[...] pela subjetividade contextual e subjetividade universal – a primeira se vincula à racionalidade, ao instrumentalismo científico, ao cálculo econômico que na realidade formou que conhecemos como colonialismo – dentro de um contexto histórico seria uma forma de imposição de autoridade de uma cultura sobre outra, podendo ser forçada, com a utilização de poderio militar ou por outros meios como a linguagem e a arte. O processo de dominação portuguesa no Brasil é um bom exemplo de colonialismo, assim como a colonização da África, destruição da cultura dos povos andinos e a influência da cultura americana em países subdesenvolvidos; a segunda se conecta com relação com a natureza e a revalorização do irracional, do inconsciente, do mítico e do popular. (Um Homem da modernidade natural, primitivo espontâneo e com sua organização social própria). Essas tensões deixam evidentes que o paradigma da modernidade é um projeto sociocultural amplo repleto de contradições, mas também de potencialidades, que na sua matriz aspira equilíbrio entre regulação social e emancipação social (SANTOS, 1999, p. 121-122).

Os conceitos expostos anteriormente clarificam muitas das configurações sociais presentes na nossa sociedade; percebem-se as bases da subjugação de um povo sobre outro, e a desvalorização de outras culturas apenas por não apresentarem traços identitários semelhantes. Tais práticas alicerçam a formação da identidade de determinados grupos como superiores em detrimento de todas as faces identitárias de outros.

Frente ao exposto, podemos dizer que a autora assume o conceito de identidade como elemento em construção, mutável, que se estabelece e se desenvolve nas interações. Essa concepção sustenta a presente pesquisa, pois realmente entendemos as identidades do grupo de participantes do estudo não como algo “acabado”, definido, mas sim como um elemento em processo de mudança, que sofre a interferência do meio, mas que o modifica também.

Ademais, trataremos o conceito de identidade negra feminina de acordo com os olhares das seguintes autoras negras: Collins (2019), Hooks (2017), Ribeiro (2019a, 2019b) e Carneiro (2019). Em suas obras elas trazem a perspectiva de inserção e de pertencimento a um grupo e refletem sobre a construção da identidade através do debate do lugar em que se encontram. Entendemos grupo, aqui, não como a convergência dos indivíduos porque são iguais ou tenham as mesmas características, mas sim como a relação de diferentes interfaces das identidades dos sujeitos que desejam e lutam pelos objetivos semelhantes. Somos conscientes de que as mulheres negras têm uma inserção social específica no Brasil, visto que carregam uma história de racismo – discriminação pela cor da pele, de desvalorização das bases culturais, além de processo de imposição de padrões sociais estabelecidos por uma sociedade de características predominantemente brancas. A mulher negra no nosso país traz essas marcas, que são elementos relevantes na formação da sua identidade, tanto como pessoa quanto grupo.

No texto “A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista”, Sandra Harding (1993, p. 95) contextualiza elementos da teoria do movimento feminista: “O esforço inicial da teoria feminista foi entender e reinterpretar as categorias de diversos discursos teóricos de modo a tornar visíveis as atividades e as relações sociais das mulheres no âmbito das diferentes tradições intelectuais”. Emergem então debates em torno de demandas como: violência contra a mulher, diferença salarial entre gêneros, pouca inserção feminina no meio político, casos de assédio e preconceito contra a mulher, saúde feminina, questões que afetam a população feminina no geral. Essas foram problemáticas propulsoras na formação de outros movimentos que incorporaram em suas pautas especificidades emergentes dentro do Movimento Feminista Negro. Certamente, as identidades das mulheres negras foram afetadas por este movimento.

Os movimentos sociais se interligam, redimensionam segundo o momento histórico. O Movimento Feminista Negro é um bom exemplo disso, pois nasce no cerne do Movimento Feminista, porém absorve problemáticas e discussões da população negra feminina. Para bell Hooks (2017)², nos Estados Unidos esse movimento ganha visibilidade e lança as bases para a ampliação dos debates em outros países (América Latina e Caribe). São múltiplas demandas e diferentes desafios a serem ultrapassados. Hooks (2017) propõe:

Não devemos desistir uma das outras, isso talvez venha do fato de as mulheres terem interiorizado o pressuposto racista de que não podemos jamais vencer a barreira que separa as mulheres brancas das negras. Se isso é verdade, somos cúmplices desse mal. Para combater essa cumplicidade, temos de produzir mais trabalhos escritos e testemunhos orais que documentem as maneiras pelas quais as barreiras são derrubadas, as coalizões se formam e solidariedade é partilhada. São esses que vão renovar a esperança e proporcionar estratégias para movimento feminista do futuro (HOOKS, 2017, p. 148).

² Numa frase da própria bell encontramos o motivo para uso de letras minúsculas no nome: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”.

Na obra *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento* (2019), de Patricia Hill Collins, localizamos uma reflexão para a compreensão do pensamento feminista negro, na qual a autora trabalha os conceitos de interseccionalidade e matriz de dominação. Ela demonstra como raça, classe, gênero e sexualidade constituem sistemas econômico, financeiro, cultural de opressão, que, por sua vez, se retroalimentam. As discussões perpassam pelo conhecimento e pela análise da organização de um sistema notoriamente opressor, além da elaboração de estratégias para seu enfrentamento.

No Brasil, tal temática ganha novos contornos no início da década de 1970, com o Movimento de Mulheres Negras (MMN), cujas pautas se basearam em cinco temas fundamentais, que são: legado de uma história de luta; interligação entre gênero, raça e classe; combate aos estereótipos ou imagens de controle; atuação como mães, professoras e líderes comunitárias; política sexual. Nesse movimento de afirmação teremos a ação de um grupo expressivo de mulheres como: a antropóloga Lélia Gonzales; a historiadora e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres Beatriz Nascimento; a socióloga Sueli Carneiro; a escritora Carolina de Jesus foi uma das primeiras autoras negras do país, a escritora Conceição de Evaristo; a socióloga Vilma Reis; a ialorixá Mãe Stella de Óxossi; a vereadora Marielle Franco; a filósofa e escritora Djamila Ribeiro e muitas outras mulheres negras que trouxeram/trazem o foco das discussões para a processo de invisibilização e exclusão do povo negro. Tais reflexões nos convocam para variadas formas de enfrentamento – político, filosófico, religioso.

Na trilha, ou seguindo o caminho dessas mulheres que se inseriram em variados segmentos negros, e considerando os temas mencionados, Sant’Anna (2004) menciona questões nucleares que o movimento deveria cumprir: a primeira seria contar a própria história, divulgar a trajetória das mulheres negras, se possível trazendo referências de escritoras negras brasileiras no intuito de recordar momentos de organização política das mulheres negras brasileiras. Ou seja, termos um chamado para a divulgação da história dessas mulheres negras pode se categorizar como construção de referencial. Em segundo lugar, a autora aponta a necessidade de se analisar o quanto as mulheres negras sinalizam suas dificuldades de sobrevivência, sejam elas sociais, econômicas, políticas e culturais, conectando-as aos problemas estruturais da sociedade brasileira. Para tanto, apresento indicadores sociais e econômicos que comprovam as diferenças de padrão de vida e oportunidades entre negras e brancas. A proposta é mostrar as principais problemáticas do grupo, marcando as diferenças existentes entre as mulheres negras e as brancas. Uma terceira questão seria explicar por que distinguir os interesses e as necessidades das mulheres negras frente às de outras mulheres brasileiras ainda é algo importante; aqui sem distinções de classe social, local de nascimento, profissional e outras. Nesse ponto, se reconhecer como mulher negra brasileira é uma questão de estabelecimento de identidades.

O movimento impulsiona uma série de avanços, insurgindo uma força – perpassa por publicações de livros e artigos, manifestações nas ruas, lutas nas esferas do poder público, implementações de projetos – que reivindica e atua em prol de mudanças de tais bases da sociedade. Ou seja, saída do campo teórico e de debates para o campo de implementação de práticas.

Aproximo-me claramente dessa ideia quando assumo como objetivo deste trabalho que é conhecer as narrativas de constituição das identidades do grupo participante da pesquisa. Esse é um processo significativo, pois passa pelo conhecimento de quem “fala”. É fundamental analisar as possíveis razões para tal “fala” e entender como essa “fala” pode direcionar certas ações. Ribeiro (2019b) diz o seguinte:

O conceito de lugar de fala discute justamente o *locus* social, isto é, de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com suas experiências em comum. É isso que permite avaliar quanto determinado grupo – dependendo de seu

lugar na sociedade – sofre um obstáculo ou é autorizado e favorecido (RIBEIRO, 2019b, p. 35).

Ribeiro (2019a) afirma se pautar no pensamento de autoras como Lélia Gonzales e Linda Alcoff, que mencionam alguns pontos relacionados à configuração desse local de fala, nessa identidade.

Existe a necessidade de rompimento com a epistemologia dominante e de fazer o debate sobre identidades pensando o modo pelo qual o poder instituído articula essas identidades de modo a oprimir e retificá-las. Pensar lugares de fala para essas pensadoras seria desestabilizar e criar fissuras e tensionamentos a fim de fazer emergir não somente contradiscursos, posto que ser contra ainda é ser contrária a alguma coisa. Ser contra hegemônica ainda é ter como norte aquilo que me impõe [...] visam pensar outras possibilidades para além das impostas pelo regime discursivo dominante (RIBEIRO, 2019a, p. 89).

Entender esse lugar de fala é complexo e exige que no processo de análise sejam considerados os distintos aspectos relacionados à formação e à permanência de configuração de um determinado grupo. Creio que a constituição das identidades dessas mulheres negras se efetiva como pontua Freitas (2006):

multideterminada pelas contribuições sociais, culturais, econômicas, familiares, políticas, emocionais entre outras. A interiorização de papéis atribuídos ao indivíduo pelos outros só ocorre se esses forem dotados de significados construídos cognitivamente, socialmente e emocionalmente (FREITAS, 2006, p. 65).

Como mencionado anteriormente, me apoio na perspectiva do entendimento da constituição das identidades a partir das relações sociais e das influências que elas trazem. As identidades femininas negras evidentemente passam pelo processo de interferência do meio e, dentro desse contexto, influenciam movimentos essenciais de mudança na sociedade. Quando falo dessas mulheres negras, remeto-me a um grupo que tem um lugar social específico, pois apresenta uma trajetória histórica de exposição ao racismo, além de um processo de desvalorização e negação da sua cultura e de menor acesso a muitos dos seus direitos. Sendo assim, reporto-me a algumas questões (racismo, violência contra mulher negra, relação rendimento e raça, educação) apenas como forma de exemplificar ou situar esse grupo junto ao meio social, reiterando que as identidades se constituem no encontro dessas várias interfaces.

Ao tentar dimensionar o racismo, percebemos que ele se apresenta como uma série de medidas institucionais, culturais e interpessoais que classificam e colocam um determinado grupo social ou étnico em situação de desvantagem, de opressão. Assim, racismo é:

uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertençam (ALMEIDA, 2019, p. 25).

Este racismo seria estrutural, porque a sociedade se organizaria para excluir esses grupos, considerando como minorias e, assim, sem uma participação efetiva junto às instituições sociais.

Ainda para Almeida (2019) o racismo pode ser definido a partir de três concepções. A individualista, pela qual o racismo se apresenta como uma deficiência patológica, decorrente de preconceitos; institucional, pela qual se conferem privilégios e desvantagens a determinados grupos em razão da raça, normalizando estes atos, por meio do poder e da dominação; e estrutural, que, diante do modo “normal” como o racismo está presente nas

relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas, faz com que a responsabilização individual e institucional por atos racistas não extirpem a reprodução da desigualdade racial.

Dessa forma, falar de racismo estrutural é dimensionar ações sociopolíticas, econômicas e culturais que colocam os negros em situação de desvalorização e vulnerabilidade, em que seus direitos básicos de cidadania são negligenciados e a estrutura de cultura é classificada como menor e não merecedora de reconhecimento. Temos uma naturalização de ações, hábitos, falas e pensamentos que são incorporados à vida cotidiana de um povo e promovem, direta ou indiretamente, a segregação e/ou o preconceito racial.

As bases das questões de racismo são históricas; ao mencionarmos a população negra feminina, isso toma uma proporção bem peculiar. Existe uma história colonial que coloca a mulher negra num lugar social de exploração e desvalorização. Carneiro (2019) nos mostra um posicionamento contundente com tal situação:

No Brasil, o estupro colonial perpetuado pelos senhores brancos portugueses, sobre negras e indígenas, está na origem de todas as construções de identidade nacional e das hierarquias de gênero e raça presentes na sociedade (CARNEIRO, 2019, p. 151).

No período colonial a mulher negra era uma “mercadoria” e como tal poderia ser usada como o dono desejasse. No contexto identitário daquele momento as diferenças entre homens e mulheres são erotizadas; a violência sexual contra mulheres negras é romantizada, ou seja, existe uma configuração de subjugação em diferentes sentidos dessa mulher negra.

Existe um processo de mistura de raças ou mestiçagem iniciado desde a escravidão. Temos então a formação das gerações, que não se reconhecem como negros – aparecem os(as) pardos(as), os(as) morenos(as), ou seja, indivíduos de pele mais clara, nomenclaturas que apenas fragmentam a identidade racial negra e visam escamotear a importância política e cultural do negro na sociedade. Esse é um conceito conhecido como “branqueamento”, que estabelece uma hierarquia pelo tom da pele, com maior ou menor inserção social segundo essa característica. O povo negro precisa se ver como grupo, como comunidade que tem e faz História. Na luta para a efetivação de cotas, verificadores de índices sociais geram uma discussão preeminente e nos confrontam com a necessidade de resgate de direitos não concedidos aos negros.

Todo o histórico de exclusão do povo negro desde o período da escravidão no nosso país nos faz entender o quanto é complexo superar tais imposições e conseguir exercer posição de fala no meio em que estamos. O trabalho de formação de uma sociedade antirracista é gradativo, convoca um processo de reestruturação de valores e de movimentos que possibilitem o surgimento de outros que realmente contemplem um caráter igualitário. (DAVIS, 2019 *apud* BRASIL DE DIREITOS. CISCATI, 2019) traz essa dimensão do que é antirracismo.

Como ser antirracista? Primeiramente, adotando para si uma política de descolonização do inconsciente. Descolonizar significa retirar forças e domínios de uma determinada região, de um determinado território. Significa fraturar essas forças e construir novos campos e novas perspectivas de existir. Uma descolonização do território necessariamente envolve toda a reestruturação política desse espaço. Quando a gente fala em descolonizar o inconsciente, fala de reconfigurar ou ressituar todas as linhas de força que dominam nosso modo de pensar. Nossa linguagem, as coisas que a gente lê, as coisas que a gente quer assistir, as músicas que a gente quer ouvir. Para que a gente efetive, de fato, uma lógica antirracista (...) (DAVIS, 2019 *apud* BRASIL DE DIREITOS. CISCATI, 2019).

Tais conceitos dialogam com muitos ideários levantados por ativistas atuais. Ribeiro (2019b, p. 30) menciona que “é preciso ter em mente que para pensar soluções pra realidade devemos tirá-la da invisibilidade”. Compreender as variadas interfaces do racismo é um primeiro passo para formularmos estratégias de superação. No Brasil, por conta de questões

históricas da miscigenação do povo, se impunha/impõe o falso modelo de que não existe racismo na nossa sociedade, de que somos um povo de grandes “misturas” e por isso não existiriam diferenças por raça. Apenas quem já sofreu os variados tipos de discriminação e teve negados os direitos sabe a dimensão do racismo e estará mais bem preparado para superá-la.

A formação de uma sociedade antirracista é urgente e perpassa por longos processos de conscientização e de ações que reestruturem o posicionamento do negro junto aos diversos segmentos sociais. Contribuir para essa formação significa tirar a invisibilidade dessas problemáticas, trazê-las para frentes de debates, para, assim, num trabalho coletivo, efetivarmos soluções.

Sabemos que a discussão é ampla e que todo o processo de estruturação das identidades das mulheres negras é permeado por tais questões; contudo, a interferência do racismo não é o único elemento. Reiteramos que possui grande relevância, mas não se apoia nele somente. Quando se fala de violência, por exemplo, constata-se que o feminicídio, isto é, o assassinato de mulheres por sua condição de gênero, atinge principalmente as mulheres negras. Dentro da amostra de população feminina existe um aumento de 54% de assassinatos de mulheres negras, enquanto há uma diminuição de 10% em relação às mulheres brancas³. Mais do que unicamente números, a mídia mostra e reitera essa realidade. Percebe-se que a questão da violência contra a mulher é algo presente, crescente e que atinge fortemente o público negro.

Adentrando na questão do trabalho, de proporção de renda, por exemplo, visualizo que as mulheres negras e pardas estão, em sua maioria, na informalidade. Esse grupo continua na base da desigualdade de renda no Brasil. No ano de 2018, sua renda foi, em média, menos da metade dos salários dos homens brancos (44,4%), os quais ocupam o topo da escala de remuneração no país. Atrás deles, estão as mulheres brancas, que possuem rendimentos superiores não apenas aos das mulheres pretas ou pardas, mas também aos dos homens pretos ou pardos⁴.

Em termos de dados educacionais⁵, constata-se que as mulheres estudam por mais anos que os homens. Entre as pessoas de 25 a 44 anos de idade, o percentual de homens que completou a graduação é de 15,6%, enquanto o de mulheres atingiu 21,5%, indicador 37,9% superior ao dos homens. No entanto, o percentual de mulheres brancas com ensino superior completo (23,5%) é 2,3 vezes maior do que o de mulheres pretas ou pardas (10,4%) e é mais do que o triplo daquele encontrado para os homens pretos ou pardos (7%). A educação continua sendo um valor relevante pelo qual a população negra, especialmente a feminina, ainda tem menor acesso e possibilidades.

Verificamos então um quadro que expõe o alto índice de vulnerabilidade dessa mulher negra no nosso país. O que contribui para a conscientização e transformação desse quadro é um trabalho coletivo, contínuo e que exige constante reorganização.

Vivemos um momento em que as desigualdades sociais estão evidenciadas; a questão de raça, de gênero ainda é algo que determina posições dentro do nosso meio social. O falar, o evidenciar, o protestar contra situações que consideramos inconcebíveis são ações práticas que buscam novos caminhos. A abordagem de trazer à luz debates sobre negritude feminina numa perspectiva de mulheres que estão na academia, e/ou engajadas em movimentos sociais importantes de conscientização sobre tal temática, se constitui um impulsionador para a formação de uma cultura de resistência, com a possibilidade de estabelecer e propagar as mudanças possíveis dentro da nossa sociedade.

³Dados mencionados em pesquisa do mapa da violência da Faculdade Latino, elaborado pela Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais (CERQUEIRA *et al.*, 2017).

⁴Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019.

⁵Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019.

Considerando esses pressupostos, acredito ter cumprido os objetivos desta primeira parte do capítulo, que era apresentar os conceitos relacionados à formação das identidades das mulheres negras.

1.1.1 Por uma Baixada que conhecemos, para uma que queremos

Vamos falar de um território cheio de controvérsias, que traz na sua essência uma gama de desigualdades. Temos faces de uma população historicamente explorada e colocada num lugar de desvalorização, à margem dos principais direitos humanos de existência. Proponho abordar uma Baixada que reconhece suas dificuldades (altos índices de violência, deficiência do sistema público de educação e saúde, altos preços e qualidade precária de transporte público), mas que, ao mesmo tempo, trabalha, estrutura projetos sociais, debate e faz cultura com o intuito de lidar com seus desafios.

Nesta segunda parte deste capítulo, diálogo sobre o lugar social da mulher negra na Baixada Fluminense, abordando as características sociopolíticas e econômicas dessa localidade, com o intuito de melhor compreender o grupo.

Geograficamente, a Baixada Fluminense é uma região mais ou menos ao nível do mar, que se estende paralelamente à costa e se constitui em um corredor localizado entre a Serra do Mar e o oceano. A configuração mais comum inclui oito municípios: São João de Meriti, Japeri, Queimados, Nova Iguaçu, Mesquita, Nilópolis, Belford Roxo e Caxias. Enne (2013) aponta que nessa classificação o dado importante é quanto à centralidade de Nova Iguaçu, a partir do qual surgiram os outros municípios e, conseqüentemente, uma certa unidade entre esses territórios em termos de desenvolvimento urbano. Guapimirim, Paracambi e Magé são os pontos de divergência devido às suas características econômicas. Paracambi é marcada pela produção têxtil, e os outros municípios ainda apresentam uma paisagem rural, não tendo sofrido um processo acelerado de urbanização. Neste trabalho adoto a linha segundo a qual tais municípios integram a Baixada.

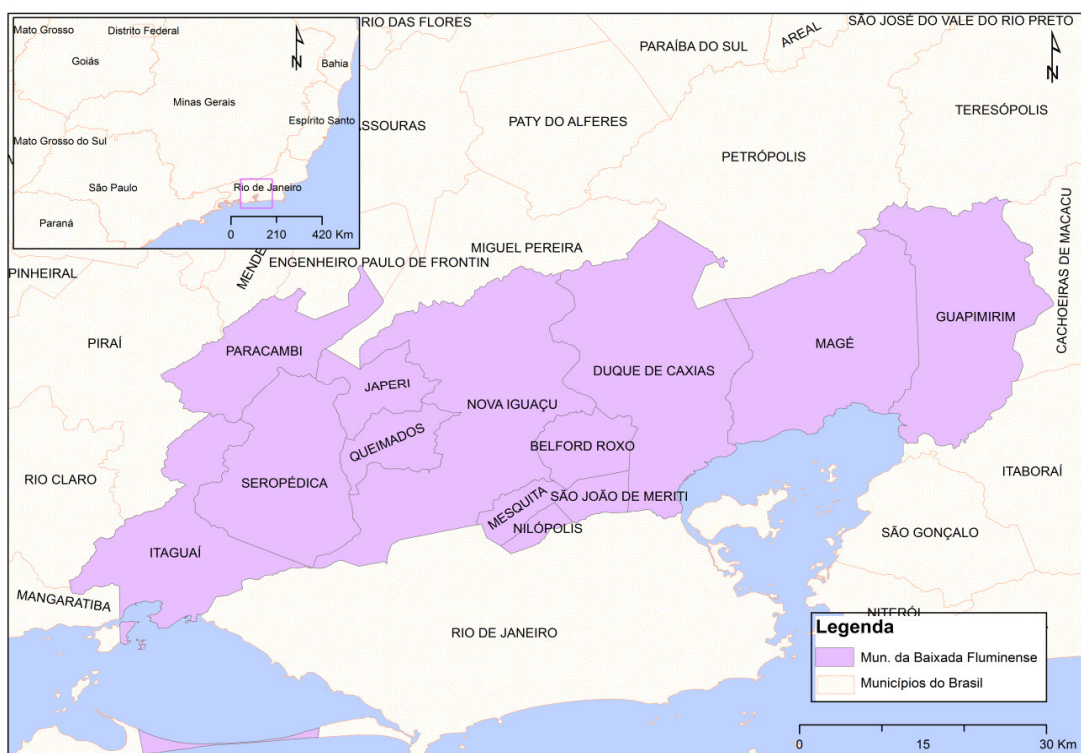


Figura 1- Mapa da Região da Baixada Fluminense

Fonte: Elaborado por Juliana Siqueira Mota.

Enne (2013) e Monteiro (2001), em seus estudos, colocam a importância da rede fluvial da região e as atividades econômicas que se desenvolvem ao seu redor. Contudo, o nome “Baixada Fluminense” traz em si algumas categorias de interpretação, as quais vão além das características naturais da localidade. Por exemplo, quando se fala em concepção de “baixada”, geograficamente, esta seria definida como “planície entre montanhas”, “as planícies”, aqui, receberam o nome de Baixada Fluminense. Já a categoria “fluminense” costuma ter a seguinte interpretação: a palavra pode derivar de “*flumen*”, ou “rio”, em latim⁶. Assim, a região da “Baixada Fluminense” seria aquela em que terras baixas, planas, seriam recortadas por rios e, em boa parte, são alagadas, o que caracterizaria a área que iria do pé da serra e se estenderia por uma grande parte do estado do Rio de Janeiro.

Enne (2013) insere o debate de outros sentidos, que perpassam por uma conotação simbólica do local.

Mas, para além da diversidade em termos de referências geográficas, a categoria “Baixada Fluminense” vai assumir também uma série de outros significados, se apresentando como um signo em permanente construção semiológica, a partir dos contextos e das interações. Ou seja, se em primeiro lugar é possível perceber as divergências em termos da própria definição territorial do que seria a “região da Baixada Fluminense”, no seu sentido mais fiel à própria origem dos termos “baixada” e “fluminense”, ambos de matriz geográfica, não podemos perder de vista que esse é somente um dos campos de sentidos com que nos defrontamos. A categoria “Baixada Fluminense” vai ser apropriada a partir de muitas outras referências, e em muitos casos associada a valores positivos e negativos. Só para citarmos um exemplo explícito de que os termos podem ser carregados de significados conotativos, a própria palavra “baixada”, que de forma genérica designa geograficamente uma “região de terras baixas” tomando como referência o nível do mar, para alguns está diretamente associada a uma ideia estigmatizante: a região teria sido denominada de “baixada” para indicá-la como inferior, como “algo que está abaixo” [...] baixa também se refere a baixo, na realidade não tem nada a ver, é uma riqueza cultural muito grande. Assim, “baixada”, nesta acepção, seria associada diretamente à ideia de “rebaixada”, algo que está hierarquicamente abaixo (ENNE, 2013, p. 9).

Para capturar um pouco da história dessa localidade, menciono alguns marcos do seu processo de desenvolvimento. Essa é uma região historicamente fornecedora de matérias-primas: açúcar, café e laranja. Torres (2004, p. 12) menciona que “No século XVII o número de engenhos rapidamente crescia. É também o açúcar o grande impulsionador do índice demográfico com a crescente entrada de africanos para as lavouras”.

O mesmo autor segue detalhando o processo de desenvolvimento das atividades agrícolas da região. Quanto à produção de café, pode-se dizer que:

O café foi plantado também nas encostas da serra do mar em Iguassú no século XIX. O seu comércio gerou tanta riqueza que promoveu a abertura em 1822 pela Real Junta do Comércio de uma nova estrada a do “Comércio”, ligando-se também a outra posteriormente construída, a estrada da polícia que passava por Belém, dirigindo-se ao Rio Preto, este caminho passou a denominar-se Caminho do Comércio (TORRES, 2004, p. 58).

No período de crescimento da produção do café, a utilização de mão de obra escrava era o que mobilizava a produção. Dentro dessa estrutura emergiram elementos de desvalorização e hierarquização socioeconômica; essa foi a estruturação da sociedade em que

⁶Ver, por exemplo, Ney Alberto, no artigo “De Iguassú a Iguazu (II)”, no item “Por que somos Fluminenses?”, no qual ele explica que “Fluminense vem de flumen, rio em Latim, porque os exploradores da Baía de Guanabara, no mês de janeiro, julgaram que tais águas eram de um caudaloso rio...” (ALBERTO, 1998, p. 15). É interessante observar que alguns dos agentes também indicam que “Iguassu” teria, na etimologia tupi, o significado de “grande água”, apontando para o mesmo ponto que o termo latino.

os negros (homens, mulheres, crianças e idosos) seriam seres subalternos, não merecedores e não capacitados a ascender aos benefícios produzidos nos variados segmentos sociais.

Bezerra (2012) propõe ampliar o debate sobre a correlação escravidão e discriminação racial no contexto da mencionada região, tema que considera invisível, seja na mídia, seja nos estudos acadêmicos até aquele determinado momento. Em outras palavras, o autor já sinalizava a necessidade de aprofundar os estudos em relação a essas temáticas: Raça, Escravidão, Discriminação Racial e Baixada Fluminense.

Bezerra (2012) também menciona o processo de mobilidade da mulher negra naquele período de escravidão. Sobre o fenômeno de enraizamento desse grupo na região, o autor ressalta que “as condições de trabalho não eram adequadas, mas esse era o lugar em que a maioria nasceu, constituiu família, tiveram suas lutas cotidianas. Os fatores das condições sociais e humanas se confrontavam com a condição de escrava” (BEZERRA, 2012, p. 148). Temos a formação de um caráter de pertencimento ao referido território, o qual irá acompanhar a constituição das identidades dessas mulheres.

Tanto Bezerra (2012), quanto Monteiro (2001), pontuam que, na primeira metade do século XIX, o mundo conhecia a segunda fase da revolução industrial – a dos transportes. A grande novidade era o barco a vapor e a locomotiva sobre trilhos, ocasião em que ocorreu a implantação de ferrovias, como a Ferrovia D. Pedro II (hoje Central do Brasil), chegando às cidades das encostas da serra do Gericinó e sul da Serra do Mar, em 1858, juntamente com Maxambomba (atual Nova Iguaçu), Queimados e Japeri. Essa implantação propiciou a abertura de um canal de comunicação com a capital, facilitando o transporte de produtos e a formação de pequenos núcleos populacionais ao seu redor.

No decorrer desse processo, ocorreu uma ocupação desordenada, que passou pela venda de terras, outrora fazendas, retalhadas em lotes e vendidas a preços baixos para moradia, ou transformadas em sítios para o plantio de laranjais (que se tornou uma das grandes produções agrícolas da região).

Monteiro (2001) menciona que o processo desenvolvimentista inaugurado com a Revolução de 1930, a capitalização do campo, a seca no Nordeste, a saída em massa do campo e a crise no sistema de parceria levaram ao êxodo rural, provocando um inchaço populacional nos grandes centros urbanos e a exploração imobiliária, tendo em vista o aumento constante do metro quadrado do solo na capital. Esses fatores empurraram grandes contingentes populacionais para as terras localizadas na Baixada.

Um quadro interessante para ser delineado refere-se ao panorama de fazendas fracionadas em sítios e chácaras com seus imensos laranjais e hortifrutigranjeiros, os quais se transformaram em áreas de loteamentos, de grilagem e ocupações irregulares. Freguesias viraram distritos e os municípios aqui mencionados.

O período de 1940 até 1960 foi caracterizado por uma expansão urbana acentuada, a qual se direcionou pelo eixo ferroviário e deu origem a uma periferia próxima ao núcleo do Rio de Janeiro.

A modernização expulsou as grandes massas do centro urbano, enviando-as para zonas periféricas. Essas regiões se tornaram “cidades-dormitório” por conta das distâncias entre trabalho e moradia. Ou seja, temos um contingente expressivo da população trabalhadora que se formou distante dos empregos, em áreas com altos índices de crescimento e sem planejamento. Temos uma estruturação social de formação dos chamados “bolsões de pobreza”.

Conhecer essa trajetória histórica é uma forma de situar a compreensão em torno da paisagem econômica e populacional da região. Isso é importante, pois, nesse contexto, ocorre a formação das bases da constituição das identidades das mulheres negras na Baixada Fluminense. Tal constituição é marcada por um histórico de exclusão por conta da sua raça e restrição às condições básicas destinadas a uma boa qualidade de vida (trabalho, educação, saúde e moradia), fatores que fizeram da sua existência cotidiana uma forma de luta, de enfrentamento e de reinvenção.

É muito interessante falar de uma mulher negra que chega à Baixada Fluminense na condição de escrava, se transforma, com o tempo, numa trabalhadora advinda das zonas periféricas e por fim, impulsionadora do grande centro. Seu trabalho, na maioria das vezes, é de baixa remuneração, deparando-se na sua comunidade com inúmeras precariedades que só acentuam seu grau de exclusão social.

Diante disso, posso dizer que ser mulher na Baixada remete a vários desafios, como a busca por formas múltiplas de geração de renda para sobreviver; acesso à educação e saúde pública de qualidade; além da busca de múltiplos meios de existir diante da violência. Assim, na continuidade de tratamento do tema, apresentaremos determinados indicadores que nos convidam a refletir sobre o perfil singular da mulher da Baixada.

Ao me deslocar para um tempo mais atual, remeto-me à categoria do trabalho. Encontro uma realidade na qual grande parte das mulheres da Baixada se desloca para a região central (município do Rio Janeiro) em busca de melhores oportunidades de trabalho e subsistência. São longas distâncias (trajeto que, em média, dura 1h30min ou 2h30min), o que faz com que essas mulheres permaneçam a maior parte do dia fora de casa. Elas atuam predominantemente em atividades ligadas à prestação de serviços (domésticas, estoquistas de supermercado, cuidadoras de idosos, atendentes de telemarketing, caixas, auxiliares de serviços gerais e outros). Tais atividades têm baixa remuneração. Ao visualizar os perfis desse público, percebo que são mulheres, negras e com baixos rendimentos, as quais formam um grupo vulnerável de extrema pobreza⁷.

Verificando o salário médio mensal das trabalhadoras formais nos municípios da Baixada (Apêndice A), essa remuneração gira em torno de 2 a 2,8 salários mínimos. Quanto ao percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até meio salário mínimo, os números são 37,8% a 41%. Esses dados demonstram que uma camada expressiva da população da Baixada possui uma faixa de rendimento baixo do salário mínimo, o que expõe várias configurações sociais da região.

Quando se conhece a realidade, vê-se uma movimentação de abertura de pequenas fontes de geração de renda, atividades desenvolvidas na própria residência ou em pequenos espaços: cabeleireira, confeitaria, costureira, manicure, entre outros. Esses negócios possibilitam a circulação de renda, fortalecem a estrutura financeira das famílias e garantem sua manutenção e sobrevivência. São elementos de fator econômico que contribuem para o atendimento de questões objetivas e emergenciais, mas que estão alijados de questões estruturais (racismo, respeito à mulher, acesso a uma educação de qualidade, cultura) da sociedade e de eixos de ações para uma situação igualitária dessa camada da população.

Ao analisar esse quadro, apenas para complementar tal panorama, elenco a seguir outras situações que situam a mulher negra num patamar de grande desigualdade e vulnerabilidade.

O estado do Rio de Janeiro teve 84 vítimas de feminicídio em 2019. Foram 23 mulheres mortas na Baixada Fluminense, região que compreendeu 27,4% dos casos de feminicídio no estado no referido ano⁸. Outro destaque nesse contexto é que a porcentagem de mulheres negras que sofreram violência na Baixada em 2018 foi de 61,4%. Em geral, o perfil das vítimas na Baixada corresponde a mulheres negras, de 30 a 59 anos e com baixa escolaridade. Em 50% dos casos, os agressores são companheiros e ex-companheiros. A maior parte dos casos de feminicídio e violência não chega a ter registros oficiais. Os dados reiteram uma realidade social desfavorável à mulher e suscitam mobilização de diferentes setores.

⁷Artigo escrito por Lilian Luiz Barbosa, pesquisadora do Laboratório de Estudos de Relações Étnicas Raciais (NEPP/UFRJ) e bolsista do Núcleo de Solidariedade Técnica da UFRJ/SOLTEC (BARBOSA, [s.d.]).

⁸Os dados são do boletim Feminicídio e a Política de Segurança Pública na Baixada Fluminense, elaborado pela Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial (IDMJR).

Ao findar a segunda parte deste capítulo, destaquei elementos que me permitiram construir aproximações da constituição das identidades das mulheres negras residentes na Baixada. São mulheres que nos convidam a um importante movimento de compreensão não unicamente dos seus perfis, mas do território em que habitam.

1.1.2 Ensino Técnico em foco

A proposta para esta última parte do capítulo é tratar sobre o Ensino Médio Técnico no contexto da FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica), a partir da realidade da Baixada Fluminense. Com isso, pretendo compreender o *locus* de pesquisa e interligar aspectos formativos dessa mulher negra jovem, sobre a qual centro o meu olhar neste trabalho. Trago um pouco da perspectiva de formação dessas mulheres dentro de uma realidade educacional específica, mas que conta muito da sua identidade.

Quando falo de educação profissional no Brasil, rememoro um histórico relacionado à divisão entre trabalho manual e intelectual, cujas bases estão no período colonial. Em 1808, no processo de vinda da família real para o Brasil e seu estabelecimento, em função da carência de mão de obra, foi instituída a aprendizagem compulsória para crianças e jovens que viviam em situação de abandono e pobreza. Os órfãos pobres que chegavam foram obrigados a aprender certos ofícios no interior de arsenais militares e da marinha. Surgiram, assim, as Escolas de Fábrica (SAVIANI, 2007).

No período do Império (1822-1889), ainda no interior da discussão de atendimento a essa camada da população, localizamos a aprendizagem de ofícios, e nesse sentido, tanto o ensino de ofício, quanto o aprendizado para o trabalho “nas indústrias eram desqualificados socialmente e associados aos substratos menos importantes da sociedade brasileira: índios, negros, órfãos, mendigos, cegos e surdos” (FERNANDES, 2017, p. 107). Estabelece-se um paradigma de que a educação para o trabalho seria voltada para os necessitados, para a camada desfavorecida da população.

Na Primeira República (1889-1930) aconteceram tentativas de democratização do ensino. O Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, estabeleceu a criação de 19 Escolas de Aprendizes e Artífices em diferentes Unidades da Federação. Essas instituições concediam uma formação moral para o trabalho de crianças entre 10 e 13 anos, menores desamparados e menores insubordinados, principalmente nos internatos industriais e agrícolas.

A partir de 1930, o projeto de industrialização do país trouxe novas configurações para a sociedade, exigindo a Reforma Capanema de 1942 e 1943, além da criação do Serviço Nacional de Aprendizagem, em 1942. Fernandes (2017) menciona que o Decreto-Lei nº 4.984, de 21 de novembro de 1942, consolidou uma política de educação profissional e regulou os dois níveis de educação – básico e superior, assim como a criação de diversos cursos.

Com o fim da ditadura em 1985, o período seguinte foi marcado por intensos debates políticos, o que resultou na aprovação da Constituição de 1988, passando o Brasil por um momento histórico de reorganização política e social. Então, uma nova estrutura para o ensino de 2º grau e para a Educação Profissional foi discutida, conforme o Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1988.

A LDB (nº 9.394) foi assinada em 1996, e com ela, o Ensino Médio passou a ser uma etapa da Educação Básica, havendo uma articulação do Ensino Médio com o Técnico. Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005a) apresentam um debate sobre o processo de implementação dessa modalidade e de seus principais objetivos. Apesar de reconhecer a forma integrada como um curso único, com matrícula e conclusão únicas, considera-se que os conteúdos do Ensino Médio e os da Educação Profissional de nível técnico são de “naturezas diversas”. Há uma dualidade existente na oferta desse tipo de formação.

O Decreto nº 2.208/1997, de 17 de abril de 1997, estabeleceu definições sobre a articulação entre o Ensino Médio e o Técnico. O Ensino Técnico passou a ser organizado nas

seguintes modalidades: concomitante (quando é possível que o aluno faça o Ensino Médio e o Técnico em escolas diferentes) e subsequente (para estudantes que terminaram o Ensino Médio).

O Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, que regulamentou dispositivos da LDB quanto à educação profissional e tecnológica⁹, diz que:

Diferentes elementos históricos podem sustentar que, definitivamente, a educação escolar básica (fundamental e média), pública, laica, universal, unitária e tecnológica, nunca se colocou como necessidade e sim como algo a conter para a classe dominante brasileira. Mais que isso, nunca se colocou, de fato, até mesmo uma escolaridade e formação técnico-profissional para a maioria dos trabalhadores, a fim de prepará-los para o trabalho complexo que é o que agrega valor e efetiva competição intercapitalista (FRIGOTTO, 2007, p. 1135-1136).

Frigotto dialoga com autores como Florestan Fernandes (1975); Fernandes (1981) e Francisco de Oliveira (2003), pois eles levantam as especificidades do tipo de sociedade capitalista em que nos constituímos e quais são as nossas (im)possibilidades e desafios. Os autores rechaçam a tese dual que atribui os impasses ao desenvolvimento de um país cindido entre o conservador, o atrasado, o subdesenvolvido, e o moderno e desenvolvido, sendo as características primeiras impeditivas do avanço das segundas. Pelo contrário, esses autores mostram a relação dialética entre o arcaico, atrasado, tradicional, subdesenvolvido, e o moderno e desenvolvido na especificidade ou particularidade de nossa formação social capitalista.

Nesse sentido, Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005a) mencionam uma potente aposta política na formação integrada e pela defesa de uma educação unitária e politécnica. Por essa razão, pensar o Ensino Médio Integrado é oferecer um confronto ao modelo que, não obstante a polissemia que lhe é inerente, se configura como uma proposta de enfrentamento às “chagas históricas”, sendo que essas chagas marcaram profundamente a estrutura da sociedade brasileira: a desigualdade econômica, as injustiças sociais e a intolerância de classe e cultural (ARAÚJO; SILVA, 2017).

A partir dessa breve abordagem sobre o Ensino Técnico Integrado e suas articulações políticas e sociais, destaco que o campo de pesquisa desta investigação é a FAETEC, local onde agora proponho a discussão por meio dos seus aportes administrativos e pedagógicos, visto que a instituição surge no meio desses grandes debates e aparece como proposta de uma educação mais ampla, que interliga aspectos da formação para a cidadania e para o trabalho.

A rede FAETEC, Fundação de Apoio à Escola Técnica, é vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia. Segundo seu estatuto, consolidado e alterado pelo Decreto nº 42.327, de 3 de março de 2010, ela é responsável pela implementação da política pública e gratuita de educação profissional e técnica no estado do Rio de Janeiro. Atualmente, são atendidos cerca de 300 mil alunos por ano em mais de 130 unidades de ensino, os quais somam a oferta no Ensino Técnico de Nível Médio, na Formação Inicial e Continuada/Qualificação Profissional e na Educação Superior.

A FAETEC foi criada pela Lei nº 2.735/97 e alterada pela Lei nº 3.808/02, sendo enquadrada como entidade sem fins lucrativos. A proposta da instituição é ampliar as oportunidades de qualificação à população, bem como elevar os índices de empregabilidade. A Fundação contribui para o desenvolvimento econômico e social dos municípios fluminenses.

De acordo o regimento interno (1997), a rede FAETEC tem uma ampla oferta de Educação Profissional e Tecnológica pública e gratuita de qualidade. As unidades são: Escolas Técnicas Estaduais (ETEs), Centros de Educação Tecnológica e Profissionalizante

⁹Ministério da Educação, 2018.

(CETEPs), Centros Vocacionais Tecnológicos (CVTs), Escolas de Artes Técnicas (EATs), Faculdades de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (Faeterjs) e Centros de Referência em Formação de Profissionais da Educação (Iserj e Isepam).

As unidades são distribuídas por todo o estado, sendo que na Baixada Fluminense, foco da pesquisa, constam duas unidades com Curso Técnico de Nível Médio: Ete Imbariê – Duque de Caxias (Qualidade, Logística e Segurança do Trabalho); e Ete João Luiz do Nascimento – Nova Iguaçu (Administração, Edificações, Eletrônica, Eletrotécnica). Temos cinco CVTs que oferecem cursos profissionalizantes: CVT Nova Iguaçu – Nova Iguaçu (Estética e Química); CVT Saracuruna (Informática e Plásticos); CVT Olavo Bilac (Modelagem do vestuário); CVT Mesquita (Edificações); CVT Nilópolis (Informática e Modelagem do Vestuário). Também há a oferta de cursos profissionalizantes CETEPs – CETEP Paracambi (Informática).

O Regimento Interno da FAETEC (FUNDAÇÃO DE APOIO À ESCOLA TÉCNICA, 2012) define que o ensino deve ser desenvolvido com base nos seguintes eixos tecnológicos: Ambiente e Saúde; Controle e Processos Industriais; Desenvolvimento Educacional e Social; Gestão e Negócios; Informação e Comunicação; Infraestrutura; Produção Alimentícia; Produção Cultural e Design; Produção Industrial; Recursos Naturais; Segurança; Turismo, Hospitalidade e Lazer.

Dessa maneira, a rede FAETEC desenvolve sua missão a partir de um princípio orientador, que é a análise do contexto de ação. As atividades desenvolvidas não se restringem unicamente ao campo técnico ou tecnológico: existe uma preocupação com a formação para o respeito à diversidade, através do qual são estruturados projetos, inclusive uma linha de estudo no interior da área étnico-racial. Esta pesquisa, por exemplo, surgiu também por meio de um projeto intitulado “Debatendo e construindo cultura: Consciência Negra nos bancos escolares”, desenvolvido por mim em uma das unidades da rede. Além desse tema, outras frentes de ações e projetos são promovidas, como aquelas relacionadas à sustentabilidade e à inclusão. Há, então, uma gama de intervenções que visam contemplar essa amplitude no processo de formação dos estudantes.

Por fim, ao considerar os objetivos deste primeiro capítulo, penso ter perpassado os temas que contribuíram para a compreensão da formação das identidades das mulheres negras estudantes da Baixada Fluminense.

2 CAPÍTULO II

NARRATIVAS: CONHECENDO E REVISITANDO TEORIAS

Quero escrever um conto

Quero escrever um conto. Pode ser um conto de fadas, um conto do vigário, um conto erótico.

Quero escrever um conto, um conto de amor e de vida.

Quero dizer de felicidades. Alguma coisa que seja ela mesma.

Assim como um sentido em atuação: ouvidos, olhos e bocas.

Quero escrever um conto de amor. Um conto verdadeiro, com eletricidade de ser.

Quero um conto, um canto, um ponto na trajetória do devenir.

Para um futuro mais belo.

Futuro que vislumbro na cor dourada do sol da janela dos Arquivos.

Arquivo casa onde eu morei e que em mim mora.

Quero escrever um conto ao silêncio dos documentos.

(NASCIMENTO, 2015)

A proposta deste segundo capítulo é discutirmos os aportes ligados ao conceito de narrativas, perpassando pela análise de autores que as concebem e as debatem como eixo construtor de histórias e de memórias dentro da nossa coletividade.

Primeiramente, nos apoiaremos em Walter Benjamin, pensador alemão, judeu, cujas obras retratam e contextualizam as diversas transformações sociais ocorridas no momento histórico em que são escritas. O autor discute temas como as narrativas, mostrando sua importância para a compreensão dos processos de formação cultural dos povos, além de trabalhar com conceitos como: barbárie e mônadas, que nos auxiliarão na análise das narrativas capturadas durante o estudo.

Trataremos também de Conceição de Evaristo, mulher negra, escritora, que atua junto a movimentos sociais de valorização da cultura afro-brasileira. Uma das referências no cenário de discussão de temáticas relacionadas à população negra. A autora traz o conceito de escrevivência, que se vincula à escrita de narrativas de vida de mulheres negras, com o intuito de reconhecimento, recuperação e valorização dos traços identitários presentes nesse grupo.

Esse é um diálogo interessante, pois são pensadores com características diferentes, vivências em tempos históricos distantes, com histórias de vida bem distintas, mas que constituem um lugar de fala importante no entendimento das construções de identidades culturais presentes no espaço (temporal e social), em que se inserem através das narrativas. Ambos veem a narrativa como forma de preservação da história e reestruturação de bases culturais.

2.1 Discutindo conceitos: barbárie e mônadas

Quando nos propomos a falar e a estudar narrativas, nos remetemos à produção teórica de Walter Benjamin, um autor denso que discute seus conceitos segundo a perspectiva de várias áreas de conhecimento: Filosofia, Sociologia, Arte, Literatura, dialogando, assim, com diversas linhas de pensamento.

Benjamin (2019a) debate a importância das narrativas e a maneira como são construídas e trocadas. O avanço da modernidade trouxe mudanças significativas na organização da sociedade, o que fez com que a troca de experiências através das narrativas

tomasse um lugar secundário, de menor valor, gerando uma pobreza de experiências. Entende-se, deste modo, que as narrativas são fontes de experiências, que contar histórias ou fatos possibilita a você entendê-los melhor.

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: “Ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. Ou: “Um dia ainda compreenderá”. Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 2019a, p. 114)

A narrativa aparece como elemento de transmissão de valores, de conhecimento de histórias, revisitação e redimensionamento de fatos passados, mas que influenciam o presente. Poderíamos dizer que é a ancestralidade (numa dimensão de particularidade do que é ancestral, se refere aos antepassados ou antecessores), contribuindo para os processos de leitura do mundo no agora. Gagnebin (2008) traz um pouco dessa reflexão.

O conceito-chave de *Überlieferung* pode ser traduzido também como “tradição”, mas prefiro restituí-lo de maneira mais literal como “transmissão”, ressaltando assim o processo histórico concreto, material, de desistências, de perseverança, de lutas e de violência que transporta ou não, leva ou não, transmite ou não um acontecimento ou uma obra do passado até nosso presente (GAGNEBIN, 2008, p. 81).

Seguindo na discussão sobre os processos de formação e entendimento do que é realmente a narrativa, Benjamin (1987) questiona o fim das narrativas e a arte de intercambiar experiências. Ele também apresenta as potencialidades das narrativas, seja para transmitir conhecimentos seculares que passam de geração em geração; seja para aconselhar os mais jovens em situações adversas, tensas e conflituosas da experiência humana.

Esse é um fato relevante, pois a ausência das trocas, a modificação do processo de construção de memória possibilita um distanciamento da história vivida para a oficial. Benjamin afirma em sua obra que as melhores narrativas escritas são “as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1987, p. 200), enaltecendo os narradores comuns e não oficiais.

Em suas célebres teses “Sobre o conceito da história”, escritas em 1940, Walter Benjamin declara: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'tal como ele propriamente foi'. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo”. Essa afirmação é uma recusa clara ao ideal da ciência histórica que Benjamin, pejorativamente, qualifica de historicista e burguesa, ciência esta que pretende fornecer uma descrição, a mais exata e exaustiva possível, do passado. Essa recusa de Benjamin fundamenta-se em razões de ordem epistemológica e, inseparavelmente, ética-política. Ele denuncia primeiro a impossibilidade epistemológica de tal correspondência entre discurso científico e “fatos” históricos, já que estes últimos adquirem seu status de “fatos” apenas por meio de um discurso que os constitui enquanto tais, nomeando-os, discernindo-os, distinguindo-os nesse magma bruto e não linguístico. Nós articulamos o passado, diz Benjamin, nós não o descrevemos, como se pode tentar descrever um objeto

físico, mesmo com todas as dificuldades que essa tentativa levanta (GAGNEBIN, 2006, p. 40).

A narrativa traz consigo a ação da experiência que se renova cada vez em que é evocada pela voz ou na escrita de um contador de histórias. Ela atravessa gerações, séculos e milênios. O que essa experiência leva consigo é que “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1987, p. 201). Narrar é, também, aconselhar, pois “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, 1987, p. 200). A narrativa consiste então em um arcabouço de conhecimento da qual a sociedade se valeu por milênios, primordial para a manutenção e evolução das tradições. Nesse processo, a memória e a ação criativa cumprem suas funções máximas.

Para Benjamin (1987), cada indivíduo é capaz de absorver uma narrativa e repassá-la adiante, e quando o faz, deixa nela as marcas de suas experiências individuais.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Porém, numa perspectiva mais contínua, a narrativa vai sendo remodelada por outros, sucessivamente, como em uma manufatura erguida pelo tempo e no tempo. Trata-se de processos coletivos nos quais, através da produção de narrativas, são erigidas as tradições. Dentro das narrativas aparecerão elementos que sinalizam as bases da cultura daquele grupo.

Cabe discutirmos um segundo conceito trabalhado por Benjamin e que dimensiona pontos da sua visão sobre cultura, Barbárie. A princípio, Barbárie seria um movimento de oposição, de ruptura com que se impõe como predefinido e se estabelece como cultura. Benjamin traz outras perspectivas, como o caráter de composição da barbárie, nas cesuras, interrupções e descontínuos. Assim, ela nos parece mais com o avesso do tecido sobre o qual se tece a cultura do que com sua oposição anuladora. Então, se descreveria a barbárie não somente como a contraposição da cultura, mas como uma possibilidade de reestruturar essa contraposição, num âmbito mais complexo, amparado sobre as “forças” e os fenômenos atuantes em torno dessa forma de pensamento.

Löwy (2002) em texto detalha tal conceito.

Rejeitando o culto moderno da Deusa Progresso, Benjamin coloca no centro de sua filosofia da história o conceito de catástrofe. Em uma das notas preparatórias às Teses de 1940, observa: “A catástrofe é o progresso, o progresso é a catástrofe. A catástrofe é o contínuo da história”. A assimilação de progresso e catástrofe tem, antes de mais nada, uma significação histórica: do ponto de vista dos vencidos, o passado não é senão uma série interminável de derrotas catastróficas (LÖWY, 2002, p. 204).

Benjamin (2019b) apresenta uma dimensão positiva de barbárie, que se conecta com transformações e redimensionamentos. Numa mudança de perspectiva, mas não de critérios, segundo Benjamin:

Barbárie? Sim. Respondemos afirmativamente para introduzir um conceito novo e positivo de barbárie. Pois o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda (BENJAMIN, 2019b, p. 115).

Ele menciona que, para a cultura não ser a barbárie, é preciso um esforço ético de começar a erguê-la, levando-se em consideração as fissuras, as histórias esquecidas e

fracassadas. Uma cultura construída com as ruínas, os restos, os trapos da cultura. Assim, a denúncia benjaminiana de que “todo documento de cultura é também documento de barbárie” (BENJAMIN, 1987, p. 225) transformar-se-á numa lembrança ativa de que os documentos de barbárie selam os documentos de cultura. Temos aqui uma posição contundente de Benjamin de que é necessário ouvir e valorizar as histórias dos “esquecidos”, daqueles que estão à margem do tido como padrão ou estabelecido.

Na tentativa de aprofundar sua crítica sobre os elementos relacionados à cultura, Benjamin desenvolve um conceito importante que contribuirá como aporte teórico para análise das narrativas construídas durante a pesquisa. Isso dará indícios sobre elementos identitários do grupo trabalhado no estudo, a ideia de mônada. A imagem de mônada, utilizada pelo autor em seus escritos, é inspirada na “Monadologia” de Leibniz. Elas são conceituadas como os elementos das coisas, indivisíveis e indissolúveis, substâncias simples e sem partes, que conformam o real em sua totalidade. Seriam como partes totais cuja análise conduz à compreensão da totalidade sob a qual estão contidas.

As mônadas podem ser entendidas como pequenos fragmentos de histórias que juntas exibem a capacidade de contar sobre um todo, muito embora esse todo também seja contado por um de seus fragmentos. O autor reitera essa ideia: “O passado só pode ser apreendido como imagem irrecuperável e subitamente iluminada no momento do seu reconhecimento”. (BENJAMIN, 2019a, p. 11)

Poderíamos então tomar mônada assim: “significa que cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo” (BENJAMIN, 1987, p. 70). O olhar para a mônada se direciona não para o seu caráter fragmentário, mas para a sua potencialidade de relações através dessa especificidade que, num mosaico de outras particularidades, configura uma totalidade.

Dessa forma, ao propor a análise das narrativas das mulheres negras numa perspectiva benjaminiana, buscamos indícios, elementos que nos auxiliem na compreensão da formação identitária desse grupo. Entendemos a narrativa como algo único, construída num momento singular psicossocial do(s) sujeito(s), além de estar permeada das relações formadas entre quem narra e quem escuta. As mônadas então são ideias ou visões em relação a algo que se estabelecem como fragmentos, mas unidas possibilitam nos aproximarmos da totalidade. Não conseguíamos captar o todo, pois esse se modifica e se reestrutura constantemente, porém conhecemos as grandes partes que constituem esse todo.

Isso exposto, trazemos Conceição do Evaristo para dialogar com tais perspectivas de narrativa, colocando contrapontos ao contexto atual da sociedade.

2.2 Escrivência: com versos marco História

Conceição do Evaristo é escritora, nascida em Belo Horizonte, numa região de periferia da cidade. Sua trajetória de vida – indagações, anseios, lutas e reflexões – se confunde com a de muitas mulheres negras do nosso país.

Meu rosário

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do
meu povo
e encontro na memória mal-adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, onde as meninas negras,

apesar do desejo de coroar a Rainha,
 tinham de se contentar em ficar ao pé do altar
 lançando flores.
 As contas do meu rosário fizeram calos
 nas minhas mãos,
 pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas,
 nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo.
 As contas do meu rosário são contas vivas.
 (Alguém disse que um dia a vida é uma oração
 eu diria porém que há vidas-blasfemas.)
 Nas contas de meu rosário eu teço entumecidos
 sonhos de esperanças.
 Nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos
 por visíveis e invisíveis grades
 e embalo a dor da luta perdida nas contas
 do meu rosário.
 Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
 Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
 No estômago, no coração e nas cabeças vazias.
 Quando debulho as contas de meu rosário,
 eu falo de mim mesma em outro nome.
 E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas,
 vidas que pouco a pouco descubro reais.
 Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
 que são pedras marcando-me o corpo – caminho.
 E neste andar de contas – pedras,
 o meu rosário se transmuda em tinta,
 me guia o dedo,
 me insinua a poesia.
 E depois de macerar conta por conto do meu rosário,
 me acho aqui eu mesma
 e descubro que ainda me chamo Maria.
 (EVARISTO, 2008, p. 16-17)

A escrita da autora é carregada de toda a condição histórica, socioeconômica e cultural da população negra, além de um olhar muito específico e profundo para as condições da mulher negra no nosso país. A condição de mulher, negra, de origem das classes populares traz um caráter de autenticidade e de verdade nos seus textos, que torna suas obras fontes de reflexões profundas acerca das temáticas vinculadas à negritude, além de contribuírem para o aumento da representatividade do povo negro.

Desde o início dos anos 1990, Evaristo tem construído uma literatura que transita do poema para o conto e deste para o romance. Sua produção poética é marcada por certa diversidade temática. A princípio, destaca-se a presença de uma voz feminina que promove a denúncia e a reflexão, exalta a memória – afetiva ou étnica – como instrumento capaz de constatar fatos pessoais ou histórico-sociais e canta a religiosidade híbrida brasileira, tudo isto no intuito de inscrever textualmente a realidade social e cultural dos afrodescendentes. Essa voz se faz audível ao abordar os aspectos da vida cotidiana da mulher, com seus dilemas e angústias, diante de uma sociedade marcada pelos valores patriarcais.

Sabendo que é possível à obra (re)construir a vida, através de “pontes metafóricas”, pelo projeto literário de Conceição Evaristo vislumbram-se pistas de possíveis percursos e leituras de cunho biográfico. Os temas ficcionais e poéticos da autora são diversos, mas a poética de Evaristo é conduzida principalmente pelo eu-lírico e personagens de mulheres

negras. A autora cunhou o termo “escrevivências” para nomear seu procedimento narrativo: misturando invenção e fato. “Escreviver” é contar, a partir de uma realidade particular, uma história que aponta para a coletividade. Segundo ela, “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si”.

Evaristo (2016) detalha o conceito de escrevivência nos trazendo reflexões como:

Gosto de ouvir, mas não sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E quando de mim uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto da minha mão a correr sobre meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim invento, sem menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar essa escrevivência.

A escrita de Evaristo é um reflexo desse pensamento, que mistura a representação do outro com o cotidiano e a realidade de cada momento. Nessa narrativa então não cabe uma “verdade”, algo único ou acabado; no caso as obras da autora (sua literatura) são formas de capturarmos e detalharmos elementos representativos do povo negro.

Escrevivência é o elemento que permeia toda a obra de Conceição do Evaristo. Oliveira (2009) detalha um pouco mais esse conceito:

A obra se constrói, então, a partir de “rastros” fornecidos por aqueles três elementos formadores da escrevivência: corpo, condição e experiência. O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. E representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão narrativa (OLIVEIRA, 2009, p. 622).

Essas são perspectivas relevantes ao discutirmos o pensamento de Evaristo; escrever ou narrar é um caminho potente de historicidade, de autoafirmação de um povo e conscientização quanto às suas lutas. Tais elementos se concretizam nas trajetórias das mulheres apresentadas pela autora e se misturam com sua própria vivência.

São marcadores determinantes da produção de Evaristo a *história*, a *memória*, a *ancestralidade* que envolvem a construção cultural do povo negro, seja em suas terras de origem, seja no Brasil. Conceição do Evaristo tem esse veio afrodescendente que mescla história não oficial, memória individual e coletiva com invenção literária. São muitos aspectos que contribuem com essas construções, como, por exemplo, a ancestralidade, que é uma das bases para a formação de tais memórias. Ela apresenta historicidade através do recontar suas histórias, se estabelecendo, assim, as identidades. Evidenciamos tais aspectos em suas obras como:

Vozes-Mulheres
A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.

Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela
A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2008, p. 10-11).

A autora traz aspectos da diáspora negra, descreve a chegada de seus ancestrais ao Brasil – aqui existe uma relação direta da sua família e o povo negro, ou seja, a dimensão individual e coletiva que se misturam e se complementam – e comenta como as mulheres de sua família se constituíram dentro desta sociedade, além das principais marcas deixadas pela escravidão nessas mulheres.

Em Evaristo (2014), por exemplo, aspectos ligados a essa memória são explorados detalhadamente. Esse é um romance em que a autora descreve a vida de uma mulher oriunda do mundo rural, de família de descendentes de escravos. O texto percorre desde a infância da personagem até sua “maturidade” desterritorializada na favela em que vegeta junto ao companheiro. Duarte (2006) chama de brutalismo poético essa linguagem concisa e densa de narrar. Ainda classifica tal narrativa de Evaristo como: “Bildungsroman¹⁰ feminino e negro ao dramatizar a busca quase intemporal da protagonista, a fim de recuperar e reconstituir família, memória, identidade”.

Evaristo (2014) compõe sem meias palavras uma série de contos que mostram o cotidiano de exclusão, as angústias e lutas de Ana Davenga, Maria, Natalina, Lumbiá, Kimbá, Ardoca e Ayoluwa – mulheres tão diversas, mas que representam as histórias de tantas outras

¹⁰*Bildungsroman* é um termo alemão para designar o romance de aprendizagem, ou de formação. Sua característica primordial é apresentar um personagem principal em jornada, da infância à maturidade, em busca de crescimento espiritual, político, social, psicológico, físico ou moral.

vivenciadas ontem e ainda hoje no nosso meio. Existe um forte caráter de realidade, de conexão estreita com o nosso cotidiano, em que o leitor é confrontado diretamente com as mazelas sociais construídas historicamente, e é colocado num ato de reflexão sobre elas.

Então, a escrita de Evaristo é um chamado à reflexão, à valorização da história de um povo. Mulheres negras narrando suas histórias muitas vezes não percebem a amplitude desse processo, porém, são potentes impulsionadoras na formação de novos referenciais, de ressignificação identitária desse grupo, capazes de estabelecer caminhos de superação dos instrumentos de dominação presentes no nosso meio social.

Evaristo se apresenta na atualidade como uma referência nos debates sobre negritude; a poesia torna-se um instrumental de debate, reflexão e de resistência.

Dito isso, tendo este estudo as narrativas como cerne das discussões, ao nos apoiarmos nesses dois referenciais teóricos, trazemos questionamentos que perpassam por questões de organização social, elementos de valorização de grupos considerados minoritários. Ambos situam como a estrutura sociopolítica se mune de instrumental opressor, negando a oportunidade de questionamento e de construção de um real pertencimento desses grupos na sociedade. As narrativas seriam formas de contar e reescrever histórias. Nesse sentido, é importante oportunizar a fala desse grupo considerado como: “vencidos” e “minoria”, ou seja, os que ocupam a margem dos padrões da classe dominante da sociedade.

Em Benjamin (1987), o autor estabelece alguns eixos para essa questão.

Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corveia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1987, p. 225).

Quando analisamos as teses de Benjamin, percebemos a grande articulação e um verdadeiro projeto, político e intelectual, de transformação social. Nesse caso, “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1987) poderia se configurar com viés histórico, no qual se vai contra a corrente da história oficial, demonstrando a tradição dos oprimidos; e um político, em que a redenção/revolução não ocorrerá pela determinação de um “sentido na história”, mas por uma ação efetiva de luta contra a corrente, ou seja, contar a história segundo a narrativa dos “vencidos”, explicitar trajetórias e posicionamentos daqueles colocados na categoria de minorias, de desprivilegiados e oprimidos pela estrutura dominante.

A tradição dos oprimidos ensina-nos que o “estado de exceção” que vivemos é regra. Temos de chegar a um conceito de história que corresponda a essa ideia. Só então se perfilará adiante dos nossos olhos como nossa tarefa a necessidade de provocar um verdadeiro estado de exceção (BENJAMIN, 2019b, p. 13).

Tal pensamento tem semelhanças em muitas das formas como a sociedade se organiza atualmente, em que a tirada de direitos de determinados grupos se estabelece como ordem ou como maneira natural e adequada de estruturação social. Em Evaristo percebemos uma escrita como forma de resistência e de denúncia a todo tipo de opressão aos negros no Brasil, surgindo na literatura uma “contra fala ao discurso oficial, ao discurso do poder” (EVARISTO, 2004, p. 3). É cada vez mais evidenciado que a Palavra é Poder. Evaristo coloca a sua escrita, sua narrativa como instrumental de transformação e luta.

Percebemos que a linha de congruência dos autores é a discussão sobre uma sociedade mais justa, que supere as desigualdades sociais através do patrimônio cultural de cada povo. Preservar e valorizar a cultura de cada grupo é um passo importante para a real construção de uma sociedade melhor.

Existe uma vasta definição de memória, que ganha características específicas a depender da área de conhecimento a estudá-la, contudo considerando os aportes teóricos trabalhados no estudo entendemos o conceito de memória como – possibilidade de recontar a história segundo a visão dos grupos minoritários, restabelecendo e valorizando seus elementos socioculturais, na perspectiva estruturação de mudanças. Memória então são as marcas que mostram de onde se veio, para estabelecimento de ações.

3 CAPÍTULO III

CONSTRUINDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS EM PESQUISA

Nesta sessão delinearemos os pressupostos metodológicos da investigação aqui desenvolvida, de cunho predominantemente qualitativo, visto que trabalharemos com as narrativas das mulheres negras como construtoras de histórias e memórias. Para isso, a princípio, mostraremos o quadro de produções dentro do campo e, posteriormente, abordaremos o tipo de pesquisa desenvolvida e seus procedimentos metodológicos.

Na atualidade, existe um progressivo aumento nas produções em torno das temáticas sobre negritude. Temos uma série de reportagens e documentários sendo produzidos e movimentos sociais implementando diversos debates, sendo importante incentivarmos e aprofundarmos tais discussões no meio acadêmico, uma vez que isso nos traz novas perspectivas e possibilita outras formas de enfrentamento das principais problemáticas.

Para delinear a construção do referencial teórico deste estudo, sempre considerando que o objeto de pesquisa se relaciona com as narrativas de constituição das identidades da população feminina, juvenil, negra, estudante dos cursos técnicos (Qualidade, Logística e Segurança do Trabalho) da Baixada Fluminense, elaborou-se um mapeamento de produções acadêmicas em torno do tema. O recorte temporal adotado para a sistematização de artigos pesquisados foi determinado a partir da implementação da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003). Essa lei acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B.

O primeiro artigo estabelece o ensino sobre cultura e história afro-brasileira e específica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. O mesmo artigo ainda determina que tais conteúdos devem ser ministrados dentro do currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, Literatura e História brasileiras. Já o artigo 79-B inclui no calendário escolar o Dia Nacional da Consciência Negra¹¹.

O tema orientador das buscas das produções acadêmicas se centra em MULHER, NEGRA e BAIXADA FLUMINENSE. Para tanto, selecionei revistas dos cursos de pós-graduação em Educação de modo a permitir uma melhor inserção no campo teórico discutido pela pesquisa. O quadro a seguir retrata o esquema produzido.

¹¹Data comemorada no dia 20 de novembro. Ministério da Educação, 2007.

Quadro 1 – Esquema das buscas de produção acadêmica centrada na mulher negra:

Anais e/ou sites de busca selecionados	Textos localizados e lidos para seleção		Textos selecionados e analisados	
	De 2003 a 2010	De 2011 a 2018	De 2003 a 2010	De 2011 a 2018
Revista Contemporânea em Educação – Revistas UFRJ	---	5		2
RBE	1	7		3
EDU@	1	6 Caderno de pesquisa (Fundação Getúlio Vargas)	1	2
		1 AE – Estudos de Avaliação Educacional (Fundação Getúlio Vargas)		
Revistas UFF/Movimento Revista da Educação		0		
Trabalho Necessário	---	1		1
Revista Educação Técnica Tecnológica em Ciências Agrícolas (RETTA)	---	5		2
Revista Transversos				
Dissertações e Teses		PROPED (UERJ) – 10 PPGE (UFRJ) – 5		PROPED (UERJ) – 2 PPGE (UFRJ) – 3
Total	2	30	1	15
Total Geral	32		16	

Fonte: Elaboração própria.

Os dados mostram um aumento nas produções acadêmicas relacionadas às temáticas étnico-raciais, revelando um avanço dos debates na análise da efetivação de propostas de políticas públicas voltadas para questões de negritude, o que deve ser incentivado e ampliado. As produções se subdividem em: Currículo, Literatura e Racismo, vinculados à negritude.

O critério de seleção dos livros para leitura e análise está voltado para as produções de autoras negras de diferentes períodos e localidades e de movimentos feministas e poetisas, sendo essas referências para produção do conhecimento. Entre elas, citamos: Djamila Ribeiro, bell hooks (escrito em minúsculo), Patricia Collins, Sueli Carneiro, Conceição de Evaristo e outras. As mencionadas autoras são expoentes no campo de debates das questões étnico-raciais.

Mesmo conscientes de que existe um movimento crescente de produções e da relevância disso, optamos por não aprofundar os dados com grupo de menor expressão.

A resposta social da pesquisa será dada, inicialmente, à unidade escolar, *locus* do trabalho, através da produção de um material de memória que poderá ser uma exposição de fotos ou um blog com temas relacionados à juventude negra, ou, ainda, outro produto a depender do diálogo construído conjuntamente com as participantes.

A investigação aqui proposta tem um caráter predominantemente qualitativo. Não se pretende aprofundar comparações entre pesquisas quantitativas e qualitativas. Há autores que sustentam a ideia de não oposição entre os tipos de pesquisas:

A pesquisa moderna deve rejeitar como falsa dicotomia a separação entre estudos “qualitativos” e “quantitativos”, ou entre ponto de vista “estatístico” e “não estatístico”. Além disso, não importa quão precisas sejam as medidas, o que é medido continua ser uma qualidade (GOODE, 1973, p. 398).

A pesquisa qualitativa é um tipo de suporte metodológico frequentemente utilizado nos estudos das Ciências Sociais. Flick (2004) menciona a construção do quadro teórico do campo da pesquisa qualitativa, citando Habermas (1995), ou seja, tal autor contribui para conhecermos alguns dos elementos constitutivos desse tipo de estudo.

A pesquisa qualitativa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado; são encontradas várias abordagens teóricas, e os métodos caracterizam as discussões e a prática que constituem a base para o desenvolvimento de tais investigações. Flick (2004) aprofunda tais questões.

Os pontos de vista subjetivos são um primeiro ponto de partida. Uma segunda corrente de pesquisa estuda a elaboração e o curso das interações, ao passo que uma terceira busca reconstruir as estruturas do campo social e o significado latente das práticas. [...] Essa variedade de abordagens distintas é resultado de diferentes linhas de desenvolvimento na história da pesquisa qualitativa, cuja evolução deu-se, até certo ponto, de forma paralela, e, em parte, de forma sequencial (FLICK, 2004, p. 22).

Sendo assim, os estudos qualitativos diferem entre si quanto ao método, à forma e aos objetivos. As narrativas trazem uma abordagem específica; nesse tipo de investigação o intuito é estudar e compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos principais envolvidos, bem como obter e considerar pontos diversos atrelados à pesquisa.

Godoy (1995a, p. 62) ressalta a diversidade existente entre os trabalhos qualitativos e enumera um conjunto de características essenciais capazes de identificar uma pesquisa desse tipo, como: ter a questão de um ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; revelar um caráter descritivo; perpassar pelo significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida como preocupação do investigador; e apresentar um enfoque indutivo. Fica evidenciado, então, que um estudo qualitativo compreende um conjunto de técnicas de interpretação que buscam descrever e decodificar componentes complexos de um intrigado sistema de significados. Sendo assim, podemos dizer que:

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de

profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 2012, p. 80).

Para entendermos as principais abordagens dentro de um estudo de cunho qualitativo, Godoy (1995b) detalha: documental, estudo de caso e etnográfico. A primeira trabalha com documentos (jornais, revistas, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos); elementos iconográficos (grafismos, desenhos, fotografias, imagens e filmes) e até estatística (produzem dados ordenados e regulares sobre uma sociedade). Pode-se classificar os materiais em “primários”, quando são produzidos diretamente pelos indivíduos que vivenciaram o fato, ou “secundários”, quando os dados são coletados por alguém que não estava na ocorrência.

– O *estudo de caso* é uma técnica que tem o objeto da pesquisa como uma unidade e é analisada profundamente, podendo examinar desde um simples sujeito até um ambiente ou situação em particular. Ainda nessa direção, Yin (2001) diz que tal abordagem representa uma investigação empírica e compreende um método abrangente, com a lógica do planejamento, da coleta e da análise de dados. Pode incluir estudos tanto de caso único quanto de múltiplos, assim como abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa.

– A *etnografia*, que se relaciona com a descrição do que acontece num grupo, dando especial atenção à estrutura social e ao comportamento dos indivíduos como membros de grupo, objetiva entender o significado dos eventos dentro da cultura daquele grupo.

No estudo em questão trabalhamos com análise documental (no sentido de definir alguns pontos do perfil das estudantes) e seguimos com o estudo de caso, pois a pesquisa é realizada numa instituição específica. Assim, os resultados obtidos tangem a realidade desse grupo (não significa que os debates levantados não possam ser ampliados; contudo, a base é um local específico).

3.1 Procedimentos metodológicos: pesquisa e ação

Em relação aos procedimentos metodológicos, foi necessário adequar os instrumentos ao contexto pandêmico que vivemos no momento. É necessário esclarecer que o estudo apresentava o menor risco possível para os participantes, seguindo os critérios estabelecidos pelo comitê de ética. Os dados pessoais são confidenciais, não havendo nenhum tipo de constrangimento durante a coleta de dados. O objetivo sempre foi de que não ocorresse nenhum risco emocional, social ou mesmo risco físico durante o processo para todos os sujeitos da investigação. A intenção primeira era de que a produção dos dados acontecesse de maneira segura e confiável, atendendo o rigor metodológico para o desenvolvimento da pesquisa.

Na primeira etapa serão mapeados os perfis das participantes por intermédio de pesquisa documental, envolvendo documentos disponíveis na escola (idade, zona de residência, cor, se frequentou escola pública ou privada), com o intuito de identificar alguns indicadores da vida social e educacional dessas mulheres. Os dados são documentais ou estatísticos, porém auxiliam no conhecimento do grupo.

Posteriormente, a partir da identificação do perfil prevalente do público-alvo, é selecionada uma amostra por conveniência, composta por no máximo cinco integrantes. Um dado relevante é que as participantes devem demonstrar interesse na produção da escrita de textos narrativos compondo os portfólios reflexivos.

No segundo momento são realizadas seis reuniões – encontros semanais e virtuais, de duração de até duas horas com estudantes negras dos cursos Técnicos de Qualidade, Logística e Segurança do Trabalho da unidade ETE IMBARIÊ, que integra a rede FAETEC de ensino. Em tais encontros são abordados temas que envolvem os objetivos da investigação com cunho autobiográfico: as escritas são produzidas e analisadas pelas participantes, em um portfólio

reflexivo individual e coletivo. Para efetivar esse processo, a proposta é o envio das narrativas produzidas pelas participantes por e-mail ou via WhatsApp para a pesquisadora.

Em seguida, como critério de recorte, as narrativas são trabalhadas com as mônadas (BENJAMIN, 1987) capturadas no portfólio reflexivo, e nos apoiaremos nos conceitos elaborados por (SÁ-CHAVES, 2005).

Para Sá-Chaves (2005), o portfólio reflexivo seria um instrumental importante para se estimular o processo da reflexão, contribuindo também para o desenvolvimento de competências de investigação, além de dar maior percepção da aprendizagem adquirida durante um certo período.

Complementando essa ideia, Sá-Chaves (2005) menciona que os portfólios possuem muitos enfoques: um primeiro é chamado de *formativo*, pois permite ao sujeito entender evidências que podem ser centro de interesse para o processo de formação. Um segundo seria o *continuado*, porque é uma construção contínua e frequente. Outro aspecto é o *reflexivo*, uma vez que, ao optar sobre o que vai compor o portfólio e ao pensar no porquê dessa escolha, o sujeito reflete sobre sua prática. Temos também o *compreensivo*, já que representa a compreensão integradora entre teoria e prática auxiliando o desenvolvimento dessa metacognição. Tais elementos direcionam a estruturação e o desenvolvimento dos encontros com as participantes.

Tem-se clareza de que o portfólio é:

[...] uma peça única no sentido de criação de autor e permite o acesso não apenas aos conhecimentos por si evidenciados, mas sobretudo aos significados que o autor lhes atribui e às circunstâncias que, ecologicamente, configuram e permitem compreender o modo como esses mesmos significados se constroem e interferem na reconfiguração das suas próprias identidades (SÁ-CHAVES, 2005, p. 9).

Os dados são analisados por intermédio do Paradigma Indiciário de Análise, conceito sobre o qual discorro quando desenvolvo a análise a seguir.

4 CAPÍTULO IV

REVISITANDO E REESCREVENDO NEGRITUDE: ANÁLISE DE RESULTADOS DA PESQUISA

Dona de mim

Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Sempre fiquei quieta, agora vou falar
Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor e a cotação é dólar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo, não
Sempre dou o meu jeitinho
É bruto, mas é com carinho
Porque Deus me fez assim
Dona de mim
Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim
Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera a minha visão
Foi tanto sim que agora digo não
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Quero saber sobre o que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não dê limite que eu quero ir além
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Me perdi pelo caminho
Mas não paro, não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo, não
Sempre dou o meu jeitinho
É bruto, mas é com carinho
Porque Deus me fez assim
Dona de mim
Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Cantora: Iza

Compositores: Arthur Marques

A proposta desse capítulo é apresentar a análise de dados da pesquisa, para tanto descreveremos brevemente a instituição lócus da pesquisa, detalharemos o processo de produção de dados, a seguir falaremos sobre a definição e a utilização do Paradigma Indiciário para análise das narrativas, para concluir apresentaremos os principais resultados do estudo.

4.1 Contextualizando

O estudo foi desenvolvido na ETE Imbariê, unidade da FAETEC localizada em Duque de Caxias. Através do Decreto nº 43.136 de 16 de agosto de 2011, D.O.E.R.J. de 17/08/2011, Parte I, Poder Executivo nasciam a ETE Imbariê e o Instituto Superior de Tecnologia (IST) de Duque de Caxias, este atualmente é a FAETERJ Duque de Caxias. A inauguração da Escola Técnica Estadual de Imbariê foi em 08 de fevereiro de 2012, como um complexo educacional em diferentes núcleos de ensino, com modelo pedagógico de alta qualidade. Vale ressaltar que diante do crescimento da área industrial naquele momento, o polo foi criado, com o objetivo de transformar Imbariê em centro de formação profissional, envolvendo jovens e adultos do município de Duque de Caxias como também de municípios vizinhos. A unidade oferece cursos de nível médio na área de Técnico em Logística, Técnico em Qualidade e Técnico em Segurança do Trabalho nas modalidades: Integrado e Subsequente (para alunos que concluíram o Ensino médio anteriormente). A unidade localiza-se na Rua Almirante Cochrane s/n Imbariê – Duque de Caxias -RJ.

Os cursos oferecidos pela ETE Imbariê estão fundamentados nas bases legais e nos princípios norteadores explicitados na LDB Nº 9.394/96 e no conjunto de leis, decretos, pareceres e referenciais curriculares que normatizam a Educação Profissional e Ensino Médio no sistema educacional brasileiro. Têm como pressupostos, promover uma educação científico-tecnológico-humanística visando à formação integral do profissional-cidadão crítico-reflexivo, competente técnica e eticamente e em condições de atuar no mundo do trabalho, que sejam capazes de aplicar os conhecimentos aprendidos. No ano de 2020/21 a estrutura de atendimento da unidade está organizada da seguinte maneira:

Educação Profissional Técnica de Nível Médio: Integrado e Subsequente.

- Integrado: Qualidade e Logística
9 turmas - 3 turmas de 1º ano, 3 de 2º ano e 3 de 3º ano contendo em torno de 260 alunos.
- Subsequente: Qualidade, Segurança e Logística.
3 turmas - 1 turma de 2ª etapa e 2 de 3ª etapa contendo em torno de 30 alunos.

Quadro 2 – Número de funcionários da instituição

Direção	4
Equipe Técnica	6
Professores	70
Equipe Administrativa	5
Equipe de Apoio	20
TOTAL	105

Dadas as primeiras informações sobre a instituição de ensino, mencionaremos o grupo focal trabalhado durante o estudo. Foram 3 estudantes negras do Ensino Médio Integrado da mencionada instituição.

Quadro 3 – Dados sobre as participantes da pesquisa

Participante	Idade	Irmãos	Declara-se	Naturalidade	Estado civil Número de filhos	Município de residência	Tipo de residência
A	17 anos	0	Negra (minha cor de pele é escura e marrom) Meu pai tem a mesma cor de pele	RJ	Solteira Sem filhos	Piabetá / Magé	Própria
R	17/18 anos	0	Negra	RJ	Solteira Sem filhos	Belford Roxo	Própria
E	16 anos	1	Negra	RJ	Solteira Sem filhos	Parque Fluminense / Duque de Caxias	Própria

Quadro 4 - Ocupação e renda

Participantes	Trabalha	Renda familiar
A	Não	2 salários mínimos
R	Não	Mais de 3 salários mínimos
E	Não	3 salários mínimos

Quadro 5 – Escolarização

Participantes	Escolarização dos responsáveis	Ensino Fundamental (público ou privado)	Reprovação	Ano e Curso na FAETEC	Razões para ingressar na FAETEC	Em que o curso da FA- ETEC contri- bui?
A	Mãe; técnica em enfermagem Pai: Ensino Médio	privado	Não	2 ° ano Ensino Médio Integra- do	- Para obter certificação que amplie campo de emprego. - Para encontrar facilmente emprego.	- Aprender novas coisas. - Relacionar- se com Outras pessoas e partilha de experiência. Obter uma formação dada de qualidade. - Possibilitar maiores oportunida- des profis- sionais. - Adquirir conhecimen- tos uteis para meu dia a dia.

R	Mãe e pai: Ensino Médio	privado	Não	2º ano Ensino Médio Integrado Logística	Para poder candidatar a universidade.	- Aprender novas coisas. - Possibilitar maiores oportunidades profissionais. - Adquirir conhecimentos que ampliam minha visão de sociedade.
E	Mãe e pai: Ensino Médio	privado	Não	2º ano Ensino Médio Integrado Logística	- Para obter uma certificação que amplie meu campo de emprego - Para me candidatar a universidade - fazer o Ensino Médio em instituição pública	

Quadro 6 – Atividades culturais

Participantes	Atividades culturais muito frequentes	Frequentes	Pouco frequentes	Apenas com a escola	Observações
A	Esportivas	Praia	Show, Cinemas, Igreja	Teatro, Museus e Exposições	A aluna é atleta de Taekwondo.
R	Teatro Praia Museus	Cinema Exposições	Show Jogos Esportivos Igreja		Candomblecista Umbandista
E		Praia e Igreja	Cinema, show, Jogos Esportivos		Mencionou não frequentar teatro.

O ano de 2020 trouxe uma série de novos direcionamentos para o estudo. De repente nos é negada a liberdade de ir e vir; a autonomia de estruturação do futuro. O sentimento era de não controlarmos nossas ações. A pesquisa foi redimensionada no processo de produção de dados; o período pandêmico impedia o contato presencial com as alunas, junto com a construção de vínculos que consideramos importantes, contudo, seguimos reinventando e adaptando o desenvolvimento do trabalho.

Isto posto, as participantes da pesquisa tiveram apenas um mês de contato presencial com a unidade e com docentes, ou seja, iniciavam o processo de adaptação e conhecimento da estrutura quando as atividades foram interrompidas. Para os critérios de seleção do grupo,

primeiramente houve indicações dos professores (área de humanas da unidade), pois, estes tiveram contato mais frequente com os alunos (aulas e lives de formação trazendo outros professores e assuntos que se interligam com tema de negritude) isso facilitava na percepção do perfil do alunado. Além disso, o grupo se constituiu por uma amostra de conveniência, ou seja, as participantes que dispusessem a participar, como via de regra seriam: Mulheres, Negras, Jovens, matriculadas no curso de Qualidade ou Logística da ETE Imbariê, que concordassem em escrever (portfólios reflexivos) sobre os encontros. A contribuição dos docentes foi importantíssima, pois eles realizaram essa primeira análise e mediação, sugerindo possíveis nomes para a formação do grupo.

Inicialmente tínhamos 5 integrantes, porém duas delas no primeiro dia de encontro decidiram não participar da pesquisa, continuamos os trabalhos respeitando as motivações de cada indivíduo e mantendo a rigorosidade para a obtenção dos dados.

Foram 6 encontros virtuais (Apêndice D) trazendo eixos da nossa cultura (filmes, dança, literatura e fotografia), onde estão descritos os planejamentos para desenvolvimento das reuniões e seus principais objetivos (demos o nome de projeto *Negritude em foco*). Nos pautamos em elementos culturais desses indivíduos, pois acreditamos que essa seja uma maneira efetiva de capturarmos os principais indícios identitários do grupo. Em consonância com Walter Benjamin, que propõe um conceito de cultura esta traz em si um processo de construção, transmissão e de preservação da memória do afrodescendente da Baixada.

Detalhando melhor a produção dos dados da pesquisa, os encontros eram marcados adequando-se aos dias e horários do grupo; o que parece simples, considerando que estávamos na modalidade virtual. Porém, os desafios foram enormes. Por exemplo, as pessoas passaram a agendar atividades simultâneas acreditando ser possível conciliá-las essa é uma situação estranha visto que o indivíduo está ali, mas parcialmente; existe uma maior dependência das condições técnicas, o que gera uma constante tensão com o temor de que algo aconteça de errado: falta de luz, interrupção da internet, o telefone ou defeito no computador. Às vezes, falta habilidade tecnológica. Enfim, são novas demandas, que suscitam outras formas de interação emocional e instrumental dentro da estruturação da pesquisa. Dito isto, entende-se o motivo dos encontros aos sábados, domingos e em horários específicos de noite. Ou seja, segundo as circunstâncias se estruturavam as reuniões da melhor maneira possível.

Durante a produção dos dados foram construídos quatro materiais: Questionário com perfil das participantes (exposto acima); Transcrição completa das rodas de conversas virtuais e portfólios reflexivos (Apêndice E) produzidos pelas participantes e um elaborado pela pesquisadora; além de fotos tiradas pelas participantes tais elementos serviram de base para conhecermos e analisarmos as narrativas identitárias de mulheres negras jovens estudantes da Baixada Fluminense. O primeiro material detalha as impressões, a organização e comentários sobre os encontros segundo a perspectiva da pesquisadora. Em relação ao segundo há transcrições diretas dos encontros. Os portfólios são os olhares das participantes em relação aos variados temas abordados nas reuniões, reflexões levantadas pelas interações e debates de cada um desses momentos.

4.2 Descrevendo os dados coletados na pesquisa

4.2.1 Roda de conversa

No quadro 7 estão as principais categorias levantadas em cada encontro. Material na íntegra está no Apêndice E

Quadro 7 – Ideias centrais capturadas de cada roda de conversa

Ideias centrais capturadas de cada roda de conversa		
<p>1º encontro 15/06/21</p>	<p>Constituição familiar como construtor de identidade</p>	<p>A: "...relacionamento com minha mãe uma história... quando eu era “menorzinha”, minha mãe... a minha mãe é branca e meu pai é negro e... eu tinha preconceito com a minha cor... <u>eu tinha preconceito com a minha cor, não aceitava... e eu não aceitava a minha mãe ser branca e eu ser negra...</u> eu... eu achava que minha mãe não era minha mãe por ela ser branca... e depois... eu fui pro psicólogo... aí eu fui pro psicólogo e disso aí nosso relacionamento melhorou muito." "e eu era muito novinha pra não gostar... eu <u>não gostava da minha cor, eu queria ser branca, ter... ficar com o cabelo liso, minha mãe nunca deixou eu alisar o meu cabelo, nunca, nunca, nunca...</u> e eu sofri esse... esse... porque eu pensava... porque eu via... alguns familiares meus negros e a minha mãe ser branca, e as pessoas achavam que a minha mãe era a minha babá, por ela ser branca...." R: <u>" Eu sou filha única, minha mãe é branca e... o meu pai é negro e... eu sofri... eu estudava numa escola... eu estudei em escola católica a minha vida inteira até ir pra FAETEC."</u> E: "...diferente das outras meninas eu não sou filha única, eu tenho uma benção de aqui, que é seis anos mais velho que eu [Risos]... ele falando ali atrás... e... eu... o <u>meu nascimento foi super sem planejamento</u>, e é uma coisa que eu critico bastante hoje, né?"</p>
	<p>Pertencimento a um grupo como construtor de identidade</p>	<p>A: "No primeiro tempo eu fiquei meio tensa assim, falei assim... Ih! primeiro ano, terceiro, segundo... nem vão... nem vão olhar pra gente e não sei o que lá... novato... aí eu... eu fiquei meio assim, porque eu já tinha... <u>eu tenho alguns amigos em que entraram comigo, então acho que eu fiquei mais a vontade assim por estar com meus amigos, mas quando o pessoal chegou mesmo, conversando, falando, “zoando”, brincando, aí... então eu sou bem extrovertida, né... então eu já... já comecei falando, veio falando..."</u> R: <u>" Meninas brancas de cabelo liso que me fizeram... que fizeram “bullying” comigo anos e anos e anos e anos...</u> porque... o meu cabelo nunca foi liso e eu nunca fui branca, né? acho que não dá pra ser... aí...eu... alisei o cabelo a vida inteira basicamente, até 2019... quando eu fui pro colégio público porque o que aconteceu... eu fiz o primeiro ano de novo... eu passei pra... pra FAETEC um ano depois. Aí eu fui pro colégio público, conheci umas pessoas muito importantes pra minha vida, eu fiz três amigos lá que... são muito meus amigos, eles foram as pessoas que mais me... me incentivaram a passar pela transição capilar." "... eu não sei se é uma coisa que acontece só com gente... com <u>meninas negras, mas assim... de verdade, aconteceu a mesma coisa, da mesma forma comigo e... até os meus amigos, só foram virar realmente meus amigos “tipo”... no nono ano sabe... de verdade, de verdade mesmo foram virar</u></p>

		<p>meus amigos mesmo no nono ano. E a gente... e mesmo assim... ainda teve que ir sabe..."</p> <p>E:</p> <p>"Então eu já... assim que eu entrei na escola... <u>nessa escola eu... sofri por ser negra, sofri por ser cristã, eu... por incrível que pareça na infância não tive amigos, "tipo" zero... eu moro um lugar onde não tem crianças e as que tinham e... não queriam se relacionar comigo justamente por querer coisas diferentes e ter hábitos diferentes... e tão diferentes que não conseguíamos sabe... ter encontros sabe de Ah! somos diferentes, mas somos crianças, não... eram muito... eram dois mundos diferentes, a gente não conseguiu ter essa conexão. E aí elas... algumas crianças que eram pouquíssimas, levaram um outro caminho e eu fui pra um outro lado. <u>Então eu acho que quando você escolhe ser diferente e... você meio que fica sozinho, uma hora ou outra você fica sozinho... e é isso que eu aprendi.</u>"</u></p> <p>"... Eu sou a E... <u>poetinha, timidazinha, princesinha da minha escola, da minha antiga escola... tenho uma relação muito boa com meus professores</u> porque na época em que... as crianças me rejeitavam, né? e realmente isso foi uma realidade, "caramba" foi muito difícil pra mim na época, eu fazia... a gente fala assim agora, aí a gente vai falando... aí parece que tá... tá...foi assim... tranquilo, mas não foi, mas não foi..."</p>
--	--	--

Ideias centrais capturadas de cada roda de conversa		
<p>2º encontro 20/06/21</p>	<p>Autoestima como construtor de identidade.</p>	<p>A:</p> <p>"E eu sou uma pessoa assim que... hoje em dia eu consigo olhar no espelho... e que eu tô olhando pro meu lá... <u>e consigo sorrir pra mim e me achar bonita, antigamente eu não achava isso...</u>"</p> <p>"Sim, por exemplo, quando eu era mais nova eu... assim... uns dez, onze anos <u>eu nunca aceitei ele muito bem, eu só fui começar a aceitar o meu cabelo em ... 2019</u> né... aí eu..."</p> <p>"Foi... <u>foi quando realmente eu decidi passar pela transição,</u> e eu tive muito apoio... aí passei pela transição e... hoje em dia eu estou querendo fazer química no meu cabelo porque eu não aguento mais porque ele está me irritando e..."</p>
	<p>Racismo e identidade</p>	<p>A:</p> <p>"... Deu uma "chocada" assim em mim, foi na hora que a menina lavou o cabelo... pegou o cabelo, lavou a panela... e aquilo ali e... como muitas pessoas dizem assim... Os racistas pegam e falam... Ah! <u>Cabelo de bombril ou algo do tipo,</u> isso me... me chamou muita a atenção e quando a menina passou... <u>ela se pintou todinha de branco, aí depois foi tirando a... meio que reverteu...</u> aí então foi tirando todo... toda tinta branca que <i>tava</i> no corpo dela e... eu vi uma... aquela parte do... da menina pintada de branco que uma vez... Eu falava quando era pequena... vocês sabem a minha história, né?... aquele pedaço da minha história de infância que... <u>eu não queria ser preta</u> e... eu falava... e meu pai falou... falava que eu queria ser branca e meu</p>

		<p>pai falou... uma vez falou assim... Ah! Pega uma tinta branca e se pinta... aí me lembrou, essa frase me lembrou da imagem... e a menina tirando e isso... assim... <u>muitas pessoas pretas que sabem realmente o que é o preconceito</u>, e eu vejo que realmente queriam ser brancas pra não ter que sofrer por causa disso..."</p> <p>"Como a E... tinha falado aqui nos comentários, ela até comentou assim... "<u>Se você alisa o seu cabelo, desde que não seja por uma pressão coletiva</u>"... tipo... acho que... as pessoas negras, de cabelos cacheados assim... crespo, sabe... sofre muito com essa pressão, sabe... Ah! Seu cabelo não fica bom... Eu gosto dele mais liso, eu gosto dele quando fica preso ou algo do tipo sabe...</p> <p>E: "<u>...carne mais barata do mercado, é a carne "negra"</u>... eu... eu..."</p>
--	--	---

Ideias centrais capturadas de cada roda de conversa		
3º encontro 22/06/21	Música, dança como expressão cultural	<p>A: "...Dança <u>pra mim é uma forma de me expressar</u> ao som que eu esteja ouvindo, eu gosto de pular e de dançar de acordo com a sensação que eu esteja naquele momento, escutando a música que <u>condiz com os meus sentimentos</u>. Danço todo tipo de música sem me preocupar com que os outros dizem, ou vão pensar..."</p> <p>" Eu também fico nessa... nessa "tipo"... é porque eu acho um pouco uma frase meio racista sabe, eu até entendo e "tal", levo na esportiva mas eu... mas eu olho assim... Não cara, não tem nada a ver porque <u>a minha mãe é branca e ela sabe sambar muito bem...</u> e eu fico olhando assim, <u>cara não tem, nada a ver, só porque eu sou preta eu teria que ter o direito de ter que sambar...</u> mas aí eu fico..... Não... mas sabe que realmente quero aprender porque eu gosto de sambar, eu gosto de... eu quero ter uma vontade de aprender."</p> <p>R: "Eu fiz aulas de balé e jazz quando eu era muito mais nova, bem mais nova.....<u>Eu sempre gostei muito de dançar e até hoje eu danço em casa</u> quando estou e... até hoje danço em casa. Estou sempre aprendendo um passo novo ou movimento novo pra... porque pra mim a dança é alegria, é vontade de se movimentar, é flutuar, é conhecer o céu sem sair do chão."</p> <p>" ... eu concordo muito com o que você falou, que não saber fazer uma coisa não determina se você é de uma cor ou não ou e... e o quanto que aquilo ou isso representa pras pessoas ou pra gente no caso, né?..."</p>

Ideias centrais capturadas de cada roda de conversa		
4º encontro 24/06/21	Racismo	<p>A: "... <u>aí a preta tem muito mais dificuldade, sempre tem que estar pensando muito porque é o racismo estrutural, é o racismo assim que a pessoa... até o</u></p>

		<p><u>racismo aquele que... que a pessoa realmente não fala, mas dá a entender..."</u></p> <p>"... mas ele começou a falar um monte de piada... e a última dele, ele pegou e falou assim... <u>Sabe qual é o cabelo mais duro da mulher? A gente ficou .. não, não sei. Aí ele pegou e falou assim... Ah!... das mulheres africanas...</u> E eu olhei para a cara dele, olhei pra cara da minha amiga e a minha amiga falou assim... O que ele falou!? Aí a gente ficou olhando assim... eu fiquei... "cara" isso é racismo, sabe disso, né?... né?... Aí ele ficou todo... Ah! mas eu não sou racista..."</p>
	Negritude feminina	<p>R: <u>"... eu acho que ser uma mulher negra na nossa sociedade é continuar lutando. Porque não adianta, você não para de lutar nem um minuto... você não para de lutar, é lutar, lutar, lutar... É lutar contra o seu próprio preconceito, é lutar contra a sua... a sua própria mente, é lutar contra você mesmo, contra as pessoas que... que estão com você... contra as pessoas que... que estão... quantas pessoas que mesmo que da sua família falem assim... Nossa, mas é... mas o seu cabelo tava tão mais bonito antes ou Ah!, mas você nem é tão preta assim!, porque você tá falando que você é preta?..."</u></p> <p>"...foram usadas como objetos sexuais... e é por isso que a mulher preta também é totalmente hipersexualizada hoje na nossa sociedade, e não adianta por é... nós somos hipersexualizadas sim, ainda não sabemos lidar com isso..."</p> <p>E: <u>"...Há! da negritude de... esses "Serás" esses... esses pontos de interrogação, essas dúvidas... acho que pra todas, né? e... e... será que eu vou conseguir, será... pra todas as pessoas que..."</u></p>
	Autoestima e negritude	<p>R: <u>"...Cara ela... a filha dela enfiou a mão no meu cabelo assim ... falou assim... Nossa mais o seu cabelo é tão lindo!... isso me dá um ódio, isso me dá um ódio... as pessoas acham que as nossas coisas assim... que o nosso corpo é de... é de brinquedo... tipo assim, é de brinquedo e... você pode pegar, você pode pegar a mão..."</u></p> <p>A: <u>"...Ou quando a pessoa fala assim... "Ah!" mais o seu cabelo é fofinho... começa a apertar sabe, como se o nosso cabelo fosse... fosse duro que não sei o que... seu cabelo é tão fofinho... Cara, tira a mão do meu cabelo!... eu não gosto, eu não gosto...já falo logo, eu não gosto..."</u></p> <p><u>"...Eu amo cabelo cacheado, eu amo cabelo cacheado... então quando... porque quando eu comecei a me aceitar</u></p>

		<p><u>muito sabe, eu comecei a me amar... então quando eu vejo uma preta então eu já falo... Nossa você é Linda! Porque... porque realmente é isso, ou quando a pessoa tá de trança, ou se acha... a pessoa tá “armada”... eu pego e falo assim... Nossa você tá tão bonita! Porque a...às vezes a pessoa precisa de... de uma palavra, precisa de falar sabe... porque às vezes você não tá legal... e eu acho que as pessoas deveriam falar isso...”</u></p>
--	--	--

Ideias centrais capturadas de cada roda de conversa		
<p>5º encontro 01/07/21</p>	<p>Juventude, desafios e anseios</p>	<p>A: “...eu concordo com as duas partes, da E... e da R... porque eu sou uma mistura dos dois, porque <u>eu quero realmente ser organizada, mas tem dias que eu falo assim... A... você está cansada demais, hoje você não... você não vai aguentar</u> e... não é o momento de você ser tão organizada, você tem que curtir um pouco a sua vida...”</p> <p>E: “ O que tá acontecendo... sabe... quando você não sabe decidir entre um curso ou um outro curso, ou se permanece na escola ou se sai da escola e eu não tô fazendo pré-ENEM... E o ENEM gente?... Então tá tudo muito <u>bagunçado, tudo muito confuso e será que a minha vida tá igual essa bolsa? Será que eu... tá na hora de fazer uma limpeza... um sabe... uma organização...</u> Será que não tá na hora de mudar, de matar uma E... e aí recomeçar uma nova E...?”</p>
	<p>Negritude e superação</p>	<p>R: “...<u>ela sempre trabalhou muito, muito, muito... pegava muito plantão, pegava assim e “tals”... ela perdeu marido nova também... o pai dos filhos dela, né?, ela perdeu o pai dos filhos dela nova... ela perdeu um filho novo, ela perdeu um filho novinho.... ele se engasgou com uma...com alguma... com uma bola de gude e ele tinha um ano... aí ninguém sabia o que ele tava sentindo, levaram ele pro hospital... aí... acabou que morreu... aí depois ela perdeu um filho de... naquela época da AIDS... naquela época da AIDS, como se a AIDS não existisse mais... mas naquela época que não tinha tratamento pra AIDS...”</u></p> <p>“ <u>...ela é bem forte assim, ela é uma mulher forte...</u>”</p> <p>A: “...igual... não é igual em relação as cotas que a R.. falou porque... porque sempre tem que ter uma diferença, mas eu sei por que tem essa diferença... um... maioria tipo assim, do <u>pessoal de periferia, pessoal da favela, o negro sabe, a gente não tem... às vezes o nosso nível de estudo nunca via chegar num nível de um branco, porque ele teve uma criação diferente, ele não sofreu por algumas coisas, ele não passou por necessidade e tem vários... é muito... é várias e... uma lista de fatores assim que pra somar...”</u></p> <p>E: “...o que me tocou não foi só <u>o fato de ser uma mulher negra de madrugada penteando o cabelo, independente, né?... divorciada, não foi só... não foi só esse fato... da história, né? da história por trás dessa mulher, por trás desse cabelo, né?... uma vida inteira. Então eu perguntei... enfatizei nessa</u></p>

		<p>parte sobre o pente e o cabelo e fiz algumas analogias que eu achei que... que encaixavam bastante e que também passaram pela minha mente nessa... nessa... nesse momento que eu tirei essa foto... e é isso... basicamente eu falo sobre mudança..."</p> <p>"...Oportunidade no mercado de trabalho, você vê aí é... a <u>primeira coisa que você vê, existir cotas para pessoas negras...</u> Por que existem as cotas? Porque se não existissem as cotas, será... por exemplo, quinze cotas para quinze negros, será que quinze negros entrariam pra uma <u>universidade federal?</u> Será que eles conseguiriam entrar? Será... não, não por falta de vantagem, eu acho que não só por falta de vantagem e realmente existem pessoas que não... não..."</p>
	Autoestima e negritude	<p>R: "...Nós <u>três</u> somos as "cacheadas" da festa... e aí tipo assim... e elas duas são... a M. F. é... a do meio, né?... que é a menininha negra... a M. F. é a aniversariante, ela quis uma festa do rei leão, e ela é muito, muito esperta, ela é muito "perguntadeira", <u>ela e... pergunta e ela tem dúvidas inteligentes, ela já sabe ler,</u> ela já escreve e essa foto me toca muito porque... eu gosto porque... eu gosto delas muito e... eu gosto de ser um exemplo pra elas..."</p> <p>E: "...muito bacana essa foto dela se olhando no espelho e mesmo <u>acordando cedo, tendo que ir trabalhar, tendo... o trabalho dessa mulher aí ela trabalha em faxina, né?</u> numa empresa... trabalho não é uma coisa "tão"... ou no escritório, ou no ar-condicionado, não é uma coisa tão confortável, <u>mas ainda assim arruma tempo pra vaidade dela, pra cuidar dela, pra se amar...</u>"</p>

Ideias centrais capturadas de cada roda de conversa		
6º encontro 05/07/21	Reflexões e contribuições do trabalho	<p>A: "... eu <u>vi</u> que eu não era sozinha, que tinham várias outras <u>meninas que tinham passado por várias coisas parecidas comigo, e pertinho de mim,</u> sabe... eu não era tão diferente quanto eu achava... é saber a história de outras pessoas foi muito interessante, não pra comparar, mas assim que eu não tô sozinha... e contar..."</p> <p>"O que acontece, eu quando... quando... eu pensei que ia ser fácil, eu pensei que ia ser de "boa"... era os encontros assim... mas foi de um pouco mais diferente... <u>foi diferente porque parece que meu pensamento expandiu um pouco mais, eu sei muito bem argumentar... Sim! A escrita me ajudou... a escrita tipo escrever as narrativas, me ajudou...</u>"</p> <p>E: "...Bom, eu <u>nunca fui muito ligada nesses assuntos de racismo,</u> nunca fui muito ligada nisso, não estudei, não li livros... muitos sobre <u>isso porque é um assunto pra mim que me machuca,</u> que dói, é triste... e às vezes a gente fica com medo né de enfrentar essas tristezas sabe... então sempre aquele... Ah! Não, deixa pra amanhã... não... <u>e começo da pesquisa, realmente tive que enfrentar isso...</u>"</p> <p>"...você começou, você começou a fazer essas... a brotar... a <u>estimular essas perguntas na gente...</u> e a gente falou isso, foi</p>

		<p>meio que um “se vira” pra responder [...]... Então... acho que todo mundo, mesmo que não saiba detectar, saiu com alguma coisinha diferente dessa pesquisa e... e... acho que isso é muito bom, pelo tempo, pelas reuniões, acho que isso é muito bom...”</p> <p>“...eu gostei muito, você fez um trabalho muito legal, principalmente porque não só falou... Ah! Vamos conversar sobre isso?... Não, você deu o material e falou... O que vocês acham sobre isso? O que vocês acham que tem por trás de toda essa linguagem, toda essa encenação... O que isso te faz sentir? O que isso muda? O que isso toca em você?... <u>Então você deu essa liberdade pra gente conseguir detectar com os nossos próprios olhos o que aquilo de fato era, e o que... até mesmo o que não... ninguém mais, ninguém conseguia ver, só a gente sabe...</u> cada um tem uma própria interpretação de tudo, cada ser humano é diferente...”</p> <p>R: “ <u>...me fez expandir os meus argumentos [...]</u>... me fez pensar sobre algumas coisas é... <u>fez querer ler novos livros, aprender coisas diferentes...</u> eu gostei muito de escrever as narrativas porque eu acho que... é uma liberdade sabe... de botar algumas coisas no papel te traz liberdade, faz parar de pensar tanto em algumas coisas...”</p> <p>“...O pessoal... a gente tá na mesma aula, o pessoal fala assim... Ah! É A...? Ah! é a R..? mas assim... eu achei... eu nunca tinha conhecido ela e foi bom porque... eu também tinha um outro olhar dela e... <u>é muito bom a gente conhecer a pessoa pela ótica da pessoa, né? Não pelo que falam, não pelo que você é...</u> não pelo que te dizem, é muito bom a gente conhecer a pessoa pela pessoa...”</p>
--	--	--

4.2.2 Portfólios

No quadro 8 estão as principais categorias levantadas em cada encontro. Material na íntegra está no Apêndice F.

Quadro 8 – Ideias centrais capturadas das narrativas (portfólios) produzidos pelas participantes

Ideias centrais capturadas das narrativas (portfólios) produzidos pelas participantes		
<p>1º encontro 15/06/21</p>	<p>Negritude e encontros</p>	<p>A: <u>...Conhecer pessoas novas e escutar histórias de cada uma delas</u> (mesmo sabendo que é um resumindo) é maravilhoso. E comparar situações e vê que não é só você que passou por um determinado acontecimento...”</p> <p>R: “<u>...cada uma de nós contamos uma parte da nossa história difícil, mas que nós faz mais forte umas pra outras e nos sentimos próximas</u> é tão bom, não se sentir sozinha, saber que em outro lugar tem uma pessoa que você não conhece mas pôde conhecer um dia passando pela mesma situação</p>

		<p>que você, depois de ontem me sinto mais forte..."</p> <p>E:</p> <p><u>"...pude conhecer um pouco mais as meninas e a história de cada uma delas, nunca pensei que por trás de tantos rostinhos bonitos e sorridentes haveriam tantas histórias tristes, mas também histórias de superação.</u> Conte um pouco sobre a minha história e isso foi muito bom, alguns flashbacks passaram por minha mente e me fizeram lembrar de onde (lugar e situação) eu vim, logo me senti orgulhosa por ter chegado aonde cheguei, com o que acredito!..."</p>
--	--	---

Ideias centrais capturadas das narrativas (portfólios) produzidos pelas participantes		
<p>2º encontro 20/06/21</p>	<p>Preconceito e Racismo</p>	<p>A:</p> <p>" ...O filme foi chocante e diria que foi um tapa na cara de muita gente (principalmente da sociedade). <u>O racismo não acabou e temos que fazer de tudo para sempre está sendo visado, porque de vezes parece que tá tudo bem, mas não está.</u> O "filme" que vimos envolve muita coisa, cultura, identidade, cabelo, corpo e principalmente cor, raça e preconceito..."</p> <p>R:</p> <p>" ...o documentário KBELA que mexeu bastante comigo, me identifiquei muito com o documentário, <u>algumas partes me fizeram pensar em coisas que eu passei quando pequena e as meninas também passaram...</u>"</p> <p>E:</p> <p>mas em seus pensamentos a diferença racial o tornava superior, isso quer dizer que o racismo não está em nós somente quando o externizamos, mas se faz presente em nossa mente! Por isso devemos arrancá-lo pela raiz.</p>
	<p>Identidade</p>	<p>E:</p> <p>[...] <u>ele entra na questão de identidade quando introduz cenas em que há a modificação do cabelo afro (cena em que uma mulher passa produtos que alteram a estrutura dos fios capilares – química caseira) e logo depois aparece uma outra mulher feliz com o seu cabelo natural e crespo se admirando e se amando; nas cenas em que mulheres se pintam de branco como se precisassem fingir ser algo que não são, e logo depois aparecem outras mulheres com vestes e turbantes (que são nitidamente oriundos da cultura africana).</u> A mensagem que consegui entender foi <u>“Não se envergonhe de suas raízes nem se omita por pressão coletiva de opositores, seja quem você nasceu para ser!”</u></p>
	<p>Aceitação</p>	<p>E:</p> <p><u>Muitas meninas mudam a textura do cabelo passando progressiva e outros tipos de química, colocam silicone, fazem bichectomia, rinoplastia e entre outros procedimentos estéticos, não há absolutamente nada de errado nisso desde que elas não estejam fazendo por algum tipo de pressão do coletivo, desde que elas estejam fazendo por livre e espontânea vontade, desde que estejam cometendo essas atitudes porque condizem com a sua identidade e personalidade e não porque precisam imitar a vida de alguém e clonar a identidade dessa pessoa para serem aceitas.</u></p>

	Liberdade de expressão	E: [...] A cena em que aparece uma mulher com uma sacola de lixo na cabeça me diz muitas coisas, mas dentre todas essas coisas me fez pensar que essa <u>mulher não consegue ser ouvida nitidamente por estar justamente com esta sacola na cabeça ou que ela é comparada a um lixo, por isso não possui valor nem lugar de fala.</u>
	Respeito	E: O curta em si soa como <u>um grito por respeito e liberdade e essas coisas nos são dadas por direito desde que chegamos a este mundo.</u>
OBS.: Nesse encontro a participante E. no seu portfólio fez uma categorização dos assuntos abordados no filme interligando com as suas reflexões.		

Ideias centrais capturadas das narrativas (portfólios) produzidos pelas participantes		
3º encontro 22/06/21	Dança e Expressão	A: [...] E sobre <u>cultura, as danças de vários lugares é diferente e interessante, cada um tem suas características, movimentos, origens</u> e você tentar entender e praticar uma dança diferente é incrível e mostra que você está em busca de novidades e conhecimento de outros lugares. R: [...] A dança pra mim é algo muito importante [...] <u>dança alegre as nossas vidas, a minha principalmente eu amo dançar com a minha família, nosso hobby é dançar.</u>

Ideias centrais capturadas das narrativas (portfólios) produzidos pelas participantes		
4º encontro 22/06/21	Mulheres negras hoje.	A: "Por que a <u>MULHER NEGRA sempre tem que está em busca de respeito, igualdade, do seu lugar na alta sociedade...</u> com muito mais esforço do que um homem branco?..." R: <u>Pra mim a poesia é uma ato de amor, no encontro nos lemos poesia muito marcantes</u> de mulheres negras que me fizeram pensar bastante sobre as mulheres negras sofrem e sofreram em suas relações com o racismo estrutural e a sua hipersexualização.

Ideias centrais capturadas das narrativas (portfólios) produzidos pelas participantes		
5º encontro 01/07/21	Reflexões	A: "E <u>me senti muito bem, quando soube que as meninas tem sonhos e objetivos...</u> " E: Parando para pensar Deus é como aquele pente, assim que nos toca remove embaraço por embaraço (sentimentos embaralhados, feridas, inseguranças, tristezas...) e dói! Dói por que ele limpa e retira tudo o que não devia estar em nossa cabeça, em nosso coração, e isso inclui pessoas e também toda a "química" <u>que deixamos que passem sobre nossas cabeças, que reflete nitidamente nas atitudes que tomamos para sermos aceitos por um certo grupo social; dói por que é preciso, faz parte do processo.</u>

Ideias centrais capturadas das narrativas (portfólios) produzidos pelas participantes		
6º encontro 06/07/06/21	Mudanças	<p>R: <u>“No encontro de hoje eu falei sobre me sentir mudada, o que me marcou nesse projeto foi a mudança, a mudança em relação a lidar com alguns assuntos e ver é... e ver é... algumas situações, como o poema das mulheres negras que me marcou e me mudou muito. Conversar com meninas iguais a mim, me fez mudar o pensamento de que... de que eu sou a única em relação as minhas dores e as minhas felicidades”</u>. A: " É felicidade, ô saudade por saber que não vou me encontrar toda semana com essas mulheres maravilhosas. Tranquilidade ao olhar pra trás e me orgulhar de toda... de tudo que fizemos... perai... ao olhar pra trás e me orgulhar de todas nós que fizemos um ótimo trabalho. Felicidade ao saber que não estou lutando por uma causa sozinha. É e por chegar ao fim de uma etapa tão interessante, e tudo que conversamos, que passamos durante este percurso... perai... Por chegar ao fim de uma etapa tão interessante e lembrar de tudo que conversamos e passamos durante esse percurso. <u>Descobrir coisas, conhecer pessoas, falar de si, argumentar sobre vários assuntos me ensinou é... me tornou uma pessoa mais informada e com mais conhecimento.</u> Eu agradeço muito por isso”. E: “Dia seis de julho ocorreu a nossa última reunião... antes uma terça fria e cinzenta aos poucos se permite [Inaudível] por conversas doces e saudáveis sobre o nosso crescimento ao longo da pesquisa. <u>Tenho certeza que algumas coisas mudaram e brotaram dentro de nós, mesmo que não conseguimos enxergar no momento.</u> Participar dessa pesquisa foi no mínimo desafiador pra uma menina “enferrujada” na escrita, me senti na obrigação de estudar e tentar entregar o meu melhor, mesmo que às vezes essa ideia de “limite” [...] tenha um fundo falso como o de uma garrafa térmica. Foi muito... foi ótimo estar com as meninas pra estudar e debater. <u>Não se pode esperar nada menos que crescimento, quando isso acontece.</u> Por fim gostaria de me despedir com um até breve porque dizer adeus significa ir embora, e ir embora significa esquecer, Peter Pan... E vai ser uma missão falida tentar esquecer todas as histórias, risadas, discussões, enfim... todas essas vidas”...</p>

4.2.3 Portfólio do pesquisador

A pesquisa acontece com um marco temporal bastante importante, quando a pandemia de COVID 19 delega novos direcionamentos à produção dos dados, sendo assim, mencionar o portfólio do pesquisador é contextualizar os anseios, as estratégias utilizadas nesse momento e interligar com as formas de "fazer pesquisa" atual. Interessante entender que inicio o relato da primeira roda de conversa com um questionamento: "Como uma pesquisa pode causar tanta emoção?" Na verdade, são diversos sentimentos que emergem nesse período de obter informações. Uma preocupação constante é produzir dados utilizando os critérios metodológicos adequados e assim respeitar a rigorosidade que o trabalho suscita. Esse é um estudo de narrativas, sendo assim ouvir, salientar as principais ideias e posicionamentos

vinculados ao objeto na perspectiva do pesquisador traz para leitor uma maior clareza do processo para a chegada aos resultados.

Registrar a alegria de um primeiro encontro, das oportunidades que se abrem, perceber histórias com tantos elementos em comum é algo significativo. Isso, junto com a situação de como nós, pesquisadores, aprendemos a lidar com a questão do não-controle de todas as situações.

Persistir, mesmo ciente que os desafios são enormes, mesmo se a internet não funcionar, justamente no momento em que você está com trabalho estruturado, ou ainda, se o grupo não quer abrir a câmera por uma série de motivos, ou mesmo quando a participação na reunião acontece atrelada a vários outros eventos. Então pensamos: será que cumprimos adequadamente os trâmites da investigação?

Seguimos, narrando. É isso que importa, pois perceber através dos depoimentos das participantes que seu trabalho abre reflexões e novos posicionamentos em relação a variadas temáticas traz uma enorme satisfação e um sentimento de que estamos na trajetória correta.

Entendemos que o portfólio do pesquisador possibilita conhecermos melhor elementos que constroem a pesquisa, contribuindo assim para sua maior consistência e rigorosidade.

4.2.4 Fotos

Tivemos como proposta para um dos encontros que fossem tiradas fotografias de mulheres negras da Baixada dentro do seu cotidiano (Apêndice F). Os registros se centraram no núcleo familiar das participantes. O que motivou tal fato fora o advento da pandemia, que limitou o acesso a algumas atividades. Em suas explicações, ademais, as participantes justificaram esse registro como forma de valorização de gente próxima; como oportunidade de contar suas histórias. Essa é uma nuance bastante interessante do material.

4.3 Analisando os dados

Na perspectiva de desenvolvermos uma pesquisa de narrativas, ainda considerando que a mesma:

[...] se compõe pela sequência original de situações vividas, permeada por emoções e ligações com outras memórias e imagens. Ao prazer de contar uma/a sua história, acrescenta-se a seleção e organização pela pertinência do que parece relevante ao interlocutor e ao contexto presente, bem como ao tempo que se tem para narrar e o que se objetiva com ela (AGUIAR E FERREIRA, 2021, p. 2).

Tendo como foco a busca dos aspectos identitários de Mulheres Negras, Jovens, Estudantes da Baixada Fluminense, para a análise de dados, nos apoiaremos nos vértices metodológicos do Paradigma Indiciário. Carlo Ginzburg é um dos precursores dos debates em torno desse tipo de metodologia de análise, para o autor o Paradigma Indiciário:

[...]Trata-se da construção de um conhecimento que busca a totalidade sobre um objeto cujo acesso só se dá de maneira indireta, o que é possível por meio de sinais e indícios, que são, nas palavras do autor, “zonas privilegiadas” para decifrar uma realidade que é “opaca” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Sendo assim, entendemos o Paradigma Indiciário como instrumental de análise que se relaciona ou assume um compromisso com o que não está dito formalmente, mas está posto no registro. Trabalha se com "pistas" ou dados que não estão necessariamente organizados de maneira nuclear. Exige-se conhecimento e uma análise profunda do contexto geral da construção do relato; só assim é possível se obter dados e resultados consistentes.

Ginzburg informa que o paradigma indiciário despontou nas Ciências Humanas no século XIX, ele caracteriza esse saber é a possibilidade do pesquisador, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa, não experimentável diretamente. A abordagem do paradigma indiciário se apoia na ideia de que, sendo a realidade opaca, alguns de seus sinais e indícios permitiriam "decifrá-la", no sentido de que indícios mínimos podem ser reveladores de fenômenos mais gerais.

Sendo assim, depois da organização dos dados obtidos por cada instrumento utilizado na investigação, tanto nas transcrições dos encontros, quanto no registro dos portfólios, marcava-se de diferentes cores cada fala conectada com a questão identitária de negritude. Posteriormente, categorizou-se os dados seguindo os critérios do Paradigma Indiciário trazendo algumas preposições.

Analisar os resultados é conhecer informações coletadas e interligá-lo com a teoria apresentada anteriormente. Nesse sentido, verificar que pontos se convergem, e os que se afastam, possibilitando assim confirmar hipóteses, ou mesmo perceber o quanto não se aplicam àquele objeto, ou seja, é um movimento de busca de respostas para o questionamento lançado pela pesquisa.

Tendo tais abordagens como direcionadores iniciamos nossa análise.

Quadro 9 – Frequência das Categorias

FREQUÊNCIA DAS CATEGORIAS				
Categorias	Rodas de conversa	Portfólios	Fotos	Observações
Família identidade	Muito frequente	Muito frequente	Muito frequente	Aparece com um grau de extrema relevância em todos os instrumentos de coleta de dados. As fotografias tiradas foram com relacionadas com familiares ou com esse grau de intimidade.
Pertencimento ao grupo/ identidade	Frequente		Muito frequente	
Autoestima	Frequente	Frequente	Frequente	
Racismo	Muito frequente	Muito frequente	Muito frequente	Tema nuclear dentro da formação identitária das participantes.
Música, dança como expressão cultural	Frequente	Frequente		
Negritude e feminina	Muito frequente	Muito frequente	Muito frequente	As referências construídas pelas participantes são femininas.
Juventude e negritude	Frequente	Frequente		
Negritude e superação	Frequente		Muito frequente	
Reflexões, mudanças e negritude	Muito frequente	Muito frequente		Como a participação na pesquisa propicia todo o processo de reflexão e mudanças.

Um primeiro ponto importante levantado logo no primeiro encontro, é que as famílias das participantes são bastante miscigenadas, ou seja, são grupos formados pela mistura de raças, de povos e de diferentes etnias. Sendo assim, as características físicas e culturais são uma mescla desse processo. No Brasil, tal elemento é parte do nosso contexto histórico, da formação do nosso povo. Contudo, é fato que esse elemento permanece como ponto

importante de questionamentos relacionados à aceitação do próprio sujeito e pertencimento a um determinado grupo. Isso é marcante, tanto que na apresentação as participantes se centram nessa situação. Tais elementos se aproximam de Santos (1999) e Hall (2006), pois tais autores discutem identidade como algo em construção, ou seja, não tem elementos finalizados. A identificação acontece por diversos processos, estabelecendo os conceitos de integração e demarcação social. A identidade negra num contexto familiar como o mencionado, frequentemente é cercada de dúvidas, dificuldades de aceitação e por consequência existe uma maior complexidade para análise das problemáticas que envolvem o grupo. Entender quem você é, sua real identidade possibilita dimensionar de melhor suas lutas.

Um desafio enorme para a discussão sobre negritude, atualmente perpassa por quem pode se autodeclarar negro (a)? Que características me definem negro (a), as físicas, as históricas, as sociais? Essas são definições complexas, que tomam novas dimensões dentro das pautas recentes de debate sobre a garantia dos direitos da população negra. Existe a necessidade de um olhar criterioso, atento e consciente no intuito de que as discussões e a estruturação de ações compreendam e atendam essa diversidade.

As identidades sofrem transformações. As falas das participantes sobre o processo de transição capilar, por exemplo, nos aproximam de conceitos levantados por Freitas (2006) que coloca as identidades como processos de rupturas e superações por conta do meio, o recorte temporal dado, a localidade escolhida, os quais contribuem para algumas especificidades. Entendo que é importante conhecer as características sócio-históricas e culturais do grupo ao qual pertencemos. Quais identidades constituem os grupos aos quais nos constituímos? As identidades se tecem em múltiplas facetas que compõem o sujeito e o grupo, que permitem ressignificações do lugar social compreendido e assumido.

As participantes se mostram conscientes das principais demandas da população negra no país, de como a estrutura social organizada atualmente se mantém como instrumento de opressão e manutenção de desigualdades. Uma das categorias que emergem nos discursos é o racismo, vértice importante nessa formação identitária, visto que ele direciona questões de reconhecimento de si, segmentação de oportunidades e ainda delimitação de espaços que podem ser ocupados, ou seja, nós negros e negras temos que provar frequentemente nossa capacidade; lutar pelos nossos direitos é uma ação que se impõe como regra, pois fomentar um ambiente que respeite a todos e todas é princípio fundamental para quem almeja uma sociedade melhor. Esses são princípios sustentados por Ribeiro (2019a), Ribeiro (2019b) por exemplo, que tem se reconfigurado nos eixos sociais atuais.

Concluindo o processo de análise, um ponto pertinente é que todas as participantes vieram do ensino privado, e pontuam claramente um sentimento de não pertencimento e às vezes de inadequação para aquele ambiente. Com a entrada no ensino público os laços parecem se estreitar, as questões de aceitação e conscientização são potencializadas pelos conteúdos trabalhados e por projetos desenvolvidos os quais elas já conheciam. É significativo, pois as alunas tiveram um período curto de convivência presencial com professores e professoras e colegas nesse ambiente de educação pública, contudo já mencionam isso positivamente em variados momentos. Esse é um indício importante que reitera como articulações e formulações da escola são extremamente relevantes. No questionário sociocultural as participantes revelam pouco acesso a aparelhos culturais (teatro, cinema, exposições), muitas vezes a escola é ainda se constitui como maior facilitador para esse contato. Retomamos as bases lançadas por Freire em sua obra *Ação cultural para liberdade e outros escritos* em que o autor nos propõe uma educação genuína, posicionada, compromissada com os oprimidos e oprimidas, que realmente potencialize a expressividade dos sujeitos, independentemente do nível em que ela se dê. Educação, Escola e Cultura não é, nem pretende ser, um viés homogêneo na formação identitária dos sujeitos, contudo, esse é o chamamento a refletirmos como nós educadores dimensionamos e trabalhamos essas interfaces para desenvolvimento, construção e efetivação de um mundo mais justo e humano.

5 CONSIDERAIS FINAIS DA PESQUISA

Eu posso

Quando nasci, disseram que não iria longe, que não conseguiria muitas coisas.
Ela está cheia de marcas, essas já definem o que ela pode ou não ser.

Então, não perceberam, mas cresci entre as brechas e tornei algo que eles temiam
PROFESSORA

Sim, educadora no sentido mais amplo que essa palavra possa ter.
Então penseiEU POSSO!!!!

Ai, me disseram não se anima engraçadinha! Você chegou até aqui.
Mas vou te dar as estradas mais distantes, as ruas mais escuras para você caminhar.
Mal sabiam eles, que estavam me tornando mais forte e amar o lugar onde estava.
Não era e não estou sozinha, mas sou parte de coletivo que vê o mundo com outra visão e
acredita na força trazida pela Educação.
Então, EU POSSO.

Num determinado momento eles até me tiraram o salário, meu sustento, achando que eu ia
esmorecer.

Claro, que as coisas ficaram difíceis, mas a cada sorriso recebido, uma mensagem de
incentivo, na empolgação de um amigo pensava, não se pode enfraquecer!
Será?????? Claro que simEU POSSO.

E ai as coisas ficaram duras, nos jogaram bombas!
Com recado direto que não valia apenas continuar.
Confesso que doeu mais na alma que no corpo.

O sentimento era de tristeza, angústia, mas quem disse que isso me fez parar.
Calma! VOCÊ PODE.

Educação, transformação sempre foram grandes direcionadores da minha vida.
Coitados, pois nunca poderão roubar minha capacidade de sonhar e semear pensamento
crítico por onde passar.

Me deixaram as palavras, uma impressionante vontade de narrar, de expressar para mundo
que importante não é se somos poucos, se temos pouco ou se nos impõem o POUCO. Nós
somos impulsionadores de reflexão e mudanças, isso é o que importa
(Roberta Renoir)

A mensagem trazida pela poesia acima, na verdade é o fio condutor dessa
investigação, podemos construir uma sociedade melhor. O caminho não é fácil ou sem
desafios, as demandas são crescentes e parecerem insolúveis, porém, cabe a nós não desistir;
existe uma tarefa eminente de reestruturação de caminhos para a coletividade, isso se faz com
educação, persistência e resistência.

Na sociedade atual temos a ampliação das discussões em torno das temáticas étnico
raciais; as pautas levantadas pela população negra (superação de racismo estrutural,
diminuição da violência, melhoria de acesso a emprego, saúde e educação para esse grupo)
são antigas, porém, alcançaram maior visibilidade e mobilização social recentemente.
Estamos num patamar de debates que muitos classificam como "demasiada exposição".
Outrossim, se vários grupos não têm seus direitos garantidos, então por que se preocupar com
a população negra?". Existe uma configuração histórica de subjugação da cultura negra que
até hoje insiste em definir o lugar social desse grupo, por isso somos responsáveis na

mobilização de modificação de quadro. Apesar de avanços no nosso país, ainda nos defrontamos com uma política de desrespeito e aniquilação dos direitos das minorias, sendo assim, faz se necessário embates e ações contínuas para a manutenção e a conquista de espaços desses grupos, que muitas vezes significa luta pela sobrevivência desses sujeitos.

A presente pesquisa se propôs a identificar e a analisar as narrativas de negritude construídas por mulheres negras jovens estudantes da Baixada Fluminense, nesse sentido entendemos que os objetivos foram atingidos. Contudo, temos consciência que este estudo é inconcluso e datado, ou seja, tem lugar histórico e temporal específico, além de encontramos situações peculiares pelo contexto da pandemia. Tais fatos nos remetem para a não generalização dos resultados. Finalmente, exaltamos o respeito e a valorização da ancestralidade; a educação como fomentadora de conhecimento sendo base para construção de novos conceitos e direcionamentos sociais; a cultura como elemento de expressão identitária e resistência.

No início deste trabalho me apresento como uma mulher negra, professora da Baixada Fluminense, no decorrer dessa trajetória ganho mais uma faceta que é a ousar, entrar pelo mundo da poesia. Esses são elementos importantes identitários que sustentam minha trajetória e ações. Como diz a filósofa americana Angela Davis, quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta. Sendo assim, a proposta é sermos motivadores de transformações. Acredito que nos lugares nos quais atuo, se consigo debater, incentivar e participar da formação e de práticas antirracistas, de alguma maneira contribuo para concretização de uma sociedade mais consciente e melhor. Quando se consegue que o nosso trabalho seja um referencial dentro dos núcleos de profissionais, vários projetos se tornam desdobramento desse estudo: rodas de leitura entre alunos, formação de grupos de estudo para professores e professoras com temáticas ligadas a temáticas étnico-raciais, escrita de livros, enfim, acreditamos que realmente estamos construindo um instrumental de mudança social e fortalecimento cultural.

Na perspectiva do EU POSSO, queremos aprofundar o debate em outros estudos no sentido de mapear, analisar e de outros trabalhos dentro das temáticas étnico-raciais, desenvolvidos em instituições públicas do Rio de Janeiro, entendendo suas consequências segundo as narrativas dos docentes participantes de tais projetos. São propostas para um futuro que vislumbro como pesquisadora. Sendo assim, como diz Iza na sua canção:

Ginga

Sagacidade pra viver
Lutar, cair, crescer
Sem arriar ou se render
Tem que defender (ai, ai, ai, ai)

Observar e absorver
Com fé no amor, no bem
Se liga no meu proceder
Sigo em frente e vou além

Vem dançar, brilhar
Deixar o som guiar, levar
Se liga, pega a visão do coração
Que a vida não pode parar

Entra na roda e ginga, ginga (ah ah ah ah)
Entra na roda e ginga, ginga (ah ah ah ah)
Se entrou na roda, vai ter que jogar
Pra se manter de pé, 'cê vai ter que dançar

[...]

Cantora: Iza

6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, T. B.; FERREIRA, L. H. Evidential paradigm: narrative research methods in the teacher's training context. **Educar em Revista.**, Curitiba, v. 37, e74451, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.74451> Disponível em: http://educa.fcc.org.br/pdf/er/v37/en_1984-0411-er-37-e74451.pdf Acesso em: 10 novembro 2021.

ALBERTO, N. De Iguassú a Iguaçu (II). **Revista Memória**, n. 2, 1998.

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAÚJO, A. C.; SILVA, C. N. N. (orgs.). **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed. IFB, 2017.

BARBOSA, L. L. **Feminismo negro: dos desafios de combater a violência de gênero na Baixada Fluminense**. [s.d.]. Disponível em: <https://forumgritabaixada.org.br/artigo-o-feminismo-negro-na-baixada-por-lilian-barbosa> Acesso em: 10 novembro 2021.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. **O anjo da história**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019b.

BENJAMIM, W. O contador de histórias e outros textos. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, W. **O anjo da história**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019a.

BEZERRA, N. R. **A cor da baixada: escravidão, liberdade e pós-Abolição no Recôncavo da Guanabara**. Rio de Janeiro: APPH- CLIO, 2012.

BRASIL DE DIREITOS. CISCATI, R. **Como ser antirracista, segundo quatro ativistas**. 2019. Disponível em: <https://www.brasilledireitos.org.br/noticias/514-como-ser-antirracista-segundo-quatro-ativistas> Acesso em: 10 novembro 2021.

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira" e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 10 novembro 2021.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CERQUEIRA, D. *et. al.* **Atlas da violência 2017 - Ipea e FBSP**. 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf Acesso em: 10 novembro 2021.

COLLINS, P. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CUNHA, V. **Coração em palavras**. Rio de Janeiro: Ed. Conexão 7, 2019.

CUNHA, V. (org.). **Mulheres do ler**. Rio de Janeiro: Ed. Conexão 7, 2020.

DUARTE, E. A. O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo. **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v. 14, n.1, p. 305-336, abr. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100017> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/g7gPJT4f9yzqMyFyLxR6HBb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 novembro 2021.

ENNE, A. A “redescoberta” da Baixada Fluminense: reflexões sobre as construções narrativas midiáticas e as concepções acerca de um território físico e simbólico. **PragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 6-27, mar. 2013. DOI: <https://dx.doi.org/10.22409/pragmatizes.v1i4.10356> Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10356/7193> Acesso em: 10 novembro 2021.

ERIKSON, E. H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, C. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura**. Rio de Janeiro: UFF, 2004.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

EVARISTO, C. **Poemas de recordação e outros movimentos**, Belo Horizonte: Nandyala. 2008, p. 16-17.

FUNDAÇÃO DE APOIO À ESCOLA TÉCNICA. **Portaria FAETEC/P nº 346, de 04 de maio de 2012. Homologa o regimento geral da Fundação de Apoio à Escola Técnica – FAETEC, e dá Outras Providências**. Rio de Janeiro, RJ, 24 mai. 2012. Disponível em: http://www.silep.planejamento.rj.gov.br/portaria_faetec-pr__n_346_-_04.htm Acesso em: 10 novembro 2021.

FELIX, V. Eu sou preta. In: CUNHA, V. (org.). **Mulheres do Ler**. Rio de Janeiro: Ed. Conexão 7, 2020.

FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FERNANDES, F. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FERNANDES, M. C. A. B. **O governo das juventudes, o imperceptível e estranho aos controles: as ocupações secundaristas no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREITAS, F. L. **A constituição da identidade docente: discutindo prática no processo de formação.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FRIGOTTO, G. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1129-1152, out. 2007. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000300023> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/ghLJpSTXFjJW7nWBsnDKhMb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 novembro 2021.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A política de educação profissional no governo Lula: um percurso histórico controvertido. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1087-1113, out. 2005. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000300017> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/ynppThv4sMqrxDRg8XLxjqv/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 novembro 2021.

GAGNEBIN, J. M. Documentos de cultura / documentos de barbárie. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 31, n. 46, p. 80-82, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v31n46/v31n46a14.pdf> Acesso em: 10 novembro 2021.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Ed. 34, 2006.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas.**, São Paulo, v.35, n.2, p. 57-63, mar./abr. 1995a. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901995000200008> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgmnC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 novembro 2021.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas.**, São Paulo, v.35, n.3, p.20-29, maio/jun. 1995b. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 novembro 2021.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social.** São Paulo: Nacional, 1973.

HABERMAS, J. **Theorie des Kommunikativen Handelns.** Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas.**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 7-31, 1993. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/%25x> Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984/14483> Acesso em: 10 novembro 2021.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade.** 2. ed. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf Acesso em: 10 novembro 2021.

LÖWY, M. A filosofia da história de Walter Benjamin. **Estud. av.**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 119-206, ago. 2002. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142002000200013> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/c7TdKSGxkSysjMds45cqs8v/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 novembro 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Leis da educação profissional e tecnológica**. 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/30000-uncategorised/67731-leis-legislacao-e-atos-normativos-setec> Acesso em: 10 novembro 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Lei obriga ensino de história e cultura afro**. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/9403-sp-482745990> Acesso em: 10 novembro 2021.

MIRANDELA, G. Meu Baobá. In: CUNHA, V. (org.). **Mulheres do Ler**. Rio de Janeiro: Ed. Conexão 7, 2020.

MONTEIRO, L. A. **Baixada Fluminense, identidades e transformações**: estudo de relações políticas na Baixada Fluminense. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

NASCIMENTO, B. **Todas (as) distâncias**: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. In: RATTIS, A.; GOMES, B. (orgs.). Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015.

OLIVEIRA, F. **Crítica da razão dualista**: o ornitorrinco. São Paulo: Boitempo, 2003.

OLIVEIRA, L. H. S. “Escrevivência” em becos da memória, de Conceição Evaristo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 621-623, mai./ago. 2009. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/X8t3QSJM5dMTjPTMJhLtwgc/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 novembro 2021.

OLIVEIRA, N. Somos. In: CUNHA, V. (org.). **Mulheres do Ler**. Rio de Janeiro: Ed. Conexão 7, 2020.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019a.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Adas, 2012.

SÁ-CHAVES, I. **Os “Portfólios” Reflexivos (também) trazem gente dentro**. Porto: Porto Editora, 2005.

SANT’ANNA, W. Histórias de vida e de organização política: mulheres negras na construção do conhecimento. In: **Mulheres negras formando políticas públicas de desenvolvimento**. Ca-

derno de Textos. Brasília: Articulação de Mulheres Brasileiras, 2004. Revista de Estudos Feministas, n.2, v.3, 1995, p. 24 -45.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade.** 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. bras.educ.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 novembro 2021.

TORRES, G. **Baixada Fluminense:** a construção de uma história (sociedade, economia, política). Rio de Janeiro: IPAHB, 2004.

YIN, R. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.

7 APÊNDICES

Apêndice A- Inventário de Dados Popacionais dos Municípios da Baixada Fluminense

Tabela 1 - Homens e Mulheres por município

	Total	Masculino	Feminino	Razão de sexo
Belford Roxo	121.123	59.701	61.422	1,028827
Duque de Caxias	219.901	108.547	111.354	1,02586
Guapimirim	13.663	6.752	6.912	1,023697
Itaguaí	28.264	14.218	14.046	0,987903
Japeri	26.923	14.205	12.718	0,895319
Magé	58.116	28.974	29.142	1,005798
Mesquita	41.559	20.447	21.112	1,032523
Nilópolis	37.769	18.600	19.169	1,030591
Nova Iguaçu	202.630	99.871	102.759	1,028917
Paracambi	12.104	6.188	5.916	0,956044
Queimados	36.225	17.925	18.300	1,020921
São João de Meriti	114.468	56.274	58.194	1,034119
Seropédica	21.104	10.531	10.573	1,003988

Fonte: Própria.

Tabela 2 - Mulheres de 15 a 29 anos por município

		Total	Proporção de mulheres entre a população de 15 a 29 anos
Belford Roxo	61.422	121.123	51%
Duque de Caxias	111.354	219.901	51%
Guapimirim	6.912	13.663	51%
Itaguaí	14.046	28.264	50%
Japeri	12.718	26.923	47%
Magé	29.142	58.116	50%
Mesquita	21.112	41.559	51%
Nilópolis	19.169	37.769	51%
Nova Iguaçu	102.759	202.630	51%
Paracambi	5.916	12.104	49%
Queimados	18.300	36.225	51%
São João de Meriti	58.194	114.468	51%
Seropédica	10.573	21.104	50%

Fonte: Própria.

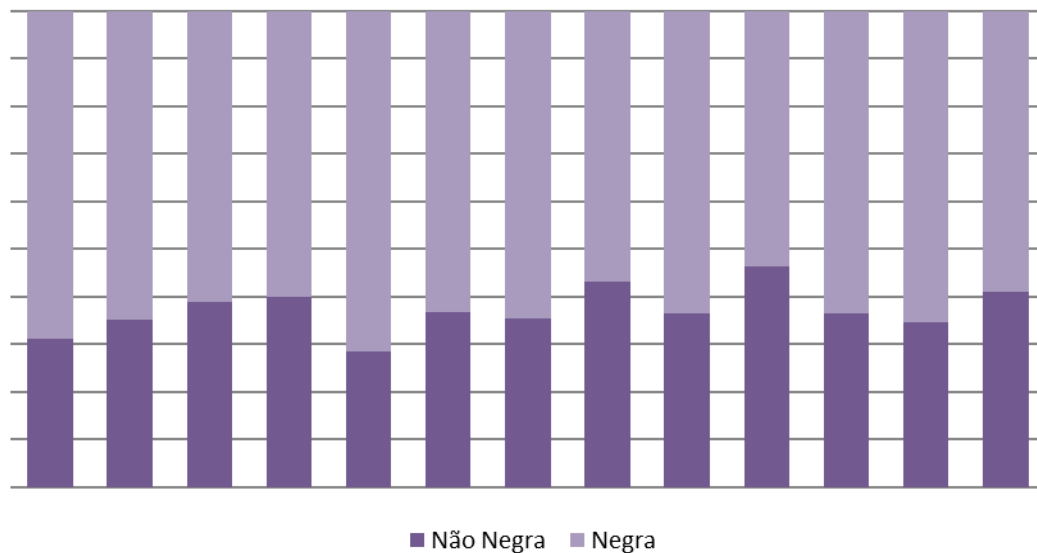


Gráfico 1 – População negra e não negra na Baixada Fluminense

Fonte: Própria.



Gráfico 2 – Razão entre mulheres e homens de 15 a 29 anos por município da Baixada Fluminense, 2010

Fonte: Própria.

Tabela 3 – Mulheres de 15 a 29 anos por município e grupo etário

	Total	15 a 17 anos	18 a 24 anos	25 a 29 anos
Belford Roxo	61.422	12.789	28.428	20.205
Duque de Caxias	111.354	22.810	51.200	37.344
Guapimirim	6.912	1.608	2.983	2.321
Itaguaí	14.046	2.766	6.385	4.895
Japeri	12.718	2.902	5.612	4.204
Magé	29.142	6.320	13.479	9.343
Mesquita	21.112	4.377	9.477	7.258
Nilópolis	19.169	3.685	8.702	6.782
Nova Iguaçu	102.759	21.938	46.774	34.047
Paracambi	5.916	1.173	2.742	2.001
Queimados	18.300	4.054	8.383	5.863
São João de Meriti	58.194	12.047	26.436	19.711
Seropédica	10.573	2.293	5.011	3.269

Fonte: Própria.

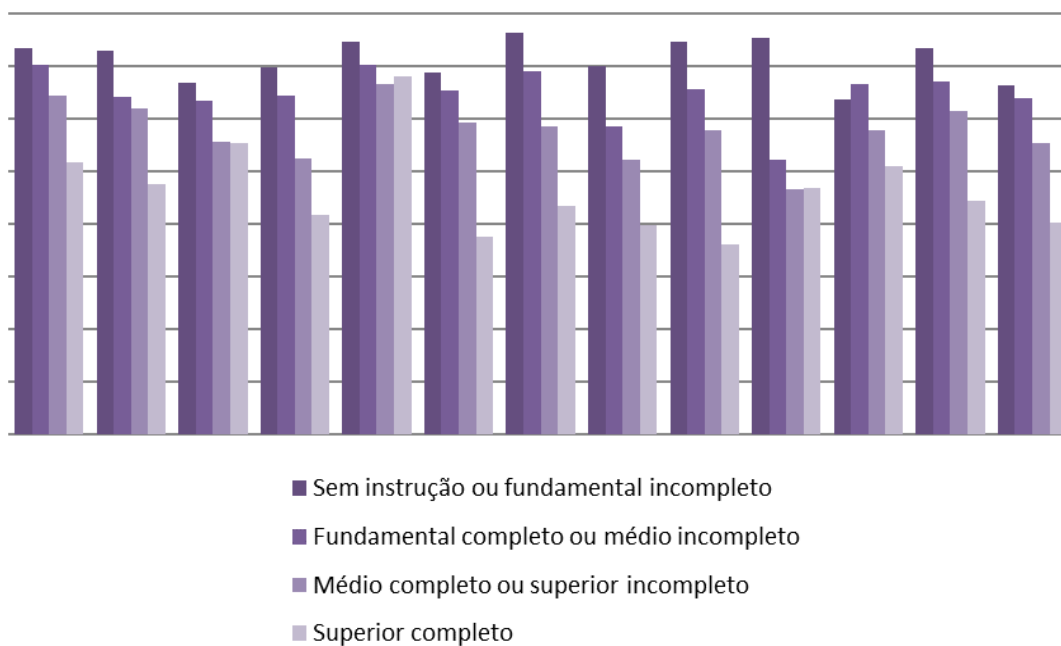


Gráfico 3 – Divisão por faixa etária das mulheres nos municípios da Baixada Fluminense.

Fonte: Própria.

Tabela 4 – Mulheres de 15 a 29 anos por município e raça/cor

Belford Roxo	61.422	19.178	42.244	.	Belford Roxo	69%
Duque de Caxias	111.354	39.145	72.209	.	Duque de Caxias	65%
Guapimirim	6.912	2.690	4.222	.	Guapimirim	61%
Itaguaí	14.046	5.617	8.429	.	Itaguaí	60%
Japeri	12.718	3.624	9.094	.	Japeri	72%
Magé	29.142	10.682	18.460	.	Magé	63%
Mesquita	21.112	7.489	13.623	.	Mesquita	65%
Nilópolis	19.169	8.291	10.878	.	Nilópolis	57%
Nova Iguaçu	102.759	37.424	65.335	.	Nova Iguaçu	64%
Paracambi	5.916	2.746	3.170	.	Paracambi	54%
Queimados	18.300	6.700	11.600	.	Queimados	63%
São João de Meriti	58.194	20.111	38.074	10	São João de Meriti	65%
Seropédica	10.573	4.342	6.231	.	Seropédica	59%

Fonte: Própria.

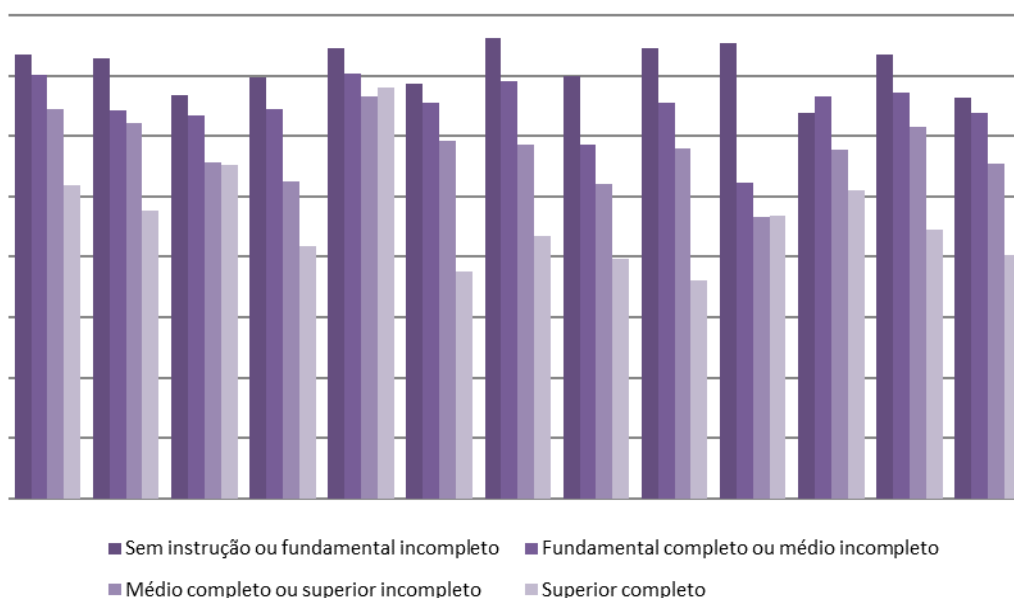


Gráfico 4 – Dados da escolarização das mulheres da Baixada Fluminense

Fonte: IBGE/Censo 2010.

Tabela 5 – Mulheres de 15 a 29 anos por município e ocupação

	Total	Estuda e trabalha	Estuda e não trabalha	Não estuda e trabalha	Não estuda e não trabalha
Belford Roxo	53.620	7.020	14.262	18.389	13.949
Duque de Caxias	99.376	12.443	25.317	37.356	24.260
Guapimirim	6.123	666	1.527	2.547	1.383
Itaguaí	12.350	1.337	2.929	4.642	3.442
Japeri	11.159	930	3.258	3.856	3.115
Magé	25.494	2.963	6.713	9.847	5.970
Mesquita	18.400	2.528	4.823	7.035	4.013
Nilópolis	16.714	2.184	4.681	6.182	3.668
Nova Iguaçu	89.534	10.903	23.418	31.838	23.375
Paracambi	5.230	605	1.317	1.724	1.583
Queimados	16.229	1.566	4.217	5.947	4.499
São João de Meriti	50.495	6.375	12.932	19.536	11.652
Seropédica	8.788	1.004	2.480	3.213	2.091

Fonte: Própria.

Tabela 6 – Proporção de mulheres negras de 15 a 29 anos por nível de instrução e município da Baixada Fluminense, 2010

	Sem instrução ou fundamental incompleto	Fundamental completo ou médio incompleto	Médio completo ou superior incompleto	Superior completo
Belford Roxo	73%	70%	64%	52%
Duque de Caxias	73%	64%	62%	48%
Guapimirim	67%	63%	56%	55%
Itaguaí	70%	64%	53%	42%
Japeri	75%	70%	66%	68%
Magé	69%	65%	59%	38%
Mesquita	76%	69%	58%	44%
Nilópolis	70%	59%	52%	40%
Nova Iguaçu	75%	66%	58%	36%
Paracambi	75%	52%	47%	47%
Queimados	64%	67%	58%	51%
São João de Meriti	73%	67%	62%	45%
Seropédica	66%	64%	55%	40%

Fonte: Própria.

Tabela 7 – Renda média domiciliar per capita das mulheres de 15 a 29 anos por município e raça/cor

	Total	Não Negra	Negra
Belford Roxo	421	479	395
Duque de Caxias	526	645	461
Guapimirim	482	604	401
Itaguaí	512	617	443
Japeri	361	417	339
Magé	546	683	468
Mesquita	544	672	474
Nilópolis	629	742	544
Nova Iguaçu	477	629	392
Paracambi	531	609	461
Queimados	416	474	382
São João de Meriti	507	617	449
Seropédica	515	608	450

Fonte: Própria.

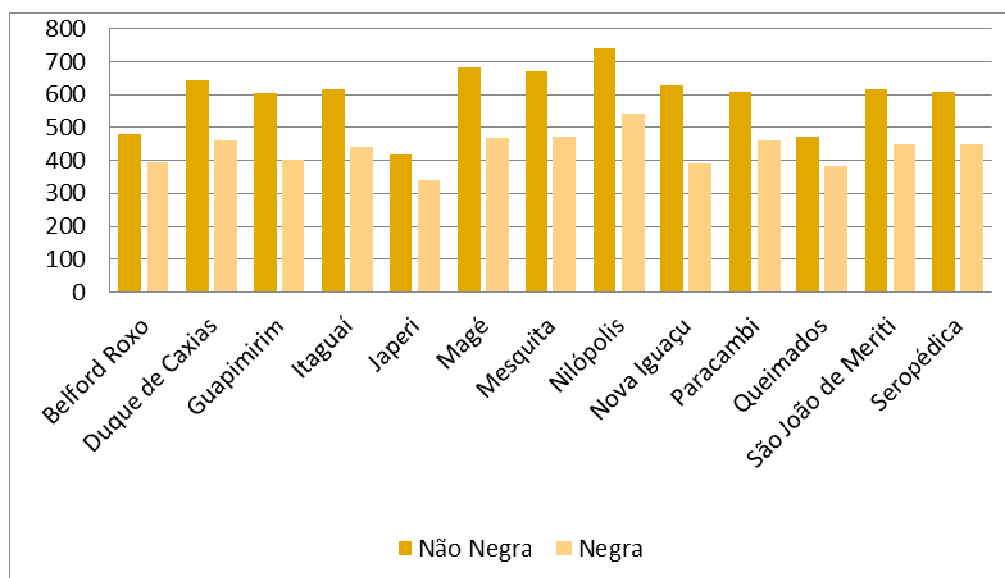


Gráfico 5 – Dados sobre a população negra e não negra da Baixada Fluminense

Fonte: Própria.

Escolaridade

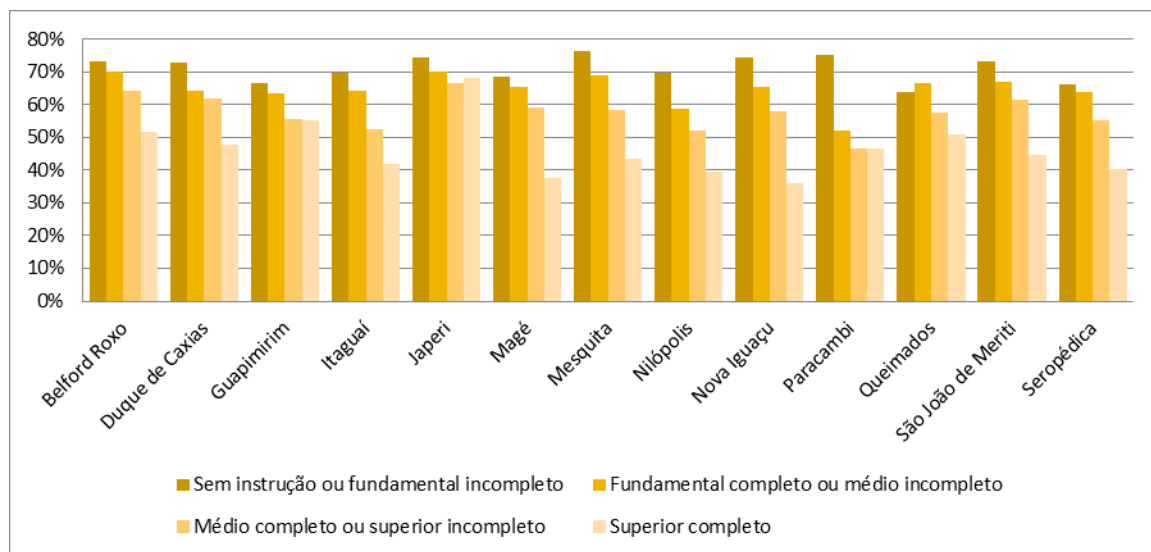


Gráfico 6 – Proporção de mulheres negras de 15 a 29 anos por nível de instrução e município da Baixada Fluminense, 2010

Obs.: detalhes sobre a interpretação. Ex. Belford Roxo, com mais de 70% das mulheres negras de 15 a 29 anos sem instrução ou com fundamental completo.

Ocupação

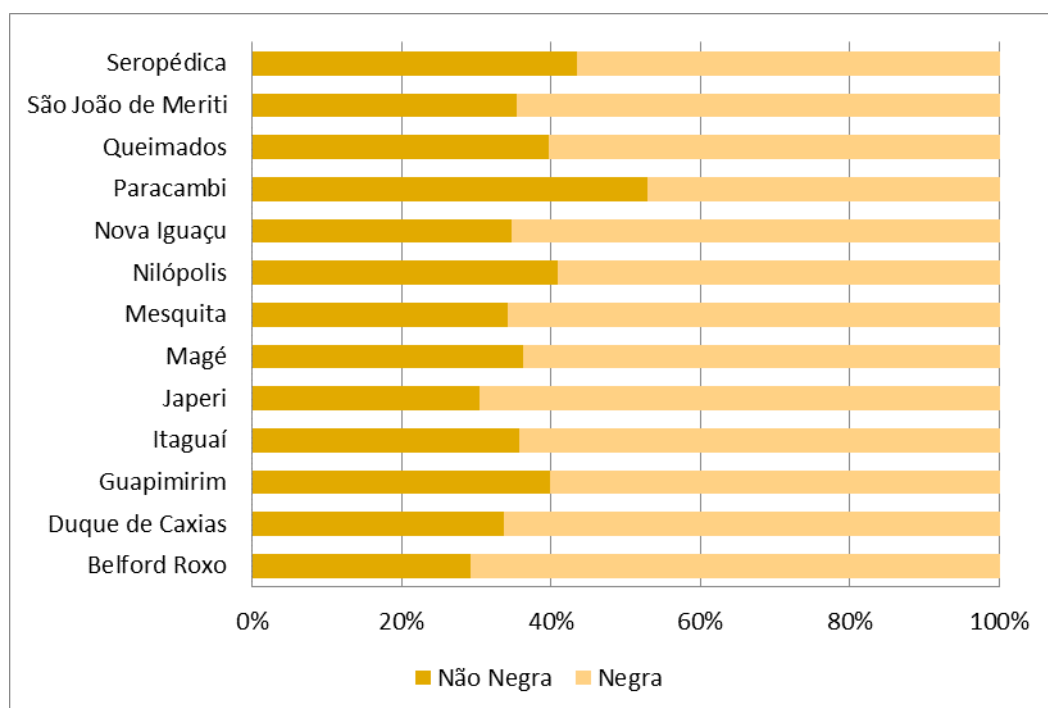
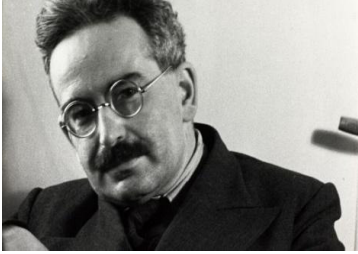



Gráfico 7 – Mulheres de 15 a 29 anos que não trabalham e não estudam por município da Baixada Fluminense por raça/cor, 2010.

Interpretação: As mulheres negras que não trabalham e não estudam são maioria em quase todos os municípios.

Apêndice B – Quadro com Principais Conceitos de Walter Benjamin e Conceição Evaristo Trabalhados nesse Estudo

Conceito	Walter Benjamin	Conceição do Evaristo
		
Narrativa	Fonte importante (oral ou escrita) de percepção e resgate da história e da cultura de um povo ou sujeito.	Escrevivência - Forma de resgate da história e memória do povo negro através da escrita, possibilitando uma ressignificação cultural.
Sociedade	Barbárie - organização da sociedade, numa tensão entre ideais opressores e os grupos oprimidos.	Mostra e denuncia como a sociedade tem se estruturado em alicerces de preconceito e desigualdade.
Ancestralidade	Vínculos com passado estruturados principalmente pela oralidade.	Hábitos e costumes transmitidos das gerações antigas para as mais novas, que contribuem para a formação e preservação identitária de um povo.
Memória	Seria a importância de conservar, manter vivo o que foi narrado, pois a narrativa se funda na ideia de memória, elemento importante que garante a reprodução das histórias.	Que estabelece e fortalece os vínculos entre o passado e o presente.

Apêndice C – Questionário para as Estudantes Participantes da Pesquisa

Este questionário faz parte de um trabalho de pesquisa de mestrado em educação que pretende discutir questões de identidade das mulheres negras na Baixada Fluminense. As informações aqui levantadas contribuem para conhecermos melhor o perfil desse público. Sua contribuição é extremamente importante no sentido de nos aproximarmos e discutirmos mais profundamente a realidade de grupo.

Parte I – Dados Pessoais

1- Idade: _____ anos

2- Estado Civil: solteira casada divorciada viúva

3- Sua naturalidade:

Rio de Janeiro

Outro estado: _____

3.a) No caso de ter nascido no Rio de Janeiro destaque o bairro ou cidade:

4- Qual é a sua religião:

católica candomblecista/umbandista evangélico budista kardecista

outras _____

5- Você se autodeclara:

branca indígena amarela parda negra

Por que você se autodeclara dessa cor?

Quem do seu núcleo familiar se autodeclara da mesma forma que você:

pai mãe irmãos.

Comentar se desejar: _____

6- Em que bairro você reside? _____

6.a) Em que município você reside? _____

7- Sua moradia é: alugada própria

8- Você tem filhos? sim não

8.a) Se sim, quantos? 1 filho 2 filhos 3 ou mais filhos.

8.b) Caso tenha filho(s): Idade: _____ Estudam: sim não

Parte II – Ocupação e renda

9- Você trabalha: não sim. Em que atividade: _____

10- Sua renda familiar: menos de 1 salário mínimo 1 salário mínimo 2 salários mínimos mais de 3 salários mínimos.

Parte III – Escolaridade

11- Grau de escolarização dos seus pais: _____

Escolaridade: não alfabetizado ensino fundamental incompleto

ensino fundamental completo ensino médio incompleto

ensino superior incompleto ensino superior completo pós-graduação.

Pai, caso necessário: _____

Escolaridade: não alfabetizado ensino fundamental incompleto

ensino fundamental completo ensino médio incompleto

ensino superior incompleto ensino superior completo pós-graduação.

12- Seu ensino fundamental foi em: escola pública escola particular

Indique a profissão da sua mãe: _____

Indique a profissão do seu pai: _____

13- Em sua trajetória escolar você já foi reprovado alguma vez? não sim

Quantas vezes _____

Motivo(s): _____

14- Que curso você faz na FAETEC:

Qualidade Logística Segurança do Trabalho

15- Quais as principais razões que a levaram a ingressar num curso da FAETEC?
(Escolha duas opções e assinale de 1 a 2 por graus de motivação, sendo 1 para a principal razão.)

- Para obter uma certificação que amplie meu campo de emprego
- Para me candidatar à universidade
- Para fazer o ensino médio em instituição pública
- Para encontrar mais facilmente um emprego
- Para ter uma educação que atenda em horário integral
- Sugestão e vontade da família
- Outros _____

16- O curso que estou fazendo na FAETEC contribui para:

		Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1.	Aprender novas coisas				
2.	Relacionar-me com outras pessoas e partilhar experiências				
3.	Possibilitar maiores oportunidades profissionais				
4.	Obter uma formação dada de qualidade				
5.	Adquirir conhecimentos úteis para o meu dia a dia				
6.	Adquirir conhecimentos que ampliem minha visão de sociedade				

Parte IV – Dados sobre atividades culturais

17- Com que frequência você vai aos seguintes lugares:

		Muito frequentemente	Frequentemente	Pouco frequente	Não frequente	Apenas com a escola
1.	Cinema					
2.	Shows					
3.	Teatro					
4.	Praia					
5.	Museus					
6.	Exposições					
7.	Jogos Esportivos					
8.	Igreja					

Apêndice D - Planejamento das Rodas de Conversa – Negritude em Foco



Figura 2 – Africanidade

Fonte: Internet

1º Encontro – Quem sou eu?

Proposta do encontro: Nesse encontro o objetivo principal é conhecer a trajetória de vida das participantes e estabelecer as conexões como grupo.

Procedimentos: No primeiro momento ocorrerá a apresentação da pesquisa, descrevendo as motivações para a construção do trabalho e seus principais pontos de desenvolvimento, ou seja, na parte pedagógica, seja na documental. Cabe aqui explicação do que é um portfólio, como é feito, por que ele é utilizado especificamente nesse estudo; planejaremos a montagem do portfólio individual e coletivo de cada encontro.

Nessa etapa são expostos todos os elementos que estruturam o estudo, detalhando os objetivos e a metodologia aplicada, além de explicar a documentação de autorização necessária (tempo previsto: 20 a 25 minutos).

No segundo momento será proposto que cada participante se apresente. Inicialmente, numa folha, elas escrevem ou desenham “QUEM SOU EU?”, contando suas trajetórias de vida e experiência como mulheres e negras (tempo previsto: 20 minutos).

A seguir, as participantes leem as suas narrativas como sistemática de apresentação (cada uma terá de 5 a 10 minutos para isso).

O material escrito, elaborado durante o encontro, será fotografado e enviado por e-mail ou WhatsApp para a pesquisadora, configurando o portfólio individual. Uma das participantes, como acordado previamente, ficará responsável pelo envio do portfólio coletivo, ou seja, as impressões gerais do encontro, uma sistemática que será adotada em todas as rodas de conversa.

Instrumentos: Plataforma virtual de reuniões.

Duração: 1 hora 30 minutos a 2 horas.

2º Encontro – Que parte ou o que do documentário mais chamou sua atenção? Por quê?

Proposta do encontro: Assistir a um pequeno documentário – KBELA – o qual tem como temática central mulheres negras e estabelece interlocuções com a realidade, sentimentos, angústias vivenciadas pelo grupo.

Procedimentos: Será discutido o filme KBELA, produção que recebeu o prêmio de Melhor Curta-metragem da Diáspora Africana da Academia Africana de Cinema – AMAA Awards 2017 – produzido por Yasmin Tainá, jovem cineasta, roteirista de Nova Iguaçu. O critério de seleção do curta foi de ser a produção de uma roteirista negra, com raízes identitárias na Baixada Fluminense e que aborda temas vinculados à população afro-brasileira.

O link do curta será disponibilizado com antecedência para que o grupo acesse com tranquilidade o material. São 21 minutos de produção, não existem diálogos (se assemelha ao teatro mudo), mas são apresentadas diferentes problemáticas (autoestima, violência, empoderamento feminino, cultura) em relação às mulheres negras.

No dia do encontro o curta será exibido para o grupo, o que a plataforma de reunião permite. Quem assistiu anteriormente poderá rever e aprofundar suas ideias; caso alguém não tenha conseguido ver, essa será a oportunidade de acessar e estruturar suas considerações (tempo previsto: 25 minutos).

A pergunta central do encontro será “Que parte do documentário ou o que chamou mais atenção? Por quê?” Dialogará sobre os principais temas na obra e suas interligações com as vivências das participantes.

Como mencionado anteriormente, a sistemática de produção de portfólio individual e coletivo permanece a mesma.

Instrumentos: Plataforma virtual de reuniões.

Duração: 1 hora 30 minutos a 2 horas.

Obs.: No final da reunião será solicitado que as participantes escrevam, para o próximo encontro, sobre a questão da dança em suas vidas – se elas dançam; o que gostam ou não de dançar; as memórias que elas têm em relação à dança.

3º Encontro – O que a dança traz para você?

Procedimentos: O encontro se inicia com as participantes lendo ou apresentando, da forma confortável para elas, suas narrativas sobre dança; contam suas experiências em relação a este tipo de arte. Cada participante terá de 5 a 10 minutos para apresentar suas narrativas. (tempo previsto: 30 a 35 minutos).

Então, a roda de conversa segue com a mediação de Alice Barreto (bailarina, professora de Jongo, nascida em Caxias e estudante UERJ BAIXADA). A ideia é dialogar sobre danças africanas (especialmente o Jongo), trazendo sua historicidade e influências na construção da identidade do povo negro e interligando com ritmos/práticas de danças atuais (tempo previsto: 50 minutos). Como mencionado anteriormente, a sistemática de produção de portfólio individual e coletivo permanece a mesma.

Instrumentos: Plataforma virtual de reuniões.

Duração: 1 hora 30 minutos.

4º Encontro – O que é escrita: de ou sobre a mulher negra para você?

Procedimentos: Selecionamos duas obras¹² de autoras negras da Baixada Fluminense; o recorte para a seleção do material respeita o foco da pesquisa, que são as questões identitárias das mulheres negras. As participantes receberão textos aleatoriamente para lerem e que serão disponibilizados com antecedência.

O Livro *Mulheres do Ler*, uma antologia com textos de mulheres negras da Baixada Fluminense contando suas trajetórias e experiências, será a primeira fonte de material.

Textos:

– **Eu sou preta!!**, de Viviane Félix. O texto é um poema em que a autora coloca sua identidade como negra e da Baixada.

¹²*Mulheres do Ler e Coração em Palavras*, que estão referenciadas junto às demais obras utilizadas neste trabalho.

– **Meu Baobá**, de Grace Kelly Mirandella. A autora narra histórias familiares e relata sua ancestralidade como mulher negra.

– **Somos...**, de Nayara Oliveira. O texto aborda as especificidades de ser mulher negra atualmente.

– **Coração em Palavras**, de Verônica Cunha (professora, escritora negra do município de Queimados/RJ). Contém poesias que descrevem sentimentos e anseios de uma mulher negra.

– **Há** – o texto fala dos sentimentos que vão permeando nossas vidas.

– **Nós** – a autora nos pergunta quais são os laços que temos construído.

– **Formigueiro** – existe a proposta de reflexão de que espaço social você ocupa atualmente.

Na roda de conversa, cada uma fará a leitura do texto que recebeu: poemas, narrativas ou contos produzidos por mulheres negras da Baixada Fluminense. As participantes farão considerações sobre a questão da escrita ou da literatura (tempo previsto: 10 minutos para cada participante).

Nessa fase do trabalho, haverá troca de impressões entre participantes sobre a questão da escrita.

Temos uma proposta de construção de um texto poético coletivo, em que as participantes descrevem, segundo a perspectiva dos eixos culturais trabalhados nos encontros, o que é ser negra na periferia. Ou seja, elas voltarão a falar de si; contudo, numa abordagem centrada na arte, que foi o elemento direcionador das reuniões.

Reunião através de plataforma virtual, com duração de aproximadamente 1 hora 30 minutos a 2 horas.

Obs.: Será solicitado que o grupo tire fotos de mulheres da Baixada em suas atividades cotidianas para debate na próxima reunião.

As fotos podem ser de familiares, pessoas conhecidas ou desconhecidas; contudo, é importante frisar que quando ocorrer identificação da pessoa, é necessário o preenchimento de uma autorização de uso de imagem (Anexo E). Esse documento é entregue e enviado para a pesquisadora, junto com a foto.

Além disso, devido à pandemia, as participantes têm a liberdade de tirar fotos das suas janelas e podem utilizar fotos antigas do seu acervo para esse debate. Contudo, sempre será observada a questão da utilização da imagem.

5º Encontro – O que essas fotos dizem para você?

Proposta do encontro: Debater as perspectivas das participantes sobre sua presença na sociedade.

Procedimentos: Abriremos um debate sobre as fotos tiradas pelo grupo. São as mulheres da Baixada Fluminense vivendo o seu cotidiano, e cada uma terá de 10 a 15 minutos para apresentar o material que produziu (tempo previsto: 1 hora 15 minutos). A ideia nesse encontro é trazer os olhares das participantes sobre as outras mulheres que se conectam com a sua realidade.

Serão elaborados os portfólios individuais e coletivo durante o encontro. Eles serão fotografados e enviados por e-mail ou via *WhatsApp* para a pesquisadora, como na dinâmica das reuniões anteriores.

As fotos tiradas para esse encontro servirão como material para uma minixposição virtual “*Olhares femininos negros*”, que será o instrumento de retorno social da pesquisa para toda a comunidade.

Haverá uma roda de conversa através de plataforma virtual de reuniões, com duração de 1 hora 30 minutos a 2 horas.

6º Encontro – Quem somos nós Mulheres Negras da Baixada Fluminense?

Proposta do encontro: O objetivo central do último encontro é reconstruir um portfólio coletivo, estruturar a ideia do que é ser mulher negra jovem na Baixada Fluminense para o grupo.

Em todas as rodas de conversa uma das participantes se responsabilizou por, além de escrever seu portfólio individual, construir o portfólio coletivo daquela atividade, ou seja, captar as impressões gerais, falas e dúvidas presentes naquele momento.

Procedimentos: Iniciaremos o encontro com a leitura dos portfólios coletivos, em que cada participante expõe como produziu o material, por que o estruturou daquela forma e quais as suas sensações em relação àquele determinado momento (tempo previsto: 10 a 15 minutos para cada uma).

Tendo como base essas ideias sobre o feminino e a negritude, tem-se como proposta montar uma exposição com as fotos tiradas pelo grupo, sistematizando o debate identitário sobre quem são essas mulheres negras jovens na Baixada Fluminense.

A exposição é uma forma de retorno social do trabalho para a comunidade. Nessa etapa, definiremos se serão apenas fotos, se colocaremos poesias ou frases para complementar, ou seja, estruturaremos toda a sistemática envolvida no processo (tempo previsto: 50 minutos).

Esse encontro é a conclusão da fase de coleta de dados da pesquisa; assim, os agradecimentos, a análise, a avaliação do trabalho e até possíveis desdobramentos para outras atividades serão estabelecidos aqui.

Após a conclusão da pesquisa, as participantes serão convidadas a conhecer os resultados dos dados coletados, o que será de acordo com o que for estabelecido pelo grupo.

Roda de conversa através de plataforma virtual de reuniões, com duração de 1 hora 30 minutos a 2 horas.

Apêndice E - Transcrição

RODA DE CONVERSA ON-LINE

15/06/2021 (1º encontro)

Marcação Negrito: Roberta Renoir

Participante 1: E.

Participante 2: A.

Participante 3: R.

Eu vou... “R.....”... deixa eu então... deixa eu fazer então as... as apresentações, né e aí assim, vou te responder a sua pergunta do presencial, da reunião presencial e explicando um pouco o que... que... o que é o projeto e assim, o que eu programei um pouco pra esse projeto tá... Como eu conversei com vocês antes é... eu tô fazendo mestrado... e aí tô fazendo mestrado na Rural, é um mestrado em educação e na verdade eu acabei e... pegando e... uma área de conhecimento voltada pra... pras questões étnico-raciais, pras questões é... da cultura afro-brasileira, de como é que isso tem e... sendo desenvolvido atualmente na escola. E aí vale muito é... vale muito uma... uma apresentação assim no sentido assim... Poxa como é que... como é que isso aconteceu, né... essa menina... essa menina que... negra com... todo um trabalho que anteriormente e... tava relacionado um pouco com a questão de educação de jovens e adultos, então eu tenho uma trajetória que é ligada as questões de periferia, as questões de educação, voltada pra educação popular e... mas as questões de gênero, de raça e tudo... por mais que elas estivessem muito na minha vida do cotidiano, mas eu... eu ainda não tinha e... sido... como... vamos dizer assim, sacudido pra... pensar um pouco nessas questões.

E foi justamente na FAETEC, né... justamente na FAETEC que eu comecei e... vocês não devem ter conhecido porque quando vocês entraram, ele já não estava... mas é um professor de história, professor Natalino Gaspar, ele veio com... ele veio conversar comigo

que os alunos... eles estavam é... suscitando algumas questões, né... relacionadas a questões de raça e tudo, nos temos uma lei... que é a lei 10639, de 2003, que é uma lei que torna obrigatória as discussões étnico-raciais no... na escola e assim, e na unidade... é uma unidade que... nova, né... nossa unidade vocês sabem ela é recente, ela ainda não desenvolvia esse trabalho, e nós começamos com isso e... e aí em 2015 nós tivemos um evento muito legal... mas com... de que é... e... foi centrado um pouco no dia da Consciência Negra, então todo o projeto foi voltado num dia teve... sabe... teve... nós

tivemos apresentações, tivemos mesa redonda e tudo... isso depois também foi e... pra 2016...

Participante 3: Com licença Roberta, os meninos do terceiro ano falaram que teve feijoada, não foi nesse dia que teve feijoada?

Teve feijoada....

Participante 3: Teve feijoada

Tem feijoada... tem... [Risos] [Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 3: Eles falaram assim... eles falaram assim é... porque quando eu entrei na FAETEC o que aconteceu... as minhas amigas e... a minha amiga e... namorou um menino de lá né... aí ela... ele foi e falou... “Mano”, vocês têm que esperar pelo evento da Consciência Negra que tem feijoada, tem não sei o quê... [Risos]...

[Risos]...

Olha que interessante, né... porque eles... ele foi pela questão...

Participante 2: Sim, foi muito comentado o pessoal falando sobre alguns eventos que já tinham acontecido e tal, sobre palestras que tinham acontecido também... aí isso... isso também me chamou muito a atenção nos primeiros dias assim que eu entrei na FAETEC, assim foi muito “maneiro”.

Mas... mas já tinham comentado isso com vocês, é isso?

Participante 2: Sim... tavam comentando sobre coisas que tinham acontecido na escola, que tinham outras palestras assim que tinham acontecido, sobre a Consciência Negra, sobre festa junina, esses negócios... falando sobre várias coisas...

Vocês entraram... vocês entraram ainda pegando um pedacinho do público inicial, né...

Participante 3: É...

Participante 2: Sim, eu acho que foi uns dois meses... não, foi um mês e pouco.

De presencial... muito legal...

Participante 2: Ah! foi muito “maneiro”...

E foi daí gente...

Participante 3: Foi... inclusive saudades...

Participante 2: Inclusive saudades, muita coisa...

[Risos]...

Participante 2: Eu acho que foi o que mais me acolheu assim na... o que eu mais gostei assim da FAETEC no primeiro dia assim de aula, foi que... o pessoal... “tipo” [Gesto de união com as mãos] sei lá... meio que abraça a gente sabe, o pessoal que chegou novo e tal... a radio também muito “maneira”... o grêmio, nossa... o pessoal acolheu demais a gente... No caso...

no meu caso sim, foi muito “maneiro”, foi muito bom mas pode continuar “Profi”... só um...
[Risos]

E mas assim... vocês... é muito bom vocês estarem falando é... dessas experiências que assim... é muito legal e... e... e saber dessas... dessas assim... do que vocês vivenciaram inicialmente e assim... é muito importante isso.

Participante 3: “Profi”...

Sim...

Participante 3: Eu...o que num primeiro momento assim... a gente sempre faz umas amigas né... assim nos primeiros dias... mas eu tive... tive duas amigas que... que eu fiz lá nesses primeiros dias e que elas ficaram realmente na minha vida de verdade, a gente tem uma comunicação assim... a gente se fala assim, praticamente todo dia...

Legal...

Participante 3: A gente... elas já vieram aqui em casa, já me chamaram pra ir na casa delas mas assim... uma coisa assim... e assim e... o pessoal da... o pessoal... como a A.... disse, o pessoal... eu na época quis... não quis chegar lá e... e... e fazer assim muito estardalhaço, muita... muita coisa, né, chamar muito a atenção, fiquei mais na minha... Mas assim de um jeito ou de outro... o pessoal veio, falou com a gente e... perguntou se a gente tava bem, perguntou qual era o nosso nome, conversou, apresentou as pessoas, falou que... onde era a rádio, como era... tudo.. tudo assim e foi assim, querendo ou não, foi muito legal.

Participante 2: Sim... foi muito “maneiro”, eu também gostei muito.

Realmente...

Participante 2: No primeiro tempo eu fiquei meio tensa assim, falei assim... Ih! primeiro ano, terceiro, segundo... nem vão... nem vão olhar pra gente e não sei o que lá... novato... aí eu... eu fiquei meio assim, porque eu já tinha... eu tenho alguns amigos em que entraram comigo, então acho que eu fiquei mais a vontade assim por estar com meus amigos, mas quando o pessoal chegou mesmo, conversando, falando, “zoando”, brincando, aí... então eu sou bem extrovertida, né... então eu já... já comecei falando, veio falando, começou aquele [Risos]... mas foi muito bom assim... pessoal introduziu muito o primeiro ano assim...

Participante 3: Não eu acho que eu sou...

Participante 2: Na rádio, comentando...

Participante 3: Eu... eu sou extrovertida, mas eu quis ficar mais na minha... ainda mais...

Participante 2: Porque no... primeiro ano...

Participante 3: Era um lugar... que diferente da A....., eu não conhecia ninguém [Risos]

Que bom...

Participante 3: Parecia que eu tava...

Olha só... é... interessante o que vocês e... vocês tão dando, né... uma perspectiva muito de como é que foi a recepção da escola de vocês e assim, é muito bom ouvir isso porque... e... o projeto... esse... essa questão de né... a cultura afro-brasileira...

Participante 2: Ah!... o “Profí”... a... eu vou... sair... dar uma saidinha... não vou sair não, a E...vai me mandando o link... tá me pedindo o link, peraí que eu vou mandar pra ela...

Tá legal...

Participante 2: Pra entrar...

Tá mas eu mandei pra todo mundo mas pode mandar, quem é? É a...

Participante 2: A E....

Tudo bem pode mandar... deixa eu ver se... que eu tenho que autorizar ela entrar, mas ela não tá me aparecendo aqui não, peraí... se ela ainda tá pedindo...

Participante 2: Acabei de enviar para ela...

Tá... ela vai pedir então...

Mas gente é assim... eu vou... e assim... é uma alegria ver... ver o quanto vocês... isso fez diferença na hora de... tá a E... ela entrou? Conseguiu entrar [Inaudível]...

Participante 2: Entrou...

Oh! E... tudo bem querida? Como é que você tá?

[Inaudível]...

[Risos]

Conseguiu... conseguiu entrar direitinho? A gente já tava... nós já estávamos conversando em troca...

Participante 1: Aí... celular... vi a mensagem da Allani e falei... Ih! Ai meu Deus!

Participante 2: Ih! Ai meu Deus! [Risos]...

O celular... o celular tá dando problema é isso?

Participante 1 : Meu celular tava... menina tá desligando sozinho, eu falei meu Deus, que “peleja”...

[Risos]...

Aí... tava aqui fazendo conta... eu falei...a Allani, a aula começou eu falei... Ué! aula de que agora gente? Eu nem sabia...

Participante 2: Aula de que [Risos]...

Participante 1: Pronto, o negócio é entrar...

Se você quiser abre a câmera E., se você quiser... tem coisa que a gente tá conversando, a gente tá iniciando já e assim... Nós... as meninas e... eu comecei um pouco...

Participante 1: Hum...

E... falando pras meninas de onde surgiu o projeto, né... e eu falei... elas tavam me contando e eu assim... muito... muito legal o processo delas de chegada de é... na escola, de como é que foi porque... essa minha dissertação da... de mestrado ela saiu, né, ela saiu... ela tem... ela é toda baseada um pouco na... na questão mesmo do e... [Ruídos]... do... da FAETEC, né... que foi uma demanda de alunos realmente curtirem essas questões negras... Sei que vocês devem tá perguntando assim... Roberta, o porquê que você resolveu então e... começar a ouvir um pouco e... narrativa de... de estudantes negros, né... Por quê que você resolveu no seu... no seu trabalho... por quê... por quê que a gente tá aqui, né?... por quê... qual é o objetivo?

E porque assim... e... eu sou... eu sou uma mulher, uma professora que tá dentro desse contexto e eu achava muito importante ouvir essas jovens, essas estudantes negras que estavam nesse ensino... nesse ensino técnico e na baixada fluminense... Porque... porque a minha dissertação ela... ela se chama... o título dela é... “Quem somos nós?”... mulheres, negras, jovens, estudantes da baixada fluminense. Então é um recorte bem é... bem interessante e... coisa toda assim... porque... é ouvir mesmo gente... e... vocês vão ver e aí eu vou explicar um pouco o... o R..... como é que eu... como é que a princípio, né... eu “tipo”... como é que eu organizei o... o trabalho que era o seguinte... a princípio seria todo o presencial, mesmo, né... eles seriam seis encontros, todos é... presenciais... com a questão de vocês e... de vocês é... primeiro porque vocês estariam lá, então quer dizer... era todo um contato muito mais fácil e tudo.

Nós não podemos mais né, tá... e... fazendo e... esse presencial. Então esse momento aqui, é um momento em que... na verdade é o que eu tenho, é a forma que eu tenho de tá tendo contato com vocês, de tá vendo vocês, de estar discutindo, de tá é... ouvindo mesmo... Então assim, pra pesquisa, né... isso é uma mudança metodológica, mas aí que não é... que não é... não tem a ver com vocês, mas assim... é uma... a gente... nós vamos fazer um esforço, é um... é um passo que efetivamente não... não era é... era diferente do que eu estaria dando. E assim, eu não acredito E... que, por exemplo... o R... que... e... as nossa reuniões elas... que nós estamos tentando agilizar, fazer com que elas aconteçam mais breve possível, né? de forma e coisa... Então eu não... eu não... não vai e... acontecer da gente e... estar fazendo reunião do... da pesquisa presencial porém, você vai ver que a proposta que eu tenho, ela é uma proposta de que... coisas que nós vamos fazer aqui, elas virem para a escola... um trabalho que vai continuar porque efetivamente vai se... vai estar no currículo, entendeu...

Participante 3: Entendi...

A ideia... a ideia é que por exemplo, a gente aqui... a gente tenha essas discussões eu... pra minha pesquisa existem dados em que eu vou... eu vou ter que captar aqui, nesses momentos, nesses encontros, porém e... a minha proposta é que... é que a gente não pare, que a gente organize outras coisas... mas isso a gente vai conversando com calma por que [Risos] por que senão é muita informação [Risos]...

Acho que eu te respondi a tua pergunta, né?... E aí vocês devem tá perguntando assim... Como é que...

Participante 3: Respondeu sim...

RB: Respondi tá bom então...

Aí vocês devem tá perguntando... Como é que a gente... Como é que nós vamos organizar esses encontros... Tá? Eles na verdade, como eu já mencionei pra vocês, são seis encontros... Esse é o primeiro encontro e aí assim... eu queria que tivesse todo mundo pra gente poder... explicar tudo direitinho, mas a gente... vai ficar... vai ficar direitinho.

Nós vamos gente além dessa conversa que nós estamos tendo aqui...

Participante 2: “Profí”... como tá gravada... dá pra as meninas saberem assim... meio o assunto que a gente conversou durante a live, durante a...

RB: Dá... dá...

Participante 2: Durante o encontro...

[Inaudível]...

Participante 2: Então tá ótimo...tá tranquilo... relaxa, vai com calma...

Eu vou até passar, mas tem coisas que é do momento, por exemplo, aquela [inaudível] não entendeu, é isso...

Participante 2: Nós conversamos agora a pouco [Risos]

Pode ficar tranquila que... tá bom...

O que que acontece... Vocês devem tá me perguntando assim... Roberta, nós vamos apenas então conversar? E... vai ser esse papo e é... Eu tenho gente e... a minha... nós vamos produzir o que a gente chama de portfólio. Vocês já ouviram falar isso em algum momento? Sabem o que é portfólio? Já?

Participante 2: “Profí”... saber mesmo eu não sei, eu já escutei já... já ouvi falar dessa palavra...

Participante 3: Eu sei professora, eu sei sim... portfólio é uma... é uma... é uma pasta grande que você bota todos os seus textos, né?

Amei [Gesto de aprovação com a cabeça/Sorriso]... você pegou...

Participante 2: É isso? [Sorriso]...

É isso... aí pouco... peraí que... E...., e você? Você já ouviu aí o que é portfólio ou não? Hein? Não?

Participante 1: Tem essa palavra no dicionário, mas... não... não sei o significado...

Olha só, R.... esse portfólio que você falou, ele tem a ver com o que nós trabalhamos na escola com material de né... de tá arquivando as produções né um pouco... do que foi feito. Mas aqui... nós vamos seguir um pouco essa linha sim, mas o nosso portfólio ele vai ter alguma coisa mais de escrever. O que que eu vou pedir, né?...

Participante 3: Ah! tá bom...

RB: Vocês vão ver que em cada encontro, eu vou pedir pra que vocês escrevam, e aí é a mão mesmo tá gente, não tem problema que se for a mão... Roberta, eu preciso digitar tudo e depois e coisa? Se você não quiser digitar não precisa e tudo, mas se... se puder... se houver a possibilidade seria legal, mas vocês vão colocar... o que que esse encontro [Gesto com as mãos] como é que foi esse encontro pra vocês... vocês vão narrar... Aí você pode... você pode dizer assim... Roberta, vou narrar o que? Você pode narrar que o... por exemplo, se você... que horas você entrou, você pode dizer como é que você se sentiu, você dizer o que especificamente você... você falou um pouco, mas assim... vai ser... vai ser um pedido que é... Cada encontro, vocês todas que estão participando e é isso... e é esse material e... e assim... ele é importantíssimo na verdade pra mim porque é ele que... e... que vai me dar algum subsídio... vocês vão escrever, vão narrar um pouco o que aconteceu... Ah! Roberta tem maneira certa, tem maneira errada [Gesto de preocupação] de tá é... escrevendo isso? De tá colocando? Não [Gesto negativo com a cabeça] se preocupa, não tem maneira certa ou maneira errada, o que eu quero que dentro dessa... dentro dessa e... dentro desse encontro... e com... vocês vão ver que depois eu vou... eu vou direcionar um pouco por que vai ter... o próximo encontro por exemplo, eu vou passar um vídeo, né... eu vou passar... eu vou mandar pra vocês um vídeo e tudo, a gente vai discutir... então vocês vão... que ele tem um temática e... Então vocês vai ver que não é por exemplo, só muito aleatório... a conversa que nós estamos tendo é uma conversa muito, né... que tá ligado a... a negritude, a coisa toda, mas assim... é coisas que venham da narrativa de vocês, do que vocês estão sentindo, do que é... como é que ficou o encontro, tá...

Eu comecei esse encontro um pouco e... me apresentando, né... e vocês já me conhecem um pouco e... falei um pouco da minha trajetória, um pouco profissional e tudo e... e aí o que eu vou pedir hoje... hoje é muita coisa... é que vocês um pouco... e aí assim foi muito legal o coisa assim de vocês falarem da escola, mas eu queria conhecer um pouco mais vocês... conhecer um pouco mais da história da A...., da R...., da E.... e é assim... Porque eu conheço

um pouco, né? mas eu queria que vocês e... me dissessem e... me dissessem um pouco e... como é que... um pouco de vocês... como é que vocês são e coisa...

Participante 2: Um pouco da nossa história [Sorriso]

É exatamente isso A.... é exatamente isso... a sua história...

Olha só, pode começar quem quiser [Gesto palma com as mãos]... tá e tudo porque... eu acho... eu acho que eu falei bastante de mim... eu acho que eu falei bastante de mim, né?... [Risos] e eu não quero mais...

Participante 2: Olha... por onde começa, né? [Risos]...

Eu... eu quero ouvir vocês agora, tá bom...

Participante 2: Bom, eu posso começar gente? [Risos]...

[Risos]... Pode começar A....

Participante 2: Bom, “tipo” a minha história desde pequena ou a minha trajetória todinha? né e não sei o que...

O que você achar melhor A.... Vou fechar o microfone pra não... pra não dar e coisa e tudo...

Participante 2: Bom, a minha história é assim, né... os meus pais se conheceram muito novos, “tipo” uns vinte... minha mãe tinha vinte, meu pai tinha vinte e cinco e... eles não tinham quase nada e “tals”... aí eles vieram morar aqui com a minha... numa... num... “tipo” num quartinho mesmo, porque minha mãe... minha mãe “tipo”... minha vó morava aqui do lado, minha mãe morava com a minha vó, depois ela saiu de casa e vou morar sozinha... depois ela engravidou do meu pai aí... aí eles vieram morar aqui embaixo que tinha só um quartinho, nem tinha banheiro, nem nada... que era um bar do meu avô, que meu avô deu pra minha mãe pra ela [Gesto bater com as mãos] fazer o que quisesse... aí beleza, aí eu nasci... eu nasci foi muito... foi meio tenso porquê... não tinha banheiro, minha vó também teve uma “rixa” com a minha mãe... depois... aí eu nasci e “tal”... aí depois fomos construindo... construímos muitas coisas né agora... minha casa também tá... tá outra coisa, né?, que já tem quarto, tem um monte de coisa e... a gente... foi um caminho assim um tempo, a gente foi correndo atrás, conseguimos as coisas e desde pequena meus pais me focaram muito nos estudos, comecei no jiu-jitsu... comecei a lutar porquê... era uma menina muito agitada... eu sempre fui uma menina muito agitada [Gesto mexendo as mãos] de não conseguir ficar parada muito tempo, sou ansiosa também... tenho um pouquinho... sou muito ansiosa de... lá na escola reclamavam muito... uma que eu não parava de falar [Risos]... outra porque eu... eu me intrometia na... na fala do professor ou eu pegava... eu sabia de uma coisa e eu já começava a falar... Ah! Professor é aquilo ali, aquilo ali e “tal”... então [Risos]... eu era uma menina assim. No tempo assim do... primeiro ao quinto ano eu fazia muita besteira, “tipo” eu era uma menina muito

[Risos]... muito “arteira” sabe... ia pra secretaria, muita coisas... minha mãe chamada na escola, mas depois assim eu fui melhorando. Quando chegou no quinto ano, eu acho que eu dei uma amadurecida bastante assim... aí eu tive que mudar de escola porque eu já tinha acabado, ia pro sexto... depois disso a minha vida assim... deu uma... eu melhorei muito assim na escola, minhas notas mudaram, eu virei uma das melhores alunas da sala, minhas notas pô [Gesto com as mãos para o alto] lá em cima e... eu me afastei de algumas pessoas assim que eu conhecia, desde pequena... e “tipo” amigas, dei umas afastada, eu me afastei “tipo”... no caminho a gente foi amadurecendo e algumas amigas foram pra um caminho que eu não queria ir e peguei fui pro meu. Depois disso aí... eu tive na escola e foi algum... “tipo” 2019 foi um tempo muito corrido, me... eu tive uma parente minha, que a minha bisavó faleceu e foi em 2018... foi uma coisa assim que me bateu muito, foi uma coisa que... que... sei lá, porque foi a pessoa que eu mais amei no mundo assim... mais do que qualquer um, até de mim mesma... foi uma pessoa que eu amei muito. Então a perda dela me deixou... muito mal... muito mal... e eu fui a última pessoa que ela falou comigo... foi... foi... as palavras dela, foi as últimas foi comigo que ela falou... Deus te abençoe, que eu pedi a benção pra ela... e ela já não conseguia mais falar direito e... aí ela pegou e depois disso foi pro hospital e depois eu recebi a notícia.

Aí... aí eu depois de muito tempo eu consegui [Gesto com as mãos de aflição]... voltar um pouco mais a minha vida ao normal, mas também nunca esqueci dela. E foi assim... aí minha vida assim... meu relacionamento com a minha mãe antigamente... uma história... quando eu era “menorzinha”, minha mãe... a minha mãe é branca e meu pai é negro e... eu tinha preconceito com a minha cor... eu tinha preconceito com a minha cor, não aceitava... e eu não aceitava a minha mãe ser branca e eu ser negra... eu... eu achava que minha mãe não era minha mãe por ela ser branca... e depois... eu fui pro psicólogo... aí eu fui pro psicólogo e disso aí nosso relacionamento melhorou muito... dos meus pais... e eu era muito novinha pra não gostar... eu não gostava da minha cor, eu queria ser branca, ter... ficar com o cabelo liso, minha mãe nunca deixou eu alisar o meu cabelo, nunca, nunca, nunca... e eu sofri esse... esse... porque eu pensava... porque eu via... alguns familiares meus negros e a minha mãe ser branca, e as pessoas achavam que a minha mãe era a minha babá, por ela ser branca e... “tipo” a minha mãe... eu... eu sou o mundo dela sabe... e a minha mãe ficava muito preocupada com isso, o meu pai também... aí eles me levaram aos psicólogos, eu melhorei bastante depois desse período, nosso relacionamento também... eu... eu entendia a minha cor, eu... eu aceitei mais... depois disso eu comecei a me amar sabe... amar a minha cor, amar a... “tipo” o meu relacionamento com os meus pais foi... foi melhorando cada vez mais... e é isso sabe. Hoje em dia, é muito bom sabe... acho que esse período da psicóloga deu... me aceitar, de monte de

coisa assim que aconteceram também... foi um momento que daí pra frente as coisas foram melhorando demais, assim... em relação a qualquer coisa... porque eu era uma menina... eu era feliz mais... tinham umas coisas que... igual o pessoal me chamava de pretinha, negra e “tal”, e eu achava isso ruim... eu pegava e falava assim... Ah! eu não sou preta, eu sou marrom... isso muito novinha... e... é isso [Sorriso/Riso]...

Meu Deus, é muito legal... muito... eu sou filha... eu sou filha de pai branco com mãe negra e nós... vivenciamos muita coisa também, mas muito obrigada mesmo por você... você tá trocando, por você tá compartilhando.

Fala R..., você levantou a mão por quê... quer falar alguma coisa? Pode... levantou a mãozinha... Quer?

Participante 2: Ah! Só... ela deve ter apertado o botão errado....

Ela tocou errado [Risos]....

Participante 2: Oh! mãe, vem cá... olha só, vou te mostrar minha mãe... per aí...

A sua mãe?! [Sorriso] que [Participantes falando ao mesmo tempo/Inaudível]...

Participante 2: Vem aqui, vem aqui....

[Risos]...

[Participantes falando ao mesmo tempo/Inaudível]... mãe... obrigado...

Participante 2: Essa aqui é minha mãe... [Inaudível] professora... essa aqui é minha mãe [Participante 2 apresenta a sua mãe]....

Participante 3: Eu caí de novo...

[Mãe da participante 2]: Tudo bem?

Tudo bem com você? Prazer Roberta, mãe... que bom tá com... que bom tá conhecendo vocês... esse tempo todo... a gente tá aqui discutindo um pouco de... de negritude, de afro... de cultura afro, fazendo a coisa toda tá... obrigada pela... por vocês estarem de alguma forma autorizando, participando sempre tá...

[Mãe da participante 2]: Com certeza, sempre... muito obrigada, agradeço você...

E tudo a gente... [Risos]...

As produções elas são... elas são demais...

[Mãe da participante 2 / Participante 2]: [Risos]...

Elas... elas são assim... elas são um espetáculo, professores ficam assim todos [Gesto de orgulho]... e toda aí... a gente acaba, né... estimulando sempre as meninas a estarem... a estarem produzindo e a tarem pelo um caminho de... estarem conversando, falando coisas e... interessantes então [Gesto de positivo com os dedos]... obrigada tá?

Mãe da participante 2: Eu super apoio, muito obrigada.

A gente vai se falando [Risos]...

Mãe da participante 2: Prazer foi meu, espero a gente se ver um dia ao vivo [Risos]...

RB: Ah! com certeza [Risos]... com certeza... elas estão doidas pra voltar e eu também... de verdade... [Gesto de positivo com a cabeça].

Mãe da participante 2: E eu também, tá bom?...

Participante 2: Até amanhã [Risos]...

Mãe da participante 2: [Gesto de beijos]...

RB: Até... beijos [Gesto de beijos]... Obrigada mesmo, tchau...

Mãe da participante 2: Tchau...

Participante 2: Obrigada mãe [Sorriso]...

E aí? E agora quem vai? Como é que é... A minha E...ou a minha R...?

[Problema áudio original] Professora...

Fala minha R... fala então... Me conta um pouco de você e você fala o que... o que você achar interessante, tá? Você não é obrigada e coisa e nada...

Participante 3: Os meus pais se conheceram, a minha mãe tinha... 19, meu pai tinha 24 e... eles... eu acho que é 19 e 24, eu não sei direito, mas é assim... essa idade... eles casaram quando minha mãe tinha 24 e meu pai tinha 32... em 96, mas eu só nasci oito anos depois... eles já tinham casa, já tinham carro, tinha tudo aí eu nasci [Risos]...

Participante 3: Eu sou filha única, minha mãe é branca e... o meu pai é negro e... eu sofri... eu estudava numa escola... eu estudei em escola católica a minha vida inteira até ir pra FAETEC. Então eu sempre estudei em escola convencional, e... em escola particular e católica tem o que? Meninas brancas de cabelo liso que me fizeram... que fizeram “bullying” comigo anos e anos e anos e anos... porque... o meu cabelo nunca foi liso e eu nunca fui branca, né? [Risos]... acho que não dá pra ser... aí...eu... alisei o cabelo a vida inteira basicamente, até 2019... quando eu fui pro colégio público porque o que aconteceu... eu fiz o primeiro ano de novo... eu passei pra... pra FAETEC um ano depois. Aí eu fui pro colégio público, conheci umas pessoas muito importantes pra minha vida, eu fiz três amigos lá que... são muito meus amigos, eles foram as pessoas que mais me... me incentivaram a passar pela transição capilar... eu tenho uma prima mais velha que ela é minha irmã de criação... de tudo, da vida... que é minha melhor amiga... e mesmo que ela... eu tenha 18... eu vou fazer 18 e ela tenha 29, já tenha três filhos e seja casada e a nossa diferença seja total [Risos]... ela é... a minha irmã da vida. E... ela... ela também me incentivou muito a passar pela transição capilar, só que eu não tenho estrutura emocional nenhuma pra... passar pela transição capilar igual essas garotas passam e cortando os cabelos aos poucos... eu não tenho, eu sei que eu não tenho... aí eu usei trança, todo mundo me conheceu aqui na FAETEC eu usava trança, inclusive [Risos]. E... eu usei trança, aí em dezembro do ano passado eu tirei as tranças, fiz o último corte do cabelo, né?,

pra tirar as ultimas pontas lisas e hoje em dia eu vou com o meu cabelo natural e ele é lindo e maravilhoso [Risos]... é a coisa que eu mais amo no mundo.

Eu perdi a minha vó em 2018, minha vó por parte de mãe em 2018...ela morou... ela morava comigo e...eu... minha vó por parte de pai em 2016 que também morou... ela... as duas avós me criaram basicamente, elas foram muito importantes pra mim... eu... não tenho... não tenho palavras pra descrever o que eu sinto por elas e o que sentia. Eu sou de uma família que é espírita... a minha família é... da Umbanda, mas é... hoje em dia eu sou espírita kardecista e... acho que é só isso... eu não tenho irmão, eu sou filha única... acho que eu já falei isso... eu sou filha única [Risos] e... eu não sei se isso é bom ou se é ruim [Risos], mas... a vida dá... a vida dá pessoas pra gente e... é só isso só...

Gente é maravilhoso, eu só fico...

Participante 2: Oh! R.....

[Participantes falando ao mesmo tempo]....

Participante 2: Aquela... em relação a ser filha negra eu também sou [Risos/Gesto demonstrando a palma da mão]... e aquela “partezinha”, né? que “tipo”... eu também tenho uma prima minha que é muito grudada comigo, ela mora do lado da minha casa [Risos]... e “tipo” ela... ela morava longe, então ela sempre vinha aqui em casa e “tals”, passava as férias e não sei o que... e eu não tinha muitos amigos sabe, tinha poucos assim [Gesto cruzar os dedos] que eram mais meus primos... minhas primas que vinham aqui pra brincar porque... a gente é filha única, não... não tem muita gente que a gente convive sabe... só os primos mesmo... aí é uma “merda” porque você não pode brincar, fica brincando sozinho e eu sou mestre em ficar imaginando coisas [Risos]...

Participante 3: E aconteceu comigo...

Você mora aonde A....? Você mora em que bairro?

Participante 2: Moro em Piabetá, Magé...

Piabetá... R....., mora aonde?

Participante 3: Eu moro em Belford Roxo...

Belford Roxo... tá, eu conheço...

Participante 2: É Longe? [Risos]...

Participante 3: “Ô” A....., assim... o que acontece... as minhas primas são muito mais velhas do que eu, então assim... tem uma que tem 30 e eu tenho 18 [Risos]

Participante 2: [Risos]...

Participante 3: Ou então elas são muito mais novas.

Ah! Sim, mas faz parte...

Participante 3: Aí elas estão... elas estão fazendo 12 e eu tô fazendo 18...

Participante 2: É muito é...

Participante 3: É uma diferença muito grande...

Participante 2: Muito grande...

Participante 3: E “tipo”... essa minha prima... essa minha prima que eu falo que ela é muito, muito, muito minha amiga, muito, muito, eu conto tudo... tudo da minha vida pra ela, se eu tiver... se eu tiver que ir lá chorar é a pessoa que eu vou chorar no colo é...

Tem que ter... né? não [Sorriso]...

Participante 3: E... ela tem três filhos, e os três filhos dela são totalmente apaixonados por mim e eu [Risos]... e eu não sei como seria a minha vida sem eles...

Participante 2: [Risos]...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 2: “tipo”... eu tenho uma prima que praticamente da minha... da mesma idade assim... do caminhozinho... porque minha prima nasceu em fevereiro, eu nasci em setembro... de parte de mãe mesmo, que mora perto e “tals”... mas parte de pai, o meu pai tem nove... doze irmãos... então a família é grande... família é grande [Risos]... já a minha mãe só tem dois e é... fica mais bem próximo assim.

Participante 2: Depois que o meu avô morreu, a família assim... a família em relação ao meu pai se juntou muito, então parece que... a família cresceu muito, tem pessoal de Volta Redonda, tem o que... acho que foi em 2018, 19... a gente fez uma reunião de família que veio todo mundo, descobrimos que tinha mais uma irmã e a família [Risos] é muito grande. A minha bisá assim... a minha bisá que faleceu ela... “tipo” eu morei com ela por um determinado tempo assim mais ou menos, indo pra minha casa, indo pra casa dela e... porque minha mãe e meu pai trabalhavam e eu sempre fui pra casa da minha vó e meu avô... eu tinha meio assim era... eu era meio esquisitinha [Risos]... aí meu avô ia me buscar na escola de bicicleta e eu falava... meu avô ia sem blusa, né?, eu falava assim... eu falava... Mãe, fala pro meu avô colocar a blusa quando for me buscar na escola, e tadinho um calor desgraçado e ele foi me buscar de blusa e a gente foi... e aí... foi a minha infância praticamente toda assim... foi com os meus avós. Foi com a parte adulta assim... conviver com muitos adultos em volta, conversar muito com os meus familiares, os meus pais conversam muito comigo, “tipo” muito, muito, muito... e até... e até...

[Participantes falando ao mesmo tempo]....

Participante 2: Sim, desde pequena assim... eles sempre foi muito em cima, sou filha única... a gente é filha única sabe então... parece que os pais estão [Gesto com as mãos de proximidade] toda hora ali [Risos]...

[Risos]...

Participante 3: [Problema no áudio original] pra eles conversarem sabe [Risos]...

[Risos]...

Participante 2: [Risos]... “tipo” assim eu amo, eu amo... [Participantes falando ao mesmo tempo/Inaudível]

“Ô” Ester... “Ô” E... agora... agora me diz aí...

[Risos]...

Agora olha só... deixa... deixa eu ver... “Ô” E. , você consegue abrir a câmera um pouquinho só... só pra eu... só pra eu ver... Ahh!...

Participante 2: [Risos][Gesto de coração com as mãos]...

Olha só que bom [Gesto de coração com as mãos]...

Participante 2: Olha os cachos [Gesto mostrando os cabelos]...

Participante 3: Roberta, eu vou falar com os meus pais rapidinho, tá?...

Participante 2: Tá bom...

Como é que é?

Participante 3: Eu vou falar com os meus pais um minutinho, pode deixar a E... falar que eu já volto...

Participante 2: Tá... eu tô de [Inaudível] microfone porque “ô” rala muito [Risos]...

Ela vai tirar, ela vai tirar a câmera, é isso...

E..., agora eu queria te ouvir um pouco também, né?... Olha só se você deixar a galera aqui “ô”... a galera aqui fala tá [Risos] e tudo... e a... Olha só, me conta aí um pouco de você E..., me conta um pouco aí da sua história de como é que... como é que as coisas... me conta aí... deixa eu conhecer um pouco da E..

Participante 1: Então... é... perguntando assim você acaba que consegue definir toda a sua história em sei lá... alguns minutos, mas vai passando cada... cada coisa, cada “flash” lembrando de coisas e você fala... “Caramba”, “caramba”... quanta coisa “tipo”, a gente que é mais nova, eu tenho 16, né?, mas [Problema áudio original] que as meninas tenham... estejam nessa mesma faixa etária... e a gente ainda não viveu quase nada ainda, eu tenho dezesseis anos sabe... muitos anos pela frente, mas... “caramba”... quanta coisa a gente já viveu, a gente já passou, a gente já superou e todas essas coisas e... ajudaram a formar quem é a gente hoje e muita, muitas outras coisas que ainda estão pra acontecer, vão ajudar a formar o nosso “eu” futuro. Então “caramba”, como a vida é louca, né? Eu...

RB: Com certeza...

Participante 1: A única diferença...

RB: Qual [Inaudível/Problema áudio original] que você quer dar? O que que você quer... o que que você e... assim... gostaria de falar um pouco de você? E tudo assim... não precisa e...

não precisa, se você não quiser... não precisa ser a vida toda, se você quiser contar, mas assim, alguma coisa é que... pra quem por exemplo, quem não te conhece... pelo menos, né e... saiba um pouco de você... saiba...

Participante 1: [Inaudível] e... pras outras meninas... diferente das outras meninas eu não sou filha única, eu tenho uma benção de [Inaudível] aqui, que é seis anos mais velho que eu [Risos]... ele falando ali atrás... e... eu... o meu nascimento foi super sem planejamento, e é uma coisa que eu critico bastante hoje, né?, não se planejar pra ter filhos... minha... meu nascimento foi bastante sem planejamento e desde quando... minha família toda é cristã e desde quando eu nasci a... Deus nunca deixou faltar nada, mas também a gente... a gente já passou bastante aperto, né?... por ser uma gravidez não... não esperada, assim como meu irmão também e... já passamos por bastante coisa, situação financeira e tudo mais desde quando eu nasci... eu sai da creche e fui pra uma escola particular e... minha mãe selecionou muito bem essa escola, e todo mundo falava bem e tudo mais... mas nessa escola aprendi muito, aprendi muito... muitas coisas e... me ajudaram... muitas coisas boas me ajudaram, aprendi muitas coisas... e aconteceram muitas outras coisas ruins que me ajudaram também. Eu costumo tirar de tudo o melhor por que... “caramba” a gente só passa uma vez pela terra e porque não ser o melhor que você... a sua melhor versão? Sabe a cada... a cada... a cada situação ruim? Porque não se reinventar se... sabe... se potencializar a cada situação...

Participante 1: Então eu já... assim que eu entrei na escola... nessa escola eu... sofri por ser negra, sofri por ser cristã, eu... por incrível que pareça na infância não tive amigos, “tipo” zero... eu moro um lugar onde não tem crianças e as que tinham e... não queriam se relacionar comigo justamente por querer coisas diferentes e ter hábitos diferentes... e tão diferentes que não conseguíamos sabe... ter encontros sabe de Ah! somos diferentes, mas somos crianças, não... eram muito... eram dois mundos diferentes, a gente não conseguiu ter essa conexão. E aí elas... algumas crianças que eram pouquíssimas, levaram um outro caminho e eu fui pra um outro lado. Então eu acho que quando você escolhe ser diferente e... você meio que fica sozinho, uma hora ou outra você fica sozinho... e é isso que eu aprendi.

Participante 2: Tem prós e contras...

Participante 1: Prós e contras...

RB: Você mora em que bairro E...? E você mora aonde?

Participante 1: [Inaudível]... literalmente entre [Problema áudio original] fluminense e Belford Roxo... assim... pouquinho mais pra lá... Belford Roxo. E... é isso eu... por não ter amigos, entrei numa pré-depressão assim bem longa, né?... mas minha mãe sempre me ajudando, eu sempre indo pra igreja e aprendendo mais sobre o meu segmento religioso e... e superando, e superando e vivendo... e... com isso... essa solidão toda me estimulou muito a escrever... a

escrever o que eu sentia, a escrever o que eu pensava, sempre fui muito de querer opinar, querer falar, querer... sabe... e é muito ruim quando você pega uma pessoa tão assim e isola ela sabe... não dá... então eu comecei a escrever as minhas indignações e as minhas felicidades e... agora eu tenho algumas, algumas muitas poesias [Sorriso] algumas muitas indignações [Risos]...

[Risos]...

Participante 1: Alguns textos que eu perdi depois que a minha casa pegou fogo por conta de um... de uma... de um problema aqui no disjuntor... algumas muitas que eu perdi também ao longo da... da vida, né? que é muito papel pra... menina olha... é muito papel pra colocar em um quarto só... e aí não tinha [Inaudível], não tinha prateleira, começamos a colocar um monte de coisa, agora tá cheio de papel... parece mais uma secretaria escolar o meu quarto.. Só vendo pra ver o [Risos]...

RB: Produções... produções, né?... Meu Deus [Gesto de admiração]...

Papel tudo é... amarelo... sabe, de tempos. Então é isso... a E... e... eu estudei no Instituto Alba Luiza, não sei se alguém já ouviu falar... Instituto Alba Luiza. Eu sou a E... poetinha, timidazinha, princesinha da minha escola, da minha antiga escola... tenho uma relação muito boa com meus professores porque na época em que... as crianças me rejeitavam, né? e realmente isso foi uma realidade, “caramba” foi muito difícil pra mim na época, eu fazia... a gente fala assim agora, aí a gente vai falando... aí parece que tá... tá...foi assim... tranquilo, mas não foi, mas não foi... [Risos].

Então eu me apeguei mais aos meus professores eles... viraram meus amigos e eu acabei ficando fanática, né? por... porque me misturando com um monte de adulto então... acho que acaba... acaba... amadurecendo algumas partes minhas que não necessariamente precisavam ser amadurecidas naquele momento, mas que me ajudaram bastante e... hoje me dão um destaque diferencial porque já... já estão há muito tempo em mim e... é isso... na verdade não é isso, é muito mais, mas pra não tomar muito o tempo de vocês eu...

RB: A gente não [Problema Audi original]...

[Problema áudio original]...

Participante 1: [Problema áudio original]...

RB: É... é tão bom... porque... a gente não tem que dar conta de tudo, né?... não... nesse momento e tudo e... é tão legal ouvir de vocês, ouvir e... a trajetória e tudo. Eu tenho escrito também sabe Ester [Risos]... eu até te... acho que tinha te contado isso um pouco e tudo e... isso aconteceu depois a gente.... depois eu conto isso com mais detalhes, mas assim... e... é muito legal, muito legal ouvir a... a história de cada uma e... e assim... não se preocupa que a

gente não vai dar conta disso [Risos]... e o encontro e... e o coisa não... não é isso... não é essa... não é essa a intenção e assim... a gente realmente só estar é... conversando mesmo.

Meninas é assim... eu queria...

Participante 2: E.....

RB: Hã...

Participante 2: “tipo”... esse negócio de solidão sabe, se sentir sozinha... nessa fase do sexto ano que as minhas amigas foram pra um lado e foram por outro... e... e também a minha mãe sempre falou assim... A.... tem que ser fazer acessível as pessoas e “tal”... eu aprendi muito isso e... quando as minhas amigas foram pro tal lugar “tipo”... começaram a fazer coisas que eu não achava certo, então eu comecei a me afastar e essa é a... A.... certinha [Gesto com os dedos entre aspas], a A.... que não faz nada que não sei o que... isso me afastou muito “tipo”... aí... aí o pessoal foi se afastando de mim e eu fiquei um período assim muito sozinha sabe e... eu... eu também me apeguei aos professores porque... e... os professores... é os que tavam ali sabe me ajudando, os meus pais também e... o pessoal também de fora que são os meus primos, que são as pessoas que são mais grudadas comigo. Assim, mas esse tempo de sexto ano, sétimo ano foi assim... foi muito difícil porque...A...., os professores sempre falavam bem da A.... algumas pessoas têm um certo... meio que preconceito sabe [Gesto com os dois indicadores dobrados] da pessoa ser certinha sabe e não sei o que... Então me excluía muito, eu ficava meio isolada e “tals”, mas conforme a vida foi... foi sei lá, foi levando assim... a gente começa a entender e... ser diferente às vezes naquele momento pode ser ruim, mas isso forma o seu caráter, forma a... a pessoa que você é... e as vezes eu pensei que amadurecer antes do tempo também por... sempre pensar demais, eu tenho esse... não é que é problema, mas é uma coisa assim minha já, de pensar demais, de pensar lá na frente, fora que eu só meio ansiosa então... pensar lá na frente já tá no meu diário sabe... já... já é um costume meu de ficar pensando de... o que eu tenho que fazer, o que tenho que fazer lá na frente pra conseguir tal coisa, então eu sempre fui focada também nos meus estudos, nada assim me desfocou e... quando o pessoal assim... quando um dos meus amigos também estava estudando muito... quando o pessoal... Ah! A....., vamos fazer isso, vamos fazer aquilo... Ah! estou estudando, Ah! Estou estudando e... foi uma coisa assim que me fez afastar um pouco assim da minha vida social e... só que depois as coisas foram voltando ao normal assim... quando eu tava com tempo... tava os... os meus parentes entendiam e... teve uma vez que eu tava meio... muito chateada, comecei a me afastar muito dos meus familiares, a minha mãe me chamava pra algumas festas... Ah! festa de família em tal lugar A... que não sei o que, não sei o que lá, vamos... ou quando chegava lá ficava de cara fechada... então foi uma fase assim que eu me sentia muito sozinha e... só que a vida foi me moldando sabe... as coisas foram amadurecendo

e “tals”... e eu sei como é que é... quando eu tava muito chateada assim, eu comecei a escrever também coisas que... eu tava muito mal assim, quando eu tava muito mal comecei a escrever, escrever, escrever... eu falava assim... Oi A...é... sou eu de novo... eu começava a escrever no papel [Risos] assim... sou eu de novo... e tá acontecendo isso, isso e isso... eu não tô bem...

Participante 2: Foi assim... mas eu acho que isso me ajudou a sabe... às vezes ler livros me tirava de... é porque eu estou olhando os livros agora e eu fico me lembrando... livros... os meus livros assim que eu lia, romance ou algo do “tipo” me tirava um pouco do... do sei lá... do meu mundinho, do que tudo... do que tava acontecendo, que algumas coisas tava... parecia que tava desabando... só que depois eu fui ver que não era... tudo isso sabe... A... a vida vai passar, você vai ter outros amigos e... não precisa ficar chateada... Deus não quer que você... porque eu sou... eu sou... eu sou cristã, né?... eu... não sei se eu sou da igreja católica, não sei se sou da igreja evangélica, mas... é isso... eu pensava assim... Ah! é um propósito, sei lá... Deus tá te livrando A..... não precisa só focar nisso... vai focar, vai ler um livro, vai assistir um filme, vai conversar com alguém. E assim foi a vida sabe, foi levando e agora... eu consigo fazer mais a assepsia das pessoas que eu quero realmente que estejam do meu lado... e é isso, agora pode continuar [Risos]...

[Risos]...

RB: Meninas eu posso fazer uma proposta pra vocês?

Participante 3: “Ô” professora... “Ô” professora...

RB: Fala R...

Participante 3: Posso falar? Olha gente... eu não sei se é uma coisa que acontece só com gente... com meninas negras, mas assim... de verdade, aconteceu a mesma coisa, da mesma forma comigo e... até os meus amigos, só foram virar realmente meus amigos “tipo”... no nono ano sabe... de verdade, de verdade mesmo foram virar meus amigos mesmo no nono ano. E a gente... e mesmo assim... ainda teve que ir sabe [Gesto com as mãos de demora]... eu tive que amadurecer pra hoje poder conviver com eles e... eu me sinto... em 2019 eu passei pelo mesmo processo que a A..... passou, eu tava estudando muito então eu tava sempre estudando, então eu... frequentava festa e minha mãe falava assim... Ah! vamos? Mas eu falava... Não mãe, eu vou ficar em casa... Não que não sei o que, não... sempre me chamava pra sair e eu não podia porque eu tava estudando, por que eu tava fazendo alguma coisa porquê... tem hora que a gente tem que focar na gente, não adianta a gente focar nos outros sabe e... hoje eu vejo que foi a melhor coisa que eu fiz, focar em mim naquele momento sabe... e... é só isso mesmo [Sorriso]...

RB: Gente, vocês são... vocês são um show...

Posso fazer uma proposta pra vocês agora? É... eu queria que assim... com essa... com essa emoção que a gente tá agora e tudo... que vocês e... colocassem num papel um pouco... como é que foi esse encontro. Pode ser desenho? Isso [Gesto com as mãos fechadas de positivo]... Olha pode ter desenho, se você prefere o desenho... pode ser desenho... Se você prefere e... escrever que eu to vendo que a A.....ali já botou e coisa todo... pode ser escrever. Assim eu queria que vocês botassem... e é assim, é nesse... é nesse coisa aqui dessa emoção de que como é que a gente... tá produzindo e tudo. Eu queria que vocês colocassem e tudo assim... depois A..... se você... se der... não sei se vai e coisa, se dá pra gente pelo menos ler ou ver e tudo... porque quem quiser desenhar, vai desenhar, então a gente vai só ver... quem quiser escrever e tudo se puder dar uma... uma lida...

Participante 2: “Profi”... essa emoção assim das histórias das meninas também sabe, eu vejo que... Não é que Ah! eu não sou... eu não sou a única sabe, que passei por vários alguns processos assim da vida, de momento tá solitária ou de momento de você realmente não poder se focar em si mesmo. Tem algumas pessoas que acham até egoísta, mas não é, na minha opinião não é ser egoísta sabe... e você ter o seu tempo pra você, você focar no que no... no... realmente quer na sua vida sabe, porque as pessoas vai, vão... assim você tem que... se aquela pessoa te marcou, você lembra com ela de um carinho, se a pessoa num... “tipo” assim te fez mal ou algo do “tipo”... é a vida, vão ter... vão passar por várias pessoas e a vida cobra sabe. Acho que o mundo... é... o mundo dá voltas sabe [Gesto com os dedos]... A vida é... é um constante... são vários ciclos, fases, problemas, coisas boas, momentos sabe... a vida é feita de momentos, eu acredito que a vida é feita de momentos... e o que te marca é você lembrar daquilo ali com carinho... sabe... é você lembrar o... ou alguma coisa que te marcou por alguma tristeza sabe...

Participante 2: E essa... e essa empolgação, essas emoções que quando você começa voltar no passado dá... meio que “Replay” sabe... de você começar a pensar... E agora que tá tudo a flor da pele, saber coisas, conversar, algum... coisa... eu acho que é um dos melhores assuntos é você falar sobre a sua vida assim, você é um... eu acho que um dos melhores assuntos é você falar de si mesmo sabe... e você ouvir, coisas assim de pessoas que você não tava tão... tendo contato e meio que conhecer um pouco da história, você entende mais a pessoa, você olha com ela com um pouco... diferente sabe... você... Ah! eu conheço tal fulano... Eu já ouvi a história de tal fulano sabe... mas não foi qualquer um que falou foi... a pessoa mesmo que contou. Eu acho isso muito... muito maneiro, muito bom...

RB: E eu acho a ideia... eu acho que a ideia um pouco desses momentos é isso, né?... é você ser... reconstruir um pouco a história e aí assim... a gente vai... vai construindo novas

histórias, né?, vai construindo novas coisas... eu acho que é... é demais... muito... meninas e assim... e... só gratidão mesmo porque... tá muito, muito legal.

Você quer ler R....? Quer ler alguma coisa que você escreveu? Ou não? Não... não que ler? Tá bom... Não tá te ouvindo, tá fechado...

Participante 3: Eu sou... eu sou meio... meio hiperativa, eu fico muito tempo parada, aí eu fico fazendo várias coisas, tanto que você já viu quantas vezes eu já cai, já levantei, já voltei porque se eu ficar muito tempo parada vai me irritando, a minha cabeça começa... começa a pintar, a desenhar, a fazer alguma coisa.

RB: Tá, tá... [Sorriso]...

Mas “ó” posso então... E...? Quer ler alguma...Quer ler alguma coisa? O que você produziu de hoje e tudo ou não quer o coisa... Ou prefere só mandar?

Participante 3: Ahh! era pra tá produzindo... gente tô ouvindo [Problema áudio original] pra produzir no final da reunião...

Participante 2: Eu também ia produzir só no final, só comecei assim o que tava na emoção, eu peguei e...

RB: Pode, Pode... [Gesto mãos para o alto]...

Participante 2: E assim que eu vou começar o meu texto [Risos]...

Participante 3: Não eu achei... eu pensei que a gente fosse começar... que a gente fosse...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 3: Enviar e ler na próxima...

Participante 2: É eu também pensei nisso...

RB: Não, façam agora então... Você quer produzir agora...

Participante 2: Ah! É pra agora [Sorriso]...

RB: Então pode...

Participante 2: Pode...

RB: Pode com certeza...

Participante 3: Professora...

RB: O que você... o que você... olha só... o que você achar...

Participante 3: Eu não consigo produzir agora não...

RB: Hã?...

Participante 2: [Risos]...

RB: Não entendi...

Participante 3: Mesmo que eu queira eu não consigo produzir assim agora não...

RB: [Risos] Você não sabe o que você quer escrever... o que você quer dizer não [Risos]...

Você quer mais tempo é isso?

Participante 3: Não... eu preciso de tempo...

RB: Tá bom, mas olha só... eu preciso de alguma narrativa sua que você me conte... como é que foi esse momento, tá? Eu preciso...

Participante 3: Tá, eu vou te mandar hoje... mas hoje eu mando...

RB: Ahh! [Sorriso]...

Participante 3: Pode ser?

RB: De... de... isso tá gravado tá... isso é promessa, dívida tá dessa... dessa menina [Risos]...

Te mandar hoje mais tarde, pode ser?

RB: Pode sim, eu sei que você é uma menina...

Ou tem que ser agora?...

RB: Não, não precisa ser agora não... é que se for por exemplo, quem produzir agora e quiser ler, eu vou dar essa liberdade tá... quem por exemplo, se você quiser fazer um **desenho e que esse desenho fosse a representação, ok... se E.... também quiser pra outro momento**, também [Gesto de afirmação com a cabeça]... Tá? Mais coisa... A..... tá lá produzindo eu vou... eu deixar e coisa e tudo... Gente isso é muito bom [Sorriso]...

Meninas então... enquanto por exemplo, eu sei que a A... tá escrevendo e tudo... Olha assim, eu vou... eu vou só... eu não tô terminando, eu só vou explicar um pouco o que vai acontecer no outro encontro, tá?

[Problema áudio original]... E... a cultura... aí eu vou tá... claro... correlacionando com questões de... da cultura afro brasileira e tudo... Eu vou mandar pra vocês um...

É um curta metragem, ele tem...

Participante 3: O próximo encontro vai ser na quinta?

RB: Sim, era isso que eu queria confirmar com vocês primeiro, se quinta-feira pra vocês tá bom... né? Quinta-feira pra você tá bom E....?

Participante 3: É por que quinta-feira agora... quinta-feira agora eu acho que eu não vou poder...

RB: Por quê? O que houve?

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 3: Não, é por que eu vou sair...

Entendi, mas você vai sair... você vai sair nesse horário é isso? Você quer que a gente tente mudar? Conciliar pra você...

Participante 3: É...

É mais aí assim...

Participante 3: Não...então... é porque é assim...

Participante 2: Dá pra mim de manhã... de manhã na quinta-feira dá... não, não... eu tenho aula de manhã.

[Gesto com a cabeça negativo] De manhã eu tô trabalhando...

Participante 2: É eu também tenho aula de química de manhã...

Não tem como...

[Problema áudio original] Al...

Participante 3: Então o que acontece... na quinta eu vou pro curso e aí vou sair... e depois do curso eu vou sair, entendeu?...

Entendi você vai... sair direto do curso pra... [Problema áudio original]...

Participante 3: O que eu vou fazer... eu te dou a resposta, hoje é que dia? Terça... até amanhã, até amanhã... no máximo duas horas...

Sabe por que A.... sim “ô... “ô”... R..... , porque eu preciso, por exemplo, agendar com as meninas, porque por exemplo, já posto [Inaudível] o restante, mas aí você me avisa direitinho ou a gente tenta e... pra gente ver por exemplo, meninas no sábado pra vocês... A..... me falou que ela tem curso acho a tarde, né A.....?

Participante 2: Tô... o curso nem vai dá pra ir pro curso... que sábado tem competição pra mim, de jiu-jitsu aí... aí eu vou passar praticamente a tarde toda, até o pessoal [Inaudível]... Mas é... no sábado eu tenho competição, tá ouvindo? Tenho competição, tenho luta pra mim.... Acho que tá aberto [Gesto microfone] dá pra ouvir Rosana?

Participante 3: Dá, dá sim...

Participante 1: No sábado...

Participante 2: No sábado eu vou ter competição...

Entendi... Olha só...

Participante 2: Não vai dar nem pro curso...

Ester pra você na quinta-feira e... se a R..... puder, você pode também? Quinta-feira pra você tá certo? Ou não... tem problema? Não...

Participante 1: Quinta tá “show” pra mim...

Participante 2: Né que [Inaudível] também...

Amanhã você tem treino né A...?

Participante 2: Amanhã eu vou ter treino...

Isso...

No meu treino “tipo”, eu tenho o tempo da hora que eu chego em casa que é seis horas até sete horas... assim... no meu tempo assim, eu tenho uma horinha pra ficar conversando e tal, pra gente... nos encontros...

Vamos deixar ver aqui por que... vamos tentar porque senão... e...

Rosana... depois você me confirma realmente se você vai sair...

Participante 3: Tá, mas amanhã... amanhã dá pra mim...

A gente vai ter que...

Participante 3: Amanhã de seis às sete dá pra mim... se puder...

Fala R...., fala R...

Participante 3: Amanhã de seis às sete dá pra mim...

Tá, tá bom... Ester você quer... você então [Problema áudio original] / [Ruídos]...

Participante 2: Esqueci de desligar [Risos]...

Participante 1: “Profí” é porque o áudio da A.... fez barulho...eu não consegui ouvir...

Gente eu acho que... peraí só um minuto, eu acho que o meu... Você tá me ouvindo bem?

Você tá me ouvindo bem A....?

Participante 1: Tô te ouvindo bem...

Tá Ester... Eu não tô te ouvindo direito... fala de novo...

[Problema áudio original]...

Tá... aí você me envia depois, é isso?

Participante 1: Então e... o que a senhora perguntou mesmo? Eu não consegui ouvir o que você falou...

Tá... minha A....., minha A..... vamos só aguardar um pouquinho que eu quero... eu quero ouvir então você depois A..... e coisa... isso se você quiser, isso se você quiser...tá...

E R.....

Participante 3: Oi...

Tô aguardando tá a sua resposta, tá bom?

Participante 3: Tá

Meninas ou não, tá...

Participante 3: “Ô”... “ô” Roberta deixa... deixa eu perguntar uma coisa... o tempo de duração da reunião é até... oito e meia?

[Ruídos]...

Pode falar A.... “ô”... o R.....

Participante 3: O tempo de duração da reunião é até oito e meia?

É o tempo vai assim é... o tempo que nós vamos terminando, né?, e tudo assim... por exemplo, hoje se estivessem todas as meninas a gente ia acabar se estendendo mais, né?...

Porque cada um ia ter o seu momento de falar, né? e tudo mais... E assim, é mais ou menos isso, uma hora, uma hora e meia, uma hora, uma hora e meia, mas é mais ou menos isso. Por que você quer saber quanto tempo dura mais ou menos... é isso?

Participante 3: Não, é por que mais ou menos a hora que minha mãe chega em casa...

Entendi, a sua mãe tá chegando agora é isso? Oito e meia...

Participante 3: A minha mãe já chegou, minha mãe chegou já...

Ah! Que bom... e tudo e isso...

Olha só... então... vamos deixar é... deixar... Ah! Ela tá aí? [Sorriso]...

Participante 3: É... ela tá doida pra abrir a porta...

Vamos deixar é... E..., não esquece de mandar então E.... a autorização direitinho tá bom... e tudo não... não esquece isso não... vou... A.... falou que depois ia falar com os pais dela e aí a gente deixa isso certinho, tá e tudo... Uhu!... Olhas as emoções [Risos]... vai ser muito bom. Depois eu vou ver com as meninas é... como é que... a M.....e a AM....., né? Se... elas vão participar, como é que vai... direitinho, né?...

Participante 3: Uhum!...

Mas, olha hoje foi muito legal, hoje foi muito, muito... muito bom de... a conversa com vocês e toda... vamos ver só depois que eu ouvir a A..... Eu depois assim, eu também vou fazer é... vou produzir, né? e... a narrativa de hoje vou tá... eu também... eu também faço de alguma forma e... isso.

Vocês podem anotar o que quiserem...

[Problema áudio original]...

Eu tava falando o que eu ia fazer, né gente, eu vou mandar pra vocês é... é um curta metragem tá... ele tem... ele é curtinho, ele tem acho que uns quinze minutos e coisa... ele não é muito longo não, tá... Mas pra vocês... se vocês puderem ver com antecedência, no momento que vocês e... que vocês puderem, que vocês estiverem e... condição. E aí no próximo encontro, nós vamos discutir um pouco essa questão da... as questões que são levantadas lá no curta tá bom..., mas eu vou mandar pelo “WhatsApp” pra vocês tá... pra que vocês possam tá vendo. Uhu!

Fala minha A....

Participante 2: “Profí”, tá bem resumidinho, tá [Risos]...

Olha só, tudo que você quiser... vocês quiserem conduzir depois e me mandar, assim...

Mas tem que... eu só tô dando a oportunidade porque você quis... quis produzir...

[Problema áudio original]...

Participante 2: Não tô ouvindo...

Se você puder botar no caderno e me mandar por foto e tudo pra facilitar não tem problema... se puder botar, digitar e mandar também e coisa pelo e-mail, também pode... eu só quero que vocês... seja fácil pra vocês... mas que eu vou precisar disso...

Participante 2: Se você quiser eu... depois eu passo pelo... eu te mando por e-mail...

Tá, mas lê pra mim...

Participante 2: Eu... Primeiro encontro, eu coloquei assim... primeiro encontro... meio que título, né?... aí botei assim... O encontro foi muito bom, falamos sobre nossas vidas, foi incrível. Conheci pessoas novas e escutar as histórias de cada uma delas mesmo sabendo que é um resuminho é maravilhoso, e comparar as situações e ver que não é só você que passa por algumas coisas. Interagir com meninas que são parecidas com você e... falar sobre negritude é maravilhoso [Risos]... e é isso [Risos]...

Participante 2: Sabe eu ainda não escrevi aqui, mas falar sobre... “tipo” você falar com as meninas que são da mesma cor de pele, não ter nenhum padrão, é muito bom sabe... é muito bom porque normalmente você a... a sociedade sempre impõe a gente a falar sobre mulheres de cabelo liso, branquinha ou de olho claro. E falar sobre é... sobre cabelo, sobre... sobre você amar seu cabelo agora que... antigamente, praticamente era tabu... realmente você sofre preconceito por ter o cabelo cacheado, encaracolado ou crespo e... é meio complicado... e você... entrar em um... meio que um grupo... e conversar sobre você... você mesma é muito bom, muito bom assim... pessoas que são realmente parecidas com você.

Obrigada... Meninas olha assim... obrigada por esse primeiro momento... foi muito, muito...[Problema áudio original]...

Participante 3: Eu concordo com tudo que a Allani disse professora... eu acho que foi muito bom... e que pra mim assim é muito bom, muito bom você saber e... conversar com gente que você...

Participante 2: “Profí” não dá pra te ouvir... continua Rosana...

Participante 3: É diferente de você...

[Problemas áudio original/Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 3: Que é igual a você...

Participante 2: Tá muito longe...

Participante 3: Em características físicas, que tem histórias muito parecidas...

Participante 2: Sim R.....

Participante 3: E que a gente vê que isso não é uma história recorrente, que você não tá sozinha...

É porque vocês estão “baixos” agora pra mim [Gesto microfone volume baixo]... pra mim também, não tavam... mas vocês agora o som... de vocês tá baixo aqui pra mim...

Participante 2: “Profí”... Vê se você consegue escutar sem o fone consegue... “tipo”... ou bota o fone, tira o fone...

[Ruídos]....

Participante 2: Melhorou?... Consegue ouvir a gente? E agora?

Vocês me escutam melhor agora?

Participante 2: Sim...

Participante 3: Sim...

Você... tá me ouvindo melhor [Gesto positivo com a cabeça]... agora tô ouvindo melhor, ai que bom. Escutem falar pra vocês...

Participante 2: A R..... tava falando aqui que tava concordando e “tal”... tenta falar de novo um pouquinho ou... a professora começa de novo... que a gente não conseguiu... eu não consegui te escutar...

Não, eu... eu...

Participante 3: [Inaudível] professora...

Eu tô agradecendo... né que... assim, o quanto é importante essas questões de escuta, de... de falar, né? Eu acho que são nesses momentos que a gente, nessa trocas é que são importantes, então assim... obrigada por esse primeiro momento, nós vamos então pro e... pra quinta, né? provavelmente... vamos ver como é que vai ficar, tá bom e... qualquer dúvida e tudo... esse material e tudo, vocês depois gente... só pra vocês saberem, vocês vão ter retorno de tudo que... de tudo que foi feito na pesquisa, tá... de todo o material e coisa... vocês vão ser... e eu acho que a Ester não estava... mas... a proposta é que é... a pesquisa... de alguma forma eu vou ter os meus dados aqui, eu vou, mas o que a gente tem pensado em algumas coisas pra trazer pra escola depois e algumas outras... outras ações que são bastante legais também, tá bom...

Participante 3: Tá bom...

Participante 2: R... fala aí de novo que eu não ouvi [Risos]...

Participante 3: Ah! Eu? Professora eu tava falando que eu concordo muito com a Allani que é... nesse sentido de que você vê pessoas e que você não se sente sozinha porque são pessoas iguais a você, tem histórias muito parecidas com você, e você fala essas histórias, e você expõe as coisas que você sente em relação a essas histórias, e é muito legal isso.

O momento é esse gente... é pra nós... vocês... nós vamos utilizar o espaço como forma de ... realmente de conversa, de expansão mesmo...

Tá legal... Um beijo [Gesto de beijos]... Obrigada, se vocês tiverem contato com as outras meninas, a agente vai... nós vamos nos falando, tá bom...

Participante 2: Gente eu posso pedir um negócio, pra todo mundo dar um sorrisinho pra mim “printar”...

Você quer foto? Você quer fotos [Sorrisos]...

Participante 2: Sim...

Eu não consigo “printar”... R....., vê se você consegue acertar a...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Isso, borá lá... gente olha a cara da criança...

Participante 2: [Risos]...

Ah! Que coisa meiga R.....[Sorriso]...

Participante 3: Quem é que vai tirar a foto?

Participante 2: Já tirei, nossa... nossa o sorriso... Ah! Foi lindo, foi lindo...

E ela tá... ela vai colocar lá no grupo...

Participante 2: Agora o biquinho, o biquinho... peraí tô com vergonha [Risos]...

De novo [Risos] [Gesto de beijos]...

Participante 2: Peraí vai...

[Risos]

Beijos meninas...

Participante 2: Muito bom, muito bom... Eu vou mandar no grupo agora...

Participante 3: Tchau...

Participante 2: Foi muito bom [Gesto de beijos]...

Eu estou aguardando a escrita de vocês hein...

Participante 2: Tá...

Rosana você vai mandar hoje hein... [Sorriso]...

Participante 2: Beijo...

Beijo....

TRANSCRIÇÃO

RODA DE CONVERSA ON-LINE

DATA: 20/06/2021

Marcação Negrito: Roberta Renoir

Participante 1: E

Participante 2: A.

Participante 3: R.

Deixa eu ver se a E.. entra... né? eu vou começar e coisa... mas deixa eu ver se ela entra que ai a gente já... E.... E....tudo bem? agora... vê se você consegue é... Você me ouve bem? Hein E..... Você me ouve bem, agora?

Participante 2: Eu acho que... sim... E..... chega um pouco mais pra... você tá de fone? Você chega um pouco mais perto desse negocinho aqui [Gesto demonstrando o microfone] se você quiser... porque não sei se é a internet ou se é o fone...

Eu acho que... eu acho que é a internet dela porque da outra vez foi um pouco isso também... mas deixa ela entrar de novo, independente de como ficar a gente... a gente...

Oh E...

Participante 2: **É bom a [Participantes falando ao mesmo tempo/Inaudível] pra internet....**

Tenta, tenta... liga a câmera só pra gente ver como é que você tá assim... em termos de fone e coisa e tudo, só pra ver... se depois você não conseguir você fecha direitinho... Ester?...

Participante 2: **Será que ela tá ouvindo a gente?**

Alô... **Você tá conseguindo ouvir flor?**

Participante 1: **[Inaudível/Problema áudio original]...**

Tá, tá... vamos tentar assim...

Participante 2: **Acho que se ligar a câmera vai demorar um pouco mais....**

É...

Participante 2: **Vai começar a falhar mais...**

É... Olha só, não precisa ligar a câmera não, mas a minha pergunta é só o seguinte...

Você conseguiu ver o curta não conseguiu? Hein Ester... Você conseguiu ver o curta?

Participante 2: **O filmezinho...**

É... o filme...

Participante 2: **Ah! Ela pode falar pelo *chat* também**

Oi... Ah! você vai falar pelo *chat*, pode falar, pode falar Ester... pode falar pelo *chat*, tem problema não...

Participante 2: **Ela conseguiu...**

Ah! e... ela viu o vídeo... Meninas então eu vou fazer o seguinte, eu vou explicar pra vocês um pouco, já que vocês conseguiram é... ver... pode e... assim... explicar o motivo desse e aí a gente vai começar e... nós vamos falar um pouco do... do vídeo.

Primeiro assim... agradecer vocês porque eu sei que, né... independente né... domingo é um dia assim... que eu sei que é dedicado mais a família... a tudo que vocês fazem por exemplo, de também... de questão religiosa, de outros... às vezes de se... descansar pra poder... de treino [Risos], de tudo...

Participante 2: **E... treino durante a semana [Sorriso]....**

Durante a semana [Risos] e tudo... mas eu sei que assim, a princípio seria e... é um momento que vocês disseram que teriam... peço desculpas até a E.....

, porque eu tentei ligar E....., não era nem pra... era só porque eu assim... eu só queria ter um retorno no sentido de... de que se poderiam ou não né... porque como tem as

outras meninas, mas assim e... primeiro agradecer muito, né? e tudo... que vocês tão de alguma forma participando e tudo...

Rosana se você precisar é... abrir o microfone, pode abrir o microfone tá...

Participante 3: Tá, tá bom [Ruídos ao fundo]...

Participante 3: Tá bom...

Eu acho que é legal ouvir a voz também e tudo, mas... Meninas olha só, vocês viram que eu passei um curta metragem... um curta metragem pra vocês e... Qual é o objetivo desse curta metragem? Ele é... ele é um... todo... tudo que eu tô discutindo com você... discutindo com vocês agora, ele vai ser algo relacionado com cultura, relacionado com é... produções, com questões que estão ligadas a... a cultura afro-brasileira.

E aí esse... esse e... curta, ele é produzido... eu não sei se vocês checaram por exemplo, na hora de ver a introdução, vocês verem... ele é produzido por uma é... por uma autora, por uma e... pessoa, que ela é... ela é... da baixada fluminense, ela é uma cineasta tá... de Nova Iguaçu e... esse filme... depois eu vou até mandar... hoje... hoje e... chegou pra mim uma reportagem, porque esse filme ele já é... já ganhou esse curta, já ganhou várias é... prêmios e tudo... depois eu vou [.....]... ele recebeu e... um... tá num festival e tudo...

Participante 2: No começo do filme aparece vários negócios que eles receberam e “tal”...

Isso, e assim... eles continuam porque vocês viram que esse filme ele é... ele não é de agora né, ele tem já um tempinho, mas realmente é isso. E aí a minha ideia era o seguinte... era se vocês não tivessem conseguido, eu ia tentar passar o... “O que é bela” pra vocês... mas eu acho que vale mais a pena e como vocês tão num tempo né que.. e... por exemplo, Ester tá com um pouquinho...

Participante 2: “Profí”...

Sim mas... oi, fala meu amor, pode falar...

Participante 2: Se você quiser também tem como eu colocar aqui tá, compartilhar a tela e “tals”...

Tem?

Participante 2: Tem...

Ah! É... tá legal...

Participante 2: Tipo se acaso você quiser partes do filme...

O que... o que vocês acham? Ah! Tá, era isso que eu queria ver...

Se você puder então o... A..., partir... nós vamos fazer o seguinte... O que vocês acham de nós darmos uma olhada rapidinha nele novamente no filme? E aí assim... depois nós já entramos direto na discussão, de qual foi a parte que vocês mais gostaram, o que vocês acharam mais interessante, e na verdade porque... que vocês acharam mais importante

tá... Ah! Deixa eu aprender aqui com a minha, deixa eu aprender aqui com a minha coordenação digital aqui e tudo... porque eu já ia compartilhar, mas eu tô gravando a reunião também... vamos lá ver se vai... Ah! Garota... depois você vê se vai tá chegando pra você direitinho tá E..... tá R.....

Participante 3: Repete por favor Roberta, eu não entendi...

Depois é porque a A...tá compartilhando até o filme... aí depois vocês sinalizam se tá chegando pra vocês direitinho tá...

Participante 3: Tá...ela vai compartilhar o filme, a gente vai ver o filme?

Participante 2: Eu tô tentando compartilhar aqui, só que...

Ela tá tentando compartilhar... se a gente conseguir...

Participante 3: E a gente... a gente vai ver o filme?

Pode ver um pouquinho, porque você tá com dificuldade?

Participante 3: É por que tipo assim... tá muito... eu tô num lugar muito barulhento, realmente pra mim assim... em termos de ver, de prestar atenção...

Não, não tem problema... mas você já viu o filme, então de alguma forma... mas só pra... não tem problema não...

Participante 2: Vocês tão vendo a tela... do meu celular?

Estamos...

Participante 3: Tá bom...

Fica tranquila tá E....., porque por exemplo, se por acaso você por exemplo, você não conseguir ficar prestando muita atenção ou tudo... mas você já viu o filme de alguma forma...

Participante 3: Tá, tá bom...

Isso é mais pra gente [.....] depois ...Tá bom amor, no filme...

Participante 3: Tá, tá bom...

Não tem problema...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Tá, tá aparecendo...

Participante 2: Tá aparecendo?

Participante 3: Tá aparecendo...

Tá...

Participante 2: Pode soltar?

Mas...

Participante 2: Você pode abrir o áudio do filme por enquanto “profí”...

Tá legal...

Participante 2: Aí manda eu pausar... se eu vira de lado fica bom também?

Tá, agora tá bom, tá bom...

Participante 2: Aqui...as premiação [Gesto demonstração início do vídeo]...

Isso... pode ir, pode ir...

Pode começar, quero ver como que tá o áudio, se vai entrar o áudio direitinho...

É isso mesmo... pode passar, isso... tá indo...

[Silêncio/Participantes assistem ao curta]...

Participante 2: “Profi” tá conseguindo ver direitinho? O áudio está bom?

Participante 3: Só o áudio que tá meio... tá baixo, mas ver dá pra ver direitinho...

Participante 2: Vou aumentar o som...

Agora tá... agora melhorou um pouco o som...

Participante 2: Agora melhorou? Melhorou?

O som sim...pode passar, pode...

Participante 2: Tá...

Agora sim...

[Participantes assistem ao curta]...

Percebam um pouco os detalhes gente de cada parte do curta... do significado de muitas coisas, porque depois a gente vai... depois nós vamos discutir um pouco...

Olha só...

A... vai por favor adiantando só um pouquinho devagarzinho, por gentileza...

Participante 2: Oi? pode repetir...

Faz uma gentileza pra mim, vai antecipando um pouquinho, andando pra mim, fazendo o favor... por que como vocês viram então assim... isso, vai...

Participante 2: Na hora pode colocar na parte do espelho? Que a menina fala do espelho...

Pode, pode sim [Risos]...

Acho que tá bom já...

É aí oh... depois que termina essa parte...

Aí terminou a música, pode... deixa tocar um pouco... deixa tocar... isso... A...

Percebam que... Olha detalhes da... iluminação, de coisa e todo...

Pode seguir mais um pouquinho A..., por favor... isso... aí, pode...

Participante 2: Essa parte é muito [Problema áudio original/Inaudível]....

[Risos]...

Deixa aí, deixa aí...

Participante 2: Nossa...

**Pras meninas lembrarem... [Vídeo mulher negra esfrega os cabelos em uma panela]...
Observem bem isso meninas...
Olha a postura...
Pode seguir um pouquinho A.....[Inaudível/Ruídos]...
Participante 2: Oi “profi”...
Pode seguir só um pouquinho, isso... pode ir, um pouquinho...
Para aí... para ai agora um pouquinho...
[Inaudível] A mensagem....
Participante 2: “Para todas as mulheres negras do mundo”...
Isso, agora vai entrar a... deixa rolar a parte da música um pouco... Vê se pra todo mundo tá aparecendo a música direito...
Participante 2: Oi “profi”...
Pra ver se tá conseguindo todo mundo ouvir a música...
Participante 2: Meninas, estão conseguindo?
Estão conseguindo ouvir meninas? Porque eu tô vendo que tá tocando a música, mas...
deixa seguir, deixa seguir A....
Participante 2: Tá...
Eu não sei se as...
Participante 3: Pelo menos eu tô só vendo, não tô conseguindo ouvir a música...
É eu também... a música... tá legal... vê se vai a música A...
Participante 2: E agora?
É eu acho que...
Participante 2: Conseguem ouvir?
Eu vejo a imagem e tudo, mas a música em si eu não coisa... é porque eu sei o que é, eu sei o que tem na música, né? mas [.....]... E por isso que...
Participante 2: E agora?
Não, a música não... eu tô vendo as imagens... mas não tem “grilo” não, a gente depois...
Participante 2: E agora?
Participante 2: Peraí que eu vou colocar no fone, ver se consigo melhor...
Tá...
Participante 2: E aí? Agora consegue?
A imagem tá aparecendo, apareceu direitinho...
Participante 2: O áudio?
A música, o áudio em si não... É porque a música aí [Inaudível]...
Participante 2: Só um minutinho...**

Participante 2: Que eu vou desligar o áudio...

Aham...

Se não conseguir... nós vamos começar... nós começamos A... com a discussão... e aí depois... se a gente precisar nós voltamos e coisa e todo... Mas é que essa é uma parte realmente bastante legal, né?...

Pra mim não foi não A..... não tem problema não A... olha só, pra mim não foi não... Você tá me ouvindo?

Participante 3: Tô, tô ouvindo sim...

Participante 2: Agora tô ouvindo...

Quem é que tá ouvindo? A R... Conseguindo ouvir R.?

Participante 3: O filme? O filme não tava conseguindo ouvir não... mas é porque eu tava muito perto de barulho...

Tudo bem, não tem problema não... vamos... A..., obrigada, obrigada... porque você...

Participante 2: Não... de boa, era pra eu tentado fazer no computador também só que...

Não, não tem “grilo”...

Participante 2: Não tem problema não?

O que a gente... olha só... pode, pode...o que acontece... Aquela parte da música é interessante, mas assim... eles viram de alguma forma também, mas...

Meninas... e aí agora sim, A.....começa porque... olha só, você entrou em contato comigo e você tava dizendo várias coisas que [Ruídos] você tinha gostado do filme... que você tinha...

[Participantes falando ao mesmo tempo]

Participante 2: Sim eu achei muito interessante...

Qual foi o ponto principal que você achou mais assim...

Participante 2: Chamou muito minha atenção...

Que te chamou mais atenção... E o que você... E porque te chamou atenção, diz aí pra mim...

Participante 2: Pra mim uma... as partes que tipo assim... Deu uma “chocada” assim em mim, foi na hora que a menina lavou o cabelo... pegou o cabelo, lavou a panela... e aquilo ali e... como muitas pessoas dizem assim... Os racistas pegam e falam... Ah! Cabelo de bombril ou algo do tipo, isso me... me chamou muita a atenção e quando a menina passou... ela se pintou todinha de branco, aí depois foi tirando a... meio que reverteu... aí então foi tirando toda tinta branca que tava no corpo dela e... eu vi uma... aquela parte do... da menina pintada de branco que uma vez... Eu falava quando era pequena... vocês sabem a minha história, né?... aquele pedaço da minha história de infância que... eu não queria ser preta e... eu falava... e

meu pai falou... falava que eu queria ser branca e meu pai falou... uma vez falou assim... Ah! Pega uma tinta branca e se pinta... aí me lembrou, essa frase me lembrou da imagem... e a menina tirando e isso... assim... muitas pessoas pretas que sabem realmente o preconceito, e eu vejo que realmente queriam ser brancas pra não ter que sofrer por causa disso...

Essa é uma cena muito forte, né?...

[Participantes falando ao mesmo tempo] Deu aquele impacto sabe...

E essa é uma produção que não tem muita... muita fala, né? isso já é bastante... já é bastante diferente...

Participante 2: É... é mais o visual, ouvindo a música ou as coisas que... igual no espelho, a menina do espelho que... do espelho atrás da porta, ela não gostava... não sei se no sentido dela de não querer se olhar e... também da outra menina, também que tava fazendo o cabelo, e ela falou assim... Sempre quando eu olho o espelho eu dou um sorriso... parece que é uma foto... constante.

Participante 2: E eu sou uma pessoa assim que... hoje em dia eu consigo olhar no espelho... e que eu tô olhando pro meu lá... e consigo sorrir pra mim e me achar bonita, antigamente eu não achava isso...

Achava que não era bonita...

Participante 2: É...

E você Ester? Como é que... R.....?

Participante 3: Eu posso falar?

Pode, vocês podem... a gente dialogar, A... tá levantando alguns pontos e que assim, superinteressantes e que vocês podem tá...

Ester você vai falar...

Participante 3: A parte que mais me marcou...

Hum...

Participante 3: Do vídeo foi... também aquela da menina se pintando de branco e depois tirando...e também aquela parte bem do comezinho que o... que a mãe dela tá passando relaxante no cabelo dela, foi uma parte que assim... que tipo... eu passei por um processo de... de meu cabelo cair quando eu era mais nova, meu cabelo caiu por uma progressiva que eu passei por que eu não aceitava meu cabelo, então... aí tipo me marcou muito... me marcou muito...

Participante 3: E também a parte que a A... falou da panela, de bombril... Ah! E aquela parte do que as mulheres começam... fazem um... Ah! Um turbante pra ela...

Participante 3: Porque eu acho... igual a E... acabou de falar, né?... que o cabelo é a sua identidade, ainda mais pras mulheres negras... e... mais quem disse isso foi a Ester...

Participante 2: Concordo, concordo, concordo...

[Risos/Gesto batendo palmas]...

É uma... é bastante interessante porque é... o curta ele abre com essa questão mesmo do cabelo, né?, da produção, vocês viram que é... uma cabeça né e passando e tudo... e é muito do que vocês estão falando e... por exemplo, cabelo é uma questão de identidade mesmo, né E.... como você tá falando...

Participante 2: A minha mãe falava que o cabelo é o rosto de tudo, o cabelo se você olhar, a primeira coisa que você vai ver é o rosto... é o cabelo assim... o cabelo que forma o rosto... modela e... antigamente eu não gostava muito de tratar do meu cabelo sabe, teve episódios que... quando a minha tava em casa, minha mãe sempre arrumava muito bem o meu cabelo e “tal”, botava de “xuquinha”, que não sei o que... e eu ia pra escola, e eu conseguia me achar bonitinha sabe, mas quando meu pai, meu pai... ele ia trabalhar de manhã e tinha dia que minha mãe não tava em casa, então ele penteava meu cabelo... e meu pai não sabia pentear o meu cabelo [Risos]... teve uma vez, amarrou... não tinha aquela “xuxinha” de... toda enroladinha... ele amarrou aqui [Gesto demonstrando a testa], não conseguimos tirar de jeito nenhum, teve que cortar o meu cabelo aqui na frente, tanto que eu tenho até hoje esse “fiapinho” aqui [Gesto mostrando o cabelo].... E ele acabou cortando... e ele quando arrumava meu cabelo ficava horrível, eu era... pé de um, pé de outro da meia lh!... aí quando chegava na escola, eu ficava chateada e a professora arrumava o meu cabelo... a gente ia pra uma salinha e ela ajeitava o meu cabelo... aí depois minha mãe foi chamada na escola pra falar... Porque a Allani um dia tava com o cabelo todo arrumado e no outro dia não tá, que não sei o que... isso me deu uma marcada sabe porque... eu... até hoje é assim... eu só me sinto bem se o meu cabelo tiver bom, se o meu cabelo tiver arrumado, cacheado, cheio, assim... e é isso, vai continua...

É super interessante que é... é... a E.....tá falando de transição, né?... e um pouco isso que eu ia dizer por exemplo, eu fui criança de creche também e... minha mãe sempre [Problema áudio original]... sempre o cabelo muito bem arrumado, muito ajeitadinho e tudo... tanto que os professores não... quando... elas... não eram pra mexer no meu cabelo porque não tinha... e depois como toda a minha geração, eu passei pelo processo de alisamento, de e coisa...

Vocês veem ali no filme que aquela questão, por exemplo, da tinta... ela não só uma questão, né?... da questão do... ali tem uma questão do “Embranquecimento” em várias instâncias vamos dizer assim... né... tem “Embranquecimento” no sentido... que eles começam com o cabelo, que é pra deixar mais liso e tudo... quando fala ali a questão da pele por exemplo, pelo menos pra mim... não é que todo mundo tenha que ver igual, mas

por exemplo, tem a questão da miscigenação, né? que são as nossas famílias um pouco misturadas e coisa e tudo... que essa... é um processo de “Embranquecimento” mesmo e tudo... E no processo de identidade, como eu tava dizendo a E..., que cabelo é isso e tudo... hoje você ter o cabelo que né... que é encaracolado, que é... que tem e coisa... é uma questão um pouco de reconhecimento mesmo, né?... né E,,,,,, pelo que você tá falando... é uma questão de você se dizer, olha... Como a A... disse, eu sou bonita, eu me gosto assim, e eu assim... eu posso ter muita coisa assim... mas é exatamente, exatamente isso...

Participante 2: Eu ainda passo química no meu cabelo, tipo...

Ah! É...

Participante 2: Eu passo “Beleza Natural”, só que eu só relaxo o meu cabelo, mas ele ainda continua cacheado, ele continua... porque se eu ficar sem química, ele enche muito, ele enche muito... e como a minha raiz vai ficar diferente, ainda não consigo fazer a transição, mas eu gosto do meu cabelo assim, independente que ele... realmente coloco química... quando eu era mais nova eu... tipo uns dez anos, passei química no meu cabelo e... eu passava relaxamento e aqui na frente começou a cair o meu cabelo [Gesto demonstração], aqui na frente começou a cair e... eu parei de fazer, eu parei total de química... aí depois de um tempo, a minha mãe me levou no “Beleza Natural” pra “mim” fazer um outro relaxamento com menos agressividade, assim com o cabelo. E o meu cabelo se deu bem, tipo eu faço “Beleza Natural”... ele se deu bem com o cabelo e... agora ele é assim né [Gesto demonstrando os cabelos]... aí eu tô pra fazer de novo... mas ele... eu gosto do meu cabelo assim, do jeito que ele é assim....

Eu adoro...

E você R.....? Como é que assim... lá no filme, tem algumas palavras um pouco fortes e tudo, o pessoal levantou...

[....]...

Participante 3: Sim, sim... umas palavras né que marcam a gente é... o meu cabelo sempre foi muito motivo de eu... de eu ficar muito triste ou muito, muito feliz [Risos] e...

É mesmo? [Risos]...

Participante 3: Sim, por exemplo, quando eu era mais nova eu... assim... uns dez, onze anos eu nunca aceitei ele muito bem, eu só fui começar a aceitar o meu cabelo em 2000... 2019 né... aí eu...

Foi mesmo?

Participante 3: Foi... foi quando realmente eu decidi passar pela transição, e eu tive muito apoio... aí passei pela transição e... hoje em dia eu estou querendo fazer química no meu cabelo porque eu não aguento mais porque ele está me irritando e...

[Risos]...

Hoje em dia eu quero fazer relaxamento nele pra ver no que dar... e aí...

Mas como é por exemplo, a questão do cabelo pra vocês e de alguma coisa.... ele por exemplo, ele é uma questão de identidade mesmo, ele é uma questão... como é que... por que assim... independente de você ter cabelo é.... cabelo liso, cabelo cacheado, por exemplo, a A.....acabou de dizer que por exemplo, ela usa química, mas ela gosta mais dele cacheado, eu por exemplo, eu... larguei toda a química, ele tá totalmente natural e tudo.... mas isso... independente... tem pessoas que vão gostar do seu cabelo, e não são negras e são mais... e querem, querem... o cabelo liso, então... como é que... como é que é isso...

Participante 2: Não, meu cabelo não é liso... não, eu não faço progressiva, eu faço relaxamento...

Então... é... exatamente...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 2: [Participantes falando ao mesmo tempo] Mais baixinho, mas o casco continua entendeu...

Ahã... então se... independente de cada coisa, cada um se gosta, se coisa que né... do jeito que...

É uma questão de identidade pra você também R.....? Pra você também E....?

Participante 3: Pra mim é uma questão de identidade, o meu cabelo faz... faz muita diferença na minha vida... ele mudou algumas formas de eu ver algumas coisas e.... é literalmente, exatamente isso, sobre liberdade... liberdade de não ter... não ter umas coisa que eu aprendi assim que... que pra mim foi literalmente libertadora é... entrar na água da praia sem preocupação de tipo se... Ah! Se não... Ah! Minha progressiva vai sair...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Pode falar...

Participante 3: Nossa, com certeza assim... eu tô falando de praia, mas assim, praia, piscina, cachoeira, o que for... se eu passar um xampu e condicionador meu cabelo no outro dia tá lindo... finalizando... meu cabelo no outro dia tá lindo, pronto, acabou...

[Sorriso]...

Sabe isso pra mim foi a maior sensação de liberdade que eu tive na minha vida...

Lindo [Risos]...

Participante 2: Sabe...

Pode falar...

Participante 2: Esse negócio de cabelo, a minha mãe nunca deixou, nunca, nunca deixou passar “prancha” no meu cabelo. Quando eu era mais novinha, a minha prima tinha o cabelo liso e “tal”, que não sei o que... e ela passou “prancha” no meu cabelo... e a minha mãe surtou, minha mãe ela surtou [Risos]... ela falava assim... “O que você fez no cabelo da minha filha!?”... [Risos]... e eu me achei linda porquê... só que ela não pegou da raiz entendeu, ela só pegou as pontas praticamente... e eu me achei linda, não queria lavar o cabelo...

[Risos]...

Participante 2: E a minha mãe me contando isso... eu não queria tomar banho [Risos], não vou tomar banho, vai estragar o meu cabelo... e tava horrível [Risos]... e outra... quando a gente... eu tenho a mania de... eu botar “coquinho” ou botar tipo assim... deixar solto aqui atrás e botar um “coquinho”... ou fazer “xuquinha” sabe... a minha mãe não gosta muito que eu faça isso no meu cabelo... minha gosta mais dele solto, parte pro lado... só que... eu gosto quando eu consigo fazer vários penteados com o meu cabelo, a liberdade de você conseguir pentear do jeito que você quer, de você sentir bem com o cabelo que você tem, sabe... eu acho que o maior... a coisa que... fica ruim sabe quando você começa a pensar na opinião dos outros também. Antes tipo... em 2019, eu fazia vários penteados e... mesmo que qualquer um brigasse ou falasse alguma coisa do meu cabelo eu me sentia bem, até os elogios sabe... eu já sabia, eu gostava do meu cabelo assim... e depois da pandemia, me mudei um pouco sabe... quando a minha mãe sei lá, ou os meus pais falavam alguma coisa... Ah! A....., você tá esquisita, que não sei o que.... eu acabei mudando o meu cabelo, deixando ele mais preso e “tals”... e isso me fez um pouco mal... e agora eu tô colocando meu cabelo de novo do jeito mesmo que eu quero, sabe... de fazer vários penteados, de fazer o que eu quero com o meu cabelo sabe... não alisar, mas penteados que eu acho interessante, sabe... que eu acho estilosos...

[Ruídos]....

Participante 2: Sim...

Diz aí R....., que você tá com a mão levantada... E....., pode abrir o microfone se você precisar também, tá...

Participante 3: A minha... o que aconteceu... quando eu era pequena, eu andava muito de cabelo preso... bem pequena mesmo... andava muito de cabelo preso... aí minha mãe olhou... minha mãe uma vez... eu falei.... Mãe eu quero ir... eu quero ir de cabelo solto, só que na época não tinha creme direito pra cabelo cacheado... até quando eu nasci... só tinha “Kolene” e “Neutrox” [Risos].... é....

Participante 2: Verdade, verdade... aquele creme amarelo que tem um negocinho...

Participante 3: Isso... e não segura, e não segura... e não adianta, esse creme não segura... no meu cabelo não segura...

Participante 3: Eu fui... aí eu fui de cabelo solto... o meu cabelo ficou desse tamanho, eu me vi no espelho, olhei pra minha mãe e comecei a chorar e falei assim... Mamãe prende o meu cabelo por favor... e eu chorava de soluçar que a minha mãe fala... foi a pior experiência da minha vida, a minha mãe fala que foi uma das piores experiências da vida dela, e que... por isso que ela foi fazer relaxamento no meu cabelo no “Beleza Natural”... aí eu fiz até uma certa idade, depois parei... depois passei progressiva, aí o meu cabelo caiu... ai passei uma progressiva direito... aí meu cabelo ficou liso até... até quando... ai eu acho que agora eu vou voltar a fazer relaxamento nele, que ele tá me irritando.

[Risos]...

Participante 2: Como a E..... tinha falado aqui nos comentários, ela até comentou assim... “Se você alisa o seu cabelo, desde que não seja por uma pressão coletiva”... tipo... acho que... as pessoas negras, de cabelos cacheados assim... crespo, sabe... sofre muito com essa pressão, sabe... Ah! Seu cabelo não fica bom... Eu gosto dele mais liso, eu gosto dele quando fica preso ou algo do tipo sabe...

Participante 2: As pessoas às vezes não tem a... não tem noção do que fala e do que pode machucar... isso é meio que um racismo... aí esqueci... sendo que... com palavras “boazinhas” sabe... isso estrutural...

É porque ele e... o estrutural ele não precisa ser agressivo... o estrutural ele aparece dentro do que é... de situações cotidianas e que muita gente...

Participante 3: O Roberta, o Roberta...

OI... eu...

Participante 3: O Roberta eu vou... eu vou ter que sair tá? Que já... já tão aqui e... já vai dar três horas tá bom?

Tá bom então... depois então eu só passo pra você, porque eu vou fazer um pedido pra reunião que vem tá... oh R...

Participante 3: Não, pode falar... fala... que aí eu faço... você vai querer uma narrativa de hoje?

É exatamente isso...

Participante 2: Ah! Falando nisso, você recebeu meu e-mail?

Recebi...

Participante 3: Você recebeu a narrativa que eu te mandei Roberta...

Recebi, recebi sim...

Olha só... eu vou permanecer até com as meninas um pouco pra elas terminarem, mas o que acontece... são duas coisas, então já que você vai sair pra... pro próximo encontro...

O primeiro é que realmente eu preciso da narrativa e a forma que você mandou A..., é bem legal... se vocês puderem, assim... a gente vai padronizar isso tá... nós vamos padronizar em que sentido... mandando pelo *word*, pelo que você puder e assim... pode mandar pelo e-mail e tudo, mas por exemplo, A... fez numa página de *word* e coisa e tudo... então você ali, você escreve tá... você escreve basicamente do de hoje... o que foi que te impressionou e como é que foi essa discussão aqui... ponto principal então de hoje... e dentro...

Participante 3: Entendi...

Dentro da narrativa e vocês dizerem, primeiro o que impressionou vocês em termo... impressionou não e... o que chamou mais a atenção, vamos dizer assim da... do curta... e assim... como é que você se sentiu falando um pouco, por exemplo, tem coisas... A... falou de coisas da infância...

[Problema áudio original/Ruídos]...

Das coisas que a mãe fazia... então isso tudo pode entrar na narrativa...

Participante 3: Entendi...

E o outro ponto principal que vai começar o nosso próximo encontro... Eu vou pedir para que vocês escrevam...

Participante 3: Vai ser na terça o nosso próximo encontro?

É... isso...

Participante 3: Tá...

Pelo menos... eu vou ver aqui com a E..., vou ver com a A... e tudo, mas eu... assim a gente... tinha dito eu na terça tava bom... mas eu vou conferir aqui com a E...e com a coisa, mas assim... R... escreva também... isso aí... pra gente começar o encontro que vem é tudo... O que a dança representa pra você? Se você, se você e... já dançou...

Participante 3: A dança?

Isso, e aí...

Participante 3: Tá...

Vai me contar no próximo encontro em relação...

Participante 2: Não, tá falando da dança do filme ou a dança, dança normal?

Não... a próxima... e a dança na tua vida...

Participante 3: Ah! Sim...

Eu contar a dança... o que a dança pra mim, de uma forma bem interessante porque por exemplo, é diferente mas assim... a gente vai começar o próximo encontro com a narrativa de vocês, vai ser um processo todo... de vocês contarem um pouco isso pra mim...

Participante 3: Entendi...

[Problema áudio original/Ruídos] Isso agora [Risos]...

Qualquer dúvida... você me manda essa narrativa de hoje até amanhã mais ou menos, por favor...tá bom, pra não deixar passar muito tempo e tudo... porque tem que ser [Problema áudio original/Ruídos]...

[Problema áudio original/Ruídos] Pode ser?

Participante 3: Pode ser, tudo bem...

Tá bom então, obrigada tá R.....

Participante 3: Tchau...

Tá bom então, obrigada por você ter...

Participante 2: Tchau Rosana...

Participante 3: Tá, tchau... beijos, beijinhos viu... fiquem bem...

Você também minha filha, obrigada sempre...

E E... Ah! tá... E....., você tá conseguindo me ouvir direitinho... Ahã... tá...

Então assim, só pra gente voltar um pouco pro centro... a gente já tá terminando... basicamente... falando... mas assim... A.....muito bom o que você... puxou vários pontos e coisa e tudo... e assim... curta, ele de uma forma... porque ele ganhou tantos prêmios, né?... ele ali... ele tem essa discussão que você levantou por exemplo, da questão do racismo estrutural por que por exemplo, quando ela lava o cabelo na panela e é feito como bombril, a gente olha como... né... é uma imagem tão forte pra gente, você mencionou assim... doeu muito, foi impactante... porque nós já ouvimos muito isso na nossa vida, né?... nós já passamos por muito.

Então assim... ele levanta várias questões quando por exemplo, aquela parte do “turbante” e tudo...

Participante 2: Ela meio que tá escondendo o seu próprio cabelo...

É... olha que interessante... porque... olha que legal quando a gente entra nesses debates porque... olha um outro ponto que muita gente... eu não sabia e eu fui saber... turbante na África significa ancestralidade, mas ancestralidade no sentido de ... alteza... quanto mais...

Participante 2: Contanto que tem... a menina canta da... do trono, ela fala do... que tem uma cadeira atrás dá pra ver que é meio que um trono que as meninas sentam sabe...

É isso... é rainha... quanto mais, dependendo do tipo de... então olha o que vai entrar... numa discussão política que nós temos hoje por exemplo... Se mulheres brancas podem usar turbante ou não... existe uma discussão dentro do grupo por exemplo...

Participante 2: Sim...

Do movimento negro, que isso é uma questão de identidade e tudo... se pode ou não pode e tudo...

Participante 2: É, mas também tem na religião sabe, que como algumas pessoas brancas... muitas pessoas brancas entram em várias outras religiões que são africanas, culturas africanas... e... que vão debater sobre esse assunto por elas serem brancas e... ela colocou muito bem dizendo que é uma cultura africana, né?...

É... mas o que acontece... dentro da religião, dentro da religião é pra... e assim... a religião pede pra usar o turbante...

Participante 2: Sim...

Mas por exemplo, a discussão que... leva a isso tudo... é uma discussão por exemplo, fora por exemplo... Eu já tive gente e... amiga... isso no grupo muito de amigos mesmo... uma amiga branca, uma amiga que é mais clara e tudo... Ah! Roberta, eu queria usar o turbante... aí uma outra que assim... que tava... Óh! ... o movimento negro se ver você dizendo que e...

Participante 2: Vai colocar o turbante [Risos]...

Pra ela, pra ela, ele não vai e tudo... aí eu entrei... eu entrei muito com uma fala que eu... você no início tava falando... Independe o... assim, ela usar o turbante, não significa que ela queira se apoderar da... da minha identidade...

Participante 2: Eu também acho...

E... e... é cultura...

Participante 2: Sabe...

Pode falar A...

Participante 2: É cultura, eu acho que se você... igual a comida... a comida tipo feijoada... ontem eu tava sentada em um ponto de ônibus junto com uns amigos, e aí a gente ia pegar o ônibus que eu tava indo embora do campeonato. E tinha uma mulher negra, era um negócio do governo e “tal”... era uma mulher negra com... com meio que um prato estendido assim, de feijoada... e eu fiquei olhando aquilo ali... Porque colocaram a feijoada sabe?... e a menina tava de... não tava de turbante, tava que tipo uma... não sei se é uma bandana, eu não sei direito... porque a menina... a mulher... é tipo isso... só que a mulher não tinha cabelo, e ela era uma mulher negra meio que oferecendo uma feijoada... eu fiquei prestando atenção... porque... colocar uma feijoada, uma mulher negra, mas só que... tudo referente... eu tava

olhando daquela forma por que... há muito tempo... as pessoas negras comiam feijoada porque era o que davam pra gente sabe... os engenhos e “tals”...

[Problema áudio original]...

Participante 2: E eu fiquei prestando atenção naquilo ali... e acho que a cultura é... acho que é pra todos sabe, a gente sabe muito bem que a África sabe... [Inaudível] da cultura negra... é... tem vários outros, e tipo a indiana... se eu quisesse entrar em uma cultura indiana ou algo do tipo, eu poderia entrar sabe... porque a cultura é público... sabe, mas eu sei muito bem que aquela cultura é indiana... não quer dizer que eu tô querendo quero pegar aquilo ali pra mim... igual... igual o pessoal fala que... Ah! Tipo que o branco não pode botar trança... porque é a cultura negra...

Africana...

Participante 2: Africana... eu... eu tipo... eu até acho legal sabe porque a gente tá compartilhando o conhecimento... a gente tá compartilhando a nossa cultura, o nosso... sabe, os nossos valores né [Gesto com dedos entre aspas]. Eu até entendo que muitas pessoas “batam de frente” por que de acordo... assim com a história, quando vieram os negros e os índios pra cá... ô [Gesto negação com a cabeça]... vieram os europeus pra cá e trouxeram os negros, os índios já tavam aqui... houve um genocídio, houve uma mestiçagem, houve... sabe a... teve também um “branqueamento” sabe... e isso me deixa um pouco mais chateada porquê... não deveria, não deveria porquê... meu Deus... vários povos indígenas que morreram, que não podem é... mostrar pras gerações futuras o que já aconteceu... porque não tinha e... não era escrito, era passado de pai pra filho entendeu... pai “entre aspas”, né?...

Eu acho assim é... E..., você quer pontuar alguma coisa em relação a essa fala da A.....?

Você quer... quer pontuar algo? E.....

Participante 2: Deixa eu ver se ela escreveu alguma coisa... não...

Não, ela não quer não... Você pode e... se precisar abrir o microfone, a hora que quiser tá Ester... e tudo pra gente... poder pontuar o seu coisa também tá...

É... A... é interessante e... nós vamos entrar então muito e... o filme ele traz essa discussão toda de ancestralidade, de respeito e... e pouco a... a questão de cor, de questão de identidade, de... de questão de respeito um pouco, né?... quando por exemplo, e no final ele tem por exemplo, aquela música, aquele ritmo todo e...na verdade é uma forma de dizer o seguinte... Olha existe um povo, ele tem toda uma cultura que foi e... sendo de alguma forma... construída, né?... que é específica, nós temos coisas que são específicas, nossas...

A questão do “embranqueamento” que você tava falando, ela aconteceu aqui no Brasil, de forma muito... muito forte que por exemplo, em outros locais, né?... por exemplo,

Estados Unidos... ela aconteceu de uma forma diferente, se você vai pros países um pouco mais da... da América do Sul, aconteceram de formas diferentes também e tudo...

Mas aqui no Brasil também foi de uma... uma forma muito agressiva...

É... foi uma forma mais e... isso aconteceu de uma forma muito mais rápida vamos dizer, e aí assim... tanto que por exemplo quando nós ouvimos...

Participante 2: “Profí”... fala agressiva porque... os europeus, os brancos... realmente queriam que a gente e... igual a religião católica...

[Inaudível/Problema áudio original]....

Participante 2: Sim...

[Inaudível/Problema áudio original]....

Participante 2: A gente não... igual.. os africanos não podiam mais fazer os seus cultos e... fora que eles faziam isso escondidos sabe... Contando que eles usam branco porque... tipo eu sou católica... usar branco porque... foi uma mestiçagem sabe, da própria religião porque quem usava branco eram os católicos, mas como os africanos não podiam é... fazer os seus cultos assim pra... pra religião deles, eles tinham que fazer isso, sabe... pra poder...

Que tinham era um pouco... é sim, é sim... o branco na verdade eles... eles depois ele expõe a cor... vamos dizer assim da... da entidade e do coisa todo... por exemplo, das religiões de matriz africana, ele expõe a cor conforme, né?... vai no coisa, vai no turbante...

Participante 2: Sim, vai em alguma roupa...

É que é realmente uma mistura muito grande... então assim, foi muito interessante vocês pegarem pontos como a questão do cabelo, que é uma questão de identidade... a questão do “branqueamento”, né?... é uma questão de... importante... que aconteceu aqui e que e... de alguma forma, né?... nós ainda porque por exemplo, esse racismo estrutural ele só acontece e... a Ester “caiu”... ele só acontece por conta disso, e a questão mesmo de... de... nós entendermos que por exemplo, nós temos uma ancestralidade, temos uma outra coisa que... que de alguma forma é isso, né?... essa questão de... de respeito, de valorização por que por exemplo, você pode como é... não vamos dizer assim, fazer parte... eu não sou por exemplo, tem pessoas que... qual o grande trabalho acho que hoje do momento? É você entender que você... que você e...

Participante 2: Você tem que abrir o som E....

Abre o som E....., você quer falar?

Participante 2: Acho que ela quer falar...

Pode falar E....., pode falar...

Participante 1: Vocês estão me ouvindo direitinho?

Participante 2: Sim, sim, sim...

Participante 1: Não era só pra ver mesmo, porque naquela hora vocês... no início vocês não tavam conseguindo me ouvir, aí eu falei... Meu Deus, vou ter que escrever... mas agora tá “show” né? Tá beleza, vocês [Problema áudio original] me ouvindo?

Participante 2: Você quer falar alguma coisa Ester?

Quer falar alguma coisa, pode falar E... porque assim... muito legal... muito legal... [Problema áudio original]...

Participante 1: [Problema áudio original]... Mas vocês tão me ouvindo [Problema áudio original]... vou terminar de ouvir vocês, se eu tiver alguma coisa pra acrescentar eu falo no final, tá bom?

Tá bom, a gente já tá praticamente terminando.... mesmo e tudo porque eu acho que assim... então de forma geral, vocês gostaram de ver o filme A.....? Você gostou do curta? Hein... A....., você gostou...

Participante 2: Do que?...

Você gostou do filme? De forma geral gostou?

Participante 2: Sim, eu achei o filme um pouco pesado, mas...

[Risos]...

Participante 2: Não pesado assim... e... choca sabe... choca na hora que você tá assistindo assim... o filme que... meio que... dá uma marcada sabe... que você dá vontade de falar assim... Hein... gente olha esse filme aqui pelo amor de Deus [Risos]... e porque...

Pode falar, pode falar...

Participante 2: Porque o filme sabe... é meio que um tapa na cara sabe... que tipo assim... Olha tá acontecendo, não é só com você tá... tá acontecendo isso com muitas mulheres, muitas, muitas, muitas...

Participante 2: Teve uma vez, eu vi uns dados.... uns dados falando sobre salário também sabe...do homem branco, da mulher branca, do homem negro e da mulher negra e... sabe, por que a gente sofre tanto sabe... não só por preconceito mas por desigualdade, por racismo estrutural, por coisas que as pessoas falam assim mesmo que não seja na maldade sabe, mas a gente sente... as pessoas falam, e acho que isso... tem que ser visto sabe com mais frequência, estamos vendo com mais frequência? estamos, mas tem que ser muito mais porque... tem como acabar? Não sei, mas tem que ser falado independente sabe... de sobretudo...

Pode falar E,,,,,, porque eu vou depois fechar um coisa... com você A,,,,,, Pode falar E,,,,, você está com a mão levantada...

Participante 1: Eu... eu gostei do curta...

Certo...

Participante 1: Não entendi algumas partes como é... não consegui decifrar... uma moça com uma sacola, uma sacola não, né?... acho que uma sacola de...de papel na cabeça... algumas partes em fiquei um pouco em dúvida sabe... se por acaso...

E o que você... mas olha só, aqui a gente não tem certo ou errado...

Participante 2: É meio que um conteúdo abstrato sabe, pra você desvendar...

O que.. mas assim... O que ficou dessa parte pra você é legal, na tua narrativa põe isso Ester... mas olha só.. O que ficou pra você dessa cena? O que você acha que é?

Participante 1: [Problema áudio original]... carne mais barata do mercado, é a carne “negra”... eu... eu [Problema áudio original]...

Participante 2: Ester, pode falar um pouquinho perto do microfone? Não tô conseguindo ouvir...

Participante 1: Vocês tão me ouvindo?

Eu tô te ouvindo, mas tava meio que cortando...

Participante 2: Parece que tava longe

Ela tá falando que... parece mercado... a “carne negra” entendeu?... E..., muito interessante a conexão que você fez, porque por exemplo, é como eu te disse... não tem certo ou errado, são reflexões... A... tá levantando que é isso, é um tapa na cara em termos de... de reflexão, por exemplo, pra mim... me levou muito pro lado de... de violência... de violência no sentido de violência pra mulher, mas assim... você levou e... o mercado, a carne e coisa... é violência, mas você foi bem específica, né? no sentido de... de uma música, olha só... você já se remeteu a uma música, uma fala... isso é muito, muito interessante E..... muito bom mesmo...

Participante 2: Eu acho que tem vários pontos de vista sabe... igual...

Isso...

Participante 2: Você... eu... eu na minha... você quer esconder a sua própria identidade, na hora que ela bota... na hora que a menina tá com a bolsa na cabeça sabe... é de você...

Olha que legal...

Participante 2: É de você esconder a sua negritude...

Ai gente, ai gente... gente não deixa de escrever isso, pelo amor de Deus, que assim... vocês tão... vocês tão e... é exatamente isso que... a... é o objetivo do filme, do curta ou... na verdade, das discussões que nós estamos tendo... são levantar pontos de... de reflexões e de debates, de coisas que tão por aí... por exemplo, você viu uma coisa né que... que não deixa de se entrelaçar com o que a E... disse, mas que assim... é diferente, é um olhar, uma análise diferente... muito legal, muito legal mesmo A..... E.... e tudo... Não deixem de colocar isso quando vocês escreverem e vão sabe... vão levantando essas

pequenas coisas que foram surgindo, que foram tudo... que vocês foram lembrando... que te remeteu a uma situação por exemplo, uma situação, né?... de infância e tudo... ponham isso na narrativa de vocês por que isso precisa ficar registrado, entendeu...

Fala Ester, você queria falar? Você levantou a mão de novo não, né?...

Participante 1: [Problema áudio original]...

Participante 2: Oi?...

Desculpa, pode falar...

Participante 1: Não, não levantei a mão não, tô aqui [Inaudível]...

Ah! tá... tá legal, tá legal...

Meninas eu acho assim... eu vou de novo, eu acho que a gente conseguiu fechar um ciclo de debate bem... bem produtivo em relação ao curta. Podem divulgar por exemplo, sabe... mostrar para outras pessoas e tudo...

Participante 2: Eu achei muito interessante, muito...

É... e assim... porque cada vez que você vê, você vai ver de uma forma diferente... eu pelo menos sou assim... Quando eu volto pra fazer uma leitura de um livro, né? eu li o livro por exemplo, de Conceição Evaristo... “Olhos d’água”... em momentos, né?... e... anteriores... quando eu voltei pra reler “Olhos d’água” de Conceição... assim, já fui vendo outras coisas... isso é normal e tudo... e é o bom.

Então assim... se vocês tiverem que ver novamente, vão perceber outras coisas é... e assim... e agradecer por esse momento, foi assim... como eu já disse vocês são muito...

Participante 2: Fora que... se você olhar assim o... o cenário atrás é sempre um lugar... meio que decadente sabe, igual a menina no chão, na sacola... o local... a menina com a bolsa de lixo, bagunçando assim no meio do nada... parece que ela tá sozinha dentro de um saco de lixo... eu... eu... aquela cena ali, dá pra você ter uma visão que a pessoa tá sucumbindo sabe, tá... Ah! esqueci o nome... tipo não tá sem ar sabe, tentando sair da bolsa de lixo...

Tá sufocando...

Participante 2: Ahã... tá sufocando dentro da bolsa de lixo... ou ela tá tentando... ela tá tentando sair dali, mas ela não tá sendo vista, porque não tem ninguém ali perto... essa... essa cena demonstra sabe...

Olha como é que você já tá levando... adorei e coisa e tudo... e assim, olha como que você já tá remetendo a coisas mais e... mais filosóficas, mais coisa... maravilha, maravilha...

Participante 2: Gosto da filosofia [Risos]...

[Gesto de bater palmas]...

Olha você tá...

Participante 2: Não, tô brincando, mas eu acho...

Você vai ter que usar filosofia em vários locais, mesmo que você... mesmo que você seja a nossa militar lá, fazendo [Inaudível/[Participantes falando ao mesmo tempo]... tu vai ter que usar a filosofia pra lidar com aquele bando... pra aquele teu batalhão todo lá [Risos]...

Participante 2: Isso aí [Risos]... Vamos lá galerinha [Risos]... sabe, mas é muito bom...

Muito bom... Olha só, deixa eu falar com vocês, ficou claro E.... e A... pra vocês qual é a proposta do próximo encontro? Então a...

Participante 2: Dança, né?

É...

Participante 2: E pra fazer o resumo desse encontro, dessa narrativa e colocar vários pontos do filme...

Isso, o do filme é a narrativa de hoje, né?... de como é que... de como é que foi...por exemplo, dessas reflexões que vocês estão levantando agora, isso é de hoje... ok, isso vocês estão fazendo em cima do que vocês viram, refletiram e debateram hoje... ok.

Pro próximo encontro que, a princípio... se Deus quiser vai ser terça-feira, naquele horário que nós marcamos na outra, que é seis e meia... que eu acho que deu pra todo mundo, qual é o objetivo? O objetivo é que vocês já tragam escrito... e aí é escrito mesmo, tá gente... não é só na cabeça não... por favor, tá...

Participante 2: Mais “profi”... esse negócio da dança... e como é que funciona.. é tipo eu vou escrever o que [Risos]...

Você vai escrever o que é dança pra você... se você já teve alguma experiência de dança... eu vou... falar um pouco... por exemplo, dança pra mim... tem uma concepção bem coisa... bem diferente porque, eu acabei... eu vou só resumir... eu acabei fazendo dança portuguesa... aí eu conto depois a história mais profundamente pra vocês quando... quando tivermos no encontro...ok!... minha mãe acabou que me levou pra coisa, que era uma forma de integração, “blá, blá, blá”... então é um pouco isso, eu quero que vocês falem um pouco se vocês já viveram... tem gente que vai dizer assim... Olha, eu não fiz nada de dança e tudo... mas eu quero que por favor...

Participante 2: “Profi”... dança, dança eu nunca tipo...eu... eu sou aquele tipo de pessoa que dança conforme a música...

Não tem problema...

Participante 2: A música... dependendo da música eu tô naquela “vibe” tipo... eu gosto muito de... quando eu tô sozinha eu boto o som “altão” e começo a dançar de olho fechado, pular, dançar... como se não houvesse amanhã sabe... eu gosto...

Escreve isso, escreve isso... se você por exemplo, não tem nenhuma experiência e coisa... mas assim...

Participante 2: Mas dançar eu danço forró, danço tudo...

Mas assim, eu vou tentar... eu vou fazer... eu vou falar pra vocês porque e... Eu vou tentar trazer pra nossa roda, e aí assim... é por isso que eu preciso marcar com vocês terça-feira mesmo, seja direitinho... eu vou trazer pra essa discussão uma professora de Jongo... que vocês... vocês não devem ter conhecido porque... eu não sei se vocês... Ah! Se vocês... é a Alice Barreto, ela é uma professora de Jongo que... ela tem um trabalho muito bonito de... de coletivo com produção por exemplo, de boneca “Abayomi” de coisa e tudo... E ela já foi várias vezes a FAETEC e até em 2020, mesmo sendo virtual, mas ela participou também e... pra gente discutir um pouco de dança, de dança e africanidade, de dança e como é que é isso... então assim... tragam alguma coisa já escrita e aí assim... se não der... Poxa Roberta, não deu pra eu digitar e tudo... pode botar no teu caderno mesmo, não tem problema nenhum e coisa... pode trazer... tá Ester, tá dando pra ouvir direitinho?

Tá né? Tá... tá bom...

E pode botar no caderno, pode botar por exemplo numa folhinha e tudo... mas tragam escrito e aí assim... Qual é a sua experiência de dança... se a tua e botar música e dançar em casa tá bom [Risos] não tem problema... mas me conta isso, que isso nós vamos abrir o encontro, o próximo encontro com isso, tá bom...

E aí assim... confirmem comigo por favor, eu na segunda que é amanhã, eu vou aguardar a narrativa de vocês... e aí vocês podem mandar por e-mail mesmo... é bom mandar pro e-mail tá...

Participante 2: Eu vou fazer daqui a pouco quando a gente terminar a reunião, já vou começar a escrever que já tá na mente, já o...

Uhull!... é isso... aproveita esse momento, se der pode... tá e... e aí assim... e pra terça na verdade... ai vocês veem essa questão... essa questão da dança, tá bom... Ficou alguma dúvida E.....?

Participante 1: Não...

Não?

Participante 1: Não...

Olha só, deixa eu tirar uma foto nossa, pode? E....abre aí fazendo o favor... A.....você consegue “printar” aí na tua tela? Ah! Então printa aí também Allani por favor... porque eu acho que “printar” ai no coisa... por que ai assim... eu tô no computador, vai

[Gesto tirando foto]... cadê a... olha eu tô ajeitando o meu cabelo... mas teu rosto não tá aparecendo E.... [Risos]...

Participante 2: Tu acordou agora? tava dormindo, né? [Risos]...

“Printa” aí A....., “printa” aí...

Participante 2: Vai dá um sorriso... nossa o sorriso dela é muito bonito cara... saiu boa eu acho... ficou...

[Gesto de beijos]...

O que foi E....? Fala...

Participante 1: [Problema áudio original/Ruídos]...

Participante 2: Claro [Risos]

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Cara, o meu cabelo eu ajeitei na hora que eu tava entrando na... na vídeo chamada também... eu ajeitei... o meu tava preso pra trás, tava isso aqui...

[Risos]...

Olha só, vocês estão bem sempre... lindas sempre

Participante 2: Ah!...

Sempre, sempre... Meninas, olha só, um beijo... aguardo direitinho... E... e A..., eu aguardo depois... só vê a questão da documentação, a gente fala...

Participante 2: Todo mundo de “bico”... faz beijinho.. [Risos]... vou mandar lá no grupo... tchau gente, beijos...

Beijos. Obrigada meninas...

TRANSCRIÇÃO

RODA DE CONVERSA ON-LINE

DATA: 22/06/2021

Marcação Negrito: Roberta Renoir

Participante 1: (Não participou desta roda de conversa on-line)

Participante 2: A

Participante 3: R

... Pode deixar que não tem problema...

Participante 2: Não tem problema [Risos]...

E tudo e...

Participante 2: Minha professora de redação me mataria se visse isso [Risos]... [Risos]...

[Problema áudio original]

Participante 2: [Risos]

Deixa eu só ver se... Deixa eu ver se a “R”... se ela terminou... quando ela terminar e tudo vou...

Participante 2: Pode ser, aí a gente começa a ler...

Sim eu vou pedir vai ser... eu vou... nós vamos e... nós vamos ler... vou pedir a vocês para lerem...

Participante 3: Um minutinho só...

Tranquilo R, nossa A ali tá lendo, tá relendo ali... [Risos]...

Participante 3: Pronto...

Eh... muito bom... posso pedir então meninas, posso pedir então a vocês pra... lerem pra mim a narrativa de vocês e assim... narrativa não, pra que vocês tenham e... e... isso... o que vocês produziram por favor pra mim e aí a gente vai...

Participante 2: Quer começar “R”? [Riso]...

Participante 3: Não... começa você [Risos]...

Participante 2: Não começa você [Risos]... não... posso começar, posso começar...

Tá bom..

Participante 2: Tá eu comecei assim... Dança pra mim é uma forma de me expressar ao som que eu esteja ouvindo, eu gosto de pular e de dançar de acordo com a sensação que eu esteja naquele momento, escutando a música que condiz com os meus sentimentos. Danço todo tipo de música sem me preocupar com que os outros dizem, ou vão pensar... É isso só foi Ah! Peraí... peraí... pulei... eu botei uma setinha [Gesto demonstrando o caderno] tá escrito aqui oh, tá vendo... tá escrito aqui, eu botei uma seta... peraí rapidinho... posso ler de novo [Risos]?...

Pode [Risos]...

Participante 2: Eu botei assim... “Eu gosto de pular e de dançar de acordo com a sensação que eu esteja naquele momento, sejam elas tristes ou felizes, escutando uma música que condiz com os meus sentimentos. Danço todo tipo de música sem me preocupar com que os outros vão pensar ou dizer... Agora sim...

[Problema áudio original] Ficou bom...

Participante 3: [Inaudível]...

Participante 2: Oi...

Participante 3: Não, tava falando com a minha mãe desculpa...

Participante 3: Eu coloquei assim... Eu fiz aulas de balé e jazz quando eu era muito mais nova, bem mais nova... Eu sempre gostei muito de dançar e até hoje eu danço em casa quando estou

e... até hoje danço em casa. Estou sempre aprendendo um passo novo ou movimento novo pra... porque pra mim a dança é alegria, é vontade de se movimentar, é flutuar, é conhecer o céu sem sair do chão.

Participante 3: Quando estou em um dia bom, quando eu tô num dia triste eu danço, pois a dança me inspira a viver. Então assim tipo, eu tô sempre dançando de casa, qualquer música... a música que tocar eu danço. E... não vou dançar o mesmo passo, mas eu vou dançar [Risos]... **É interessante... é interessante, né? e... que vocês... que vocês duas colocam a... a dança como forma de... de expressão, né?... a dança como forma de você e tá... mostrando sentimentos e... é um pouco isso, eu acho assim... a dança ela tem essa forma de... de ligar muito culturalmente até... né? e... as pessoas... ela tem esse... esses vínculos, né?... Quando R.... quando R....diz que fez balé... Como é que foi a sua experiência com balé R....? Como é que foi e.... e tudo, foi... você gostava?**

Participante 3: Péssima, nunca tive coordenação motora... péssima...

Mas...

Participante 3: Eu era horrível, eu nunca tive muita coordenação motora, mas meu pai sempre tentou sabe, meu pai...

Ah!... [Risos]...

Participante 3: Eu nunca tive coordenação motora nenhuma, nenhuma, nenhuma... tipo assim, o único esporte que eu consigo realmente praticar é natação, e é a única coisa que eu faço... e é também a única coisa que eu gosto... que eu já tentei de tudo, eu já tentei dança, judô, capoeira, tudo, mas eu sou péssima... a única coisa que deu certo mesmo, mesmo, mesmo... foi a natação...

E você continua fazendo...

Participante 3: E agora... agora que tá frio eu parei, né?... sempre que tá frio eu paro de fazer natação porque eu não sou louca de ir pra piscina no gelo [Riso]... que a piscina... e eu faço natação de manhã... tipo de manhã... tipo cedo, tipo oito horas da manhã... oito horas da manhã eu tô na piscina já... e quando eu tô na escola eu também não faço, né? mas assim... fora da escola eu faço quando... tô no “coisa”... eu faço natação.

Tá ótimo. A., A. foi... foi tão bonita a expressão de né... de... também vou dizer que vocês realmente dançam a todo momento e tudo... Você teve alguma... alguma experiência de... de fazer algum tipo de dança também A....? De coisa e tudo ou não?

Participante 2: Não, dança... eu já fiz natação, mas dança não, dança eu... eu danço mesmo é em festa de família, ou danço com meus amigos, mas eu tenho é muita mania de... quando sei lá, eu tô sozinha aí ligar o som, começar a pular o som da música sabe... às vezes até quando eu tô triste eu... eu pego, boto a música triste e começo a cantar o som, parece que liberta... é

uma forma de... que eu consigo lidar um pouco mais com os sentimentos naquele momento e... poder é... extravasar entendeu, pular, perder energia [Gesto Sorriso]... e fechar o olho e como se você não tivesse ali, mas você tá pulando, e dançando... e realmente eu faço isso [Risos]... E o mais legal quando... tipo ninguém tá vendo você, é só você e o som... e eu acho isso muito “maneiro”, eu gosto muito disso.

É interessante porque como eu tava é... dizendo e... a questão de por exemplo, da dança e de... aí vocês ligaram também com a questão da música, ela é uma questão [Problema áudio original] de representatividade... da... representatividade e da cultura, né?, realmente de um grupo, de um povo, de um coisa... por exemplo, quando... quando você... normalmente o tipo, o pessoal fica brincando que um tipo de... de música e de dança que a galera jovem tem é diferente do... do pessoal da... do pessoal um pouco mais de idade [Gesto Sorriso/Riso]...

A gente... que nem nós estávamos conversando é né?... são formas realmente de estarem é... dentro e... mostrando toda uma... uma cultura.

Eu vou... eu durante um tempo... durante um tempo eu fiz dança contemporânea e minha mãe achava que era pra fazer, eu também não tinha coordenação nenhuma R..., aí [Risos]... aconteceu de que... eu moro próximo, eu moro próximo de... de um local e que tinha um grupo de... de é... dança portuguesa... e eu fui pra fazer dança portuguesa por uma questão mesmo de e... de tá com o grupo, de ter... coisa de fazer parte de... que a dança era algo muito é... só que... olha que interessante, né?... Eu não tinha muito jeito, eu fiquei durante muito tempo, fiz, participei, fiz bons amigos lá também... mas é interessante que quando a gente é... vê e... a questão cultural por exemplo, eu não era... eu não era portuguesa, eu não era daquela cultura e... aí isso fez todo um... fazia naquele momento uma diferença e depois a gente entendeu que...

Participante 2: Mas também experimentar culturas diferentes é muito “maneiro”... é muito... é agradável... parece que você tá vivendo Ah!... tipo você olha... igual dança africana, tipo assim... algumas mulheres dançando eu fico assim... Ih! adorei, movimenta bastante [Gesto com as mãos] que não sei o que... Ah! eu quero participar, entendeu?... Eu até entendo essa parte....

Participante 2: E eu que não tenho coordenação motora nenhuma, tipo eu sei, mas de vez em quando eu acabo me perdendo, mas continua, continua [Risos]...

Não pode falar, eu tô...

Participante 3: Aqui em casa... aqui é todo mundo... tipo assim, o único que dança direitinho aqui é meu pai, né?... meu pai graças a Deus... meu pai salva a família [Risos]... mas eu e a minha mãe e tipo assim... eu vou pro e... forró, a gente quer dançar forró... aí vamos dançar

forró, vamos dançar forró... aí... Ah! todo mundo fala, dois pra lá e dois pra cá... a pessoa tá indo pra esquerda eu tô indo pra direita [Risos]... é assim, é exatamente assim [Risos]... não adianta, eu danço tipo eu... eu tento dançar direitinho e “tals” mas... assim, eu tô tentando ... até que agora tá melhor, eu parei de pisar no pé de todo mundo [Risos]...

Participante 2: Boa, boa... eu danço tudo, eu adoro dançar forró com a minha mãe, tipo a gente vai em festa de família ou quando a gente tá em casa sozinha, ela tá ali arrumando a casa normalmente... ela tá arrumando a casa e ela bota o som “lá em cima”, minha também se “amarra” em dançar, escutar música, então eu acho que eu puxei isso um pouco dela sabe... e a gente tem um pouco os gostos diferentes e tem muitos parecidos... Aí fica assim... Eu... eu e minha mãe, aí a gente pega... eu tava indo pro curso e o som tava ligado e e ela me puxou assim... [Gesto com as mãos] Ah! Vamos dançar... e o som ligado, a gente dançando e... na festa de família a gente sempre arrasa, a minha mãe é muito divertida, minha mãe e... ela anima, ela dança, ela pula. Aí eu acabo puxando... eu puxei muito isso dela sabe, sempre está alegre... e é muito “maneiro”... e a gente vai em festa, [Inaudível], em qualquer festa... em qualquer a gente não liga, a gente tá lá dançando... eu não sei dançar muito bem pagode, né? e... samba eu sambo pra trás... eu vou dançando e vou indo pra trás, então minha mãe fala que assim, eu danço assim [Gesto demonstrando com as mãos]... ai tipo tem que segurar a A... [Risos] senão ela fica lá indo lá trás [Risos]... mas é muito legal, muito legal, eu gosto disso.

Quando você... é muito interessante, quando você disse que experimentar outras culturas é legal, né? porque... é assim, é claro que é legal porque você [Inaudível]... a gente ... e... de alguma forma é... é interessante a gente conhecer e saber, né? como é que e... são as outras culturas e tudo e... dentro por exemplo...e aí a gente... nós estamos aqui discutindo um pouco, né? a cultura, negritude... estamos falando um pouco de... de cultura e tudo e... essa... quando vocês chamam de forma de expressão, a dança e a música sempre foram, né?... formas de expressão e... do povo negro... era.. quando você tem o Jongo, quando você tem todo... o samba, quando você tem é... é... todo... toda essa e... esse tipo de... né de... de representação cultural que eu digo, né? Porque essas [Inaudível] essas buscas e... são formas de representação cultural. E aí e... vê como é que a gente se insere nisso, né?... será que é pra gente e... difícil e tudo, por exemplo eu... eu sambo, eu gosto de sambar mas [Risos] não é porque... não é porque por exemplo, eu... eu seja negra necessariamente eu tenha que gostar, né?... ou uma outra pessoa não, não...né?... e... que seja branca não possa... meu pai é branco e ele é... ele adora samba, ele é sambista, ele é envolvido em um monte de... de coisas nesse sentido, sempre foi... Então assim... são formas, né? de... de... de representação, de... realmente de identidade mesmo de... negra, né?... então quando vocês falam isso é bem... é bem legal.

Aí ela não vê... não vê vocês... e aí olha só... aí eu digo assim... Hum o que... o que será que está passando pelas meninas [Risos]...

Olha só alguém aí... alguém aí gosta de samba? Samba também um pouquinho ou não? Hein?

Participante 3: Ah! eu sambo... eu sambo direitinho vai...

A.... falou que samba pra trás [Risos]...

Participante 2: Eu sambo pra trás... eu gosto do samba, do pagode, que não sei o que, eu tô lá, mas tô dançando pra trás... mas eu adoro, eu danço tudo errado mas [Risos]...

Participante 3: Eu sambo direitinho, eu só tenho vergonha de sambar no meio dos outros, mas eu sambo direitinho...

Participante 2: Um dia você me ensina porque eu sou péssima [Risos]... eu já sei mexer o pezinho direitinho, ótimo... mas é que eu vou indo pra trás...

Participante 3: Então eu aprendi... eu aprendi depois de muita luta, muita garra, teve que ter todo um trabalho por trás, que eu sambava pra trás [Risos], eu não conseguia falar... ficar parada no mesmo lugar ... agora eu sambo... agora eu sambo pra trás “gastando” e “tals”... mas agora eu consigo ficar parada no mesmo lugar e “pá”... e sambo direitinho... e às vezes ainda dou, tipo uma reboladinha no samba assim... ai fica oh!... fica de “cria” vai [Risos]...

Participante 2: Algumas pessoas ficam passadas sabe, aí falam assim...Ah! Você é preta e você não sabe sambar, que não sei o que... aí eu fico... [Gesto surpresa] [Problema áudio original]... mas aí... eu fico... mas ai o pessoal vai pra me ensinar, né?... aí eu tô lá, tô indo, tô indo, daqui a pouco eu tô lá no final, aí é péssima...

E um pouco e... essa frase que você disse e bem... por exemplo...

Participante 2: Ahã... você é... você é preta, mas você não sabe sambar... eu também fico meio...

Porque necessariamente você precisaria, né? e... saber sambar, né?... por que que só essa conexão? Então é....

Participante 2: Eu também fico nessa... nessa “tipo”... é porque eu acho um pouco uma frase meio racista sabe, eu até entendo e “tal”, levo na esportiva mas eu... mas eu olho assim...Não cara, não tem nada a ver porque a minha mãe é branca e ela sabe sambar muito bem... e eu fico olhando assim, cara não tem, nada a ver, só porque eu sou preta eu teria que ter o direito de ter que sambar... mas aí eu fico... [Gesto de surpresa]... Não... mas sabe que realmente quero aprender porque eu gosto de sambar, eu gosto de... eu quero ter uma vontade de aprender.

Participante 2: Esses dias eu tava lendo um negócio de dança que foi até um tema de arte, que o professor tava falando sobre música... e tava falando sobre samba e eu li que é uma mistura de cultura, uma cultura africana com uma cultura brasileira...

E é verdade... é... o samba ele é um pouco, né? do que... é... dos ritmos que os negros trouxeram da África, que eles foram, né?... de alguma forma e... produzindo aqui, fazendo aqui... é verdade.

Mas assim é... você... muitas vezes e... te ligam com... um tipo, né? de... a sua... a sua [Problema áudio original]... ele tá ligado com um determinado tipo de música, com um determinado tipo de dança e tudo que... é... não sei se é... se é dessa forma, né? eu acho que... eu acho que é... hoje nós [Inaudível] uma e ... uma variedade tão grande, vocês tem opções tão distintas... eu acho que entender um pouco a cultura que... que por exemplo você traz, o que você tem é... isso é importante, né?, entender o porque que, né?... determinado grupo ele tem aquele... aquela... aquele ritmo... porque e... faz aquela determinada e... vamos dizer assim... trabalho em relação por exemplo, o amor, outras partes da cultura... eu acho que entender isso é importante porque você necessariamente você tem que é... você não pode dizer por exemplo, que não gosta da coisa se você não conhece, se você não entende, né?...

Mas você tem... você pode... você tem um leque de opções, né?... você tem várias opções, e eu acho que é isso que nós devemos respeitar e que devemos é... ter como... vamos dizer assim como meta.... e aí assim... nesse momento eu acho que é muito importante que... por exemplo, que você saiba o que é o jongo, o que é o samba, o que é coisa que tem... eu... porque que... porque ele teve tanta importância no sentido de... de formar e de... fazer com que a cultura... com que a cultura é... africana que ela fosse tão.... que ela fosse respeitada [Inaudível] né?... dessa forma assim... então é... isso é um ponto que vale a pena a gente trazer, a gente discutir, agora se você vai... vai ser um dançarino, se você vai querer ver... [Problema áudio original] definitivamente ficar só dançando e tudo... não quer dizer nada, não quer... não te... não te tira a sua identidade se você não... se você não... existem várias outras coisas que... que tem essa questão mesmo de identidade cultural e tudo por exemplo, quando a gente conversa sobre as questões de turbante, de né? que... como a gente falou lá da.. do “Kbella” né?... o “Kbella” por exemplo, dentro da cultura africana ele tem todo... ele tem todo um simbolismo e tudo, então é... você saber que lá e... dentro... dentro de um processo de né... das mulheres, será aquilo... é uma beleza e tudo... eu acho que vale, né?, você tem que... que como é que por exemplo você usa isso, como uma forma por exemplo... Eu [Inaudível] eu tenho a utilização do... do turbante, do coisa, como uma representatividade mesmo de que... de negritude, de

coisa... mas foi uma opção minha, eu e... isso vai pra música, isso vai pra dança, né? Eu acho que... e dessa forma que as coisas, né?... vão caminhando.

Mas podem falar meninas, podem e... coisa e tudo... R.... quer falar alguma coisa?

Participante 3: Não, eu concordo muito com o que você falou, que não saber fazer uma coisa não determina se você é de uma cor ou não ou e... e o quanto que aquilo ou isso representa pras pessoas ou pra gente no caso, né?...

É verdade, é verdade e tudo assim é...

Participante 3 É que o processo de... processo de transição capilar, o processo de poder falar, se autoafirmar como pessoa negra é uma... é representar é... é muito importante pra gente.

Por exemplo e... hoje né?... á porque nós não conseguimos e aí é... Hoje eu ia trazer e... trazer pra vocês a... e... o nome dela é Alice Barreto, ela é uma moça que ela... ela já fez várias atividades e... lá na FAETEC dentro dos... dos projetos de cultura negra que nós tivemos lá. Então ela fala um pouco do... do... ela discute um pouco o jongo, ela fala [Problema áudio original] ela fala um pouco das bonecas “Abayomi” e tudo... Então ela... ela discute um pouco, traz um pouco e... essa cultura que está por baixo de cada... de cada um desses elementos, né? do... dessa dança e desse... desse... eu vou chamar de artesanato [Gesto com os dedos entre aspas] e tudo.

Então quando nós levamos pra lá 15 para... para as oficinas e tudo é bem.... e bem interessante porque... porque... depois... vou deixar pra depois com o texto na hora da boneca “Abayomi” pra vocês que é... e bem interessante entender o... a... a história por que são... as africanas elas tiravam pedacinhos das saias delas quando elas estavam nos navios negreiros e elas... elas não tinham como costurar então elas faziam a boneca, essa boneca sem costura e davam aos seus filhos como forma de carinho, de entretenimento e tudo, e como muitas vezes essas crianças eles eram e... separadas das mães [Problema áudio original] em forma de vínculo, de lembrança materna. Então e... vai se... vai se contando essas histórias, vai se contando por exemplo, no jongo tem o porquê, né? Que o jongo ele e... essa dança e tudo... então a gente vai um pouco conhecendo, se conectando um pouco com... com isso e tendo a possibilidade de dizer assim... Poxa, legal, né?... eu tenho... olha como é que eu conheço isso, tenho isso, como é que... como é que eu como né?... como jovem, como negra, como estudante, né? que... o estudante da Baixada Fluminense... como é que eu tô é... vendo isso, como é que eu tô, né?... como é que é isso um pouco comigo né, eu acho que... é um pouco essa... essa é a grande discussão um pouco.

E aí meninas, o que vocês... o que vocês acharam um pouco da... da questão da dança... hoje era dança e música um pouco, né?... O que vocês... Como é que vocês acharam?

Participante 3: Ah! pra mim foi até legal porque eu gosto muito de falar de dança e de música, são as minhas coisas favoritas [Risos]...

[Risos] Eu gostei de saber disso... E você A?

Participante 2: Olha na minha opinião foi muito bom também porquê... eu gosto muito também... gosto muito de falar sobre música, eu gosto muito de falar sobre dança porque quando eu tô em qualquer... eu faço tudo com música, eu sempre tô dançando, eu sempre tô muito ativa em relação a música porque eu só ando de *phone*... tô... tô em casa, tô escutando música, tô na... tô em qualquer lugar, tô estudando às vezes tô escutando música [Risos]... por que é uma coisa que é distrai, outra que sei lá, é uma forma de eu me expressar... de expressar meus sentimentos naquele momento.

É eu acho que... nós conseguimos um pouco, né?... traçar o... nós conectamos um pouco, né?... e... cultura....

Participante 3: Eu não ando de *phone* não, mas assim, eu acordo... tipo os meus pais acordam sete horas da manhã pra ir trabalhar, né?... e eu acordo junto com eles, ligo a música no volume mais alto enquanto eu estou “se” arrumando pra ir trabalhar, eu tô acordada ouvindo música...

Participante 2: [Risos] Eu também... porque eu acordo muito cedo também porque... por causa da escola e por um “cado” de coisa... que eu tenho que fazer de manhã... ou vou correr ou vou fazer alguma coisa... Então a música... eu acho que meus vizinhos me odeiam [Risos] mas a minha... a minha vó de vez em quando tá em casa, né? e tem o pastor que é do lado da minha casa [Risos]... nossa a música fica lá em cima, mas só de vez em quando, às vezes meu pai briga comigo falando assim... A... porque esse som tá nessa altura? Que não sei o que... quando sei lá... ou quando eu tô... ele chega do nada em casa e eu tô com o som lá em cima pulando, dançando que não sei o que... Porque não abaixa esse som? Aí, mas... fazer o que né?... a minha mãe é a mesma coisa... meu pai também gosta muito de ouvir música...

[Problema áudio original] Uma representatividade de juventude também, né?...

Participante 2: Sim...

Eu penso assim eu... eu... apoio [Problema áudio original] qualquer coisa, não é isso [Risos]...

Participante 3: Não... lá em casa todo mundo gosta de som alto, independente tem que gostar do som alto, que eu coloco o som alto [Risos]...

Participante 2: Sim, sim... aqui em casa a minha mãe também é a mesma coisa...

Participante 3: Eu abaixo dois números... pronto... Ah! Já abaixei já pai...

[Risos] Tá certo, tá certo.... Ah! meninas é sempre... assim hoje eu... foi um pouquinho mais curto eu acho... não, não foi curto porque a nossa primeira parte, né? Foi... foi muito interessante, nós conversamos bastante e tudo, e essa...segunda também e...

O que eu vou pedir por favor a vocês, né?... que o que vocês escreveram nesse caderninho aí tá É... o que vocês ou... ou tirem foto ou mandem pra mim da forma que você É... que vocês e... escreveram... se der pra... se quiser digitar pode, se não der também não tem problema tá... manda pra...

E aí não... isso já não é junto tá gente, se vocês puderem mandar em separado tá... o que que... o que nesse encontro, essa discussão é... levantou alguma reflexão pra vocês [Problema áudio original] levantou alguma e... interessante tá... escrevam pra mim também, mandem pra mim também tá bom...

Vê se ficou claro... abre só um pouquinho a câmera só um minutinho agora, só pra eu... e coisar... só pra... pra eu poder... é rapidinho...

Participante 2: [Gesto com dedos v de vitória]...

Esses rostinhos, é porque eu preciso... nesses momentos eu preciso ver esses rostinhos... eu fico assim, depois até...

Participante 2: [Risos]...

Veem, veem... não só pra e coisa... vê se ficou claro o... vê se ficou claro então... O que vocês escreveram no início, vocês podem por exemplo, mandar [Risos]... é bem professor mesmo, né? [Gesto com as mãos] com a mãozinha, com a coisa todo [Risos]... explicando e coisa bem... aí se vocês puderem mandar... aí vai ter esse que vocês escreveram no início que foi o que era a dança pra vocês e... a música... como é que era a experiência de vocês em relação a isso ok...

Num separado ou outro documento, aí vocês é que sabem como é que vai ser isso é... vocês por favor coloquem e aí assim... coloquem do jeito que vocês acharem melhor, como é que o encontro que... que reflexão... o que e... fez vocês um pouco e... pensem um pouco o que... levantou pra vocês... tá legal, se foi legal, se não foi, como é que... no sentido assim... e de que... o que serviu um pouco, tá legal...

E vocês vão ficar bem curiosas porque pelo seguinte, o próximo eu vou mandar pra vocês... mas eu vou mandar sabe o que? Poemas, eu vou mandar poemas pra vocês... a gente... eu vou... eu vou ver poemas pra vocês, tá bom...

Deixa eu perguntar uma coisa pra vocês...

Participante 2: Poemas, poemas... eu sou maravilhosa...

Participante 3: Eu não sei fazer poema nenhum... nenhum, nenhum...

Participante 2: [Participantes falando ao mesmo tempo] fantástica [Risos]...

Participante 3: Eu não sei... porque poema tem métrica, tem não sei o que, tem não sei o que lá... não tenho a mínima ideia...

Participante 3: [Inaudível] poemas... sou péssima. Eu... eu... a única coisa de poema que eu sei é os assuntos abstratos, entendeu?... que tá em outro nível, aí eu tô lendo lá, aí tô imaginando na minha cabeça, nossa...

Vou mandar poemas eu vou... e mandar pro [Problema áudio original] de poesias e letras...

Participante 3: É mais fácil...

Da Baixada pra gente discutir... vai ser que nem o coisa...

Participante 2: Vai mandar na quinta?

É isso que eu vou... olha só vocês... pra quinta-feira tá bom pra vocês? Eu não entendi assim é... na quinta-feira tá legal pra vocês? Eu não sei o que aconteceu com a Ester, não sei se ela passou mal, se aconteceu alguma coisa e tudo...

Participante 3: Eu tenho que ver o... o Roberta... senão depende a partir de... eu não sei porque quinta-feira é dia da minha mãe tá em casa, ela fica em casa... não sei... aí eu tenho que ver com ela como vai proceder a nossa quinta-feira, entendeu?...

Porque quando... quando ela tá em casa vocês saem é isso?

Participante 3: É... a gente fica mais propensa a sair, mais propensa a arrumar a casa assim é... fazer aquelas arrumações assim, demoradas... essas coisas...

Mas aí olha só... R... você...

Participante 3: Pode falar...

Tá dando pra ver? Tá dando pra ver?

Participante 3: Tá...

Sim e... olha só... se você puder por favor, porque por exemplo, se você tiver em casa É... é só um tempinho que a gente fica, né? Então e... não tem muito problema. Se por acaso ocorrer de você e... sair aí é que... e aí a gente precisa realmente só e... ver isso direitinho porque se quinta-feira fosse possível, seria muito legal... que aí a gente já tá e... caminhando bastante. Então você me avisa então?

Participante 2: “Profi” naquele negócio, né? de quarta-feira, se eu tiver em casa ou aquela uma horinha de... de seis as sete eu consigo na quarta-feira, se acaso der pras meninas... mas na quinta eu consigo ficar um tempo maior, mas aí vocês que sabem...

Tá legal... quarta... quarta-feira é amanhã, eu não sei como é que... como...

Participante 3: Quarta-feira ó... pelo menos essa quarta-feira agora não dá pra mim porque eu tenho compromisso religioso...

Tá legal, tudo bem...

Participante 2: Ou sexta...

Não, não precisa... vamos a princípio ver na quinta-feira tá... tá A porque pra tentar e tudo... eu vou... eu vou só ver com a E... o que que... aconteceu e tudo, mas eu já entendi que se por acaso... e porque parece que sexta-feira a R... não pode também... Não é Rosana? Na sexta-feira não é o dia que você...

Participante 3: É sexta-feira eu não posso. Então quinta-feira, é melhor quinta-feira, quinta-feira mesmo...

Então...

Participante 3: Quinta-feira eu posso...

Isso, tá bom então... e por que você tinha falado isso mesmo...

Então A. eu vou só confirmar então com a E...

Participante 2: Com a E...

É por que ela hoje ela... ela assim, tava tudo certinho... deve ter acontecido alguma coisa, ela não tava muito bem é... do coisa... mas ela... ela tava em casa, tava coisa... deixa depois eu vou perguntar, mas eu com certeza eu te mando o recado tá e tudo... mando pra você tá Rosana... e coisa depois...

Participante 3: Tá, tá bom...

Então pronto... o nossa fotógrafa, faz o registro aí fotógrafa... eu vou deixar... é porque eu tô no computador, eu não consigo “printar”... você “printa” no seu coisa aí e pronto, vamos lá...

Participante 2: Peraí... acho que ficou bom [Risos]...

Participante 2: Vai, vai... “pistolinha” professora, faz assim [Gesto dedos retos]

Participante 3: Eu tirei... eu tirei uma aqui também [Gesto dedos retos]...

[Risos]...

Participante 2: Foi [Risos]...

Vocês são demais meninas... por favor se vocês então... me mandem pelo e-mail...

Participante 2: Peraí, peraí...

[Gesto de careta/Brincadeira]...

Participante 2: [Risos]

Participante 3: [Gesto de careta/Brincadeira]...

Participante 2: Uau, mas tudo bem [Risos]... Vai “profi” [Gesto coração]...

Me manda, me manda [Gesto coração]... eu adoro o meu... coraçãozinho pra vocês...

Participante 3: Eu não sei fazer esse assim não...

Participante 2: Eu tô tentando e... é mais ou menos assim sei lá [Risos]...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 2: Vamos fazer o normal vai... peraí como é que eu “printo”... vai, vai...

[Risos]...

Participante 2: Foi... vou mandar agora no grupo...

Vocês mandem por favor tá... os dois.. os dois...

Participante 3: A narrativa pode deixar...

Tá.. e A...

Participante 2: Vou ver se eu consigo escrever agora...

Vê se a sua mãe... vê se a sua mãe consegue mandar o negócio, tá bom... que você falou que ia mandar do... da coisa da autorização... tá bom?

Participante 2: Tá bom..

Participante 3: Tchau... beijos...

Participante 2: Tchau... beijos...

Beijos.

TRANSCRIÇÃO

RODA DE CONVERSA ON-LINE

DATA: 24/06/2021

Marcação Negrito: Roberta Renoir

Participante 1: E.

Participante 2: A.

Participante 3: R.

Eu... Eu mandei um presentinho pra vocês que foram... que foram alguns poemas, né? e... assim... eu até... assim... isso foi por ordem aleatória, tá? Botei até que poeminha, era pra vocês poderem tá dando uma olhadinha e tudo... vocês viram que não é nada grande e tudo... porque hoje assim e.. e... a ideia é nós conversamos um pouco, né?... do que é um pouco a escrita de... de mulher... de mulheres negras dentro da... dentro do... do nosso dia a dia, de mulheres negras que estão escrevendo e que são da baixada... e a gente falar um pouco de... de leitura, né?, de cultura com... dentro de... dentro desse contexto. O que é a escrita de ou sobre mulher negra pra você... mas eu queria começar antes de tudo e... dedicando... dedicando um... um poema pra vocês e... é uma poema de Conceição Evaristo... eu adoro! Conceição Evaristo e... ela tem... ela tem e... uns... uns poemas muito lindos e que são assim, dentro de hoje eles... eles representam muito da questão de... de africanidade, da questão de negritude e assim... eu vou dedicar esse

poema um pouco a vocês pra que a gente e... comece um pouco e... na questão depois do... dos poemas que eu passei pra vocês tá bom... mas esse...

“Meu rosário, meu rosário é feito de contas negras e mágicas! Nas contas do meu rosário eu conto a mamãe Oxum... eu falo... eu falo padres-nossos e aves-marias... no meu rosário eu ouço longínquos batuques do meu povo e encontro na memória mal adormecida, as rezas dos meses de maio da minha infância. As coroações de Nossa Senhora... e que as meninas negras apesar do desejo de coroar a rainha, tinham que se contentar em ficar ao pé do altar lançando as flores. As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos, pois são contas que o trabalho da terra, nas fábricas, nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo. As contas do meu rosário são contas VIVAS... alguém disse um dia que a vida é uma oração, eu diria porém que há vidas-blasfemas!. Nas contas do meu rosário... nas contas do meu rosário eu teço em entumecidos sonhos e esperança. Nas contas do meu rosário, eu vejo rostos escondidos, visíveis e invisíveis nas grades e no embalado da luta perdida, nas contas do meu rosário. Nas contas do meu rosário, eu conto grito, eu calo! No meu rosário eu sinto borbulhar a fome, o estômago, no coração e nas cabeças vivas. Quando debulhas contas do meu rosário, eu falo de mim mesma... em um outro nome. Eu sonho nas contas do meu rosário, lugares, pessoas, vidas... que pouco a pouco... deslumbres reais. Vou e volto, entre as contas do meu rosário, que são pedras marcando no corpo o caminho... e neste andar de contas e pedras, o meu rosário se transmuda em tinta, me guia o dedo, me insinua poesia... e depois de macerar a conta do meu rosário, me acho aqui... eu mesma! E descubro que ainda me chamo... Maria”.

E... É Conceição Evaristo... Poemas de recordação e... assim e... eu queria e... falar um pouco né... porque... nós na... no encontro, né?... no nosso encontro passado, que nós acabamos falando um pouco de... de dança, falando um de música, falando, né?... um pouco de... diferentes partes culturais como a gente tá agindo, e hoje nós vamos pra... pra poema. E eu vou... assim depois vou perguntar o quê... a gente vai começar a falar um pouco dos poemas que vocês... Vocês conseguiram ler os poemas que eu mandei pra vocês ou não deu tempo? Em tudo... me diz se vocês conseguiram ou não...
Conseguiram?

Participante 1: Eu consegui...

Você A....?

Participante 2: Eu tô falando e... porque o áudio não tava aberto... eu tô falando que acho que não deu... não deu pra mim ler porque eu tava no curso, eu cheguei agora...

Tem problema não... sem problema... vamos fazer... vamos fazer o seguinte... Rosana, você conseguiu ler? Ou não...

Participante 3: Consegui...

Conseguiu... Então vamos fazer o seguinte, vamos dar pelo menos uns... cinco minutinhos... um tempinho só pra ela poder ler o poema o... o poema e tudo...

Participante 2: É aquele que você me mandou, não é?

Sim... tá dentro daquele coisa... e... E..... e R.... puderem só dar... uma relida e coisa porque e... o que nós vamos fazer é discutir um pouco essa questão mesmo de né?... de como é que é... como é que é essa... essa escrita, o que vocês sentiram um pouco né?... dentro... desses poemas e tudo... e depois eu vou contar uma...

Participante 1: Me... me manda pelo número que eu te chamei hoje... me manda de novo pelo número que te chamei hoje...

Tá, mando... mando sim... mando sim, peraí que... eu já faço isso...

Participante 2: Ô “profi” você quer que eu compartilhe a tela?

Você quer que eu compartilhe? Ah tá, você quer compartilhar a tela... pode compartilhar, fica melhor...

Participante 2: Compartilhar por causa do texto, do texto...

Tá, pode... você quer compartilhar ou quer que eu compartilhe?

Participante 2: Eu posso... eu posso... aí... eu posso compartilhar, se você quiser...

Tá bom então, que aí a E..... também ver... a E..... também pode visualizar um pouco né?... mas você ... e por que eu queria que você lesse antes de... tá? Se você tivesse a possibilidade de ler antes da gente discutir.

Participante 2: Estão conseguindo me ver? “Tão” conseguindo ver?

Isso é esse oh... é isso mesmo... esse foi um pouco que... mandei [silêncio] mandei um pouco... [silêncio] eu te remando tá o... o E... também só pra ter em um outro local também, tá bom? [silêncio]... coisa toda... peraí que eu vou mandar pra E....

pra esse telefone que ela tá agora... [silêncio] Tô mandando E.. [silêncio]... mandei tá E..., mandei pra você pra esse telefone também, tá bom? Só pra você ter...

Participante 2: “Caraca”! Muito lindo...

E... eu assim... o que... o que... vou contar um pouco não dos... dos poemas pra gente ver e coisa... mas o porquê da escolha desses... desses poemas né?... todas essas, todas essas mulheres, todos esses poemas e aí... vocês e... vão... eles são poemas de... e... mulheres negras da baixada e que, elas é... elas fizeram... e que... porque eu faço parte também tá gente do livro que foi lançado, eu vou mostrar o livro pra vocês, eu não peguei nenhum dos... dos meus textos porque eu virei e falei assim... Eu quero que as meninas tenham e... o coisa e depois eu mostro até... mostro os meus textos pra vocês também, mas... nós

participamos de... nós fizemos uma coletânea e... de poemas e de [Inaudível] que foram de... de... falando de negritude e falando e...

Participante 2: Já pode voltar ou pode deixar no... no texto?

O quê que vocês acham meninas? Vocês preferem?...

Participante 2: Quer deixar no texto caso a gente fale uma parte, um pedaço, aí eu volto um pedaço...

Você que sabe, pode ser sim, pode deixar então A....., pode deixar...

Participante 2: Pode...

Mas só aí que acaba não me vendo...

Participante: É... mais aí... eu discuto [risos]...

Tá bom, não tem problema...

E... e aí gente, essa são... qual é o objetivo de trazer esses textos? É trazer um pouco das discussões... e aí... pra deixar um pouco a A..... de... de ler o texto dela todo... E...

Participante 2: Não, já terminei...

Terminou... Conseguiu?

Participante 2: Sim...

Não... que não é de uma em uma não gente, a gente vai... uma metendo na outra... uma falando do texto, do coisa... a gente vai, faz assim... me diz o quanto... me diz o que você sentiu um pouco, porque o texto que eu que... assim... foi de presentinho pra E... foi... mostra aí A., que tá lá embaixo o primeiro texto dela...

Participante 2: Ah! Eu não vi, eu não sabia que tinha textos diferentes...

Sim, são diferentes e... a... esse primeiro aí dá E.... o... é Baobá, né?... e aí... me fala um pouco E...do que... como é que foi isso e tudo, pra gente... como é que foi ler, ler esse texto... Como é que foi esse...

[Ruídos]

Participante 1: Um outro áudio ligado aqui...

Oi?...

Participante 2: Meu áudio tá ligado não tá...

Participante 1: É o áudio da A....., é porque houve um outro barulho, eu falei ué gente to doida...

É o barulho...

Participante 1: [Risos]... Porque tava... tava aberto aqui...

Tá certo, fala... fala um pouco... fala um pouco aí A... como é que...

Participante 2: Hã... A.... ou E...?

Mas a gente vai...

Participante 1: “Pera”... eu gostei muito desse texto que foi uma história que foi contada, né?... toda e... todo texto traz alguma coisa, traz sentimento ou histórias de vida, né?... e esse texto carrega uma história e um sentimento, nitidamente né... não digo uma história ah!... uma história resumida, não... uma história, história mesmo de vida, né?... conta a história de vida de uma moça, na verdade eu comecei achando que a... a própria autora [Inaudível] estava contando a história da vida dela né?, mas eu percebi que era a filha né? e... ela começa com... com... falando de uma moça e eu percebi que era a filha, que é mencionada no início do texto e... caramba! E... eu achei um pouquinho “massa”, poxa, é uma coisa que eu não pensaria em escrever assim, que eu não pensaria, porque ela começa meio que falar um pouco da genealogia dela né?... né?... da mãe, e aí conta um pouco da história e aí ela consegue englobar algumas pessoas nessa história, e aí depois chega nela, e aí o que a gente pensa no final... ela caramba! Ela realmente conseguiu mudar esse quadro que tinha da... da vida dela, conseguiu vencer na vida né, porque...

Você viu... você viu qual é o título do... do texto? É Baobá...

Eu nunca pensei muito no título... eu não pensei muito no título, mas eu... eu prestei muita atenção na questão do... “caramba”, é muita gente que tinha muito filho né?... aí um tinha todos os filhos, aí se uniu com a outra e ficou com tantos filhos... aí fez filha eu falei... gente, e pra alimentar essas crianças todas meu Deus [Risos]... mas...

O Baobá... o baobá e... o texto que... que a E... acabou e... tendo de presente, o baobá ele é uma árvore africana, ele é uma árvore que ele tem... ele é uma árvore que dentro da cultura africana, ele significa toda a questão de segurança e tudo, porque ele é uma árvore grande... e porque eu não vou conseguir e... peraí vou até depois... pegar, vou tentar ver uma foto enquanto... enquanto a gente discute e tudo... vou tentar ver uma foto pra compartilhar é... e ele significa ancestralidade, é por isso que... ela começa um pouco a tá falando do... da família e tudo porque é ele a base de tudo... é ele né?... e... é ele que vai dentro da... da cultura africana... ele... ele não tem folha normalmente, ele é uma árvore que ele tem um tronco muito forte, mas ele assim... e que as pessoas normalmente, as aldeias e tudo tem como socorro e proteção, ainda existe tá... [Ruídos]... [Risos]... [Inaudível]... é essa a referência que é tipicamente a cultura africana. Então há... a gente tá discutindo um pouco de ancestralidade e tudo, e a gente tá discutindo um pouco... por isso que ela vai falando da mãe, vai falando do coisa, ela vai contando toda... toda uma história e tudo e... a proposta dentro desse texto era isso mesmo, tá?... e tudo era... era um pouco essa... e assim... muito das mulheres negras né? Conceição é uma que fala isso e coisa e tudo... elas vão... Conceição tem um... um... conceito que a gente trabalha que é escrevivência, que significa falar da sua é... ancestralidade, da sua

memória, da mulher negra, do povo negro através da escrita e da poesia... isso é... isso é uma coisa um pouco que a... a Conceição traz.

Você disse que veio um sentimento todo meio que de confusão... Como é que pode? Como é que eu vou conseguir né? Como é que conseguiu criar tantos filhos e... não foi esse o sentimento que veio pra vocês, é isso? Que veio quando você leu?

Participante 1: Eu li só os que tinha o meu nome, eu comecei lendo o da A..... e aí quando eu desci, vi o meu.

Não, era esse mesmo, era esse...

Participante 1: Ah tá! eu falei... meu Deus, será que era pra ler tudo?

Não...

Participante 1: Eu... vem muito... muito filho, né?, Filho de não sei quem, aí tinha quantos filhos, aí casou, depois a mulher engravidou de novo enfim... eu fiquei... eu fiquei um pouco espantada assim, como é que alimenta essas bocas todas... e aí eu não sei se é no meu... no primeiro texto que você colocou meu nome ou no segundo texto que falava que quando saia a fome... o amor entrava, alguma coisa assim... fazia um... falava algumas frases assim e....

E bem pequenininho o outro né?...

Participante 1: É....

Mas assim... mas assim... você viu que assim é... o lírio, o coisa toda... era... te lembrou alguma coisa? Alguns dos textos de vocês meninas... E aí assim, a gente vai começar por exemplo, a E... pode... coisa... mas a R..... já pode também e.... o que que... a Lalita... te lembrou alguma coisa o E.....? Esse texto, te fez é... é... sei lá voltar alguma... alguma lembrança, alguma questão e tudo... Você falou um pouco do seu sentimento, né?... em relação e... como é que nossa... te deu uma certa preocupação em termos e coisa...

Participante 1: Deu uma certa preocupação porquê... não, não me lembrou nada... nada que tenha acontecido comigo é... aqui a gente... [Interrupção/Inaudível] aqui meus pais decidiram não ter muitos filhos, só tenho um irmão, mas... eu fiquei preocupada, meu Deus porquê... é... não sei se as condições eram boas, né assim, de todo mundo empregado, e conseguir né um ensino de qualidade para todo mundo eu fiquei.... eu sempre tenho essa preocupação, sempre tenho esse problema sabe...sabe, é um problema que eu carrego [Risos]... de meu Deus, ensino de qualidade é uma vida... proporcional... é proporcional a vida de qualidade para alguém. Acho que quando você coloca alguém no mundo é... Eu não sei por que não sou mãe, né? mas eu penso assim, amor é importante, muito importante e... você ter algo pra oferecer pra essa pessoa além de amor, educação, né?... estrutura... são coisas muito importantes também, muito importantes... então, eu penso em todo esse aspecto, quando eu vejo um... uma família grande eu falo... meu Deus, essas pessoas devem ter muito planejamento, devem ter

tido muito planejamento, essas coisas assim... que acho muito importante realmente quando você põe alguém no mundo, é importante você ter planejamento, às vezes é inesperado, às vezes é inesperado, mas é bom ter planejamento, é bom proporcionar o melhor, é muito bom é... é... proporcionar além de amor a... a... a melhor sabe... o melhor ensino e... o melhor tudo, acho muito importante. E [Inaudível] eu fiquei... meu Deus, quando eu olhei tinha tantos filhos, aí precisava de uma esposa, né?... aí foi achar uma esposa e essa esposa engravidou, aí falei meu Deus do céu [Risos]...

Essa história é real dela, né? da mãe dela na verdade... mas o que ela tá contando... o coisa ali é bem... ela... ela conta isso com uma forma muito... de orgulho mesmo e tudo... e é interessante que você em... quando por exemplo Conceição fala um pouco disso por exemplo esse texto que eu li da... da “Conta do meu Rosário” e tudo... porque muito do nosso povo né?, muito do nosso e coisa... quando chega, né?... a questão de... de estruturar a família, a questão de conseguir é... estar formando um núcleo e... e... aqui... era uma questão né de... complicada e tudo, e isso foi né?... por muitos, muito tempo. Então nesse ponto, a sua preocupação então é uma preocupação de uma geração meio que agora e coisa e tudo... mas é bem e... é pertinente com todo o tempo, né? que nós estamos vivendo, tanto que quem tá te dizendo é uma que só tem um filho [Risos]... né? e tudo... são coisas que vão mudando e tudo...

Mas meninas e aí, olha só... o que o texto de vocês, os textos, né? e coisa... eu queria só que vocês dissessem a... a... a E... já até falou o... o... texto dela... que um foi... um... que foi o Baobá...

Participante 2: Tô pronta...

E o outro e foi... um texto pequenininho, né? E... eu queria só que vocês... vocês não precisam por exemplo ficarem...

Participante 2: “Profí”...

Oi... fala...

Participante 2: Sabe a sensação sabe... quando eu li o texto... foi meio que de um empoderamento sabe, que você não tá sozinha, tem várias outras pretas, preta médica, preta... preta tudo sabe! [Risos]. O texto a gente acaba se identificando.

Diz o título, diz o título do teu texto... diz o título... há...

Participante 2: “Somos”...

“Somos!”...

Mas fala, vai falando, vai falando...

Participante 2: Sabe, a sensação sabe de... de estar dentro do texto, você saber que não é só você é... é... realmente a preta sabe... a preta da periferia, do asfalto, do morro, de tudo, de tudo... sabe, e a gente é da... é da Baixada , a preta da Baixada sabe [Risos]...

E isso é muito legal sabe, muito legal... tem uma parte aqui do texto também, que eu acabei de ler o texto então não “tô” gravando... aí mais agora vou tentar aqui... aqui pra parte das... as... as... “As mulheres pretas que somos e que lutam” sabe... eu acho que a nossa luta é cotidiana sabe, a preta ta lutando todos os dias, buscando respeito, buscando lugar, buscando direção, buscando tudo sabe... buscando tudo sabe...

A preta sempre tem que tá lutando por respeito, lutando pra... pra... como é que se fala... pra entrar na sociedade, pra entrar em lugares que são assim... são... lutam mais que as mulheres brancas sabe. Você não vê tantas mulheres pretas é... dentro do hospital, dentro de um lugar assim de... uma sociedade com o patamar muito alto e não sei o quê... porque... mas aí a questão ali é que lutaram muito sabe, e a gente não sabe um terço do que ela podem estar... podem passar por que não é fácil, não é fácil... contando que tem várias, várias mulheres com.. é tipo... falando sobre que passou racismo, sofreu racismo em tal lugar e... o racismo estrutural... ô pai...

Participante 2: Com licença...

[Interrupção de terceiros] ...

Participante 1: O Roberta...

Pode falar, pode falar... o pai vai chegando enquanto ela tá chegando aí pro coisa...

Participante 1: O formigueiro... o texto “O Formigueiro” que você me mandou, eu não tinha prestado... eu li ele, mas eu li tão rápido que ele é tão pequenininho que eu falei. Ah! o formigueiro... e aí... menina eu... deixa eu te perguntar... deixa eu fazer as perguntas agora [Risos]...

Ótimo, vai com... vai fazendo....

Participante 1: O que te remete este texto? “O Formigueiro”...

Como é que é?

Participante 1: O que te remete, o que te lembra esse texto “O Formigueiro”... que a linguagem dele e... não é tão nítida assim especificando uma coisa, como os demais textos... é um pouco mais pra você refletir, pra você pensar... entende?... pra você viajar naquilo. O que te remete este texto?

Vocês, vocês viram “hein” A... o dela, “hein” R... o... esse formigueiro.

Participante 2: Eu não li o dela...

Oi?

Participante 2: Comecei a ler agora a pouco...

Participante 3: Eu só li... eu só....

[Conflito de informações/03 participantes falando ao mesmo tempo]...

Não, não... eu sei que vocês não leram não... é só pra... é só pra vocês verem. Olha só, vocês viram que eu não coloquei nenhum texto meu, eu coloquei outros textos de outras pessoas e vou depois até mostrar o livro, mas eu sei um pouco da.. da... eu conheço um pouco das pessoas. Esse texto o... o E...., ele é realmente pra... pra refletir... mas quando você fala do formigueiro por exemplo hã?... pra mim toda a ideia que vem, é de um trabalho conjunto, é de um trabalho que formiga normalmente quando você tá... e... ela...ela normalmente ela não tá sozinha, né?... ela tá e... e... ela normalmente o trabalho dela é um trabalho que é... que tá sempre e... constante, e que a gente necessita realmente tá sempre é... é... fazendo. Então assim, ele é bem... ele é bem pequeno mesmo, né?... mas ele... mas ele de alguma forma, ele discute essa questão mesmo de... como é que... de trabalho mesmo de... de... conjunto, de como é que é você estar e... um pouco junto por exemplo... faz assim, o que você falou foi muito pertinente porque por exemplo, e... e... cada pessoa ela pode ter uma... uma reflexão, né?...

Formigueiro, uma casa de ideias, uma reunião de pequeninhos... ao propósito, o coletivo é arte, e reunir singularidade. O propósito, qual é o propósito? Qual é esse formigueiro?

“Temo que deixe alguma das outras formigas esperando por lá”...

Então assim...

Participante 1: Quando eu li esse texto, quando eu li de novo a segunda vez e... me veio a ideia de família sabe, não sei por que me deu a ideia de família... e não só família que... do seu sangue... tipo a família que você nasce, cabe a família que você escolhe também, a família de amigos que você escolhe e as pessoas que vocês vão apreciando ao longo da vida, me veio essa ideia.

Olha como é que, né?... e... as ideias vão... vão e... se entrelaçando e... e tudo, né?... A..... dentro do texto dela você... você acabou pegando textos que falam de ancestralidade e talvez por né... você fala... você pegou um texto, você levou um pouco pra questão de né... de... da família e tudo, então e... junto a gente vai entrelaçando como por exemplo como questão do empoderamento que foi o que né... ela... ela tava aí contando no texto dela que... nós somos né... nós somos pretos, nós estamos né... e nós temos e... e... possibilidades, nós estamos em... em... nós podemos e devemos estar em diferentes... em diferentes locais e... e demandando, pedindo mesmo, né?... diferentes coisas então assim e... de onde basicamente a gente tira isso, né?... muitas vezes é da família e... do coisa e tudo...

Então assim, os textos vão... vão trazendo essas... essas questões, né?... tanto que por exemplo, eu tive uma outra visão, mas é isso, o texto não é pra gente e... entender todo mundo da mesma forma, poesia não tem, principalmente poesia, ela não tem esse objetivo, né? e tudo..., mas tipo assim, muito legal a sua... o que você trouxe.

E Allani o teu texto é... ele realmente tem uma pegada de né... de... de luta, de coisa de representatividade, né?... e R....?

Participante 2: Eu esqueço que o YouTube às vezes quando fecha sabe... sim sabe, é uma coisa de união sabe, de você...de você não estar sozinha sabe, e de você ter vários momentos sabe, que as mulheres sempre tem que tá lutando, sempre tem que tá em busca sabe... é uma coisa... é uma “parada” muito louca porquê... será que as coisas que a gente passa [Ruídos externos] a gente tem que correr pra mais ainda pelo fato da gente ser preta... você parar pra pensar... aí a preta tem muito mais dificuldade, sempre tem que estar pensando muito porque é o racismo estrutural, é o racismo assim que a pessoa... até o racismo aquele que.. que a pessoa realmente não fala, mas dá a entender...

Você sabe por que isso acontece mesmo? Ou vocês acham que isso é “mimimi” Como é que... como é que você define isso?

Participante 2: Claro que não é “mimimi”, claro que não é “mimimi”... Teve uma vez, minha mãe me contou quando eu era pequena, tava brincando na praia e veio uma menina branquinha, e os pais dela também eram brancos e “tals”, e eu tava brincando com essa menininha, a mãe dela tirou ela de perto de mim... Então é uma coisa assim que acontece, não é só comigo, não é só com a gente sabe, só nós quatro... é um... um... muita coisa, muitas mulheres, muitas meninas, é muita, muita, muita coisa... e só do fato da gente ser mulher também... da mulher, preta, até se você... se você for LGBT sabe... é uma... engloba muita gente, muita coisa... muita coisa acontecendo, muita gente que Ah! é “mimimi”, não acontece... claro que acontece... claro que acontece... isso não acontece de hoje, isso “Oh!” [Gesto com os dedos de tempo] “Oh!” acontece... muito e muito tempo. E o Brasil é um país racista sim... e... “Ah!” é muito... miscigenado que não sei o quê e “bábábá”... mas teve genocídio, a cultura mudou por causa dos portugueses... sabe... e... e... um... é muita coisa que engloba e não é fácil... Contando que as pessoas... igual imigrante... imigrante vem pra cá, aí o pessoal acha que tá tudo bonitinho, tá mas ninguém tá no coração de ninguém... os LGBT por exemplo... passa na rua, os homofóbicos... aí pega, bate, acontece muita coisa... e é uma coisa que as pessoas de vez em quando não olha...

R....., o que você... o que você acha um pouco, né? e... assim, que a gente entrou... entrou por né?... assim, se você quiser interligar com o teu poema tudo bem, mas se quiser só

dar sua opinião em relação a coisa... porque é assim, a gente aqui acabou falando de coisas que são bem...

Participante 3: Eu li... aí meu poema fala sobre... uma mulher preta, que ela vive no “será”... não no “será”, né?... é os quantos “serás” que as mulheres pretas tem... será que eu vou conseguir, será que eu vou... será que eu vou sair dessa situação, será que... em que ela... e que no poema diz que ela já foi técnica de enfermagem e... já foi... [Inaudível], já foi empregada doméstica, mas que ela vai continuar lutando... e eu acho que é isso... eu acho que ser uma mulher negra na nossa sociedade é continuar lutando. Porque não adianta, você não para de lutar nem um minuto... você não para de lutar, é lutar, lutar, lutar... É lutar contra o seu próprio preconceito, é lutar contra a sua... a sua própria mente, é lutar contra você mesmo, contra as pessoas que... que estão com você... contra as pessoas que... que estão... quantas pessoas que mesmo que da sua família falem assim... Nossa, mas é... mas o seu cabelo tava tão mais bonito antes ou Ah!, mas você nem é tão preta assim!, porque você tá falando que você é preta?

Participante 3: Aí e lutar contra as coisas que na sociedade existe e como... como a A...disse, nosso país é racista sim, nós sofremos o genocídio sim... a gente é... a gente foi forçado a ser mudar, nossa mulheres... as nossas ancestrais que foram forçadas a ser... foram... não... forçadas a ser não... foram sexualmente forçadas... foram usadas como objetos sexuais... e é por isso que a mulher preta também é totalmente hipersexualizada hoje na nossa sociedade, e não adianta por é... nós somos hipersexualizadas sim, ainda não sabemos lidar com isso... eu passei por um período muito grande, tipo assim...é... é... não... de ser hipersexualizada, mas não saber lidar com a sociedade me... me hipersexualizando e aí assim... Nossa ela vai virar uma... uma... vai... a preta vai chegar... tem um vídeo que fala... tem um vídeo que fala, tem um vídeo da Natali Neri, que ela fala assim... Que a mulata, que a mulata dela nunca chegou porque ela é muito magrinha, e todo mundo dizia que se ela é assim, da minha cor, né?... ela é mulata, então a mulata dela vai chegar, o peito, a bunda e... a mulata tipo exportação.

Participante 3: Então a mulata... mulata dela vai chegar, e aí e... quando ela viu que a mulata dela não ia chegar [Riso] ela se decepciona muito... e assim, isso acontece com inúmeras meninas negras, que acontece... e... que acontece... não acontece só comigo ou com a Natali ou com outras meninas, acontece com... e... com inúmeras negras quando... quando você vê que a nossa sociedade ainda nos hipersexualiza, entendeu?...

É muito interessante... é muito interessante essa conversa porque assim... e... nós de alguma forma...

Participante 2: “Profí”...

Pode falar, pode falar... pode... tá fechado...

Participante 2: Tá me ouvindo? Agora..

Agora sim....

Participante 2: “Ah!” agora eu perdi... “ah” lembrei... por que e... porque as mulheres pretas sabe... as pessoas estão acostumadas assim... “Ah!, a mulher preta tem um bundão, tem corpo, tem não sei o que... e a mesma coisa daquele negócio de saber sambar...

Que você falou...

É verdade, mas meninas vocês sabem é... é... que nós estamos vivendo um momento, que é um momento de muita e... transformação... né?... é um momento de muito... quando você A.....fala daquele texto, da questão de empoderamento, de dizer que né?... e... e... da... nós estamos em toda parte... e porque nós viemos de uma ancestralidade, né?... e que por exemplo foi construída, né?... num... um outro continente que nós e... de alguma forma quando viemos para o Brasil, tivemos toda essa questão de né?... de mudança, e de... apagamento... de... transformação e... de... não valorização de muito que a gente... nós temos como cultura porque... quando você fala assim... da questão por exemplo do... do... LGBT, de coisa...

As questões são... como é que eu respeito determinado sujeito, em determinada cultura, e nós aqui né?... e aí assim, a comunidade nós... nós sabemos que por exemplo... nós somos negros aqui no Brasil e temos uma identidade, que é isso que a gente está discutindo um pouco. O negro, por exemplo, dos Estados Unidos ele é negro e tudo tem uma identidade também... e quando nós entramos pra questão por exemplo, de sermos mulheres e tudo... isso ainda é um outro ponto.

Então assim, esse... esses momentos aqui que nós estamos fazendo, eles são momentos A. de realmente de dizer que... Olha, nós temos... nós temos uma cultura, nós não somos, né? e... e... algo que foi e... descartado ou que foi construído de agora... nós temos coisas específicas, né?... que podem ou... que merecem ser respeitadas, que devem ser respeitadas e que nós atualmente... nós temos várias questões que vão... que vão entrando por aí, que ao vocês vão... aí vocês vão entrar por exemplo, quando você fala da cor... “Ah!” mas você não é tão negra assim, você... você parece... você é mais, você é mais... é marrom bombom... Você é marrom bombom...

Participante 2: Tem, tem... e fala assim... Você é uma preta tão linda! Ué, mas Ah!... e... entende essa frase, entende?... só e... não poderia ser...

[Problema no áudio original]... das duas coisas....

Participante 3: Gente...

Participante 2: Ahã...

Participante 3: Se tem uma coisa que eu odeio, nossa... Uma vez é... tem uma... quer dizer... há um tempo atrás trabalhava uma moça aqui em casa, porque minha mãe nunca foi... minha mãe sempre trabalhou muito e... quem ficava na minha casa era minha vó, e depois a minha vó foi ficando velhinha, né?... óbvio... aí ela já não conseguia mais se locomover e trabalhou uma moça aqui em casa por muitos [Gesto com dedos de tempo]... muitos anos... mais de dez anos assim... então ela acompanhou basicamente a minha vida inteira e a minha vó também... até o dia que a minha vó morreu e depois que a minha vó morreu, ela continuou trabalhando aqui. Aí eu fui na casa dessa moça e a filha dela tem o cabelo liso e escorrido, que ela é branca e tem o cabelo liso assim tá [Gesto demonstrando os cabelos]...

Participante 3: Cara ela... a filha dela enfiou a mão no meu cabelo assim [Gesto de demonstração] falou assim... Nossa mais o seu cabelo é tão lindo!... isso me dá um ódio, isso me dá um ódio... as pessoas acham que as nossas coisas assim... que o nosso corpo é de... é de brinquedo... tipo assim, é de brinquedo e... você pode pegar, você pode pegar a mão... os caras tem direito, os caras acham quem...

Participante 2: Ou quando a pessoa fala assim... “Ah!” mais o seu cabelo é fofinho... começa a apertar sabe, como se o nosso cabelo fosse... fosse duro que não sei o que... seu cabelo é tão fofinho... Cara, tira a mão do meu cabelo!... eu não gosto, eu não gosto...já falo logo, eu não gosto...

Participante 3: Eu não gosto...

Participante 2: Até os meus amigos quando alguém coloca mão no meu cabelo eu falo assim... “Oh!” não toca na A..... senão ela vai te avançar [Risos]... vai... porque é uma coisa que...

Olha que interessante e tudo assim que...

Participante 2: Não é seu, é meu! É o meu corpo...

Participante 3: Tipo assim... se for uma pessoa que tenha uma intimidade tipo assim é...

Participante 2: É diferente...

Participante 3: Um namorado, a minha mãe, o meu pai, os meus amigos mais próximos... é uma coisa... minhas tias... mas uma pessoa aleatória! Que eu não tenha tanta intimidade de colocar a mão no meu cabelo, não coloca! não coloca... eu já acho que... além disso, além de eu não gostar... eu já acho que você vai passar as suas energias ruins pra mim e “Oh!”... não, não, não....

Participante 2: Tira a mão do meu cabelo querida [Gesto demonstrando]... Olha assim, é uma coisa assim que eu realmente não gosto, eu me sinto incomodada quando as pessoas colocam a mão no meu cabelo ou se comenta. Quando eu acho um cabelo bonito eu não boto a mão, já falo assim... Nossa seu cabelo é muito bonito... porque é uma coisa que... [Gesto mãos nos cabelos] Eu amo cabelo cacheado, eu amo cabelo cacheado... então quando... porque quando

eu comecei a me aceitar muito sabe, eu comecei a me amar... então quando eu vejo uma preta então eu já falo... Nossa você é Linda! Porque... porque realmente é isso, ou quando a pessoa tá de trança, ou se acha... a pessoa tá “armada” [Gesto nos cabelos] eu pego e falo assim... Nossa você tá tão bonita! Porque a...às vezes a pessoa precisa de... de uma palavra, precisa de falar sabe... porque às vezes você não tá legal... e eu acho que as pessoas deveriam falar isso, mas nem é na maldade ou algo do tipo, é você chegar igual... Hoje eu falei, eu cheguei assim...

Eu acho que as nossas [Inaudível] elas...

Participante 2: [Inaudível] Meu cabelo cacheado, eu falaria assim... Cara, seu cabelo tá lindo.. e ela fala assim... Obrigada que não sei o que... eu saio...

As nossas [Problema áudio original] elas são... elas são construídas em cima de tudo isso... né então... [Problema áudio original] vai tendo que lidar com... com certas questões e tudo... mas eu acho que o importante e que por exemplo, estamos em um momento em que essas discussões, elas se fazem necessárias, né? por exemplo... A gente tá aqui discutindo... discutindo um pouco, né?... Quem são por exemplo... Essas estudantes que estão, né?... no... no ensino técnico que estão e... quando você fala de empoderamento... que estão alcançando, né? e... e... locais e... assim... lutando pelos seus objetivos de modo... de maneira que... tipo assim... Eu quero, eu posso, eu vou... e não é porque eu tenho, né?... porque eu sou negra que eu não posso... ou porque eu sou mulher, eu não tenho esse direito...

Então assim e... e... são essas um pouco e... e... essas questões e assim... é corpo, é tudo... sempre foi um... um... estigma colocado, né? pra... pra gente essa [Inaudível] da mulata e coisa... e porque realmente nos viam como objeto mas [Gesto com as mãos de tempo] isso foi... isso foi mudando... e isso de alguma forma gente, somos nós que trabalhamos, né?... são vocês que... que... se posicionando, mostrando por exemplo... e quando você fala assim... Eu não quero que toque no meu cabelo, porque você não gosta... lógico que tem uma outra amiga sua que não acha isso nada demais... mas tipo assim...

Participante 2: Que gosta sabe, mas eu acho meio estranho...

Não... não... é...

Participante 2: Quando a pessoa bota a mão, Ah! seu cabelo, Ah! seu cabelo... ou fala assim... Ah! seu cabelo não é duro! Eu fico olhando assim [Gesto perplexidade] e... e... “cê” tem problema?

Não [Problema áudio original] necessariamente e tudo...

Participante 2: Teve uma vez que eu escutei uma piada assim que eu fiquei... uma piada ridícula, ridícula... que... que eu tava... tipo... O cara chegou e tava falando normal sabe... um

vizinho... e eu e minha amiga tava conversando... e ele chegou e “talz” “tipo” nem tava na má intenção, nem nada disso... mas ele começou a falar um monte de piada... e a última dele, ele pegou e falou assim... Sabe qual é o cabelo mais duro da mulher? A gente ficou [Gesto perplexidade]... não, não sei. Aí ele pegou e falou assim... Ah!... das mulheres africanas...

Participante 2: E eu olhei para a cara dele, olhei pra cara da minha amiga e a minha amiga falou assim... O que ele falou!? Aí a gente ficou olhando assim... eu fiquei... “cara” isso é racismo, sabe disso, né?... né?... Aí ele ficou todo... Ah! mas eu não sou racista... que não sei o que, não sei o que lá... aí depois ele saiu e a gente ficou tipo assim... “Cara” ele tem problema?? [Gesto indignação] e não sei o que... eu fiquei olhando... mas eu fiquei “passada” esse dia, esse dia... eu fiquei olhando assim e falei... Não, não é possível, ele não falou isso [Gesto reprovação]... não é possível...

Os poemas que eu trouxe... os poemas que eu trouxe pra vocês... eles têm um pouco e... dessa pegada, né?... essa... essa discussão.

Participante 2: [Inaudível]...

Participante 3: Desculpa, caiu...

[Risos] Tá tranquilo...

Caiu, mas acho que você tá aqui aparecendo pra mim, tá direitinho...

Participante 3: Não, tinha... eu saí, aí voltou... aí deu maior confusão...

[Risos]... Tá jóia...

Mas, meninas eu acho assim... é que os poemas... em relação aos poemas era um pouco essa a intenção, era um pouco trazer esse tipo de... de... debate e tudo e... e assim... esse é o nosso espaço, né?... esse é o momento é... eu acho que são é... nós temos a oportunidade de estar e... nos preparando, né? pra... pra estar nos posicionando quando por exemplo, uma pessoa, né?... faz esse tipo de brincadeira e tudo... porque eu acho assim...

[Ruídos]...

Pode falar R..... pode falar...

Participante 3: Não é nada não, não... tava falando com a minha mãe... desculpa, é que o microfone tá ligado...

Ah! tá, então tá bom... tá bom amor... pode deixar ligado não tem “grilo”...

O que acontece... quando nós dizemos que é... que não é “mimimi”... que pode ser... que consideram “mimimi” de certas coisas, é porque as pessoas muitas vezes dizem que...

Ah! ... meu Deus... vocês passaram... vocês é... vocês só ficam reclamando! Vocês só ficam, né?... mas sabe porque... nós estamos resgatando muita coisa e que nós perdemos... esse é... é... é o momento. E assim, quando nós como mulheres, né? é... nós conseguimos estar e... em diferentes... diferentes áreas... em diferentes... isso é muito

importante. Se eu posso ser uma lutadora, né?... se eu posso ser uma militar, se eu posso ser uma enfermeira, se eu posso ser uma professora e... eu posso ser o que eu quero... e ninguém, né?...

Eu acho... eu acho que é um pouco isso é... de... que a gente de alguma forma traz dentro de tudo.

Ester gostou da... dos textos e coisa... quer pontuar mais alguma coisa? R.....

Participante 1: Eu... eu...

Foi muito rico, pode falar...

Participante 1: Assim que eu terminei o meu, eu li o texto da R....., que eu achei que era pra ler tudo e... depois, logo depois quando eu vi o meu nome, eu só li o meu texto. Então eu só li o primeiro texto e os meus dois textos. Eu gostei também muito do texto da Rosana, dos “Será”, será que vai conseguir, será... será...

Participante 1: É uma... eu acho que ela não... assim... ela contou um pouco da história dela no texto, com certo sentimento, certa emoção... e rimos ao final de cada... cada frase, de cada verso, né?... o que é uma poesia...Hã?... mas ela deu uma... pensando assim, eu não sei se foi intenção da autora, mas eu... eu li isso não só como uma coisa Há! da negritude de... esses “Serás” esses... esses pontos de interrogação, essas dúvidas... acho que pra todas, né? e... e... será que eu vou conseguir, será... pra todas as pessoas que... que um dia sofreram algum tipo de preconceito que... não, não... não adianta, na vida a gente... todo mundo todo mundo sofre por alguma coisa... uma vez pelo menos na vida... uma vez, não to falando só na juventude, na... na... na fase de ser criança, não só na... na fase adulta, mas uma vez na vida o... o ser humano... a estimativa de vida do ser humano é de... oitenta e poucos anos... noventa e poucos. Então uma vez na vida dentro de todos esses anos, você sofre por alguma coisa... seja por amor, seja Ah! sei lá pelo... pelo seu cabelo, pela... pela textura do seu cabelo, alguma coisa... pelo... pelo seu nariz, pela... por tudo, né?...

Participante 1: Então... e aí algumas dúvidas surgem na sua cabeça por conta disso, né?, você acaba entrando em uma “neura” às vezes. Será que eu vou conseguir, não... será que eu... né?. Então acho que ela... eu... eu pensei dessa forma, pensei de um modo mais geral, mais na... no sentido da vida sabe...Será que a gente vai chegar lá? Será que a gente vai voltar pra escola... ou assim...

Participante 2: Sabe... onde é que...

Fala aí... pode falar A...

Participante 2: Mexe muito comigo esse negócio de “será” sabe por que... eu já sou... eu tenho um certo tipo... eu fico meio ansiosa, e eu sou uma pessoa que pensa muito no futuro e qualquer coisinha eu penso assim... Será que vai dar certo? Será que eu estudando... Ah! e seu

eu... e quando... eu tô pensando em tudo isso e se um dia eu mudar de ideia? E se uma hora acontecer alguma coisa assim? Eu... eu sou uma pessoa que fica pensando vinte e quatro horas, fico pensando, pensando, pensando...

Participante 3: Mas eu acho que...

Participante 2: Eu fico pensando em umas coisas... eu sofro antecipadamente....

Participante 3: Eu não sou a melhor pessoa pra falar disso não...

Participante 2: Mas vou falar [Risos]...

Participante 3: Eu tive uma conversa sobre isso... sobre esse “Será”... mas eu falei pra minha mãe... mas a gente tava conversando hoje sobre os não sei que eu tenho... que eu tenho um monte de não sei, mas é igual... igual a Ester falou e... todo mundo tem um monte de não sei e... mas é isso que a A..... falou que é assim...

É verdade...

Participante 3: Ah! e... será que... será que eu vou me arrepender de fazer isso e no futuro eu vou mudar? Mas é igual eu tava ouvindo uma... no rádio uma vez... Que a mulher era advogada, formada, não sei o que... tinha um escritório... na pandemia ela se formou em chefe de cozinha, largou o... o escritório e tudo, jogou tudo pro alto... e virou chefe de cozinha...

Participante 2: É isso que eu tenho medo, eu tenho medo de nadar, nadar, nadar na praia...

Participante 3: [Ruídos] Ela virou cozinheira, ela não virou nem chefe de cozinha, era virou cozinheira! Então assim, eu acho que é essa a questão... é a questão do ser humano poder mudar, entendeu...

[03 Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 3: Eu acho também... metamorfose...

Participante 2: Mas eu tenho medo de nadar, nadar, nadar e fazer muita coisa, e lá na frente eu falar assim... Não quero mais isso, vou mudar! [Risos]... É isso o meu medo, porque eu tenho medo de lutar, lutar e não... não chegar... não é que... não é ser feliz, mas é não tá feliz na profissão... não tá feliz “tipo”... em alguma coisa que eu já esteja fazendo sabe... eu tenho medo disso.

Participante 1: Eu acho... eu acho que...

Participante 3: Mas essa é a questão...

Fala E...

Participante 3: É que se você não tiver feliz, você tem tempo pra mudar... porque a gente vive noventa anos [Risos]... Se nos noventa anos não se resolver minha filha... olha, vamos conversar de novo na próxima...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

A média dela tá super alta pra gente... eu vou chegar aos noventa...

Participante 2: Ela tá... ela tá assim... A.... [Risos]... porque eu... eu tô pensando...

Fala E... fala aí... deixa...

Participante 1: Eu acho que a gente... eu... a gente entrou nesse assunto do “Será” eu tô... eu tô sentindo que a gente vai ficar um bom tempo nesse porquê...nesse assunto porque é uma coisa... é uma coisa que... que...

Participante 2: Pô! em falar nisso, nesse negócio de hora também eu... eu tenho que sair já já...

Participante 1: “Caramba” que [Ruídos] tá tão presente desde sempre, né?... na... na nossa vida, quando por exemplo... Quando eu tinha doze anos eu queria muito fazer quinze anos e eu sofria antecipadamente por conta disso... e agora que eu tenho quinze anos eu... anseio desesperadamente pra não existir mais [Risos]... tô brincando...

[Risos]...

Participante 1: Mas... “caramba” é... por exemplo, a minha mãe agora a... ela tá com quase cinquenta anos, tá fazendo um curso tipo... super... super... nada a ver com a profissão que ela tem, só porque ela quer... e também força, incentivo, né?... então acho que é realmente se permitir a mudar, por exemplo, se você quiser [Participantes falando ao mesmo tempo] oito anos de medicina e depois quiser largar tudo pra... sei lá, fazer qualquer outra coisa da vida... é a vida, é a vida...

Eu acho que precisa... você precisa só ter objetivos, né?... tipo assim, se nesse e... e você vê que nesse momento é o que te... é o que tá por exemplo, é isso que você quer, é isso que te faz feliz, que te e... e... e você ser muito honesto com você e quem... com quem tá junto de você... por que por exemplo, muita gente ... a gente vai levando, vai levando, vai levando e vira uma bola de neve, explode e... e... o que acontece? Você acaba e né... machucando e tudo. Então vale a pena por exemplo, se não tá te fazendo tão bem... vamos... vamos ver, né?... o que... será que e... por exemplo, eu preciso realmente mudar de área, né? Ir pra um outro campo? É isso que vai me fazer feliz? Ou será que eu preciso só me adaptar ou mudar alguma coisa [gesto com as mãos] dentro dessa área que eu tenho, pegar outras, né?... algum outro por exemplo, eu já tô em um nível que agora eu quero, né?... ir pra um outro campo...

Então é isso, mas vocês são tão jovens gente, vocês são tão e coisa... vocês têm tão... vocês têm tanta coisa pra viver, que eu acho que assim e... e... eu acho que a grande discussão do que eu levanto... oi amor... que eu levanto é... nunca deixem, eu acho que é... nisso que a gente coisa... que digam que você não pode, né?... que você e... por ser... e por ser isso ou aquilo, por você ser... ter nascido ali ou “acolá”, por você ter essa cor ou que por você ter a outra cor, ou porque você tem uma cor [Interrupção participante]...

Participante 2: Te impeça de fazer algo...

Isso e... você tem uma orientação e... religiosa, ou porque você tem uma orientação sexual e tudo... que as pessoas... eu acho que é o momento de né... primeiro respeito e que as pessoas não te digam... Você não pode, você não é capaz, você e... e... não tem essa possibilidade... porque ninguém tem esse direito né [gesto de negação com a cabeça]... ninguém tem esse direito assim, é você... tem que ser e... estar construindo muito e se fazer feliz e se sentindo... poxa, se realmente a medicina, se foi oito anos e demorou tanto pra... pra coisa, você vai ter que ser honesta no sentido de vou mudar, né?... eu vou pra... pra outro. Mas em tudo a... a... a coisa de... de... das pessoas te respeitarem...

Participante 1: [Participantes falando ao mesmo tempo] Só porque... aí na hora... e... me deu assim um negócio e aí depois [Ruídos]... é a questão da honestidade. É realmente você saber, não eu vou fazer isso, eu vou e ponto! Não, não vou me arrepender depois por ter... por ter...

Isso aí...

Participante 1: De quer voltar atrás “numa” coisa que você fez porque aí não vai ter adiantado muito eu sair daquela... daquela situação, né?... daquele emprego, enfim...

E você sabe que nem tudo é fácil, nunca... nem todo, né?... as coisas não vêm fáceis necessariamente, e o nosso povo de alguma, de alguma... de alguma maneira ele tem que e... eu acho que foi Amanda ou Rosana que disse que... A todo momento nós temos que estar e... provando, tem né que... e tudo assim, isso é uma verdade, né? mas...

“A...” queria falar alguma coisa é isso? Eu te cortei? Desculpa filha...

Participante 2: Não “profi”, não cortou não.

Não...

Participante 1: Gente...

“R”...

Participante 2: Mas falar nisso, é porque eu tenho que ir...

Participante 3: Eu não tenho nada pra falar não, eu já falei já [Risos]...

Tá bom...

[Ruídos]...

Participante 1: Sobre...sobre alguma... a não é... sobre a questão do cabelo, eu vi as meninas falando que não gostam de mexer... gente, uma coisa que eu amo...

[Risos]... Foi o que falei... tem gente que... tem gente que não liga que toquem no cabelo... que tem que... é isso...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 1: Eu não posso dizer que eu sou muito carinhosa porque eu não sou uma pessoa muito carinhosa tipo, há fases e fases, dias e dias, né?... [Riso] então...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 2: Eu já [Inaudível]...

Participante 1: [Participantes falando ao mesmo tempo]... Em tudo que eu toco... em tudo que... eu não sei... vira uma outra Ester aqui entendeu?, e eu... quero abraçar, quero tocar, quero... então é uma coisa assim, eu acho que é mais e... e... tem pessoas que fazem por maldade tipo, querendo [Problema áudio original] ter algum tipo de... de ironia, alguma coisa mais camuflada e aí a gente tem que ter discernimento pra... pra saber quando isso tá acontecendo... e tem dias que a pessoa tá super “good vibes” ali, querendo puxar assunto com você, querendo sei lá... talvez por... saber também né como é que é... eu... eu já tenho algumas amigas que tem e... cabelos... nasceu com cabelo liso e fala... Meu Deus, meu sonho é ter cabelo cacheado, porque uma época eu queria alisar o meu cabelo, aí eu comentei com elas... Pelo amor de Deus Ester, não faz isso não, faz isso não que você pode fazer qualquer penteado que você quiser, você pode alisar, você pode usar quando que é liso, quando que é cacheado...

Participante 1: Então eu acho que é muito... vai muito da... da pessoa, né?... da “vibe” também da pessoa... quando você chega perto de uma pessoa...

O que é muito legal, o que é muito legal que é isso mesmo...

[Participantes falando ao mesmo tempo]

Participante 1: Quando você chega perto de uma pessoa com a índole ruim, geralmente você sente, né?, você sente... em algum momento da fala dela, do olhar dela, que não tem... não tem uma coisa legal ali sabe, mas também não é pra gente chegar e... e... tornar isso um extremo um... um... globalizar isso de... Ai pelo amor... não, não, não... porque parece que é uma... meio que uma fobia de pessoas... não, eu gosto, eu gosto que mexam no cabelo, gosto de ser “paparicada”, eu gosto [Riso]...

Legal...

Participante 1: E... [Risos] é isso...

Muito legal meninas, que podem... a nossa roda e... e... é isso que é o interessante...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Como é que é? Fala “R.....”...

Participante 3: Posso falar?...

Participante 2: R.....

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 3: Mas eu não acho que seja uma fobia de pessoas Ester, eu só acho que “tipo” assim, eu tenho um tipo de cabelo diferente do seu... e o meu tipo de cabelo, as pessoas acham que é duro igual “bombril”, que não é fofinho, que não pode... que não sei o que, ficam

fazendo piadinha entendeu?... E é por isso que eu R...., não gosto que toquem a mão no meu cabelo. Se não for uma pessoa conhecida...

Participante 2: Eu te entendo...

Participante 3: Se não for uma pessoa que eu tenha uma certa intimidade, entendeu?... Porque senão, é igual ao contei... ela ficou enfiando a mão no meu cabelo, como se meu cabelo fosse de brinquedo, como se meu cabelo fosse uma “pantufa”, entendeu? e... é isso que eu não gosto.

Participante 2: Não, compreendo... compreendo... super entendo e isso é um direito seu, uma particularidade sua... existem meninas que eu conheço com o cabelo bem crespo, bem frizado, amigas que eu tenho que gostam e... e... são super de “boas” e você não gosta, é uma particularidade sua, nada contra também, tem... devem ter pessoas... existem com certeza em oito bilhões e meio... no meio de oito bilhões de pessoas no mundo, com cabelo liso, uma com cabelo liso que não gosta que... alguém mexa no cabelo dela por... por algum motivo... mas...

Eu acho que... eu acho que só... eu acho que...

Participante 1: A minha ideia sobre isso é só... talvez você não goste, mas nem toda pessoa que... talvez essa menina... talvez né? eu não sei... não... não senti a “vibe” dela no momento, não olhei pra ela e... talvez ela foi mexer no seu cabelo com uma má índole, mas e... talvez existam pessoas na sua vida que... que vai aparecer, que vai querer fazer alguma coisa que talvez você não goste...

Eu acho que ... eu acho que...

Participante 1: Mas também não sabe que você não gosta, então...e ... eu penso em um modo mais geral.

Eu acho que... o que acontece... nós...

Participante 2: No meu caso eu deixo bem claro que eu não gosto, aí as pessoas daí entendem...

E... eu acho que... sim, eu acho que é isso... você se posiciona, você de alguma forma...

[Participante 2: Às vezes eu sinto, às vezes eu não sinto...Por que Ah! bom... a R.... tem o cabelo crespo... crespo, não mais ou menos... mais ou menos, que eu vi na foto não é tão não... aí o que acontece, um cabelo ondulado é mais aceito que um cabelo crespo se você reparar, porque, igual... você quer deixar o cabelo bem cheio e não sei o que... e algumas coisas não entendem sabe... Ah! seu cabelo tá cheio demais e não sei o que... e fala besteirinha... e é uma coisa que... que... é... que é frizado sabe, que o pessoal aponta que não sei o que... Ah !por que você num dá um.. dá um... abaixa ele? Mas não, a gente gosta do cabelo cheio, gosta do cabelo “Pá” que chega... e algumas pessoas não entendem...

Entendi, entendi... vocês... meninas é... é assim, eu acho que e... e... o que a gente... o que nós estamos construindo aqui, através do diálogo, através do... de.. de... de cada posicionamento e vocês viram que é... é... é uma roda ... é uma roda assim, a principio dita como pequena e olha só como é que a gente já encontra... E é isso que é importante, eu acho que quando você consegue visualizar, né? que... o outro é o outro, que ele tem especificidades, e que você de alguma forma tá construindo porque tem que respeitar, isso e... e... é muito importante, né?

É muito... foi muito bom conversar com vocês e... disso e... e assim... é... ver que nesse movimento de... de... construção, o quanto nós e... quando estamos juntos, quando estamos e... nos apoiando... isso é necessário, né? isso... isso... isso nos faz mais fortes... isso nos faz e... assim... entender melhor, né?... cada posicionamento.

Eu gostei muito da conversa hoje gente... eu gostei muito...

Participante 2: “Prof” agora eu tenho que ir... eu também gostei, eu vou te mandar o... o... a narrativa depois pelo e-mail...

Tá...

Participante 2: E sobre a aula tá bom? Tem mais alguma coisa pra falar?

Peraí que eu quero... peraí que eu quero... só um minuto que eu quero passar, só um minutinho... que eu quero passar uma coisa, só um minutinho...

Meninas, meninas...

Participante 2: Sim...

“Cês”... “cês” conseguem me ouvir? Conseguem?

Participante 2: Sim...

Participante 1: Sim...

Participante 3: Sim...

Olha só é... abram... abram a sua câmera só um minutinho só pra... só pra eu “coisar” pra vocês... só... Esse é o livro [Gesto de demonstração] tá que... que eu... eu tirei... que... que tão estes textos e tudo tá... Esse depois eu vou... eu vou fazer uma maneira de tá mandando esse livro e... numa forma de tá... mandando e... e... presente pra vocês... tá e... e coisa e tudo, a gente... eu vou ver direitinho pra conseguir e tá... tá mandando...

Ele tem o texto... aqueles textos, daqueles poemas que... que... que tão e coisa... Tem um texto, né? que... Roberta tá aqui nesse meio, mas é uma forma bem... é uma forma bem... coisa de tá chegando junto a vocês, tá bom? Depois a gente vai ver direitinho, tá? Eu não sei se vejo... [Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 1: Gente [participantes falando ao mesmo tempo]... eu não dou conta...ganhar livro, olha...Roberta, você mora aqui “ó” [Gesto de coração com as mãos]...

Participante 2: Fala... A gente nem fica feliz, bando de leitoras, a gente nem fica feliz [Sorrisos]...

Ah! mas a ideia é essa minha linda [Gesto de felicidade][Risos]... Você vai ver a proposta então, a ideia é um pouco essa... E olha só... depois eu tenho que ver a forma tá de... de coisa pra vocês meninas que... e ... eu tenho...

Eu queria agora, só pra gente... já tá caminhando pro... pro... nós já estamos terminando tá e tudo... A... já me disse, por exemplo, ela tava falando das narrativas... Gente é... é isso... preciso... me mandem a narrativa de hoje tá e... gente, por favor... escrevam tudo o que vocês sentem e coisa, pode escrever... Ester botou um monte de coisa e eu assim...

Participante 1: Meu Deus [Gesto de vergonha]...

Muito legal [Gesto prestar atenção] podem... eu adoro isso... põe os seus sentimentos mesmo...

Participante 2: A [Inaudível] mandando o livro pra professora... a professora... e ela tá movimentando [Sorrisos e Risos]...

Tu é muito boba [Risos], você é muito boba...

Mas olha só, na narrativa... ponham um pouco, né? de que... de que e... Quais foram os... os poemas que foram enviados, o que aconteceu por exemplo, né?... se deu pra ler, não deu... Como é que foram os sentimentos... e de como é que foi essa reunião.

E assim é... olha a proposta que eu tenho... e aí assim, R....., abre a câmera... E....., abre a câmera porque é uma proposta... uma proposta grande tá... não é pouca... não é pouca proposta...

Participante 1: Tô com a câmera aberta...

Deixa eu falar pra você... não... Ah! então é minha internet... é a minha internet, é a minha internet... Olha só... olha o que vai acontecer pro nosso próximo encontro... Eu vou pedir... pra vocês tirarem fotos de mulheres da baixada, na baixada [fala mais lenta]. Pode ser da minha mãe? Pode... pode ser do meu...

Participante 2: [Inaudível]...

Calma aí, calma aí... olha a minha proposta... olha só, e vocês podem tirar fotos dessas mulheres em diferentes contextos... pode ser e tudo... e aí eu vou... eu vou... Ah! o “profi” eu fui... eu tava passando na mercearia e achei assim e... e... eu vi uma senhora trabalhando na mercearia e isso me tocou, eu resolvi tirar a foto dela, né?... porque ela é da baixada, ela é uma mulher tá... porque essa fotos elas têm que ser de mulheres...

Oi?

Participante 3: Roberta, eu não saio de casa, eu só... eu só vou pra dois lugares, quando eu estou em pandemia e...

Não tem problema...

Participante 3: A minha casa...

A igreja [Gesto afirmação com a cabeça]...

Participante 3: E a casa da minha prima mais velha, que é minha irmã...aí... eu vou tirar foto dela...

Não tem problema...

Participante 3: e da minha mãe [Risos]...

Não tem problema... não tem problema, e porque... olha só... se você não conseguir...

Participante 3: Ah! e eu vou... Ah! eu vou no centro espírita...

Perfeito...

Participante 3: Pode tirar foto de lá também?

Bom se você é... é isso que por exemplo, se você e... independente de onde você for tirar essa foto tá... você tem que de alguma forma, quando você tem a imagem da pessoa... isso tem que pedir autorização, tá? Então por exemplo, eu não sei... por exemplo, se é a sua mãe, a sua vó, sua prima e coisa... isso, se você vai tirar de uma moça na... na... né?... na mercearia e coisa assim, que você viu... você viu uma moça fazendo um trabalho na rua de... de... “malabaris”, né? e tudo... se vai aparecer realmente essa moça, você só tem que saber que, por exemplo, eu não posso... a gente não vai é... poder...a gente não pode usar a imagem da pessoa...

Participante 2: Do nada tirar a foto... tem que ser...

É não pode... é até por isso...

Participante 2: Eu posso falar até que é pra uma pesquisa e “tals”... porque eu estou fazendo uma pesquisa...

Pode se você... pode... se você por exemplo, quiser ir em um lugar específico, não tem problemas, mas olha só... você pode tirar foto em... em qualquer lugar e de quem você quiser... por exemplo, pode ser da minha mãe... e foto da minha mãe quando ela era... quando ela era um pouquinho mais jovem? Pode a gente... a gente vai... vocês vão ver que o contexto [.....]...

Vou jogar pra vocês o que a gente vai construir, junto... A minha ideia... é que essas fotos depois... é por isso que gente precisa ter tanto cuidado com questão de imagem... a gente... a gente monte uma exposição virtual dessas fotos pro pessoal da FAETEC, esse é o retorno da minha pesquisa junto... é um dos retornos da minha pesquisa é... é pra... pra comunidade.

Então nós vamos é... nós vamos montar e aí assim, eu queria ouvir de vocês, se vocês acham isso legal, se vocês acham isso ruim... foi até por isso que eu tinha pedido pra

abrir a câmera e tudo, era por causa disso, porque eu queria e... ver vocês e ouvir sentindo assim....

Participante 2: “Profi”...

É uma proposta bem diferente, né?... essas fotos... já te deixo... já te deixo falar... essas fotos por exemplo é... elas vão servir como... como base pra que a gente vai discutir no próximo... no próximo encontro e... aí construindo com vocês, eu trago uma sugestão... o que vocês... o que vocês acham da gente e... de alguma forma... montar depois e aí assim, montar como se fosse uma... uma... uma exposição mesmo virtual de workshop [Problema áudio original]... Se vocês tirarem duas, vão ser duas... se vocês tirarem dez, vão ser dez... a gente... a gente vai fazer coisa e tudo, mas tenham esse cuidado.

Pode falar A..., cê queria falar, pode falar...

Participante 2: “Profi” eu acho uma boa ideia sabe, mostrando as mulheres... estamos aqui sabe... estamos aqui... [Gesto com o punho para o alto] [Risos]... e eu acho muito legal...

Beleza...

Participante 2: Acho... concordo...

E.....?... O que...

Participante 1: Eu acho uma... [Problema áudio original] realmente um desafio... é realmente um desafio...

[Risos]...

Participante 1: [Risos] não é... não é Ah!...

Eu sei que você gosta [Participantes falando ao mesmo tempo] E.....[Risos]... Eu sei que você gosta...

Participante 1: Gosto, mas assim, a gente tira essas fotos e aí conta alguma coisa, sei lá, sobre o que a gente pensou, né? com... dependendo do que a pessoa tá fazendo... [Problema áudio original]... eu envio...

É... é...

Participante 1: Mas é algo a mais do que a gente tá vendo com os nosso olhos...então, é pra gente contar um pouco sobre isso?

É você já tá adiantando um pouco como que vai ser o evento da nossa próxima reunião [...] adorei, adorei... mas é um pouco isso mesmo E.... assim... a primeira... a primeira coisa é o seguinte, é tirar as fotos e aí assim, eu ia colocar um limite, mas eu virei e pensei assim... primeiro assim... tirem as fotos e aí sempre com essa preocupação tá... isso eu acho que vocês tem que... isso é bem... é bem importante e a gente não pode perder isso tá...

A questão de imagem dessa pessoa, por exemplo, R..... se for é... se você tirar... realmente tirar lá no... no centro e tudo, não tem problema nenhum porém, eu... assim... isso tem que ter alguma autorização ou se você por exemplo, só tirar a foto e... não mostrando o rosto das pessoas, só... eu não sei, eu não quero ficar e... e... induzindo como é que vai ser a foto, né?, mas... vocês é que... vocês vão ter a liberdade pra... pra criar o que vocês quiserem. Mas assim, um ponto que ali eu tenho que ser... isso não pode, tá... se for... por exemplo, se for da sua mãe...

Participante 3: O Roberta, mas o centro espírita que eu frequento, é centro espírita kardecista... aí não tem muito...

Não, não tem...

Participante 3: Não, mas assim...

Não tem muito...

Participante 3: Posso falar?

Pode...

Participante 3: Então não tem muito assim não... aí eu vou tirar foto das pessoas, mas é... é tranquilo, a gente frequenta lá um tempinho já... aí as pessoas já conhecem a gente.

Não, não tem problema nenhum, você tirar foto e coisa e tudo, mas assim, é porque quando você...

Participante 3: Pode deixar, eu vou perguntar... eu sei...

Quando você... isso...

Participante 3: Eu sei que não pode.

Quando você usa a imagem, por exemplo, da pessoa...

Participante 2: “Profi”... eu tenho que ir porque eu vou correr e já tá ficando muito tarde...

Tá... tá...

Eu... eu... tenho... olha só... o A..... A..... eu só vou... tá... tá certo... olha só... só pra gente fechar então, pra você poder ir... pensem nisso e qualquer dúvida então vocês me mandam “WhatsApp” tá... direitinho... e aí, o que vocês acham...

Participante 2: As fotos... as fotos a gente vai mandar pro seu privado ou no grupo assim? Só pra não ficar mandando duas vezes...

Pode ser pro meu privado, pode ser pro meu privado... ou melhor... até manda pro e-mail porque pro e-mail fica melhor, tá...

Participante 2: Tá...

Participante 3: Tá bom...

Mas olha só... isso... as fotos... vocês só vão me mostrar no próximo... no próximo encontro... eu... eu até quero ver... eu não quero ver as fotos antes... eu quero e... ver a foto com vocês... e

aí vocês me dizem por favor, quando é que vocês e... acham que seria legal ter um próximo encontro, até pra vocês terem tempo de tirar essas fotos... de coisa e tudo...

Participante 2: “Profi”...

Seria...

Participante 2: Acho que domingo pra mim tá bom... acho que a próxima reunião pode ser domingo...

Participante 3: Não... domingo não dá pra mim.

Participante 2: Não dá? Então “suave” também... Oh! pode ser na... aquele tempinho que eu falei, de segunda-feira que é uma horinha que eu consigo, e tem na terça-feira... que eu já posso ficar até um determinado tempo maior...

Tá legal...

Participante 3: Tenho que ver terça-feira... terça-feira é que dia?

Terça-feira...

Participante 2: Terça... hoje é quinta peraí...vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove... vinte e nove...

Vinte e nove é... vinte e nove... vinte e nove...

Participante 3: Vinte e nove dá...vinte e nove dá...

Tá bom...

Participante 3: Só que Roberta...

Tá bom então...

Participante 3: Eu não posso na... na quinta-feira dia dois, eu não posso...

Não né... [.....]... tá bom, tá jóia...

Participante 2: Não, tudo bem...

Sem problema. Então vamos fazer o seguinte e... coisa...[Gesto positivo com a mão] vamos deixar... eu vou até botar isso no “WhatsApp” depois... vocês se importam disso? Porque vão ser o seguinte... A..... tem a questão da... da... autorização, tá? dos pais [Gesto apontando para a tela]... esse é o primeiro ponto... que tem que mandar isso e agora... não pode deixar... não pode deixar pra depois, tá?

Vamos ver se a gente consegue fazer isso...

Participante 2: Amanhã sem falta... amanhã sem foto... amanhã sem foto [Risos]... porque amanhã minha mãe também já vai estar em casa direitinho, o meu pai também...

Sem problema...

Participante 2: Aí eu peço pra eles assinarem... aí eu posso te mandar de noite e “tal”...

Perfeito... não, não tem “grilo”... e coisa assim, isso...

A questão então do... do... da narrativa vocês podem... façam... e aí me mandam... As fotos... não precisa mandar agora, porque eu quero ver com vocês no nosso... no nosso evento e tudo... e aí qualquer dúvida que vocês vão... vão tendo e tudo, vocês podem tá me perguntando... podem tá me perguntando... [problema áudio original] e coisa, podem estar fazendo isso... tá bom... tá legal... só [Gesto de beijo]... eu.. eu... eu tô ficando até emocionada com tanta coisa... com tanta coisa legal que eu sei que vocês são assim... vocês são o máximo de potência de... de coisa... dentro das discussões vocês são... são demais, tá bom...e tudo...

Vamos tirar a nossa foto A.....antes da gente... antes de você ir embora...

Participante 2: Claro, claro, claro...

Vamos lá, vamos lá... e coisa... a... a... vira... “cadê” A..... a A..... é a nossa... ela... a E.....pra mim.... a E..... aparece... a minha internet que deve tá ruim... ela não aparece... ela só aparece com um “M”... e tudo. Vê se pra você tá direito A...

E.....?...

[Gesto de felicidade] Ahã! [Risos]...

Participante 2: A R..... saiu...

Ah!... R,,?... Vai... agora...

Participante 3: Peraí, voltei...

[.....]...

Meninas...

Participante 2: Oi... vou mandar lá no grupo [Inaudível]...

Qualquer... qualquer... qualquer dúvida que vocês tenham, é só vocês...

TRANSCRIÇÃO

RODA DE CONVERSA ON-LINE

DATA: 01/07/2021

Marcação Negrito: Roberta Renoir

Participante 1: E.

Participante 2: A.

Participante 3: R.

O frio né? e tudo... além dos nossos... dos nossos papinhos e tudo, como é que vocês estão? Tá tudo bem? Tá tudo tranquilo com vocês? tudo bom, é bom tá revendo vocês eu fico assim...

Participante 2: Comigo tá tudo bem, comigo tá tudo “suave”...

Eu fico com saudades de ficar dos.... dos nossos encontros...

Participante 3: Comigo também tá bem...

“Tranquilo” olha só... Então a grande pergunta a nossa, a nossa é... estratégia de hoje, nosso trabalho de hoje é nós estarmos é... falando um pouco né de como é que... de como é que vocês... das questões das... das questões das fotos e tudo... e aí... eu vou abrir, eu vou abrir uma... uma proposta pra vocês da seguinte forma é...

Eu queria, eu queria que vocês é... eu vou dar espaço pra vocês falarem um pouco é... das fotos de vocês, pra vocês verem um pouco sabe é... o que essas fotos dizem efetivamente pra vocês tá, e eu vou dizer um pouco e... também... o porquê, que eu pedi pra vocês tirarem essas fotos, né?...

Elas são é... fotos realmente que a minha ideia é... que a gente depois... que nós façamos uma... uma exposição...

Participante 3: Roberta deixa eu te falar... eu não... eu tirei uma foto da minha vó, mas eu não consegui tirar foto de outras mulheres...

Não tem problema nenhum...

Participante 3: Porque eu fiquei tipo muito, muito, muito dentro de casa esses últimos dias e...

Não tem problema...

Participante 3: Mais dentro de casa que o normal...

É mesmo?

Participante 3: Aí... é... por que tipo meu pai e minha mãe estão trabalhando e aí eu fiquei... só dentro de casa... aí eu só tenho a foto da minha vó, segurando a minha... acho que a minha afilhada no colo... mas no aniversário dela, ela fez oitenta e um anos... aí...aí eu não tenho mais foto...

Não tem problema nenhum... já que você começou minha querida A... minha querida R... e tudo, então depois eu explico qual é o objetivo, mas olha... não tem problema quantidade, não tem... é assim... pode ser gente da sua família, a gente tinha uma única preocupação mesmo é com a questão... a questão de autorização mesmo, questão de imagem e tudo... mas aí por exemplo, tá dentro da sua família a gente...

O que eu queria agora então R... é que você... você tem como é... pelo menos compartilhar a foto, mostrar a foto um pouco pra gente... mas você começou a me

contar um pouco como é que você... porque, que você tirou [Inaudível] e tudo... é isso mesmo e tudo... mas você tem como e... compartilhar a foto? Ou não?

Participante 3: Tenho...

Então...

Participante 2: “Profi”... será que...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 2: Algumas fotos que eu acabei esquecendo, desculpa por falar nisso... eu acabei esquecendo de fazer os negócios, mas eu posso... tipo pedir para algumas amigas e “tals”, as minhas tias para tirarem fotos delas?

Olha só você chegou a tirar alguma foto? Ou não?

Participante 2: Não...

Você não tirou nenhuma... nenhuma foto?

Participante 2: Nenhuma...

Participante 3: E... deixa eu falar Roberta... eu tenho... eu posso mandar no grupo?

Pode...

Participante 3: Porque eu não tenho como compartilhar, aqui tipo... agora aqui...

Tá bota no grupo porque eu compartilho tá... e A...

Participante 3: Tá...

Peraí deixa eu... depois e pra você me explicar um pouco depois... a relação das suas fotos, elas não estão com você aí agora... é isso que você... que você tirou e... tá no seu celular ou você não tirou foto nenhuma de nada... no coisa não...

Participante 2: Não, eu não tirei foto. Eu acabei esquecendo porque a... como a minha mãe voltou a falar comigo, aí eu dei mais atenção pra ela.

Claro...

Participante 2: Aí o que acontece...aí eu fiquei meio ocupada em relação a isso porque fora que eu fiquei dormindo na casa da minha madrinha... aí o que aconteceu... eu não consegui tirar foto nenhuma, fora que no curso às vezes eu não tô.. não tem [Inaudível] e as pessoas que eu conheço que eu queria tirar foto não tão em aula, não tão no mesmo intervalo que eu, estão em sala... aí fica meio difícil pra mim..., mas eu vou... eu vou tentar tirar as fotos amanhã, se eu não esquecer também... vou pedir pra minha amiga me lembrar...

Olha só é... eu vou explicar qual é o... o objetivo um pouco dessas fotos tá... até por isso... peraí que a... a R. ela mandou no grupo a dela, só um minutinho... deixa eu ver se eu consigo aqui... porque tá no *WhatsApp*, deixa eu ver se... eu abaixo... tá ótimo... deixa eu só aqui... peraí que eu vou...

Participante 3: Ah! tem outra foto aqui oh... oh Roberta... oh Roberta tem outra foto aqui que eu vou te mandar também, mas nessa foto eu tô, nessa foto eu tô... e não fui eu que tirei, mas e... sou eu, a filha de uma amiga da minha mãe que é negra e a... e a afilhada da minha mãe, que é minha sobrinha que é basicamente, que é... ela é negra, mas ela é... de pele clara, eu não sei explicar muito bem não... ela tem portabilidade [Risos]...

Não foi você que tirou essa foto, foi outra pessoa...

Participante 3: Não, porque eu tô na foto...

Tá, você quer que... você entra na foto também, perfeito... pode mandar...

Participante 3: Aqui vou te mandar...

Pode, pode mandar... pode mandar pelo *WathsApp* você vai mandar agora?

Participante 3: Foram essas duas foto, já mandei já...

Já mandou, tá...

Participante 3: Já...

Peraí que eu vou compartilhar a sua primeira, só um minuto... e eu quero que você conte um pouco... você já começou tá, mas eu quero que você conte um pouco então, a história dessa foto... quem é, o porque assim pra... pra que a gente conheça um pouco e... do porque de você... resolveu tirar especificamente essa foto, resolveu utilizar me... me conta um pouco da história, conta pra gente um pouco...

Participante 3: Ela...

Tá dando pra vocês verem? Tá dando pra ver?

[Barulho externo]...

Participante 3: Tá dando pra ver sim Roberta, tá dando pra ver...

Tá bom...

Participante 3: Oh! Essa daí é minha vó, ela não é bem a minha vó... a minha vó assim... mas ela é avó das minhas primas e ela me tem como neta dela... ela me dá presente no dia do meu aniversário, me dá bênção, ela é como minha vó né assim... e aí ela fez oitenta e um anos e ela tinha uma irmã gêmea, ela perdeu a irmã gêmea dela no início desse ano em abril... fevereiro, né?... em fevereiro desse ano e elas eram muito ligadas... É.. o nome dela é dona Ana Paula ou dona Paula? Era assim, é porque uma... era assim... era uma Maria de São Paulo e Maria de São Pedro, o nome delas... elas eram gêmeas mesmo assim tipo... aí e... idênticas, elas... elas faziam tudo, tudo, tudo juntas... aí ela perdeu aí... ano passado ela... ela fez oitenta anos, esse ano ela fez oitenta e um... e... ela fez oitenta e esse ano ela fez oitenta e um só que ela não quis sair de casa, esse ano porque ela tava muito mexida com a morte da irmã, né?... aí foi todo mundo lá pra casa dela, eu, minhas primas mais velhas, os filhos das minhas primas, foi todo mundo, foi a... as minhas primas fizeram bolo de chocolate e empadão, que ela é

diabética, ela não pode comer... ela não pode comer doce, ela teve... fizeram uma coisa salgada, aí a gente bateu parabéns pra ela, ela ficou com essa cara de felicidade aí... eu fiquei muito assim, fiquei muito emocionada e tipo... ela passa uma energia surreal de boa, quando eu contei pra ela que eu passei na FAETEC ela ficou super feliz, e ela tem uma história de vida assim... foi... ela pulou uma vez... ela fez uma vez um trabalho da escola comigo nessa quarentena, me ajudou, ela tem uma história de vida super assim sabe... ela é técnica de enfermagem do Fundão, ela é funcionária federal assim... pra uma mulher da época dela, ela já é uma mulher a frente do tempo dela... eu acho ela uma... uma grande inspiração, acho ela uma mulher assim muito... muito pra frente.

Que barato gente... nossa...

Participante 2: Que incrível...

E porque, que você resolveu assim então pegar essa foto, né? que...

Participante 3: E porque eu achei que ela tava feliz nessa foto e... muito tempo que a gente não via ela sorrindo assim sabe... ela sorria, ela sorri, mas assim... quando a... quando a irmã dela morreu, ela chorou pra... ela... uma vez a gente falou dela e “tal”, aí ela chorou... aí eu falei... Não vó, não fica assim, que não sei o que... agora ela tá lá com Deus, e ela vai tá sempre olhando pela gente e “tals”. E assim ela é... ela me... ela me faz sabe uma... essa foto aí me fez uma coisa assim sabe, aquela coisa boba... uma sensação boa sabe, sabe aquela foto que te trás uma sensação boa? Essa foto me trás uma sensação boa... uma vontade de chorar, só que de felicidade...

Que barato gente, que barato... e ela tá com... ela tá com uma criança, né?... no colo...

Participante 3: É... é uma das bisnetas delas, que ela já tem acho que...peraí, calma aí que eu tenho que contar [Risos]... são três da minha prima, três de uma prima minha mais quatro de uma outra prima minha... são sete... ela tem sete bisnetos... Sete? [Perguntando a terceiros]... sete, ela tem... nove bisnetos... nove?

Nove bisnetos gente...

Participante 3: Dez... ela tem dez bisnetos...

Família é grande, né?...

Participante 3: Sim... eu tenho uma família muito grande por parte de pai, por parte de mãe...

[Risos]... São grandes, é grande?

Participante 3: São é... muito grande...

Que barato...vou só... alô...

Participante 3: Parou de compartilhar a tela...

Parei... eu parei de compartilhar a tela tá e tudo...

Participante 3: Sim...

Mas que interessante, olha só então você me trouxe um pouco... você tava dizendo um pouco de que ela trás pra você é... que ela é uma mulher a frente do seu tempo, técnica de enfermagem e tudo... ela... ela trabalhou então durante muito tempo lá no Fundão é isso? E tu não me fala...

Participante 3: Durante muito tempo, muito tempo... acho que foram... foram quantos anos eu não sei... é um papo de trinta anos... que ela trabalhou no Fundão...

E ela conta um pouco das histórias pra vocês e...

Participante 3: Ela conta, ela sempre contou... ela sempre contou pras minhas primas, pra mim, é porque tipo assim... o que acontece, eu sou um pouco mais nova...

Ahã...

Aí quando ela trabalhava, as minhas primas já eram nascidas...minhas primas já eram nascidas enquanto ela trabalhava mas eu não, ela já tinha parado de trabalhar quando ela... quando eu nasci e ela já... e todo mundo conta que ela sempre trabalhou muito, muito, muito... pegava muito plantão, pegava assim e “tals”... ela perdeu marido nova também... o pai dos filhos dela, né?, ela perdeu o pai dos filhos dela nova... ela perdeu um filho novo, ela perdeu um filho novinho.... ele se engasgou com uma...com alguma... com uma bola de gude e ele tinha um ano... aí ninguém sabia o que ele tava sentindo, levaram ele pro hospital... aí... acabou que morreu... aí depois ela perdeu um filho de... naquela época da AIDS... naquela época da AIDS, como se a AIDS não existisse mais... mas naquela época que não tinha tratamento pra AIDS... ele era homossexual, aí ele morreu... aí ela tem... ela é bem forte assim, ela é uma mulher forte... e ela sempre...

[Participantes falando ao mesmo tempo] Pra família e é por isso...

Participante 3: Sim...

Tá legal, muito legal...

Vou compartilhar... vou... vou compartilhar a... a tela...

O que vocês preferem? Porque ela tem uma outra foto que eu também acho muito legal, mas eu acho que é bom a gente misturar vai [Gesto com as mãos] vai um depois vai outro...

Participante 1: Roberta...

Fala amor...

Participante 1: Eu te mandei, eu te mandei, eu acabei de te mandar... acabei de te mandar não, já tem uns minutinhos que eu te mandei por e-mail, eu fiz...

Por e-mail? Tá, peraí então que eu preciso... que eu preciso então abrir o meu e-mail... peraí tá...

Participante 1: Tá...

Deixa eu então... já que... enquanto eu abro o e-mail, mas eu vou ouvindo também e... eu já abri aqui... peraí, a outra foto... ficou tão bonitinho gente... peraí que agora... olha que foto linda gente... olha que foto linda...

Me fala aí um pouco aí o...

Participante 3: Não abriu ou abriu Roberta...

Participante 2: “Profi” não tá aberto...

Oh Rosana...

Participante 3: Não compartilhou, não compartilhou Roberta...

Ah! não? não compartilhou...

Participante 3: Não...

Peraí...compartilhar, peraí... aqui... foi agora?

Participante 1: Sim...

Participante 2: Sim...

Participante 3: Agora foi...

Foi... me conta aí...

Participante 3: Foi, mas saiu...

Hã?

Participante 3: Foi, mas saiu...

Participante 2: Ela vai entrar... ela entrou no e-mail...

Eu cai? Peraí...

Participante 3: Não sei...

Tá dando pra ouvir gente? Vocês tão ai, né? tá dando? Peraí que eu vou compartilhar de novo...

Participante 2: Sim...

Compartilhar... e que eu tô tentando baixar o da... aí o... tá dando pra ver?

Participante 3: Tá, agora tá dando...

E aí... quem são... gente, fala aí um pouco E...oh R., me conta um pouco...

Participante 3: Então, dá pra ver que sou eu né gente, eu tô na foto [Risos]... então não fui eu que tirei a foto, mas a do meio é a filha de uma amiga da minha mãe que me tem também como tia, e a do canto é a afilhada da minha mãe, que também me tem como tia... que, né? eu já tô velha pra elas [Risos]...

[Risos]...

Participante 3: Mas elas são... essa menininha do meio... aí a gente falou, eu fui abaixar pra tirar foto com elas, ela falou assim... Nós três somos as “cacheadas” da festa... e aí tipo assim... e elas duas são... a Maria Fernanda é... a do meio, né?... que é a menininha negra... a

Maria Fernanda é a aniversariante, ela quis uma festa do rei leão, e ela é muito, muito esperta, ela é muito “perguntadeira”, ela e... pergunta e ela tem dúvidas inteligentes, ela já sabe ler, ela já escreve e essa foto me toca muito porque... eu gosto porque... eu gosto delas muito e... eu gosto de ser um exemplo pra elas... para elas, eu espero ser um exemplo para elas e assim, nós três sermos as “cacheadas” da festa é muito, é muito legal porque eu gosto dessa conexão que eu tenho com criança e assim, na minha vida tem muita criança, não dá pra tirar criança da minha vida... e isso me faz bem...

Que legal então, mas um dos motivos de você... motivo de você ter [Ruído] foi porque você... você está na foto junto com crianças é isso então... e elas são maravilhosas gente, olha, olha os cachos dessa... dessa... olha as flores dessa criaturinha [Risos]

Participante 3: [Risos] E adora andar de pulseira, é vaidosa que nem [Risos]... quer se maquiar, quer passar maquiagem... adora um cabelo cacheado, cortou o cabelo... faz cachinho no cabelo dela, pede pra mãe dela pentear o cabelo, botar laço...

É mesmo?

Participante 3: Pede...

Gente muito legal, muito legal...

E assim, você viu que por uma coincidência ou não, aí é você que me vai dizer... você acabou escolhendo foto com gerações bem, né... é uma geração mais, mais antiga, né?...

Participante 3: Uhum...

É uma geração e... uma geração mais nova e tudo e... e todos e... transmitindo mensagens, né...transmitindo...

Participante 3: Sim...

São mulheres de diferentes idades né na verdade e tudo... vocês e... e tudo que assim... acabam... muito legal, muito legal...

Você quer falar mais alguma coisa sobre essa foto e tudo...

Participante 3: Não... não, não [Risos]

Transmite alegria e coisa e tudo... muito, muito bom...

Vou interromper, tá? oh.. oh...

Participante 3: Tá tudo bem...

Ai meu Deus eu... eu... peraí que eu tô baixando o seu E.... porque eu... eu tive que ir pra... eu tive que ir pra Ah! nossa, que barato... peraí... E..., vê se é isso... peraí que tá abrindo tá... E..... que barato gente, peraí... chega até dar emoção, peraí que a gente vai...

Eu vou começar a tá compartilhando... aqui... mas A....., você hoje tá muito quieta... e aí?

Participante 2: Eu adorei a história da R..., foi incrível, incrível... ainda mais uma mulher negra... mas se você parar pra pensar tipo, não levando tipo pro lado negativo sabe, mas você olhar e se ver a história e tipo se perguntar... Será que ela já passou por alguma coisas e “tals”... tipo assim, em relação a racismo e... saber que ela tá bem hoje em dia é incrível sabe...

[Inaudível] Conexões...

Participante 2: Isso...

Olha só...

Participante 2: A geração dela em relação aos pais e “tals” seriam muito orgulhosos dela... assim de ser uma mulher e estar na área militar... na área da saúde e é incrível... só isso mesmo... e engraçado, né? que a Rosana meio que investe nas meninas a... a... tipo assim, ver a sua própria negritude sabe...

Eu acho que vocês acabam, né?... tendo um pouco isso e... são esses [Problema áudio original]... pra mim ficou muito a questão mesmo das ancestralidades, das idades diferentes, das... que é isso um pouco que a gente tá construindo, né? e tudo...mas muito legal.

E... quer comentar alguma coisa? Fazer algum link e tudo porque eu vou começar a compartilhar a sua, mas em relação... em relação a da R....

e tudo que... você quer...alguma coisa que tenha te tocado nessas duas fotos assim que... e tudo... porque assim, cada um é tocado de uma maneira, né? e tudo... então assim, o dela o... o dela não tem nada escrito e tudo, mas...

O que te tocou... alguma coisa a mais e tudo ou não?

Participante 1: [Problema áudio original/Ruídos] dela com as crianças, [Ruídos] deixando bem claro que é o máximo, que ela gosta muito... eu vejo ela muito mãezona assim sabe, de gostar muito de criança... eu também gosto, mas oh... eu só não gosto quando criança abre a boca [Problema áudio original/Ruídos] [Risos]...

[Risos]...

Participante 1: Mas eu também gosto, achei muito... achei muito legal a foto da moça... acho que não é sangue da R..., acho que ela disse que...

É... ela considera como vó... mas é vó gente...

Participante 1: Eu tenho é... eu tenho muito isso, muito... eu gosto muito das pessoas por que por exemplo, tem pessoas que já nascem na nossa vida, por exemplo, eu nasci e tenho uma vó e... e são pessoas importantes para mim, a minha vó... eu não tenho vô, mas a minha vó... a minha... a irmã da minha vó... só que as pessoas que a gente trás pra nossa vida... “caramba”, eu acho uma coisa muito “maneira” sabe... porque não estava aqui desde o início, mas foi...

foi uma escolha, foi uma pessoa que eu apostei, que eu quis pra perto de mim sabe... eu acho isso uma coisa bem legal, bem legal...

Bem legal porque ela... ela menciona o que foi realmente... ela até menciona o por que ela escolheu, né?, que é uma pessoa que... uma pessoa que... dá presente, que conversa, que coisa... então é o que você tá falando, nós temos algumas e... a gente tá trazendo isso hoje, né?, é questão de e... por exemplo, ela chamou de vó, vó... família, né?... então são constituições de... de família que né... são bem... bem... [Participantes falando ao mesmo tempo]... é interessante.

Meninas, vou compartilhar um pouco... E... vê se eu estou fazendo certinho, tá?... peraí que... não é esse, peraí... ainda não é... aqui... compartilhar... ele não tá... peraí só um instante que ele tá... [Ruídos]... eu já descii o coisa da E....., peraí... gente... que é muito.. é muito... é muita tecnologia pra pessoa uma pessoa só, mas... ela tá chegando tá [Risos]...

Participante 1: Tá bem...

[Problema áudio original] não ela tá aqui, tá aberta, peraí... deixa eu ver se vai agora... tá aqui... compartilhar... compartilhar a tela cheia, peraí... aqui... [Ruídos] tá dando pra ver meninas? Tá dando pra ver?

Participante 3: Tá...

Tá dando pra ver?

Participante 3: Tá, tá sim...

Ester muito é... é...

Participante 2: Dá sim “profi”....

Pode, pode falar aí da... das suas fotos... já tem muita coisa escrita assim, muito legal mas aí... fala você agora então... como é que...

Participante 1: Tá bom...

Pelo que eu vi parece que foi você que tirou mesmo... foi você mesmo que tirou as fotos, né?

Participante 1: Eu que tirei as fotos...

Ahã...

Participante 1: [Problema áudio original] Vou primeiro com a história...

Isso...

Participante 1: E depois eu conto um pouco sobre o que tá escrito aí... e aí a gente, né?... passa o bastão pra outra pessoa [Risos]...

Participante 1: Então... primeiramente eu tinha tirado algumas fotos, meu celular “deu ruim”... aí eu falei... [Problema áudio original]... o que eu faço... e aí um belo dia eu... eu... eu só fui dar uma chamada aqui em casa no pessoal que tava rindo alto... desculpa...

Tá...

Participante 1: E aí...

Acho que...

Participante 1: Tá me ouvindo direitinho?

Agora tá, agora tá... tava picotando, mas agora tá... vai...

Participante 1: Show... e aí... e aí eu tenho muitas amigas, né? eu... eu costumo às vezes dormir na casa deles enfim, e até mesmo adultos... alguns amigos adultos que a vida me deu, nem sei de onde eu tirei essas pessoas [Risos]...

[Risos]...

Participante 1: E aí... um belo dia eu tava acordando e falei... Ah! posso tirar foto de você? E aí expliquei pra isso e “tal”... então essa foto foi logo quando eu acordei, o pessoal tava indo pro trabalho eu falei... Ah! vou tirar uma foto assim mesmo, não vai aparecer a cara com olheira, com cara de... de [Inaudível] ontem, vai aparecer cara de... de nada [Risos]...

Participante 1: E aí essa foto esse... essa história dessas três fotos, né? que...

A mudança...

Participante 1: Deu um textinho... e... quis colocar um título em cima, tudo em cima da hora, mas... me dizem muito sobre o que eu escrevi no texto e sobre coisas que eu nem escrevi no texto sabe, idéias que passaram pela minha mente. Essa foto inicial aí é uma pessoa... uma mulher penteando o cabelo aí exato... quatro e meia da manhã pra ir trabalhar, né? pra se sustentar e o que... o que... o que me tocou não foi só o fato de ser uma mulher negra de madrugada penteando o cabelo, independente, né?... divorciada, não foi só... não foi só esse fato, mas foi o fato de... da história, né? da história por trás dessa mulher, por trás desse cabelo, né?... uma vida inteira. Então eu perguntei... enfatizei nessa parte sobre o pente e o cabelo e fiz algumas analogias que eu achei que... que encaixavam bastante e que também passaram pela minha mente nessa... nessa... nesse momento que eu tirei essa foto... e é isso... basicamente eu falo sobre mudança e... aqui e... algumas analogias... mas o título é mudança, então é sobre mudança [Risos]

Eu vou deixar você falar das três...

Participante 1: Nessa segunda foto...

Pra gente, vai lá... tá ótimo...

Participante 1: Nessa segunda foto eu achei muito poética essa foto, eu achei muito poética essa foto, eu... eu não sei... por ue assim... de madrugada tudo eu acho poesia por que eu tô

fora do meu corpo entende [Risos], eu não sou acostumada a acordar esse horário, mas eu precisava muito das fotos eu falei... Vai seguindo tua rotina aí e o que eu achar de interessante na sua vida eu vou tirar foto, entendeu [Risos]...

Risos...

Participante 1: Então se a pessoa respira poético eu vou tirar foto [Risos]... mas essas... essa... eu achei muito, muito bacana essa foto dela se olhando no espelho e mesmo acordando cedo, tendo que ir trabalhar, tendo... o trabalho dessa mulher aí ela trabalha em faxina, né? numa empresa... trabalho não é uma coisa “tão”... ou no escritório, ou no ar-condicionado, não é uma coisa tão confortável, mas ainda assim arruma tempo pra vaidade dela, pra cuidar dela, pra se amar e... foi uma coisa que eu pensei nesse momento e também pensei sobre insegurança, como eu disse eu não escrevi tudo que eu pensei senão, meu Deus, tadinha da Roberta, né?... tadinha da Roberta [Risos] mas... eu fiz... eu fiz algumas analogias nesse texto também inclusive com o texto anterior, é pequenininho mas é de coração [Risos]...

Tá lindo...

Participante 1: E... assim...

Essa... essa pessoa você conhece mesmo? Essa pessoa você conhece mesmo ou não?

Participante 1: Conheço...

Essa pessoa...

Participante 1: Conheço, conheço...

Conhece, né?... é uma amiga sua? É uma pessoa que você conhece...

Participante 1: Sim, sim... é uma amiga minha...

Ahã...

Participante 1: De... de alguns tempos... de alguns tempos, a gente já fez alguns trabalhos juntos enfim e... muito mais velha do que eu, mas é super amiga minha, é uma coisa que... eu nem entendo porque, porque assim... são níveis de maturidade diferentes, mas eu consigo lidar muito bem, graças a Deus...

Tranquilo...

Participante 1: Nesse dia calhou de eu dormir na casa dela e ter acontecido isso tudo com meu telefone, que eu falei... vai você mesma [Risos]... e... aí eu vou ler só... rapidinho as perguntas de início, “caramba” porque meu Deus, olho pra essas fotos e essas perguntas... essas perguntas não é só com essa foto, mas todos os dias me rodeiam... e essa foto eu falei... “Caramba”, é muito isso. Então assim, insegurança... Você é aquilo que os outros dizem? Ou é como um personagem criado para satisfazer os anseios alheios? Aceita os desafios que a vida lhe propõe ou se acovarda? Está disposto a andar na contramão praticando o que acha, o

que acredita ser certo ou prefere se omitir? E quando a maioria chegar? Você ainda não escolheu uma faculdade, não tá preocupada com isso? Você é feliz com as suas escolhas?

Participante 1: Essas perguntas e outras andam perambulando pela minha mente, acho que é tudo efeito da chamada e... adolescência, né?... e as inseguranças... e a insegurança de crescer, e aí o que vai ser? E eu acho muito... muito legal porque isso acontece na minha vida adolescente imagina quanto uma mulher já formada, né?, com linhas de expressão na cara que obviamente também deve passar a mesma coisa pela mente dela... E o que vai ser a partir de agora? Será que eu tô muito velha pra isso? Será, Será, Será?...

Quantos questionamentos e às vezes... eles às vezes param a gente, a gente às vezes dá muito ouvido pra essas dúvidas, essas perguntas e acaba se amedrontando, e acaba não se arriscando, e acaba não se aventurando... e acaba não vivendo o que a vida tem reservado pra gente... Então essa... essa imagem diz muito sobre isso... embaixo tá escrito, desculpa, resumindo tudo isso... “A mudança gera insegurança, mas é nosso dever como ser humano... evoluir”.

Participante 1: Mas é nosso dever evoluir...

Perfeito...

Participante 1: Independente de qualquer coisa, evolua...

Participante 1: E aí por último essa foto, me disse muita coisa, mas na hora que você... na hora da reunião eu lembrei de fazer o texto dessa foto menina... aí você ontem, te atendi e tava lá digitando [Risos]... Enfim... atrasado... mas essa foto diz eu... quando eu olho pra essa foto eu penso muito sobre organização sabe... por isso que o tema é organização... porque... a gente sabe que na... na bolsa, na mochila do... do proletário não é aquelas coisas organizadas, né?... é um monte de coisa ali, a gente vai jogando bala, vai jogando tudo, inclusive eu tava até conversando com a minha amiga esses dias... Pelo amor de Deus, vai arrumar essa bolsa menina... E aí eu logo pensei... “Caramba”, será que a minha vida está igual uma bolsa? Sabe... às vezes eu me peguei assim, teve um momento esse ano que eu me peguei super desorganizada assim sabe com... super aérea, com os pensamentos todos embaralhados com... com tudo sabe... não sei pra onde eu vou, meu Deus [Risos]... gente eu acho que eu tô com amnésia, eu não sei... O que tá acontecendo... sabe... quando você não sabe decidir entre um curso ou um outro curso, ou se permanece na escola ou se sai da escola e eu não tô fazendo pré-ENEM... E o ENEM gente?... Então tá tudo muito bagunçado, tudo muito confuso e será que a minha vida tá igual essa bolsa? Será que eu... tá na hora de fazer uma limpeza... um sabe... uma organização... Será que não tá na hora de mudar, de matar uma E... e aí recomeçar uma nova Ester? E... uma versão minha, né?... Então essa... essa imagem me diz muito sobre isso e é bem pequenininho gente e... mesmo com mudanças, inseguranças... devemos achar a

melhor forma de nos organizarmos... Como andam seus pensamentos? E a sua vida acadêmica? Será que andam revirados? Será que andam sobrepondo outras coisas? É... a gente tem que saber que tudo tem o seu lugar, né?... e principalmente os sentimentos, cada um tem que tá no seu quadrado, você não pode misturar é... amor e razão... você não pode ser só amor e coração em um momento e esquecer da razão... você... não pode, não pode, não pode ficar fazendo e... malabarismo... ninguém pode fazer malabarismo com os seus sentimentos e você não pode embarça-los, tem que saber que tudo tem o seu devido lugar e tem que saber aonde é o lugar de cada sentimento... quando e com quem usar cada um deles”... então eu acho que é isso...

E..... é... você... vou só interromper um pouco só pra... pra poder porque eu não vejo vocês, [Inaudível] interromper... peraí... vocês tão aí, né? Assim é...

Participante 2: Tô aqui...

É muito... é porque como... muito assim que, muito legal é... a forma que você é... que você expôs as suas ideias, que você cogitou porque a... a ideia é essa mesmo, são seus sentimentos, são... o que vem e no...no... cada um tem uma maneira, tem um tipo de trazer e... as fotos... você... você já trouxe é... o texto junto, né? que é assim, é muito, é muito... que faz com que toda... que toda foto acabe tendo o... a gente entenda um pouco o contexto, porque na verdade qual é a proposta um pouco dessas... dessas fotos e aí assim... É expor um pouco... e que a gente de alguma forma traga e... as ideias um pouco do que é essa mulher negra, do que é essa, né?... do que tem... do que ela vem trazendo dentro... dentro dela, do que são e... podem ser as angústias, pode ser as alegrias e tudo, e assim... a proposta é que a gente faça algum tipo de até de... de... disposição mesmo. Então você já foi pra um passo de... até escrita e coisa que eu... que eu ia propor, mas ia propor até... um pouco depois mas assim... é muito, muito bom e tudo... e aí assim... Eu queria ouvir um pouco, a gente ouviu e tudo e... queria ouvir vocês meninas... O que vocês acharam, quais foram as principais impressões... Porque aqui não tem certo, não tem errado e coisa...

Participante 3: O Roberta...

Você tem uma preocupação... Você teve uma preocupação com a imagem, né?... as imagens não foram totalmente expostas, então a gente teve esse cuidado com a pessoa, você e tudo...

Mas pode falar R..., o que houve? Pode falar...

Participante 3: É deixa eu falar... E....., não é querendo tipo assim... Ah! nossa R....[Risos] mas assim e.... você falou de organização que a gente tem que manter nossos sentimentos no lugar... eu também acho, que a gente tem que manter nossos sentimentos no lugar e “tals”... mas você não acha que a gente também não tem que não estar às vezes com os nossos

sentimentos no lugar? Porque a gente tem que viver o momento... ou a gente tem que ser organizado o tempo todo? Porque se a gente for organizado o tempo todo...

[Ruídos]...

Agora eu quero que vocês respondam, A..... diz aí, eu não vou falar nada...

Participante 3: Peraí, peraí,...

Adorei, vamos lá...

Participante 3: Eu sou a [Inaudível] pessoa quando se trata de organização, piorou quando se trata de organização sentimental...

Participante 2: Na minha opinião...

[Problema áudio original/Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 3: Eu... não... sei lá eu acho que às vezes a gente só tem que... tá lá sabe!... e não precisa muito... Ah! eu vou organizar, vou pensar... porque a gente tem coisa que muito pensado, não dá certo

Participante 3: Mas..

Participante 2: Também acho...

[Participantes falando ao mesmo tempo]....

Fala aí, vamos lá...

Participante 1: Então eu concordo...

O que E..... [Gesto sorriso]...

Participante 1: Eu concordo e acho que isso é... a gente tem que botar muito na balança, sabe... porque a... a questão de se organizar, é uma disciplina... eu vejo como uma disciplina, uma forma de disciplinar. Agora a forma de... Ah! vamos viver o momento, eu acho mais um... um... looping... mas uma coisa... uma... vulgo bagunça [Gesto dedos entres aspas] né?... vamos fazer uma bagunçinha, né?... e eu acho e... porque eu não tô achando uma expressão melhor mais... [Ruídos] bagunça, vamos dizer assim...

Participante 1: E eu acho a bagunça tão envolvente, por exemplo, eu vou te dar um exemplo... Hã... por exemplo meu guarda roupa... menina se eu fico sempre adiando... Não deixa... deixa pra amanhã... deixa, eu vou organizar amanhã... e aí passa dia, dia após dia, dia, dia... envolvente... então ele sempre vai estar desorganizado e eu não vou fazer um equilíbrio entende... e preciso desse equilíbrio... a gente tem horas que realmente a gente tem que “dá a louca” e fala... Não eu vou... e aí depois eu vejo igual e... eu até conheço uma amiga minha que ela já tem idade já e... ela queria sair da profissão que ela tava porque ela achava muito pesada, e agora queria fazer um curso... só que todo mundo falando... “Caramba” você vai fazer esse curso? O curso... e aquele curso que ela escolheu, é uma coisa mais pra homem, mais pra segurança e tudo mais, e ai ela ficou meio “xoxada” ai eu falei... “Cara”, só vai...

você só vai saber se vai gostar se chegar lá... Ah! Porque tem muito tempo que eu não estudo e aí eu vou chegar lá na sala, vai ter outras pessoas mais jovens, que acabaram de sair de... de cursos e tudo mais... e eu vou me sentir meio um peixe fora d'água, eu falei... Só vai, só vai... realmente a gente tem que... tem horas que a gente tem que aplicar o “só vai”... mas tem horas também que a gente tem que saber... é por isso que é importante saber a disciplina, o fundamento... por que a gente sempre volta pra se organizar, a gente vai, mas a gente volta quando precisa. É importante saber também... por isso é... por isso que é importante a questão da disciplina, entende... do se organizar.

Participante 1: Porque realmente a gente vai saber, a hora em que realmente a gente precisa apertar o botão do... Deixa a vida resolver... e também saber a hora do... Não, eu tenho que resolver isso, eu tenho que ser madura o suficiente pra organizar isso, pra saber me organizar... então é um equilíbrio...

Participante 3: Gente eu acho que a A..... quer falar, peraí...

Pode falar A.. Pode falar A....

Participante 2: Peraí, deixa eu aparecer aqui... tipo eu concordo muito... eu concordo com as duas partes, da E... e da R... porque eu sou uma mistura dos dois, porque eu quero realmente ser organizada, mas tem dias que eu falo assim... A... você está cansada demais, hoje você não... você não vai aguentar e... não é o momento de você ser tão organizada, você tem que curtir um pouco a sua vida... e eu tenho que curtir mesmo, eu dou uma curtida, mas eu sei que daqui a pouco a meia hora, duas horas, três horas, eu vou ter que voltar a... a minha própria rotina de novo, pra por as coisas no lugar... mas é sempre bom você esvaziar um pouco a sua cabeça.

Participante 2: Tava conversando com um amigo ontem e eu falei assim pra ele... Eu tô com muita saudade do mar... Eu tô com muita saudade do mar porque é onde... é onde eu me sinto leve, aonde a minha cabeça começa a espairecer, começa a... a se pôr no lugar sabe, a voar de novo, a pensar, a colocar as coisas no lugar, respirar... sair um pouco da vida monótona, da correria, da rotina... e é uma das coisas que eu consigo... eu começo a olhar pro mar e começo a pensar e... dormir na praia, escutar o barulho, respirar... pra mim é uma das melhores fases assim, e nesse frio não tá dando e eu tô agoniada [Risos]...

E o que acontece... eu acho que quando a minha vida tá rotineira demais, tá corrida demais, tá a mesma coisa sempre, eu vejo que... parece que tem alguma coisa de errado, tem alguma coisa fora do lugar, eu preciso... eu preciso meio que... a sei lá, não como que explica... mas... preciso dar um jeito de dar uma volta...

Dar um tempo, né?...

Participante 2: De dar uma corridinha...

Participante 3: Posso... posso falar?

Participante 2: Uhum...

Participante 3: Então... eu acho... eu de verdade acho que se tá arrumadinho demais... é porque tem alguma coisa faltando...

Participante 2: Sim...

É sério?...

Participante 3: Ela não é arrumadinha... como é... eu já li um negócio assim... Muita ordem te impede de crescer...

[.....]...

Participante 3: Você não sabe, você não sabe o que tá... o que tá ali e... você não sabe o que tá te esperando pra você ali e “caramba”! Aquilo ali... se você tem uma rotina muito certinha, você não tá crescendo, você não tá saindo, você não tá mudando, você não tá evoluindo...

Participante 2: Sim, concordo... muito...

Mas...

Participante 3: Você, você não tá evoluindo, é igual, igual assim é... você pode ter uma rotina muito certinha, não discordo, acho legal... tem gente que tem rotinas muito certinhas e gosta daquela rotina, se encaixa naquela vida, mas... se você é uma pessoa... você é uma pessoa que gosta de se movimentar, que gosta de evoluir, você tem que saber que se a sua rotina tá muito igual, você não tá bem...

Participante 2: Eu penso um pouco dessa forma sabe...

Participante 3: Por exemplo, a minha rotina...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 2: Se tá tudo bem, alguma coisa vai dar errado uma hora... se tá tudo muito perfeito, se ficar muito perfeito eu acho que tem alguma coisa de errado...

Agora deixa eu perguntar uma coisa pra vocês, vocês estão falando de rotina e tudo... A E.... eu acho que puxou um pouco das questões... quando ela fala um pouco de organização eu... eu assim... Eu vi um pouco da questão do foco em algumas coisas, né?... a questão do foco em algumas coisas...

E aí assim... o que vocês acham por exemplo, quando você... pra você alcançar alguns objetivos, de alguma forma você tem que ter foco, né?... você precisa... e a organização muitas vezes ela não é algo e... como que diz pra... tá tudo organizadinho no sentido assim... de ter que esse copo [Gesto demonstrando copo] tem que estar na direita do computador... mas organização ela é alguma coisa pra poder te dizer... Olha, ela tá te dando algum direcionamento no sentido de que... eu quero chegar ali e meus objetivos pra chegar ali tem que tá sendo e... cumpridos... mas assim eu acho...

Participante 2: “Profi” e tipo assim... Eu acho que quis dizer é que a rotina tipo... seguir a rotina é bom, mas se você continuar seguindo a mesma rotina todos os dias, uma hora ela vai te cansar, entende... uma hora ela te cansa de tá a mesma... é porque eu me sinto incomodada, se minha vida tiver muito monótona, muito... eu começa a me acostumar com aquela adrenalina eu acho que eu tenho... ou botar alguma coisa, ou tirar alguma coisa ou evoluir alguma coisa, eu preciso mudar, eu preciso... não mudar a rotina mas... A... tá muito leve naquilo ali, vamos aumentar um pouco... é como se tivesse na academia tipo... uma hora você começa a se acostumar com aquele peso e você acha assim... Acho que eu vou colocar mais um “pesinho”, ou você diminui entende... e você seguir uma coisa e ver que alguma coisa tá fora do lugar, ou não tá... ou se precisa acrescentar você vai lá e muda... eu vejo dessa forma...

Participante 1: Então...

Pode falar, pode falar...

Participante 1: Como eu tinha dito, é uma questão de equilíbrio, você tem que ver... qual o método... você tem que ser inteligente... você é inteligente, todos nós somos seres inteligentes... Então você tem que saber de usar da sua inteligência, pra saber o que vai te equilibrar... sabe, tá muito monótono? Tá bom, mas eu preciso... eu preciso por exemplo, minha rotina de estudos... eu acho monótono às vezes... às vezes eu estudo que eu não quero estudar, eu não quero, eu não quero... E aí E....., o que você vai fazer? Você vai jogar tudo “pra cima” e ir pra praia ou você... Não, eu tenho um sonho, desde sempre esse sonho e uma dia... um dia eu vou... eu vou me orgulhar de ter renunciado algumas coisas pra... pra focar no que eu quero. É muito uma questão de equilíbrio, de saber quando você pode ou não fazer algo e... quando você não pode fazer nada, quando você tem que ficar ali, engolindo vários “sapos” pra... pra conseguir chegar em algum lugar, no lugar que você quer, mas.... você também pode usar da inteligência [Inaudível/Problema áudio original] acho tudo suficiente pra mudar uma coisa mínima que vai te ajudar bastante a prosseguir, sabe... a não achar tão... tão exaustivo, tão estressante... Então é uma questão de equilíbrio, de inteligência, de se conhecer e... inteligência.

Muito legal... Pode falar R.....

Participante 3: Não... eu não acho que seja falta de foco, não é falta de foco não... eu acho que é... foco em excesso... quando a...

Como é que é? Foco em excesso...

Participante 3: Eu não acho que seja falta de foco, é foco em excesso... quando a gente foca muito numa coisa, às vezes...

Participante 2: A gente pode se desligar de outras também...

Participante 3: A gente pode trazer alguma coisa negativa pra esse foco e... Já pensou que a gente pode perder o foco também por colocar demais? E também se decepcionar senão tiver o resultado lá na frente? A gente tem que falar assim... Tá e se eu quebrar a cara?...

Participante 2: Acaba se frustrando... sei lá, eu penso muitas vezes meio pessimista e meio otimista sabe de... lutar, lutar, lutar e morrer na praia e não ser feliz no que eu tiver fazendo... esse é um dos meus maiores medos...

Participante 1: Mas A.....

Participante 2: De... de fazer de tudo pra conseguir chegar no meu obstáculo e conseguir... mas não ser feliz naquilo ali, aí eu vou ter que mudar o que eu quero, entende... eu acho que... na minha opinião, você precisa conhecer um pouco do mundo e um pouco do que você quer... não, bastante do que você quer porque não dá pra ficar mudando toda hora sabe... eu acho que eu preciso me conhecer e conhecer algumas coisas que eu deva conhecer, pra mim chegar no objetivo que eu realmente seja feliz...

Participante 1: Então pra isso... até pra isso precisa de organização, precisa se conhecer e... conhecer um pouco do mundo e saber... Ah! não... agora eu vou... eu preciso saber disso, preciso saber daquilo, eu preciso saber disso...

Participante 2: Mas isso não organiza o que a gente tem, poder saber sabe... do que a gente vai gostar, do que a gente não vai...

Participante 1: Eu vejo como uma coisa muito de... de... gente eu acho muito relativo sabe, é uma coisa que acontece se você deixar, por exemplo, você... por isso que eu digo sobre equilíbrio... pra mim agora tudo é equilíbrio gente [Risos]... porque se você por exemplo, for uma pessoa muito Ah! Muito impulsiva, vou... não tô a fim de fazer isso hoje, não vou fazer... não tô a fim, não quero e é isso... cada dia é uma coisa, cada dia é um problema...

Participante 2: Meio uma procrastinação...

[Participantes falando ao mesmo tempo]

Participante 1: É vamos viver dia após dia e é isso... e “pá” aquela coisa... eu acho gente que mesmo assim você pode se... se... bater com a cara no asfalto, assim como se você for uma pessoa muito regradinha, você for uma pessoa muito e... muito minimalista, muito sabe... cheia de toque, cheia de tudo, você pode quebrar a cara... tipo é a vida, faz parte...

Participante 3: O... [Participantes falando ao mesmo tempo]...

Agora deixa eu jogar uma pergunta pra vocês... Vocês acham que é... dentro do nosso contexto, nós, mulheres, negras, dentro, né?... de todo nosso contexto, de vocês de estudo e trabalho... Isso que vocês estão discutindo eles e... isso é algo igual, acontece igual, é diferente... como é que... como é que é essas perspectivas de... por que vocês estão falando de perspectiva de futuro...

Participante 3: Roberta você pode repetir porque eu não escutei, desculpa...

O que você sabem em relação a nós né... mulheres, negras e cada um... vocês são estudantes... tô num outro nível, mas assim... ligada a educação também, mas... Vocês acham que isso é mais ou menos igual ou e... Como é que vocês encaram isso dentro desse nosso... dentro do nosso contexto da... será que... porque vocês estão falando basicamente de perspectiva de futuro [Ruídos], vocês estão falando de foco, que tem a ver com toda a questão da idade de vocês e juventude, mas que... reverbera, vem... por exemplo, eu sou uma pessoa de quarenta e oito anos e que tá fazendo o... mestrado e coisa num outro... que tá com uma perspectiva toda de... de outras coisas, né?, acadêmicas e tudo... ou seja, não é só uma questão de idade, é uma questão de perspectivas mesmo, né?, de como é que a gente tá construindo esses movimentos [Ruídos]... nas diversas fases da vida...

Vocês acham que isso... dentro do nosso... dentro da nossa e... realidade... acontece igual, é diferente, como é que vocês vêem isso... vocês entraram um pouco por exemplo...

Participante 1: Então eu...

Pode falar, pode falar...

Participante 1: Eu acho... eu acho que tipo... a questão de ter uma perspectiva do futuro, de sonhar e de... de correr... de querer, [Inaudível] pra correr atrás dos sonhos eu acho igual, a coisa que eu acho diferente são as oportunidades pra gente realizar esses sonhos, conseguir alcançar os objetivos...

[Participantes falando ao mesmo tempo]

Participante 1: Oportunidade no mercado de trabalho, você vê aí é... a primeira coisa que você vê, existir cotas para pessoas negras... Por que existem as cotas? Porque se não existissem as cotas, será... por exemplo, quinze cotas para quinze negros, será que quinze negros entrariam pra uma universidade federal? Será que eles conseguiriam entrar? Será... não, não por falta de vantagem, eu acho que não só por falta de vantagem e realmente existem pessoas que não... não...

Oportunidade...

Participante 1: Mas... vocês acham que essa pessoa de lá atrás estudar, de... de ter... de poder e... de poder ser matriculada, estudar em uma escola boa, de qualidade... com ensino de qualidade... então eu acho que as oportunidades não são iguais, os sonhos sim, as perspectivas todo mundo tem e... sonho todo mundo tem... e a maioria quer alcançar, só que felizmente as oportunidades tão aí e... às vezes não é igual pra todo mundo... é o que eu acho... [Trecho com diversos Ruídos]...

Peraí R..., você tá querendo porque pode falar, A... Pode falar R...

Participante 3: Eu concordo com a Ester, o Roberta...

Tá... A... quer falar alguma coisa? A mais e tudo...

Participante 2: Não...

Será que... porque assim... vocês falaram... vocês falaram muitas... muitas questões, né do... por exemplo, a E.....veio por exemplo com as questões de mudança mesmo, questões de né... com é que essas mudanças e... por nós, dentro de uma perspectiva de... de luta de... de tudo...

A gente vem trabalhando um pouco em relação a isso né e tudo... e aí assim, é só pra saber como é que vocês vêem um pouco isso... pra saber como que vocês encaram um pouco isso...

[Ruídos]...

Não querem pontuar mais nada e coisa em relação a isso, tudo bem, não tem...

Participante 2: Peraí, é porque eu não entendi muito, eu peguei... tava prestando atenção em outras coisas, aí não deu muito pra pegar o que ela tava falando, desculpa...

Tá dando, tá dando pra ouvir não, tá ruim, tá cortando...

Participante 2: Não... eu não tava prestando atenção...

Ah! entendi... Ahã... [Risos]...

Tem alguém aí com... tem alguém de... Não, eu só tava perguntando e... só se vocês gostariam de falar mais alguma no sentido, porque vocês trouxeram vários...

Participante 2: Por que a gente falou muito de futuro e “tal”...

De juventude, de mudanças, de e... dentro da nossa vida... que é o momento de vocês eu acho... muito legal... são várias expectativas e isso é uma coisa que vai pra... pra todas as fases da vida, mas que vocês estão com isso [Inaudível]... e aí assim, a pergunta que eu tinha feito era... no sentido de que vocês encaravam, dentro de uma perspectiva de... nós, mulheres, negras, né que.. dentro de... dentro de classe popular e coisa... Como é que vocês e... encaravam um pouco... se vocês encaravam isso como sendo muito igual a... aos demais como é que... era mais ou menos isso... era isso que eu tinha perguntado... A E...

Participante 2: “Profi”... igual... não é igual em relação as cotas que a Rosana falou porque... porque sempre tem que ter uma diferença, mas eu sei por que tem essa diferença... um... maioria tipo assim, do pessoal de periferia, pessoal da favela, o negro sabe, a gente não tem... às vezes o nosso nível de estudo nunca via chegar num nível de um branco, porque ele teve uma criação diferente, ele não sofreu por algumas coisas, ele não passou por necessidade e tem vários... é muito... é várias e... uma lista de fatores assim que pra somar... e meio que pra balancear... e tem gente que briga... Ah! eu não passei por causa de cota e não sei o que... e a pessoa tá lá em... vigésimo... quadragésimo...

[Risos]...

Participante 2: Por causa de negócio de cota... mas não foi sabe... eu vejo que não foi por causa disso... acho que a pessoa não passou...

Você acha que a gente nunca chega, você acha que...e... eu acho que nós vamos construindo um pouco, né?...

Participante 2: Ah! Sim a a gente.. tipo assim, a gente que eu falo é as pessoas negras, as mulheres negras que... a gente luta bem mais... bem mais... pra chegar num patamar de um homem branco, isso aí é nítido, nítido, nítido... porque um... o salário não é igual, dá pra perceber isso por gráficos, por muita coisa e isso não é de agora...

Ahã... [Sorriso]... Isso é uma questão histórica mesmo, né?...

Participante 2: Sim... e é comprovado, não tem como falar... e tem gente que fala... Oh! O racismo não existe, não existe... e não existe... deve ser porque a pessoa é branca, né?, e não sofreu por causa disso, não vê jornal, ela vive no mundo das cavernas.. porque [Risos] não... isso é muito sarcástica, mas né... porque... se você parar, não é muito difícil... não é muito difícil de você ver isso...

Participante 2: E gente que reclama de cota, mas ninguém olha o sofrimento das pessoas negras, de periferias, de favelas, que passaram por diversas coisas que não tem condições de pagar um preparatório, não tem condições de ficar estudando direto porque às vezes não tem internet, ou às vezes tem gente que não tem nem celular... É isso é culpa delas? Não.... isso não é culpa delas...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 3: Por exemplo, Roberta...

Pode falar R...

Participante 2: Tem que quebrar esse ciclo...

Participante 3: A E..... falou, a A.... falou de gente que não tem nem celular... tem um menino da minha sala, da minha sala da escola mesmo... ele não tem telefone a... ele não tem internet, ele tá tendo que pegar as provas e os deveres todos na escola...

Isso é uma forma de... e aí assim... são esses desafios que a gente vai tentando...

Participante 3: E ele é um menino negro...

Vai tentando superar não é isso... e... eu acho que então vocês estão dizendo é que... é realmente é... os desafios são maiores, né?, sempre, né?... pra gente que... nós somos mulheres e somos de periferia, somos negras e aí assim... juntar toda essa organização, né?... juntar todo esse... [Inaudível/Participantes falando ao mesmo tempo] que tá de mudança, é necessário pra conseguir fazer alguma coisa, né?... eu acho que...

Participante 2: Saber... acho que o que dá lugar pra gente é a nossa voz... eu acho que a internet ajuda também, acho que a... como é que se fala... manifestar sabe, você falar mesmo é... se a pessoa falar você rebater, você fala... O que tá acontecendo e você não abaixar a cabeça, não é... não abaixar a cabeça pra... pra tudo que tá acontecendo sabe...

E racismo estrutural... sabe tem gente que não liga, mas as pessoas negras ligam e pessoas brancas também sabe, porque... realmente há uma injustiça....

Fala R...., quer falar mais alguma coisa?

Participante 3: Quero não...

Não... E...?...

Participante 2: “Profí” eu vou ter que ir embora [Risos]

É mesmo...

Participante 1: Não, não tô... não tenho...

Como é que é?... Fala A...

Participante 3: Não eu acho... eu acho que ela vai ter que sair professora...

Participante 2: Eu vou ter que sair “profí” porque eu... eu tô na casa da minha madrinha, mas tenho que voltar pra casa pra jantar [Risos] e a minha mãe me mandou mensagem já, eu falei que tava em aula... ela entendeu...

Olha deixa então eu só te perguntar e coisa porque... pra gente ver direitinho... A.... você então e... como é que foi... você não... você não... como é que você fez as questões das fotos? E tudo... Você tirou alguma, você tirou...

Participante 2: Então “profí”... não, não tirei nada eu vou... eu tenho que tirar as fotos amanhã, eu até queria... a minha amiga vai me ajudar a me lembrar, mas eu queria que você me mandasse mensagem assim... de manhã ou de tarde falando... A..., não esquece das fotos, pra mim não esquecer... que eu sou uma pessoa que eu tô fazendo um negócio ali, tem que fazer um monte de coisa, aí eu tô na correria acabo esquecendo de alguma coisa, igual o dia... acabei esquecendo. Aí o que acontece eu vou... amanhã como eu vou pro curso, aí já vou mandar mensagem pras meninas falando assim... Ah! Posso tirar uma foto, que não sei o que... falando da pesquisa e “tals” pra... só pra avisar logo...

Olha só... não tem problema nenhum...

Participante 3: Mas quando que é esse nosso próximo encontro?

E... era isso.. era isso que eu ia ver e... com vocês...

É o seguinte... só pra gente centrar... e... Qual é o objetivo dessas fotos o Allani, por exemplo, hoje e... você não trouxe e... a gente e coisa... mas... o grande legal é esse debate aqui que nós levamos e nós conseguimos ter tranquilo... Qual é a segunda proposta... qual é... e aí a sugestão é um... é um trabalho que aí... eu e vocês vamos e... pra

desenvolver... é o seguinte, e que essas fotos elas virem um tipo de exposição virtual em que é... nós vamos levar mesmo é... lá pra FAETEC, pro nosso grupo e coisa... é uma forma de retribuição em termos do trabalho. Então qual foi... nós chamamos assim na pesquisa [Ruídos] de contribuição da pesquisa pra comunidade [Ruídos/Inaudível]...

O que acontece, a minha proposta é fazer uma exposição virtual dessas fotos, é por isso que aí [Problema áudio original/Ruídos]... por exemplo, a E..., as fotos dela eu... não tem problema porque por exemplo, não ficou nem o rosto da pessoa, não ficou nem nítido, né?... a pessoa então não tem... não tem problema quanto ao uso de imagem eu acho, pra poder apresentar...

A da... por exemplo, a da... R.... eu acho que... né R... é... a gente e... tem foto sua então é coisa... e tem foto da sua tia, da sua vó, e que a gente precisa de autorização...

Participante 3: Não... a minha... eu vou falar com ela, pode deixar...

Só pra... só pra gente...

Participante 2: “Profi” a autorização seria como? Um papel, um...

Eu mandei pra você e... mandei pra vocês no grupo o termo de autorização, tá?, por exemplo, se você A.... for tirar das suas amigas e alguma coisa e tudo...é... tem que ser alguma coisa... é... tem que ser o termo de... elas tem que realmente assinar... elas são menores na verdade... Então se você pudesse e... tirar com pessoas maiores que pudessem assinar ou fazer alguma coisa [Problema áudio original]... pode tirar e coisa... mas que a imagem delas não fique tão é... por exemplo, não fique tão configurada, que seja só o grupo e a imagem não fique... a maneira como ela tirou, por exemplo, no celular e coisa e tudo... foi uma forma, foi uma coincidência, mas foi e tudo...

Participante 2: Entendi, então... pras pessoas adultas que eu tirar foto, tipo a maioria das minhas tias são negras, mulheres e “tals”... então eu posso...

Pode, pode...

[Participantes falando ao mesmo tempo]...

Participante 2: [Participantes falando ao mesmo tempo] até visitar a minha tia [Risos]...

Como é que é?

Participante 2: Vou aproveitar pra visitar as minhas tias [Risos]...

Ah! Ótimo se você... olha só... e R... você... eu tenho isso no grupo, então por exemplo, eu mandei um formulário mesmo pra preencher... aí você vai dizer... Mas Roberta, eu não vou conseguir levar isso pras minhas amigas amanhã e tudo é... por exemplo e... pra elas assinarem e tudo... O que você faz então pra ficar uma coisa mais fácil e que eu sei que você por exemplo, não vai ter como imprimir pra não gastar e tudo... Esse termo, se você

puder por favor então... põe a mãe mesmo, não tem problema, põe numa folha do caderno mesmo e tudo tá... e [Ruídos]...

Mas você tirando foto delas, elas têm que assinar... você pode ler o termo, eu vou até te mandar de novo, tá?... eu te mando, se você puder...

Participante 2: Pode me mandar pro meu privado?

Isso, mando... mando pro privado... aí você dizendo assim... Roberta não tive como só imprimir... se puder imprimir é muito melhor, mas se você não puder não faz... você pode colocar aquele termo, o que tem ali a mão pra que ela autorize e tudo... e você me manda foto disso, tá e tudo... e assim... a R.... é fácil porque como é da tia dela também pode ser feito dessa mesma maneira..

Participante 3: Minha vó...

Isso tia... da vovó... e coisa da vó então é... pode ser feito da maneira porque, qual é a ideia de utilizar esse material gente... é usar esse material depois pra esse tipo de... um tipo de exposição, tá bom e...

E assim, foi muito legal é... todas as discussões nós hoje entramos por... discussões muito interessantes no sentido assim é... de juventude... é... querer de vida... né?... a Ester acabou já escrevendo muita coisa então assim... se você o... A... dentro das suas fotos se você quiser fazer também como a E... fez, pode fazer também... se não quiser é... por exemplo... também e tudo, mas assim... na narrativa, vocês precisam falar um pouco de como é que...

Participante 2: Tipo falar das mulheres e “tals”...

Então você pode... nas narrativas, você vai falar do encontro de hoje, do que você... do que você sentiu...

Participante 3: Roberta... a minha... minha mãe tá chamando a gente pra jantar

Pode, pode... vai... a gente... pode...

Olha só... então só pra gente finalizar... e... então na narrativa basicamente vocês tem que tá colocando só o que vocês é... o que vocês sentiram do encontro de hoje basicamente... da foto, fica por conta de vocês por exemplo, ficou muito legal você dizer o que você sentiu, porque nós vamos usar isso [Problema áudio original] depois tá, mas... na narrativa de hoje... e aí Rosana você tava perguntando só da questão e...

Participante 3: Do próximo encontro...

Do próximo encontro...

Participante 3: Então...

Aham...

Participante 3: Sábado... sábado eu só posso é... depois das cinco...

Entendi...

Participante 2: Eu também, só depois das cinco...

Participante 3: E mesmo assim [Inaudível/Participantes falando ao mesmo tempo] o horário... e... domingo eu não posso porque...

Entendi...

Participante 3: Os afilhados da minha vão dormir aqui em casa e assim... eles vão “tocar o terror” porque eles tem três anos aí... eu não posso... mas sábado eu só posso depois das cinco...

Tá bom... E.... pra você... você é... se for sábado depois das cinco, estaria bom ou você também tem compromisso... tem alguma coisa da... na igreja...

Participante 2: “Profi”... poderia ser seis horas, cinco e meia... porque cinco horas eu já... eu esteja saindo do curso... então não vai dar pra entrar imediatamente...

Deixa eu só ver se a E.... tem algum tipo de compromisso...

Ester, teu microfone tá fechado...

Tá fechado...

Participante 1: Perdão gente é... eu tô aqui falando meu Deus... sábado esse horário eu vou tá lá em Piabetá gente, não vai ter como sábado pra mim...

Participante 2: Vem me visitar [Risos]...

Não tem problema...

Participante 1: No domingo tem [Problema áudio original] no horário do almoço e “tals” tem como pra vir...

Não tem problema... se não for domingo também não, não tem problema...

Como é que é amor?... Não entendi...

[Participantes falando ao mesmo tempo/Ruídos]...

Participante 2: Ela falou que domingo acha que dá, mas só que a R.....não vai dar... aí não dá pra ficar...

Vocês querem... vocês querem então que... domingo dá R.....? Se não dá a gente... nós marcamos pra terça-feira...

Participante 3: Não sei, mãe... domingo... dá? Dá sim, dá sim... dá...

Tá bom... e que horário...

Participante 3: Domingo na hora do almoço né?...

Isso...

Participante 2: É...

Participante 3: Uma duas horas?...

Pode ser...

Participante 2: Pode ser...

Ester você vai estar em casa... Pode ser?

Participante 1: Vou...

Tá tranquilo então... nós vamos finalizar, vai ser nosso último encontro então, no domingo e... nós vamos fechar algumas...

Participante 2: Ué já... são cinco...

Ah! era isso que eu queria [Gesto batendo palma da mão]... era essa emoção que... Mas já acabou, é por isso [Risos]... tá vendo como eu não fico... eu não fico e... assim tanto tempo... eu queria até assim... o que vai acontecer... vai ser o sexto encontro, essa questão de... de... da produção de dados pra pesquisa ela [Inaudível]... mas é isso que eu quero combinar com vocês porque vocês... a gente pode montar outras coisas pra tá fazendo uma questão a mais e tudo... era isso que eu queria ver com vocês, mas isso a gente vê no... no último encontro e tudo pra poder tá e... e... vendo o que a gente pode tá fazendo, mas porquê... eu acho que se vocês fizerem a gente pode de... tá fazendo algumas coisa a mais, tá e tudo... mas assim.. em termos de produção [Ruídos]... são esses... são esses seis encontros...

[Ruídos]...

Participante 3: Tá bom...

Posso pedir então só um favor pra vocês? E... então... vamos deixar então domingo, então tá marcado as quatorze tá... se por favor se e coisa... Quem é... as questões dessa... das autorizações, tanto pra participação da pesquisa quanto é... eu dependendo como for e... eu acho que eu vou tentar marcar então é assim... não sei se vale a pena a gente tentar marcar pelo...que eu vou [Inaudível] na escola tentar ver alguma coisa, porque eu preciso pegar... eu preciso dessas autorizações, tá gente... mas aí assim... a gente vendo a melhor maneira de... de como é que fica legal pra vocês tá...

A questão das fotos, das narrativas então e... Ester já falou que vai mandando e tudo... e as de hoje então mandem por e-mail e qualquer dúvida vocês me falem...

[Problema áudio original]...

Tá bom pra você assim?

Participante 3: Tá...

Participante 2: No domingo tá ótimo, tá “de boa”...

[Participantes falando ao mesmo tempo]

Participante 2: Mas “profi”... agora eu tenho que ir...

Pode ir, pode ir...

Participante 2: Vamos “brindar” a fotinha? Vamos tirar a fotinha...

Isso pode tirar a fotinha sim... Olha só... ah! tá... [Sorriso]...

Peraí que eu vou pedir ao meu filho também pra tirar aqui... a foto da gente... tira aqui filho... Esse é meu filho gente...

Participante 2: Não dá pra ver [Risos]...

[Participantes falando ao mesmo tempo/Problema áudio original]...

Participante 2: [Risos]...

Participante 3: Tá gente...

Vai lá crianças... então quer dizer... olha só o... Rosana, tá vendo a... tirou?

Participante 2: Tirei...

Tá jóia então... olha só, não esqueçam então das narrativas tá meus amores...

Participante 2: Tá...

De mandarem e vocês o...

Participante 2: Tchau, beijos [Gesto de beijo]

Participante 3: Beijos...

É o meu assistente [Gesto de beijo]... E..., meninas, beijos...

Participante 2: Vou mandar as fotos no grupo

Tá pode mandar no grupo e não esquece de mandar as outras tá...

Participante 2: Boa noite [Risos]...

Participante 3: Tá bom, pode deixar...

Beijos meu amor... ah! não perai... perai... eu não interrompi a gravação... ai meu Deus.

TRANSCRIÇÃO

RODA DE CONVERSA ON-LINE

Data: 06/07/2021

Marcação Negrito: Roberta Renoir

Participante 1: E

Participante 2: A.

Participante 3: R.

Assim... na verdade... Os nossos encontros... nós programamos seis encontros e tudo, mas e... e o que dá basicamente um pouco a estrutura da pesquisa, mas eu no final da reunião eu vou levantar... nós vamos construir hoje algumas sugestões de trabalho... de

trabalho que... que a gente possa até depois continuar, mas assim, pra questão de metodologia do trabalho aqui e... esses seis encontros são o que nós temos de trabalho.

E aí de uma forma muito especial, eu queria começar esse encontro é... lendo uma coisa pra vocês... faz um favor pra mim, só pra... abram a câmera só pra... só um minutinho, depois se vocês quiserem fecha, mas só pra... só pra esse momento e tudo...

Eu queria... eu queria fazer um... ler um poema pra vocês por que a gente... nós construímos um caminho muito interessante, né? e... e aí assim, eu resolvi pegar um poema que é nem de uma mulher negra, não peguei de... de Conceição, mas ele é um poema que tem muito a ver com algumas mensagens que a gente tem passado, construindo...

“A pedra, o distraído tropeçou, tropeçou nela... O violento, projetou-a... O empreendedor construiu com ela... O homem do campo cansado iniciou... teve como assento... A criança brincou com ela... Drumond profetizou... Davi usou para matar Golias... Michelangelo fez dela uma bela escultura... Em todos os exemplos, a diferença não está na pedra e sim no homem... não desista nunca do caminho que você está construindo...”

Esse poema ele é de Antônio Pereira de Apon e assim... eu quis trazer esse poema é... pra iniciar um pouco a nossa... a nossa roda de conversa com... hoje... porque nós estamos discutindo várias temáticas, né? e... e aí assim, que estão de alguma forma ligadas a negritude, estão ligadas a coisa... mas que nós falamos... nós não entramos só nesse... nesse vamos dizer assim, unicamente nesse mesmo tema... eu conheci muita... muita das histórias de vocês, eu acho que é isso que foi importante... que a proposta era essa, a proposta é essa... são narrativas de jovens negras da Baixada... é conhecer um pouco, né?... como é que vocês estão construindo, né?... essa “pedra”... como é que vocês estão utilizando essa... essa pedra no... muitas vezes a gente olha e diz assim... Nossa, ela é tão difícil...né... e que às vezes dependendo de como você usar, né?... e ela que e... e a forma que você vai vê-la e que você vai utilizar, e que vai dizer assim... E o quanto isso é... pode ser importante ou não, ou que vai ter uma estrutura ou não...

E primeiro assim... e ficar muito muito feliz com as nossas trocas, com o nosso é... com as nossas e... compartilhar o que nós estamos tendo, né?... e a proposta de hoje... o que eu queria que e... que nós começássemos e aí assim, inicialmente vai ser é... um pouco falar mesmo... que vai ser bem rápido...

Eu queria... nós começamos... vocês começaram essa nossa trajetória, esse nosso trabalho, vocês me contaram um pouco de vocês, né?... vocês me contaram um pouco da trajetória da vida... e vocês durante esse período, vocês tiveram contato com outras... outras né?... ideias e tudo... eu queria que vocês me contassem como é que hoje, né?... no

dia de hoje a A..., a R... e a E..., como é que elas estão... como é que elas se vêem, como é que elas estão em relação as questões que a gente começou a pontuar, lá naquele nosso primeiro encontro e tudo.

Então eu queria que vocês falassem um pouco em relação a isso. Que vocês me dissessem um pouco como é que, né?... o que vocês viam... como é que vocês viam um pouco essa questão, né?... de vocês... da A..., da E... e da R..., naquele início e como é que vocês vêem hoje? Vocês vêem alguma diferença ou não... Em que vocês... vocês perceberam... o que essa troca pode ajudar ou assim... algumas posições que vocês tiveram continuam igual ou mudou... alguma coisa... eu queria ouvir vocês um pouco em relação a isso, tá? Pode ser? e tudo [....]...

Participante 2: Pode...

Tá jóia então... Quem pode ser a primeira pessoa a me contar isso um pouco? [....]... Quem pode?

Participante 1: Eu acho que a A.... entendeu, vai ser a primeira pessoa.

Participante 3: A A.... porque ela sempre fala primeiro...

[...]

Participante 2: Gente...

Aí A...jogou a bola pra você, A.....

Participante 2: Jogou a bola pra mim, eu louca pra alguém falar assim... Ah! Eu vou que não sei... eu sempre falo que eu vou primeiro [Risos]...

[Risos]...

Participante 2: Gente...

Mas olha só A..., não é nada... se você não quer ser a primeira... mas assim... é só...

Participante 1: Não ela quer sim...ela quer sim... ela quer ser a primeira...

[....]...

Me conta um pouco daquele primeiro encontro... o nosso primeiro encontro, a grande...

Participante 2: Eu lembro [....]...

De quem é... quem era né... Quem era A.....naquele encontro? A gente queria que você... nós conversamos um pouco, né?... identidade, conversamos um pouco... e aí me diz um pouco nesse processo, nesse encontro o que mudou, o que não mudou... se você é... como é que tá isso...

Participante 2: Desde aquele encontro eu “tipo”... como é que se fala... eu vi que eu não era sozinha, que tinham várias outras meninas que tinham passado por várias coisas parecidas comigo, e pertinho de mim, sabe... eu não era tão diferente quanto eu achava... é saber a história de outras pessoas foi muito interessante, não pra comparar, mas assim que eu não tô

sozinha... e contar... e algumas coisas que já aconteceram que eu não conto assim com frequência assim, sobre a minha negritude, sobre a minha infância... e conhecer pessoas que foi... a E... eu já conhecia, mas não conhecia tão profundamente, quanto foi naquele encontro que a gente começou a falar sobre algumas coisas do passado, que aconteceram com elas... E a R... a R.... eu não conhecia ela direito, só via ela muito nas reuniões que a gente participa da escola e... eu achava que ela era um tipo de pessoa... e comecei a conhecer ela assim... uma pessoa totalmente diferente ... tanto é que a gente tava conversando aquele dia...

Participante 3: Ela achava... ela achava que eu era “nojentinha” igual...

Participante 2: [.....]...

Participante 2: Não, não achava... eu achava você...

Participante 3: É verdade, é verdade...

Participante 2: Parecida comigo, entendeu?... eu não gosto muito das pessoas parecidas comigo, “tá ligado”?

Participante 3: [.....]...

Participante 2: É sério, não tô brincando não [.....]...

Participante 3: Eu te entendo, eu te entendo [R...]...

Participante 2: Mas você é uma pessoa incrível, eu adorei realmente te conhecer, eu tô falando do fundo do coração, “real”, “real”... assim, foi muito interessante... você é parecida comigo... eu acho você um pouco parecida comigo em relação a sua personalidade, e seu jeitinho na aula e tipo... é interessante, eu gosto disso. E conhecer a sua história, um pouco pelo menos... uma parte dela porque a gente não conseguiu falar realmente tudo, tudo, tudo... tipo ponta a ponta... mas eu... sei lá, mas foi muito interessante conhecer, conversar, saber... e a melhor coisa é você conversar sobre a sua negritude... conversar sobre o que aconteceu com você, falar, se expressar... Nesse tempo [Interrupção de Terceiros]... O que acontece, eu quando... quando... eu pensei que ia ser fácil, eu pensei que ia ser de “boa”... era os encontros assim... mas foi de um pouco mais diferente... foi diferente porque parece que meu pensamento expandiu um pouco mais, eu sei muito bem argumentar... Sim! A escrita me ajudou... a escrita tipo escrever as narrativas, me ajudou em relação... a tipo a escola, essas coisas que é muito bom de se escrever... e falar sobre as suas formas e várias vezes que eu queria escrever a narrativa, eu procurava assim sinônimos, pra não ter que ficar repetindo, isso melhorou um pouco mais a minha redação [Risos]... e é isso, é isso, acho que me tocou muito, eu esperava uma coisa e veio uma outra totalmente diferente que me ajudou em vários aspectos, tipo conversar é... elaborar... conversar com vocês me fez... abrir novos olhares assim... e conseguir argumentar mais quando se fala sobre negritude...

Quando você fala que você esperava uma coisa e aconteceu outra, o que você esperava na verdade?

Participante 2: Eu esperava tipo a gente conversar, eu falar algumas coisas e você fazer perguntas e eu responder normal, tipo como se fosse uma entrevista, mas não... foi um diálogo, contanto que eu escrevi isso na narrativa, foi um diálogo informal e de conhecimento, no primeiro encontro foi uma espécie de conhecimento, não só você, mas de outras pessoas e... não sabia que ia rolar tanta coisa, que esses encontros iam me tocar tanto, contanto que quando você falou assim... Ah! É o nosso penúltimo encontro... eu já falei assim... Já!? [Risos]...

Você falou mesmo [...]...

Aguarda fortes emoções para o final [...]...

Participante 2: Eu quero saber o final, o que vai dar [...]... sério, sério...

Eu vou explicar... deixa as meninas É...

Participante 2: As demais aí você fala... E aí... quem é a próxima? Deixa eu adivinhar... R.. [...]...

[Risos]... botou pressão... botou pressão...

R..... botou pressão...

Participante 3: Desculpa eu tô cansada, eu tô cansada, eu acordei cedo....

Participante 2: Meio dia [Risos]... R..... R..... [Risos]...

Participante 3: Deixa eu falar...

Pode querida, pode falar R.....

Participante 3: É exatamente isso que é a A..... falou, me fez expandir os meus argumentos [Risos]... me fez pensar sobre algumas coisas é... fez querer ler novos livros, aprender coisas diferentes... eu gostei muito de escrever as narrativas porque eu acho que... é uma liberdade sabe... de botar algumas coisas no papel te traz liberdade, faz parar de pensar tanto em algumas coisas e... me ajudou bastante em algumas situações, mas... e tirando isso foi muito bom conhecer as meninas, a E..... eu já conhecia a E....., porque a gente vem no ônibus juntas [Risos]...

Participante 1: Verdade, verdade...

Participante 3: Quando a gente vinha da FAETEC, a gente vinha no ônibus junta... e a A.. eu não conhecia e... todo mundo fala que a nossa voz é muito parecida... muito parecida...

Participante 2: Sim, o pessoal fica até com dificuldade de distinguir quem é quem...

Participante 3: O pessoal... a gente tá na mesma aula, o pessoal fala assim... Ah! É A.....? Ah! é a R....? mas assim... eu achei... eu nunca tinha conhecido ela e foi bom porque... eu também tinha um outro olhar dela e... é muito bom a gente conhecer a pessoa pela ótica da pessoa, né?

Não pelo que falamos, não pelo que você é... não pelo que te dizem, é muito bom a gente conhecer a pessoa pela pessoa...

Participante 2: O que você acha? é muito... sim, sim, sim...

E sobre as temáticas que nós trabalhamos? E...

Participante 3: Foram temáticas bastante impactantes, tipo assim... eu gostei quando a gente falou de dança, a gente falou de poesia... principalmente de dança porque eu gosto muito de dançar, eu gosto... Hoje por exemplo, eu estava dançando em casa [Risos]... que eu fiquei em casa o dia inteiro, então eu estava dançando, foi muito... foi muito bom. Eu gostei muito de todas as temáticas... Ah! Que eu me lembre as... a primeira foi “Quem sou eu”, né?... e a segunda eu nunca lembro...

A segunda foi do... A segunda foi do “Kbella”...

Participante 3: Ah! É verdade... esse documentário é lindo... Ah! Esse documentário foi muito marcante, principalmente na parte que... a menina se pinta de branco e “tals”...

Participante 2: Sim... vou te deixar falar porque eu fico muito empolgada quando a gente fala sobre esse... esse filme, meio filme, né?... mas esse filme tocou muito, muito, muito... não é pouca coisa não, eu fui enviando para algumas amigas minhas esse... o link...

Participante 3: Eu mandei pro meu pai pra ele ver e... ele falou... ele gostou bastante...

Você mandou pro seu pai ver? Que legal... Então assim, foi um processo de vocês, né?... encontrarem novas questões, né?... dentro desse...

Deixa eu ouvir a E... um pouco.... deixa aí E.... Você quer falar mais alguma coisa R.....?

Participante 3: Não, não... pode deixar a E.... falar... já falei tudinho...

Participante 1: Olha tô parecendo “morta” aqui... isso aqui tá um frio, aqui em casa tá parecendo menos quatro graus... minha “ites”, todas as minhas “ites”, rinite, tudo... começa a aparecer do nada, olha...

[Risos]...

Pega aí um cobertor e se embrulha no cobertor aí [Risos]...

Participante 1: Então gente, boa noite, eu sei que eu cheguei atrasada, né?... dá pra me ouvir direitinho?

Tá, tá dando pra ouvir sim, tá dando...

Participante 1: Então e... “putz”, “caramba”, realmente passou rápido, né?... Eu lembro que no início da pesquisa foi... a Roberta me chamou no passado, né?... e aí nós começamos esse ano... e aí esse ano eu falei... Poxa Roberta, eu já coloquei algumas coisas no lugar e “tal”... e aí a Roberta ali insistindo... ai eu falei... Tá bom, tá bom, vamos lá...

[Risos]...

Participante 1: Vamos ver o que vai dar... e isso parece que literalmente... é meio clichê até falar mas realmente parece que foi ontem, né?... e eu gostei, caramba Roberta eu gostei muito, você fez um trabalho muito legal, principalmente porque não só falou... Ah! Vamos conversar sobre isso?... Não, você deu o material e falou... O que vocês acham sobre isso? O que vocês acham que tem por trás de toda essa linguagem, toda essa encenação... O que isso te faz sentir? O que isso muda? O que isso toca em você?... Então você deu essa liberdade pra gente conseguir detectar com os nossos próprios olhos o que aquilo de fato era, e o que... até mesmo o que não... ninguém mais, ninguém conseguia ver, só a gente sabe... cada um tem uma própria interpretação de tudo, cada ser humano é diferente.

Participante 1: E isso foi... foi bem... legal, eu acho que amadureci...

Quem era E... daquele primeiro momento... você sente alguma diferença... da E.....de agora, eu não tô falando assim... existe alguma... você pode dizer... Não existe nenhuma diferença, mas assim... Quem era aquela E....e quem é a E... hoje? Como é que esse processo, essa conversa... como é que... se impactou... Como é que foi isso?

Participante 1: Bom, eu nunca fui muito ligada nesses assuntos de racismo, nunca fui muito ligada nisso, não estudei, não li livros... muitos sobre isso porque é um assunto pra mim que me machuca, que dói, é triste... e às vezes a gente fica com medo né de enfrentar essas tristezas sabe... então sempre aquele... Ah! Não, deixa pra amanhã... não... e começo da pesquisa, realmente tive que enfrentar isso.... não que eu seja... Oh! A mestra agora e saiba tudo porque eu não sei nem a terça parte. né? na verdade... das coisas sobre [Inaudível]...

Participante 1: Mas acho que deu pra ter uma noção, uma noção do que é o racismo e... e... deu pra... pra gente descobrir sem medo de [Problema áudio original/Inaudível] sabe, por exemplo, o racismo pra mim é... uma “parada” realmente triste, mas tá... É só isso? O que você pensa... E aí? Então eu comecei... você começou, você começou a fazer essas... a brotar... a estimular essas perguntas na gente... e a gente falou isso, foi meio que um “se vira” pra responder [Risos]... Então... acho que todo mundo, mesmo que não saiba detectar, saiu com alguma coisinha diferente dessa pesquisa e... e... acho que isso é muito bom, pelo tempo, pelas reuniões, acho que isso é muito bom.

Gente é muito legal ouvir vocês porque é... nós de alguma forma é bem isso mesmo, são essas sementes né?... que nós de alguma forma vamos deixando e... quando vocês é... quando vocês colocam que passou rápido, que foi e coisa... porque assim... as discussões, e aí eu já vou entrar um pouco, né? como é que... A...i tava por exemplo, perguntando assim... Roberta, como é que... eu quero saber onde isso vai dar, eu quero saber o fim, né?... é porque por exemplo, a minha ideia... a pesquisa em si... ela tem todo... e aí eu teria que explicar a vocês uma parte teórica e tudo, mas assim, ela tem uma parte

teórica que... é aqui, eu tenho que me pautar até esse momento... porém, na verdade eu venho com uma proposta dentro do meu trabalho, que é de um retorno social da minha pesquisa. E o que é esse retorno social? É trazer alguma coisa com vocês em que a comunidade é... né ela tem... quando eu falei das fotos e tudo... e é isso que a gente vai resolver hoje aqui... é... as fotos elas são é... a minha ideia é colocar... nós fazermos uma... e aí assim, a gente hoje vai tirar por exemplo, se nós vamos fazer, se não vamos, se vocês querem... porque vocês não são obrigadas a nada... a tá fazendo sabe... a tá participando e de coisa... mas assim, qual é a ideia... as fotos que vocês tiraram e se vocês é... acharem que tem que tirar mais... a minha ideia é montar uma exposição virtual na verdade, tá! Inicialmente ela não é presencial porque... eu até penso nela presencial em um momento posterior, e aí tem que ver impressão, blá, blá, blá.... mas assim, a virtual nesse momento é algo possível no sentido de que... aí nós como um grupo, né? como equipe... nós iríamos montar isso e aí assim... eu tenho alguns amigos que ajudam por exemplo, na questão de edição, de como é que por exemplo... nós teríamos... por isso que era tão importante a questão por exemplo, da imagem, ela precisa realmente ser uma imagem que a gente tenha autorização realmente pra usar porque isso é muito sério, né? e tudo, por exemplo... eu não posso por exemplo, fazer uma exposição... e com a pessoa, né?... independente de quem seja e tudo, ela ter a imagem dela ali sem ter e... sem coisa. Então assim, o fim... respondendo a A.....no... no primeiro momento... o fim da pesquisa ele é... uma questão de... eu vou agora por exemplo, eu vou fazer uma questão metodológica que é analisar alguma coisa, os discursos, falar um pouco de negritude e aí assim, quando eu for fazer a apresentação da minha dissertação... é claro que vocês serão convidadas, independente dessa apresentação da dissertação ela ser presencial ou não, mas ela provavelmente deve ser ainda remota, mas independente disso vocês vão estar convidadas, isso vai ser... isso vai ser um retorno pra vocês em termos acadêmicos, do que eu escrevi de coisa... e em termos de... de retorno social da pesquisa, que é o que a gente chama...

Eu queria ver com vocês o que vocês acham da sugestão de nós montarmos uma exposição virtual, vamos botar virtual... e que ela deveria ser apresentada, aí eu tô pensando em utilizar e... realmente a plataforma da escola com sendo um trabalho, né?... eu não tô nem pensando... fazer uma apresentação... tipo assim, individual, né?... na plataforma da A..., na plataforma da R..., no *facebook* da... não, não... não é isso, e como se fosse o projeto mesmo e aí assim, como está sendo desenvolvido lá na escola, eu tenho autorização pra fazer lá na escola, então eu posso e a gente... nós faríamos por uma plataforma que pode ser até um *insta* e tudo... mas uma exposição, uma exposição

que seria com as fotos... a... a E... ela já colocou até muitas coisas escritas, mas se quiserem por exemplo, Rosana quiser dentro do... das fotos que ela escolheu, ou o que queira colocar mais... colocar poema, ela pode...

Participante 3: Pode botar mais foto?

Se você quiser botar mais fotos pode, é isso que a gente pode ver aqui com o grupo... vamos ver aqui com o grupo assim, se você achar, mas aí... o que a gente vai fazer... se você decidir... Eu quero colocar mais fotos, a gente vai colocar limite de por exemplo...

Participante 2: “Profí”...

Oi... Pode falar...

Participante 2: Eu vou rapidinho pra casa, eu vou ter que dá uma desligada aqui, eu já tô voltando... tá bom?

Tá, mas você volta mesmo? Tá...

É que ela vai perder a explicação... mas aí a gente passa pra ela, né?...

Participante 1: Pelo jeito ela vai pegar um “jatinho” pra voltar voando pra cá, né?... espero que ela volte voando [Risos]...

E que eu não sei se ela tá perto ou longe de casa, ela deve tá na casa da tia dela que é perto...

Participante 3: Pelo que parece ela tá bem pertinho...

É, eu acho que é isso... deve ser na mesma rua e tudo... provavelmente...

Olha só, então... só pra explicar... O que você acha R...? O que você acha E....?

Participante 3: Eu acho bom, acho...

Vocês gostam dessa ideia? Gostam?

Participante 3: Eu gostei....

Gostou... Ester, você tá com umas fotos... Você gostaria de colocar mais fotos ou não e tudo... como é que... como é que seria... você gostaria de tá colocando mais alguma coisa ou aquelas que você colocou... que você não é obrigada, tá? a colocar mais nada... se você não quiser e tudo... mas se por exemplo, a R..... logo perguntou... Posso colocar mais? Por exemplo, você tem a liberdade também... Professora... Roberta, eu gostaria de acrescentar alguma poesia, eu gostaria de colocar mais algum detalhe... você escreveu bastante em relação a foto e coisa, mas assim... quero colocar mais alguma coisa... perfeito...

Aí o que nós vamos ver é por exemplo, a forma da gente tá botando isso por exemplo, por que às vezes vocês conhecem pessoas que sabe... sabe fazer edição legal, né?... pra essas fotos... às vezes vocês conhecem também... Olha, eu queria colocar uma música a mais, né?... eu sei que vocês fazer vídeo, fazem coisas e tudo, mas é sempre... sempre

lembrando que a ideia... alguma coisa tipo... são mulheres negras contando as suas histórias, né? de... por exemplo, da R... ela falando da avó dela, contando, né?...

Então assim, se ela vai escolher uma música, vamos dizer né que... como a gente vai ser virtual, a foto pode estar conectada... Ah! Eu escolhi essa música porque... porque minha vó gosta dessa música e tudo... Então quer dizer, nós iríamos montar... mas eu primeiro... e aí assim, nós iríamos montar um coisa pra gente poder... como é que a gente vai montar isso? A gente vai botar tempo, botar critério e coisa e tudo... O que você acha Rosana? E.....? Podem falar tá...

Participante 1: Eu... eu... poxa eu acho legal... essa exposição é pra escola ou é pra sua pesquisa mesmo?

A pesquisa, o que acontece... tudo que nós discutimos, as fotos na verdade que vocês tiraram, elas vão entrar na pesquisa também tá... elas estão lá... mas elas não vão entrar de uma forma como exposição, elas estão ligadas a questão metodológica que tem da pesquisa e tudo... só que eu, Roberta, como... assim... a pergunta que a A..... fez é bem interessante... “Profi” eu queria ver como é que vai ser o fim... e é um pouco isso, a comunidade pede um pouco isso, a Roberta teve aqui na escola e tudo... Qual foi o... Qual a pesquisa dela? Teve um... como é que eu posso dar esse retorno pra comunidade, né?... eu na apresentação eu vou apresentar e tudo bem... mas eu queria fazer alguma coisa ainda um pouco a mais... o que a gente chama de retorno social da pesquisa... aí... a tua pergunta é... Isso vai ser pra escola? Eu vou utilizar... vai ser... eu podia fazer isso como Roberta, podia botar na minha plataforma e tudo... não, na verdade...

Participante 2: Rapidinho...

Oi minha querida, voltou, né?... a gente tá aqui... fazendo as perguntas tá... de como é que... de como é que por exemplo ... dessa questão da exposição virtual das fotos e a E.....

As fotos vão ser usadas em um exposição virtual.....] aí eu expliquei pra ela que por exemplo, as fotos vão ser usadas na pesquisa, na parte metodológica e tudo... porém, eu tô dando um retorno pra comunidade... eu tô propondo algo a mais. Então assim, se vocês [..... então montar uma exposição e aí assim, eu sei que vocês por exemplo, a E..... já até falou quando você não tava... pode usar fotoné que por exemplo, E....é... a Ester já colocou muita coisa da escrita dela e coisa, então assim... a primeira coisa é saber se vocês querem isso... porque se não quiser eu acabei de falar pra ela, vocês não são obrigadas a estarem, a fazerem nada de que vocês não estejam sabe, se sentindo confortáveis, também ou que achem interessante... a gente diz assim... Não é que eu não tenha incomoda, então também não quero fazer e tudo, tá...

mas assim... é uma proposta, e aí eu queria ver se vocês aceitam ou não... se aceitarem, se no caso aceitarem o que nós vamos montar é mais ou menos um cronograma pra isso, e aí isso... até... pra gente poder... é claro que eu vou ver as ajudas né... como é que...

Mas aí pode falar A..., a E... tava fazendo pergunta, pode perguntar também E..., se você quiser perguntar mais alguma coisa, pode perguntar...

Participante 1: Não menina é... eu não entendi um pouco a questão da exposição tipo assim, a gente vai fazer a exposição por exemplo, é numa rede social...

No “Insta”... na verdade no “Insta” da escola... e tudo...

Participante 1: Então eu acho bem legal...

No “Insta” da escola...

Participante 1: [Problema áudio original] acrescentar sabe... do que eu poderia acrescentar as minhas fotos, mas eu acho legal usar aquelas que a gente tirou, gostei...

Se você quiser você pode acrescentar mais fotos, não tem problema tá... sempre na perspectiva, não pode ser qualquer foto... sempre na perspectiva de que a exposição... enfim foi o que nós falamos... São mulheres negras, da baixada, no seu cotidiano... e aí cada uma de vocês me dê alguma coisa... tá...

Pode falar R....., se você tem alguma pergunta...

Participante 3: Não tenho nenhuma posição Roberta, não tenho nenhuma posição... eu já perguntei o negócio das fotos que eu queria adicionar uma ou duas...

Pode...

Participante 3: E eu também queria... desculpa meu cachorro tá latindo... eu também não entendi muito bem o... essa história da... da exposição, pode ser talvez porque eu esteja com um pouco de sono [Risos].. mas...

A produção seria...

Participante 1: [.....] Acontece amiga...

A escola, a escola é... a exposição...

Participante 3: Não, a exposição em si não é... em que lugar ela vai ser feita...

No “Insta”, no “Insta” da escola...

Participante 3: A gente vai criar uma página, vai botar as coisas...

Não... [.....]....

Participante 3: Aí eu não consigo não...

Ué, é isso que a gente tá discutindo aqui... vocês querem montar uma página que venha dessa exposição, desse trabalho e tudo porque eu... eu... vocês é que sabem... eu pensei no “Insta” da escola por que... porque é um trabalho que tá acontecendo com vocês, né? que são...

Participante 2: Poderia... tipo teve uma... tipo a gente podia ver no *facebook*... no *facebook* “..... no *Instagram* da escola, mas também podíamos compartilhar esse conteúdo com... aquela página que veio... é uma conta, aquela menina, uma mulher que veio falar sobre negritude com a gente também que... eu só esqueci o nome dela... foi no ano passado, a gente teve tipo que uma palestra... é “Negrinhas” o nome da conta e “tals”...

Não, compartilhar... compartilhar o conteúdo a gente vai compartilhar com todo mundo... pode ser com os amigos pessoais, por exemplo com a unidade da FAETEC lá de Campos, eles... sabe, assim... por que quando você põe... é por isso que...

Participante 2: Você vai compartilhar com a rede FAETEC ou só Imbariê?

Não, vai ser um trabalho nosso que vai pro mundo, na verdade

Participante 1: Eu acho que...

[.....] quando você põe no “*Insta*” né? O “*Insta*” ele é alguma coisa que vai... pra vários... o nosso “*Insta*” da escola ele não é só para estudantes da coisa, por exemplo, o pai da E..... ele pode entrar lá no “*insta*” da escola, ele vai ver a festa junina de três anos atrás, tá lá, ele vai ver por exemplo, quando eu participei... quando eu fiz o projeto de consciência negra na escola e tudo... tá lá compartilhado o projeto de sustentabilidade da professora Jane... então quer dizer, ela é uma página que vai pra todo mundo... aí se vocês disserem assim... Não, eu não quero dessa maneira, tudo bem também, entendeu...

Deu pra entender agora o que é a exposição?

Participante 3: Acho que... Acho que eu entendi sim... é... eu entendi...

Tá...

Participante 3: Então como vai compartilhar no *Instagram* aí a gente... a gente pode compartilhar no nosso *Instagram* também né... tipo assim

Isso...

Participante 3: [.....]

] Ir lá na publicação e compartilhando, aí fala... Ah! Vai lá ver o meu negócio lá... que eu tô mandando...

Você entendeu por que é tão importante e...

Participante 3: A autorização...

As autorizações de... por exemplo, de proteção da pessoa que tá sendo... né...

Participante 3: Eu vou... eu vou falar com a minha vó hoje e vou falar com a mãe das meninas também tá?

[Problema áudio original]...

A..... o que você... já voltou a...

Participante 3: Você escutou?

Participante 2: Ela falou que vai falar com a avó dela e “tal”... continua R....., pode falar...

Participante 3: Eu vou falar com a minha vó e vou falar com a mãe das meninas... tá...

Tá, pode ser....

Participante 2: Eu vou perguntar a minha tia e vou perguntar a outra menina se eu posso publicar. Professora eu posso fazer uma pergunta?

Pode...

Participante 2: A gente poderia tipo, não a gente se vocês não quiserem também, publicar uma foto nossa?

Vocês querem publicar... pra mim tudo bem...

Participante 2: Não, publicar não, colocar junto com a pesquisa porque eu não ligo sobre a minha... sobre... como é que se fala... a minha identidade ser exposta e “tal”, eu não ligo pra isso não...

Por mim tudo bem, se você acha o que... o que a gente vai definir.... primeiro se vocês concordam com essa abordagem, isso é uma primeira coisa tá... se vocês disserem... Não, eu concordo, já entendi como é que vai ser feito, ok... aí o segundo passo... Nós vamos é... montar o planejamento pra isso, em que sentido... a gente tem que montar data, tem que montar critérios, né? porque tipo assim, não vai acontecer pra outra... ok. Então olha, Ah! Nós vamos ter mais dez dias por exemplo, pra pegar mais fotos ou por exemplo, mais três dias pra pegar uma foto... essa fotos elas estão todas e coisa... e aí nós vamos procurar... Ah! Roberta, olha o meu irmão... não, o meu primo ele é um cara que sabe por exemplo, ele edita bem e ele sabe colocar a foto com a música porquê... a foto com a música pra minha vó... é dessa maneira que eu quero fazer a coisa da minha foto... beleza...

A E..... pegou a foto, escreveu... Roberta, mas eu quero colocar também junto com isso e tudo... desenho ou coisa... vamos dizer que você queira, você também pode... aí você lembra só que a gente vai expor isso num “*insta*”, né?... numa página...

Então assim, é uma exposição virtual né e tudo... mas podem vocês colocarem fotos de vocês sim, não tem problema nenhum, tá legal e tudo... Alguma dúvida? Podem perguntar tudo o que quiserem em relação a isso...

Participante 1: “Hum”... nenhuma dúvida, eu acho...

Não... então vamos montar um cronograma então? Vocês querem que eu monte o cronograma e passe pra vocês ou vocês querem dar sugestão de cronograma... Roberta, eu quero uma semana...

Participante 3: Roberta, eu acho que é melhor você montar...

Tá, tá bom...

Participante 2: Também acho “profi”, mas eu preciso fazer a... a penúltima narrativa e a de hoje... a última...

Peraí... olha só, é isso que eu ia falar... porque a de hoje eu vou pedir o seguinte, que vocês agora, tá... peguem qualquer papel, que eu preciso que esteja nessa emoção... eu quero... peguem um papel por favor, tá... qualquer papel, qualquer lápis e qualquer caneta... eu quero que vocês façam a narrativa de hoje... agora... tá... vocês escrevam é... assim... e aí o que o dia de hoje é? Ele é todo... ele fala um pouco de todo o processo que nós fizemos, tá... é... peraí que não tá permitindo, calma... vai meu “amigão” porque eu tô te permitindo... foi... entrou... peraí que ela tá tentando entrar... “ué” gente, peraí... peraí que meu computador não tava permitindo que ela entrasse, peraí... entrou, beleza Rosana...

E aí assim... por favor tá... R..... você tá conseguindo me ouvir? Tá? Tá R.....?

Participante 3: Tô sim, pode falar...

Tá... tá bom...

Participante 3: E Roberta, eu já escrevi as narrativas, eu vou mandar por e-mail, tá?

Tá, agora eu queria que você fizesse o seguinte agora... a de hoje tá... a de hoje eu queria que você pegasse um papel ou assim, um papel é mais fácil, né? e coisa... e que escrevesse tá... agora... porque tem que ser nessa emoção de coisa... não tem certo, não tem errado, mas eu queria que vocês... me fizessem, me contassem um pouco é... esse dia de hoje, o que foi isso... o que vocês andaram conversando comigo, que vocês colocassem um pouco no papel, tá... faz isso pra mim por favor é porque tem que ser nesse calor da nossa conversa, nesse calor da emoção, nesse calor de coisa... eu queria ver o que... pega um papelzinho aí Ester, tem papel aí? Não precisa sair da cobertinha, pode ficar na sua cobertinha [Risos]... Tem papel aí perto? Tem? Pega aí... beleza...

A....., olha eu não tô vendo imagem, mas quando eu...

Participante 2: Já tô escrevendo...

Era isso que eu ia dizer, tá vendo... “Tá,Tá,Tá [.....]... já vai [....]... Tá bom, pode escrever, pode escrever que eu tô aqui, eu tô só aqui dando força e tudo e... assim porque eu fico falando, eu atrapalho vocês... então, eu prefiro deixar um pouquinho mais quieto pra vocês... tá... pra vocês poderem fazer essa...

Vocês depois vão ler essas narrativas pra mim, tá... vocês vão ler pra mim... pode ser grande, pode ser pequena, mas assim, por favor que expressem um pouco tá e... essa nossa trajetória, esse coisa todo... como é que foi hoje...

Vou botar só uma coisinha pra vocês, é uma... é uma musiquinha... é uma homenagem tá gente...

[Música ao fundo – Dona de Mim – Iza]...

Essa foi pra vocês meninas... [Risos]...

Essa foi pra vocês... Deu pra ouvir? Deu meninas?

Participante 2: Deu sim “profi”, até a música até ajudou a continuar escrevendo...

[Risos]... Valeu A..... essa homenagem... muito [.....], vocês são muito...

Participante 3: Roberta se elas quiserem falar... é que eu já terminei...

Tá bom... tá legal...

Participante 2: Eu também... eu acho, peraí rapidinho, vou reler aqui...

Você que sabe, pode... tá bom...

Quer começar R..., lendo?

Participante 3: Pode ser ué...

Tá...

Participante 3: No encontro de hoje, eu falei...

Pode falar...

Participante 3: Posso falar?

Pode falar...

Participante 3: *“No encontro de hoje eu falei sobre me sentir mudada, o que me marcou nesse projeto foi a mudança, a mudança em relação a lidar com alguns assuntos e ver é... e ver é... algumas situações, como o poema das mulheres negras que me marcou e me mudou muito. Conversar com meninas iguais a mim, me fez mudar o pensamento de que... de que eu sou a única em relação as minhas dores e as minhas felicidades”.*

Muito bom, muito bom... Obrigada R..... por você compartilhar a sua narrativa e tudo assim, depois você... peraí que depois eu vou... coordenar como é que a gente vai fazer...

A.... você quer ler a sua? Pensei que você já tinha terminado também ou você quer que eu espere? Pode escrever, eu espero...

Participante 2: Sim, sim...

Tá bom...

Participante 2: Só tá meio embolado, se acaso eu voltar pra ler de novo não ligo não [Risos]... e porque eu.. eu começo a escrever, eu começo a rabiscar, eu não consigo... aí eu pego... aí eu vou subindo o “morro” pra dar espaço [Risos]... é uma loucura, mas é assim mesmo, vai...

Participante 2: *“Hoje foi o último encontro e a sensação é de tranquilidade, saudade, felicidade. É felicidade, ô saudade por saber que não vou me encontrar toda semana com essas mulheres maravilhosas. Tranquilidade ao olhar pra trás e me orgulhar de toda... de tudo que fizemos... peraí... ao olhar pra trás e me orgulhar de todas nós que fizemos um ótimo trabalho. Felicidade ao saber que não estou lutando por uma causa sozinha. É e por*

chegar ao fim de uma etapa tão interessante, e tudo que conversamos, que passamos durante este percurso... per aí... Por chegar ao fim de uma etapa tão interessante e lembrar de tudo que conversamos e passamos durante esse percurso. Descobrir coisas, conhecer pessoas, falar de si, argumentar sobre vários assuntos me ensinou é... me tornou uma pessoa mais informada e com mais conhecimento. Eu agradeço muito por isso”.

Muito bom... Pode falar E..... Pode...

Participante 1: Meninas, um segundo que eu começo a escrever menina, acabou... Eu vou tentar colocar um ponto final aqui...

[Risos]... Aí gente... ponto final é só pra começar outro parágrafo, né?]... É um ponto nesse pra começar outro...

Produções aí ô...

E aí E....?

Fico aqui olhando assim, eu fico assim, Ah!... vejo uma... R.... Uma A.....

na piscina... aí vocês são demais, meu povão...

Eu vou fazer então pra vocês meninas e... eu vou montar o cronograma então e... do nosso... planejar mesmo, estruturar mesmo como é que nós e... vamos fazer a questão da exposição, tá bom... mando pra vocês e tudo, per aí que... depois que... A E.... ler o dela eu vou... eu vou propor um coisa pra gente...

Fala minha E...

Participante 1: Meu Deus eu tava com o microfone desligado gente, desculpa ..

Você tava lendo? Você tava lendo?

Participante 1: Não, eu tava falando aqui... Gente um minuto, per aí e “tals”... ai pronto...

Participante 1: Bom... Eu...

[.....] me mandou escrito vai lá...

Participante 1: *“Dia seis de julho ocorreu a nossa última reunião... antes uma terça fria e cinzenta aos poucos se permite [Inaudível] por conversas doces e saudáveis sobre o nosso crescimento ao longo da pesquisa. Tenho certeza que algumas coisas mudaram e brotaram dentro de nós, mesmo que não conseguimos enxergar no momento. Participar dessa pesquisa foi no mínimo desafiador pra uma menina “enferrujada” na escrita, me senti na obrigação de estudar e tentar entregar o meu melhor, mesmo que às vezes essa ideia de “limite” [Gesto com os dedos] tenha um fundo falso como o de uma garrafa térmica. Foi muito... foi ótimo estar com as meninas pra estudar e debater. Não se pode esperar nada menos que crescimento, quando isso acontece. Por fim gostaria de me despedir com um até breve porque dizer adeus significa ir embora, e ir embora significa esquecer, Peter Pan... E vai ser uma*

missão falida tentar esquecer todas as histórias, risadas, discussões, enfim... todas essas vidas”...

Ai ai... vocês são lindas... são lindas... muito legal gente e... muito, muito legal mesmo toda e... todo compartilhar, a todo é... assim é... tudo que a gente construiu junto, espero que realmente tenha e... contribuído de alguma forma é...

Eu queria fazer... eu queria é... falar com vocês o seguinte... Eu vou... eu vou é...

Apêndice F- Narrativas dos Encontros da Pesquisa

Narrativa da A. do encontro do dia 15/06/2021 (1º encontro)

O encontro foi muito bom. Falar sobre nossas vidas, foi incrível. Conhecer pessoas novas e escutar histórias de cada uma delas (mesmo sabendo que é um resumido) é maravilhoso. E comparar situações e vê que não é só você que passou por um determinado acontecimento.

Interagir com meninas que são parecidas com você (negras, mulheres e da Baixada), não é só um bate papo, é um diálogo intelectual e informal que eu vou levar para a vida toda.

Narrativa da A. do encontro do dia 20/06/2021 (2º encontro)

Esse encontro foi ótimo e bem reflexivo. O filme foi chocante e diria que foi um tapa na cara de muita gente (principalmente da sociedade). O racismo não acabou, e temos que fazer de tudo para sempre estar sendo visado, porque de vezes em quando, parece que tá tudo bem, mas não está. O "filme" que vimos envolve muita coisa: cultura, identidade, cabelo, corpo e principalmente cor, raça e preconceito.

Por que a cultura e a cor negra sempre foram menosprezadas? Por que pessoas negras sempre tiveram que se pôr no padrão de pessoas brancas? Por que ter o cabelo cacheado ou crespo tem que ser visto como se fosse sujo? Por que pessoas de pele preta sempre tem que estar em busca de respeito? Essas são algumas das perguntas que se passam pela minha cabeça quando estamos falando de negritude e racismo.

Quando o filme KBELA começa, já de início aparece uma mulher negra passando vários produtos no cabelo (crespo). Depois fica tudo escuro, duas bocas aparecem e falam palavras racistas que qualquer pessoa preta já escutou. Após isso, uma mulher negra está no chão, com uma sacola na cabeça, porque aparentemente ela está tentando esconder sua negritude. Logo, é vista uma pessoa negra sufocando dentro de uma sacola de lixo, ela está em algum lugar sozinha, e está precisando de ajuda, mas ninguém a escuta e isso se encaixa nos dias atuais. Mas umas das cenas mais chocantes e que me chamou atenção, foi que uma mulher se pinta de branco e o vídeo vai revertendo e ela vai ficando limpa de novo, isso mostra que várias pessoas já quiseram ser brancas só pra não ter que passar por preconceito racistas. E a parte que uma mulher de cabelo cacheado lava uma panela com o próprio cabelo, que faz lembrar de frases preconceituosas como "seu cabelo é igual bombрил, dá pra ariar uma panela com seu cabelo..." não, decidi parar, decidir ajustar a bússola, levantar âncora, içar velas e partir novamente sempre para um novo eu.

Narrativa da A. do encontro do dia 22/06/2021 (3º encontro)

Esse encontro foi bom e produtivo. Falamos sobre música e dança, e como essas coisas nos fazem expressar o que estamos sentindo. E sobre cultura, as danças de vários lugares é diferente e interessante, cada um tem suas características, movimentos, origens e você tentar entender e praticar uma dança diferente é incrível e mostra que você está em busca de novidades e conhecimento de outros lugares.

Narrativa da A. do encontro do dia 24/06/2021 (4º encontro)

O encontro foi muito bom, os poemas foram sensacionais e muito reflexivos. Na minha opinião o poema que mais me chamou atenção foi o que a professora me indicou o "Somos..." Ele expressa a constante luta de uma mulher negra e um empoderamento gigantesco; por ela lutar pela sua pele, lutar por ser mulher, lutar pelo seu corpo, lutar pelo lugar onde mora... E fica a seguinte pergunta pairando minha cabeça:

Por que a MULHER NEGRA sempre tem que estar em busca de respeito, igualdade, do seu lugar na alta sociedade... com muito mais esforço do que um homem branco?

Narrativa da A. do encontro do dia 01/07/2021 (5º encontro)

O encontro foi bom. As meninas falaram sobre suas visões de vida e sobre os esforços da mulher negra que são bem mais "suados" que um homem branco. E me senti muito bem, quando soube que as meninas têm sonhos e objetivos.



Figura 3 - Participante A

Fonte: Participante A.

Créditos da foto para participante A.



Figura 4 - Participante A

Fonte: Participante A.

Créditos da foto para participante A.

06/07/2021 (6º encontro)

Hoje foi o último encontro e a sensação é de **saudade, tranquilidade e felicidade:**

Saudade: Por saber que não vou me encontrar toda semana com essas mulheres maravilhosas.

Tranquilidade: Ao olhar para trás, e me orgulhar de todas nós e perceber que fizemos um ótimo trabalho durante essas semanas.

Felicidade: Ao saber que não estou lutando por uma causa sozinha. E por chegar ao fim de uma etapa tão interessante e tudo que conversamos e passamos durante esse percurso. Descobrir coisas, conhecer pessoas, falar de si e argumentar sobre vários assuntos me tornou uma pessoa mais informada, e com mais conhecimento. E eu agradeço muito por ter participado.

NARRATIVAS DOS ENCONTROS DA PESQUISA

Narrativa da E. do encontro do dia 15/06/2021 (1º encontro)

Adorei a reunião, pude conhecer um pouco mais as meninas e a história de cada uma delas, nunca pensei que por trás de tantos rostinhos bonitos e sorridentes haveria tantas histórias tristes, mas também histórias de superação. Conte um pouco sobre a minha história e isso foi muito bom; alguns *flashbacks* passaram por minha mente e me fizeram lembrar de onde (lugar e situação) eu vim. Logo, me senti orgulhosa por ter chegado aonde cheguei, com o que acredito!

Me senti orgulhosa por ter estudado e me empenhado para ser a Ester que sou agora e por mesmo depois de chegar ao meu primeiro destino.

Narrativa da E. sobre o encontro do dia 20/06/2021 (2º encontro)

Após assistirmos ao curta-metragem *Kbela* discutimos sobre ele. Durante a reunião, as meninas participantes da pesquisa dirigida por Roberta Renoir contaram sobre suas experiências mais particulares e o processo de aceitação que cada uma precisou passar, sendo eu uma das meninas, também tive minha contribuição. Durante a reunião, após algumas falas e relatos, pude perceber e me lembrar de acontecimentos do filme e da minha vida que passaram despercebidos ou que foram esquecidos, com isso decidi listar algumas temáticas abordadas no filme e na reunião:

- Identidade

O filme faz algumas analogias, ele entra na questão de identidade quando introduz cenas em que há a modificação do cabelo afro (cena em que uma mulher passa produtos que alteram a estrutura dos fios capilares – química caseira) e logo depois aparece uma outra mulher feliz com o seu cabelo natural e crespo se admirando e se amando; nas cenas em que mulheres se pintam de branco como se precisassem fingir ser algo que não são, e logo depois aparecem outras mulheres com vestes e turbantes (que são nitidamente oriundos da cultura africana). A mensagem que consegui entender foi “Não se envergonhe de suas raízes nem se omita por pressão coletiva de opositores, seja quem você nasceu para ser! “Eu sou mulher, negra e cristã, me lembro perfeitamente da última vez em que passei pela desconfortante “crítica” sobre meus lábios grossos, meu nariz de indeciso e o meu cabelo volumoso.

- Aceitação

Esse comentários preconceituosos me atingiram no momento mas não inflamaram; sempre tive ótimas instruções, desde pequena, aprendi que todos nós somos feitos à imagem e semelhança de Jesus, então não importa se um grande número de pessoas acham que somos diferentes e que devemos ser julgados por isso, Jesus diz que somos feitos à sua imagem e semelhança então devemos ignorar o tom da pele, a cor dos olhos e qualquer outra coisa que infelizmente a nossa sociedade prioriza, pois nada disso pode anular o fato de que somos todos iguais por parecermos com Cristo e por sermos feitos de um só sangue “E de um só sangue Deus fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra” - Atos 17:26”.

Muitas meninas mudam a textura do cabelo passando progressiva e outros tipos de química, colocam silicone, fazem bichectomia, rinoplastia e entre outros procedimentos estéticos; não há absolutamente nada de errado nisso desde que elas não estejam fazendo por algum tipo de pressão do coletivo, desde que elas estejam fazendo por livre e espontânea vontade, desde que estejam cometendo essas atitudes, porque condizem com a sua identidade e personalidade e não porque precisam imitar a vida de alguém e clonar a identidade dessa pessoa para serem aceitas. Mudar o cabelo, o nariz, os peitos não quer dizer que “falta identidade” nem muito menos significa negar as raízes, acredito que você pode sim ter orgulho de onde você veio e mesmo assim querer mudar seus traços, tudo está em constante mudança, movimento e evolução no universo, tudo e todos!

- Liberdade de expressão

A cena em que aparece uma mulher com uma sacola de lixo na cabeça me diz muitas coisas, mas dentre todas essas coisas me fez pensar que essa mulher não consegue ser ouvida nitidamente por estar justamente com esta sacola na cabeça ou que ela é comparada a um lixo, por isso não possui valor nem lugar de fala. Deus nos deu o livre arbítrio, mas às vezes parece que os homens insistem em brincar de ser Deus e querem nos tirar a opção de escolher coisas mínimas como a nossa vestimenta e modo de falar, coisas que julgamos ser bom para nós! Até tentamos gritar, mas mal conseguimos algo simples como falar por que estamos sendo sufocadas, não por sacos de plástico, mas por ideias, comentários, atitudes preconceituosas e até mesmo agressões físicas. “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; pelo contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor.” - Gálatas 5:13

- Respeito

O curta em si soa como um grito por respeito e liberdade e essas coisas nos são dadas por direito desde que chegamos a este mundo. Devemos educar as nossas crianças para que elas cresçam e saibam respeitar não somente crenças, escolhas e pessoas mais velhas, mas que

elas saibam amar e respeitar o SER Humano. “Eu lhes dou este novo mandamento: amem uns aos outros. Assim como eu os amei, amem também uns aos outros [...]” - João 13: 34 - 35

Às vezes parece que lutamos somente pelos nossos, somente pelo povo brasileiro, lutamos quando nos convém e esquecemos que o racismo vai muito além das fronteiras do Brasil, ele não só ameaça a população negra, mas também os ciganos, os judeus e muçulmanos; ele é uma ameaça a raça humana.

O teólogo, pastor e escritor John Piper em seu livro “*Bloodlines(enhanced): Race, Cross, and the Christian* (o racismo, a cruz e o cristão)” afirma ter sido racista por um tempo, ele diz: “Era uma fossa de pecado e eu estava mergulhado nela. Por isso amo o evangelho, porque ele me limpa do pecado, perdoa a minha culpa, imputa em mim uma justiça que não é minha, dá-me o Espírito Santo, que começa a matar a velha natureza racista, e abrir uma nova possibilidade de vida, esperança, alegria e justiça”. John em seu documentário não diz ter praticado alguma atitude racista, mas em seus pensamentos a diferença racial o tornava superior, isso quer dizer que o racismo não está em nós somente quando o externizamos, mas se faz presente em nossa mente! Por isso devemos arrancá-lo pela raiz.

“Todas as nações vieram de um pai”, diz Atos 17. Ou seja, somos todos aparentados. Você não pode olhar com desgosto, insatisfação ou desonra para outros seres humanos, como se não fizessem parte da mesma família. Eles estão na sua família. Se tentar menosprezá-los, menosprezará a sua família[...] O evangelho é a chave para triunfar sobre o pecado que milita contra o avanço da harmonia e diversidade racial” - John Piper

Narrativa da E. do encontro do dia 22/06/2021 (3º encontro) - Dança

Não participou.

Narrativa da E. do encontro do dia 24/06/2021 (4º encontro) - Poemas

Narrativa da E. do encontro do dia 01 /07/2021 (5º encontro) - Fotos.

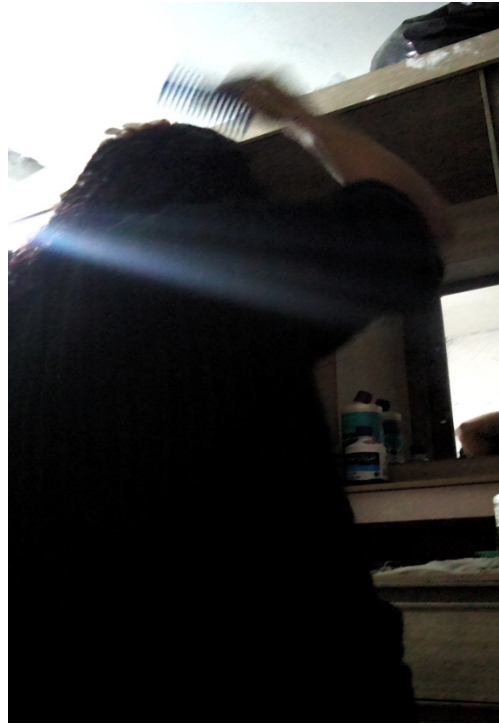


Figura 5 - Participante A

Fonte: Participante A.

Créditos da foto para participante A.

Ao ver esta moça pentear os seus cabelos algumas coisas passaram pela minha mente, mas nada que me conquistasse, nada que me fizesse sentir: é isso que eu quero escrever! Então resolvi perguntar sobre a história dela, a moça com um ar triste e sereno me contou que aquele era um cabelo quimicamente tratado e que o amava assim, por ser mais fácil de ser penteado, por ter sofrido preconceito antes da química e pelas pessoas aceitarem-na assim. Parando para pensar que Deus é como aquele pente, assim que nos toca remove embaraço por embaraço (sentimentos embaralhados, feridas, inseguranças, tristezas...) e dói! Dói porque ele limpa e retira tudo o que não devia estar em nossa cabeça, em nosso coração, e isso inclui pessoas e toda a “química” que deixamos que passem sobre nossas cabeças, que reflete nitidamente nas atitudes que tomamos para sermos aceitos por um certo grupo social; dói porque é preciso, faz parte do processo. Ele retira toda a negatividade de sentimentos que a sociedade implantou em nós, para que possamos ver e viver tudo o que ELE preparou para nós.

“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

- Romanos 12:2

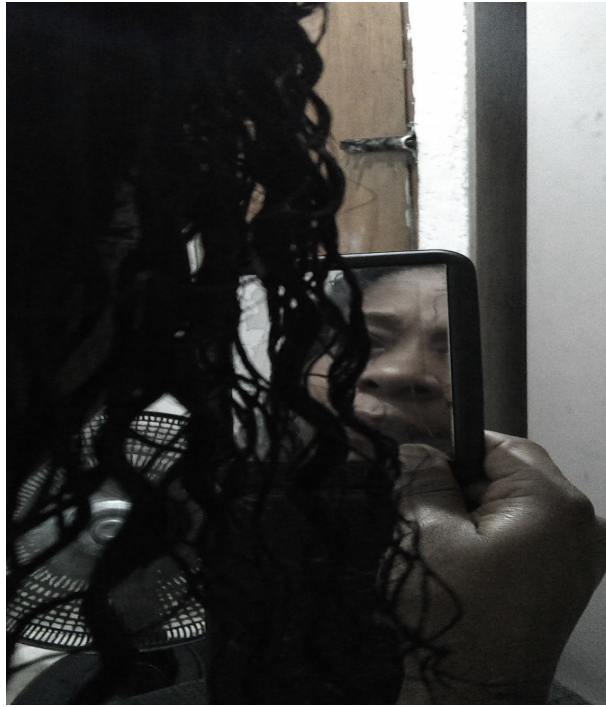


Figura 6 - Participante A

Fonte: Participante A.

Créditos da foto para participante A.

Insegurança

Você é aquilo o que os outros dizem, ou é como um personagem criado para satisfazer os anseios alheios? Aceita os desafios que a vida lhe propõe, ou se acovarda? Está disposto a andar na contramão, praticando o que acredita ser certo, ou prefere se omitir? E quando a maior idade chegar? Você ainda não escolheu uma faculdade! Não está preocupada com isso? Você é feliz com suas escolhas? Geralmente quem costuma agir só com o coração quebra a cara. Esses e muitos outros pensamentos e questionamentos não param de me rodear, acho que essa imagem diz muito mais do que posso imaginar, mas também acho que ela diz muito sobre “quem você é”? Um ser humano falho que está disposto a passar por cima de suas inseguranças, ou um que se deixa vencer pelo medo?

A mudança gera inseguranças, mas é o nosso dever evoluir!



Figura 7 - Participante A

Fonte: Participante A.

Créditos da foto para participante A.

Mesmo com as mudanças e inseguranças, devemos achar a melhor forma de nos organizarmos. Como andam os seus sentimentos? E a sua vida acadêmica?... Será que andam revirados? Será que andam sobrepondo outras coisas?

Narrativa da E. do encontro do dia 06/07/2021 (6º encontro) -

Dia 6 de julho ocorreu a nossa última reunião. Antes, uma terça fria e cinzenta aos poucos se permitiu acalorar por conversas doces e saudáveis sobre o nosso crescimento ao longo da pesquisa. Tenho certeza de que algumas coisas mudaram e brotaram dentro de nós, mesmo que não consigamos enxergar no momento; participar desta pesquisa foi no mínimo desafiador para uma menina enferrujada na escrita, me senti na obrigação de estudar e tentar entregar o meu melhor, mesmo que as vezes essa ideia de "limite" tenha um falso fundo como em uma garrafa térmica.

Foi ótimo estar com as meninas para estudar e debater, não se pode esperar nada menos que crescimento quando isso acontece, por fim gostaria de me despedir com um até breve, porque "dizer adeus significa ir embora e ir embora significa esquecer" - Peter Pan; e vai ser uma missão falida tentar esquecer todas essas histórias, risadas, discussões... Todas essas vidas.

NARRATIVAS DOS ENCONTROS DA PESQUISA

Narrativa da R. do encontro do dia 15/06/2021 (1º encontro)

Ontem, tive um dia muito corrido, mas o final dele foi especial, tive um encontro com meninas negras como eu, que eu ainda não conhecia mas passei a conhecer, pois cada uma de nós contamos uma parte da nossa história difícil mas que nós faz mais forte umas pra outras e nos sentimos próximas é tão bom, não se sentir sozinha saber que em outro lugar tem uma pessoa que você não conhece mas pôde conhecer um dia passando pela mesma situação que você, depois de ontem me sinto mais forte.

Narrativa da R. sobre o encontro do dia 20/06/20021 (2º encontro)

Domingo foi mais um dia de projeto, foi muito bom rever o documentário KBELA que mexeu bastante comigo, me identifiquei muito com o documentário, algumas partes me fez pensar em coisas que eu passei quando pequena e as meninas também passaram foi muito marcante pra mim esse encontro.

A dança pra mim representa alegria, eu não sei dançar, mas eu tô sempre dançando com meus pais que em casa tudo é motivo pra dança eu amo dançar e eu fico mais feliz quando eu danço

Narrativa R. do encontro do dia 22 /06/2021 (3º encontro) - Dança

A dança pra mim é algo muito importante e nesse encontro, eu senti que não é só pra mim, é pra meninas também, a dança alegra as nossas vidas, a minha principalmente eu amo dançar com a minha família, nosso hobby é dançar.

Narrativa R. do encontro do dia 24/06/2021 (4º encontro) - Poemas

Pra mim a poesia é um ato de amor, no encontro nós lemos poesia muito marcantes de mulheres negras que me fizeram pensar bastante sobre as mulheres negras sofrem e sofreram em suas relações com o racismo estrutural e a sua hipersexualização. Esse encontro me fez refletir demais.

Narrativa R. do encontro do dia 24/06/2021 (5º encontro) – Fotos



Figura 8 - Participante A
Fonte: Participante A.
Créditos da foto para participante A.



Figura 9 - Participante A
Fonte: Participante A.
Créditos da foto para participante A.

Narrativa R. do encontro do dia 24/06/2021 (6º encontro) -

Hoje eu falei sobre me sentir mudada o que mais me marcou nesse projeto foi a mudança em relação a alguns assuntos e a forma de ver as coisas como os poemas de mulheres negras que me tocaram muito e conversar com as meninas também me fez ver e mudar o pensamento que eu não sou a única em relação a dores e felicidades que eu sinto por ser uma menina negra que está se descobrindo como pessoa negra, num país extremamente racista estruturalmente.

Apêndice G - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa O(A) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa QUEM SOMOS NÓS? MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES DA BAIXADA FLUMINENSE: NARRATIVAS QUE CONSTROEM HISTÓRIAS E MEMÓRIAS. A pesquisa compõe a dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola (PPGEA) /Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sob orientação da Profa. Dra Adriana Alves Fernandes Costa.

Seus pais e/ou responsáveis permitiram que você participasse deste estudo. Com esta pesquisa, queremos (objetivo geral) conhecer as narrativas de constituição de identidades contadas por mulheres negras jovens estudantes do Ensino Médio Técnico, na região da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Além de (objetivos específicos)

- Identificar, descrever e analisar as narrativas do processo de constituição de identidades das mulheres negras jovens estudantes que frequentam os cursos de Qualidade, Logística;

- Conhecer os diversos elementos (sociais, culturais, estéticos, educacionais, econômicos) que formam os perfis femininos do público já mencionado.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. As participantes desta pesquisa têm de 15 e 20 anos de idade. Buscou-se essa faixa etária do grupo por serem alunas do Curso Técnicos da Escola Técnica Imbariê. A instituição é uma unidade da rede FAETEC (Fundação de Apoio à Escola Técnica) localizada em Duque de Caxias/ Rio de Janeiro.

Gostaríamos de lhe dizer que durante o estudo você compartilhará apenas as informações que se sentir confortável em narrar. Além disso, não sofrerá constrangimento ou qualquer tipo de pressão em torno das questões debatidas nos encontros. Caso sinta qualquer desconforto, ao contar algo, pode interromper a fala ou ainda não mencionar o que lhe parecer íntimo ou desnecessário. De forma nenhuma deve ser algo traumático para as participantes se assegurar em todos os níveis que a participação seja respeitosa e segura

O objetivo do estudo é que, contando as suas histórias e as interligando com o tema da pesquisa, os relatos contribuam para conhecermos elementos da constituição identitária do grupo investigado.

Os procedimentos da pesquisa envolvem partes como: Conhecermos o perfil das participantes e selecionar um grupo de no máximo 5 integrantes que serão definidas a partir da demonstração de interesse na produção da escrita de textos narrativos que irão compor o

portfólio reflexivo. Depois, acontecerão seis reuniões - encontros semanais e virtuais, de duração de até duas horas com estudantes negras dos cursos Técnicos de Qualidade, Logística da unidade ETE IMBARIÊ. Em tais encontros serão abordados temas que envolverão os objetivos da investigação com cunho autobiográfico: as escritas serão produzidas e analisadas pelas participantes, em um portfólio reflexivo individual e coletivo. Para efetivar esse processo, pretende-se que as narrativas produzidas pelas participantes sejam enviadas por correio ou e-mail para a pesquisadora. Em seguida, como critério de recorte as narrativas serão trabalhadas e analisadas segundo a teoria de alguns autores (BENJAMIN, 1987), (SÁ-CHAVES, 2005).

Os encontros serão audiogravados e os dados serão transcritos através de um computador ou de aparelho celular.

Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos contatos (telefones e e-mails) informados na parte final do texto; mas há coisas boas que podem acontecer, pois sua participação contribui para a ampliação das reflexões em torno do tema da identidade das mulheres negras jovens que residem na região da Baixada Fluminense, sendo esta área/temática relevante para a elevação do conhecimento na sociedade. Além disso, esperamos que as atividades desenvolvidas, durante a pesquisa, sirvam de impulsionadores para que a comunidade escolar e seu entorno se mobilizem e estructurem novas atividades/estratégias que reflitam e apoiem a formação de uma sociedade antirracista, justa e mais igualitária.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados como dissertação de mestrado e artigos, mas sem identificar as pessoas que participaram do trabalho.

No documento direcionado aos seus responsáveis peço autorização para uso da sua imagem e voz na elaboração do trabalho. Reitero, que todos esses dados serão usados apenas no âmbito da pesquisa, passo esses dados para você também.

Se você ou seus responsáveis tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o(a) responsável por esta pesquisa, Roberta Renoir Santos Fumero no telefone (21) 982382251; endereço profissional: FAETEC Duque de Caxias - Imbariê; Rua Almirante Cochrane, s/n Imbariê- Duque de Caxias-RJ- Brasil CEP: 25271-000, Tel: (21) 2787-1011/ (21) 2778-3554; no email: robertarenoirfumero1973@gmail.com em que a mesma estará disponível para outros esclarecimentos.

Pode entrar em contato também com o Comitê de Ética em Pesquisa do INES (CEP INES) também poderá ser consultado para dúvidas/denúncias relacionadas à Ética da Pesquisa, está localizado na Rua das Laranjeiras 232 - Laranjeiras - Rio de Janeiro/ RJ- CEP: 22.240-003. Em função da pandemia encontra-se suspenso o atendimento presencial e no telefone (21)2285-7546 – ramal 173, devendo esse comitê ser contatado no e-mail cep.ines@hotmail.com ou no telefone (21)988191651 (WhatsApp).

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Se desejar, você poderá receber uma cópia dos resultados da pesquisa, bastando assinalar ao lado essa opção:

() *SIM, desejo receber cópia do relatório final.*

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa
QUEM SOMOS NÓS? MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES DA BAIXADA
FLUMINENSE: NARRATIVAS QUE CONSTROEM HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Assinatura do coordenador da pesquisa

Apêndice H- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

QUEM SOMOS NÓS? MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES DA BAIXADA FLUMINENSE: NARRATIVAS QUE CONSTROEM HISTÓRIAS E MEMÓRIAS.

Nome do responsável: Roberta Renoir Santos Fumero

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, intitulado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O(A) Sr(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa QUEM SOMOS NÓS? MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES DA BAIXADA FLUMINENSE: NARRATIVAS QUE CONSTROEM HISTÓRIAS E MEMÓRIAS. A pesquisa compõe dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola (PPGEA) /Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sob orientação da Profa. Dra. Adriana Alves Fernandes Costa.

A pesquisa em questão tem como objetivo geral conhecer as narrativas de constituição de identidades contadas por mulheres negras jovens estudantes do Ensino Médio Técnico, na região da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro.

Os objetivos específicos são:

- Identificar, descrever e analisar as narrativas do processo de constituição de identidades das mulheres negras jovens estudantes que frequentam os cursos de Qualidade, Logística;
- Conhecer os diversos elementos (sociais, culturais, estéticos, educacionais, econômicos) que formam os perfis femininos do público já mencionado.

Procedimentos:

A presente investigação, tem natureza predominantemente qualitativa, possuirá as seguintes etapas e instrumentos:

- na primeira serão mapeados os perfis socioeducacionais das participantes por intermédio de pesquisa documental envolvendo documentos disponíveis na escola (idade, zona de residência, cor da pele declarada, se frequentou escola pública ou privada) o intuito é identificar alguns apontamentos da vida social e educacional dessas mulheres. As informações coletadas nesse momento serão tratadas quantitativamente, não identificando as alunas e, portanto, se restringindo ao que é autorizado pela escola e responsáveis.
- posteriormente, a partir da identificação do perfil prevacente do público-alvo, será selecionada uma amostra por conveniência, composta por no máximo 5 integrantes que serão selecionadas a partir da demonstração de interesse na produção da escrita de textos narrativos que irão compor o portfólio reflexivo.
- No segundo momento serão seis reuniões - encontros semanais e virtuais, de duração de até duas horas com estudantes negras (faixa etária atendida é de 15 a 20 anos) dos cursos Técnicos de Qualidade, Logística da unidade ETE IMBARIÊ - integra rede FAETEC de ensino. Em tais encontros serão abordados temas que envolverão os objetivos da investigação com cunho autobiográfico: as escritas serão produzidas e analisadas pelas participantes, em um portfólio reflexivo individual e coletivo. Para efetivar esse processo, pretende-se que as narrativas produzidas pelas participantes sejam enviadas por correio ou e-mail para a pesquisadora.
- Em seguida, como critério de recorte as narrativas serão trabalhadas com as mônadas (BENJAMIN, 1987) capturadas no portfólio reflexivo (SÁ-CHAVES, 2005) coletivo, estas serão tratadas, via *software* de análise de pesquisa qualitativa. Tais dados serão abordados por intermédio do Paradigma Indiciário de Análise.

Os encontros serão audiogravados e os dados serão transcritos através de um computador ou de aparelho celular.

Desconfortos e riscos:

Gostaríamos de esclarecer que durante o estudo você compartilhará apenas as informações que se sentir confortável em narrar. Além disso, não sofrerá constrangimento ou qualquer tipo de pressão em torno das questões debatidas nos encontros. Caso sinta qualquer desconforto, ao contar algo, pode interromper a fala ou ainda não mencionar o que lhe parecer

íntimo ou desnecessário. De forma nenhuma a fala deve ser algo traumático para as participantes, assegurando-se em todos os níveis que a participação seja respeitosa e segura

O objetivo do estudo é que, contando as suas histórias e as interligando com o tema da pesquisa, os relatos contribuam para conhecermos elementos da constituição identitária do grupo investigado.

Benefícios:

Quanto ao benefício, sua participação contribui para a ampliação das reflexões em torno do tema da identidade das mulheres negras jovens que residem na região da Baixada Fluminense, sendo esta área/temática relevante para a elevação do conhecimento na sociedade. Além disso, esperamos que as atividades desenvolvidas, durante a pesquisa, sirvam de impulsionadores para que a comunidade escolar e seu em torno se mobilizem e estruturem novas atividades/estratégias que reflitam e apoiem a formação de uma sociedade antirracista, justa e mais igualitária.

Acompanhamento e assistência:

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Sua recusa ou desistência não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição em que estuda.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. As participantes serão mencionadas por meio de nomes fictícios, de modo a intensificar a preservação de suas identidades, além também não será divulgado dados pessoais tais como: endereço e nomes de pessoas terceiras que se relacionam (caso sejam mencionadas) com as participantes.

Ressarcimento e indenização:

O(A) Sr(a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras para participar da pesquisa. Os encontros serão realizados remotamente. Assim, não será necessário nenhum deslocamento ou alteração de sua rotina para participar da pesquisa.

Contato:

O Comitê de Ética em Pesquisa do INES (CEP INES) também poderá ser consultado para dúvidas/denúncias relacionadas à Ética da Pesquisa, está localizado na Rua das Laranjeiras 232 - Laranjeiras - Rio de Janeiro/ RJ- CEP: 22.240-003. Em função da pandemia encontra-se suspenso atendimento presencial e no telefone (21)2285-7546 – ramal 173, devendo ser contatado no e-mail cep.ines@hotmail.com ou no telefone (21)988191651 (WhatsApp).

As participantes assinarão duas vias deste termo de consentimento livre.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Explicitamos também que, em caso de dúvidas, poderá chamar a pesquisadora no telefone (21) 982382251; endereço profissional: FAETEC Duque de Caxias - Imbariê; Rua Almirante Cochrane, s/n Imbariê- Duque de Caxias-RJ- Brasil CEP: 25271-000, Tel: (21) 2787-1011/ (21) 2778-3554; no e-mail: robertarenoirfurnero1973@gmail.com em que a mesma estará disponível para outros esclarecimentos.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do (a) participante:

Contato telefônico:

e-mail (opcional):

Data: ____/____/____. (Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Data: ____/____/____. (Assinatura do pesquisador)

Autorizo, **ROBERTA RENOIR SANTOS FUMERO**, o uso da minha imagem e voz, podendo realizar cortes, reduções e edições no material capturado. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e a pesquisadora.

- Se desejar, o participante poderá receber uma cópia dos resultados da pesquisa, bastando assinalar ao lado essa opção:

() *SIM, desejo receber cópia do relatório final.*

Ao concordar com os termos descritos e aceitar participar do estudo, pedimos que assine o termo em sinal de que o TCLE foi lido, formalizando o consentimento voluntário de participante.

8 ANEXOS

INSTITUTO NACIONAL DE
EDUCAÇÃO DE SURDOS -



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: QUEM SOMOS NÓS? MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES DA BAIXADA FLUMINENSE: Narrativas que constroem histórias e memórias

Pesquisador: Roberta Renoir Santos Fumero

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 44775521.9.0000.8137

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.745.994

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa sobre a constituição de identidades de jovens mulheres negras, estudantes de Ensino Médio em região periférica, no Estado do Rio de Janeiro, que se pretende captar por meio da análise de narrativas apresentadas em encontros, balizada em categorias formuladas por Walter Benjamin e Conceição Evaristo.

Objetivo da Pesquisa:

A Pesquisadora declara como objetivo geral da pesquisa "conhecer as narrativas de constituição de identidades contadas por mulheres negras, jovens estudantes do Ensino Médio Técnico da FAETEC, no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro". E como objetivos específicos "identificar, descrever e analisar as narrativas do processo de constituição de identidades das mulheres negras jovens estudantes" que frequentam determinados cursos na unidade educacional definida e "conhecer elementos (educacionais, sociais) que formam os perfis femininos do público mencionado".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A Pesquisadora atendeu plenamente à demanda de redefinição desses itens. Com respeito a Riscos, assinalou que "durante o estudo" a participante da pesquisa "compartilhará apenas as informações que se sentir confortável em narrar". E, além disso, que "não sofrerá constrangimento ou qualquer tipo de pressão em torno das questões debatidas nos

Endereço: Rua das Laranjeiras, n.º232

Bairro: LARANJEIRAS

CEP: 22.240-003

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2285-7546

E-mail: cepines@ines.gov.br

Continuação do Parecer: 4.745.994

encontros". Acrescentou que "caso sinta qualquer desconforto, ao contar algo, pode interromper a fala ou ainda não mencionar o que lhe parecer íntimo ou desnecessário". E que "de forma nenhuma a pesquisa deve ser traumática para as participantes", pois se pretende "que a participação seja respeitosa e segura em todos os níveis". Com respeito a Benefícios, assinalou que a "participação contribuirá para a ampliação das reflexões em torno do tema da identidade das mulheres negras jovens que residem na região da Baixada Fluminense, sendo esta área/temática relevante para a elevação do conhecimento na sociedade. E acrescentou esperar que, além disso, "as atividades desenvolvidas, durante a pesquisa, sirvam de impulsionadores para que a comunidade escolar e seu em torno se mobilizem e estructurem novas atividades/estratégias que reflitam e apoiem a formação de uma sociedade antirracista, justa e mais igualitária".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem o mérito de ter sido construída a partir de vivências reais da Pesquisadora como mulher negra e professora no chão da escola, na periferia de uma grande cidade - no caso, na região metropolitana do Rio de Janeiro. E também o de focar a constituição da identidade de jovens estudantes negras, o que pode suscitar empoderamento em suas relações sociais na escola e fora dela, no contexto de uma sociedade estruturalmente racista como a nossa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todas as indicações feitas acerca de Termos de apresentação obrigatória foram plenamente atendidas (folha de rosto, cronograma, objetivo e procedimentos de pesquisa, discussão de riscos e benefícios, processo de obtenção de consentimento e assentimento livre e esclarecido).

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1635391.pdf	22/05/2021 17:00:09		Aceito

Endereço: Rua das Laranjeiras, n.º232

Bairro: LARANJEIRAS

CEP: 22.240-003

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2285-7546

E-mail: cepines@ines.gov.br

INSTITUTO NACIONAL DE
EDUCAÇÃO DE SURDOS -



Continuação do Parecer: 4.745.994

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_1.pdf	22/05/2021 16:59:32	Roberta Renoir Santos Fumero	Aceito
Cronograma	Cronograma_1.pdf	22/05/2021 16:58:22	Roberta Renoir Santos Fumero	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2.pdf	22/05/2021 16:57:52	Roberta Renoir Santos Fumero	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	26/04/2021 16:11:55	Roberta Renoir Santos Fumero	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.pdf	11/03/2021 12:17:55	Roberta Renoir Santos Fumero	Aceito
Declaração de concordância	Aceite.PDF	11/03/2021 12:12:25	Roberta Renoir Santos Fumero	Aceito
Brochura Pesquisa	ProjetoPlataformaBrasil_1.pdf	11/03/2021 12:11:10	Roberta Renoir Santos Fumero	Aceito
Orçamento	pesquisa_orcamento.pdf	11/03/2021 12:06:45	Roberta Renoir Santos Fumero	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 31 de Maio de 2021

Assinado por:
Mario Jose Missagia Junior
(Coordenador(a))

Endereço: Rua das Laranjeiras, n.º232

Bairro: LARANJEIRAS

CEP: 22.240-003

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2285-7546

E-mail: cepines@ines.gov.br

Somos...¹³
Nayara Oliveira

Mulheres pretas que sonham e que lutam.

Mulheres pretas retintas, tão distintas e às vezes tão esquecidas.

Pretas nascidas mulheres ou identificadas como mulheres.

Pretas da periferia, do morro ou do asfalto.

Pretas que fazemos nossos corres.

Pretas que tomamos nossos porres.

Pretas mães, pretas filhas, pretas netas e pretas avós.

Pretas, pretas, pretas.

Preta cacheada, preta crespa, preta careca e preta lisa.

Preta da forma, jeito e como quiser.

Força preta, luz preta, vida preta.

Preta livre.

Preta que grita, preta que fala alto, preta que se impõe.

Preta taxada como arrogante, mas preta que só quer o seu lugar de fala.

Preta que vira doméstica, que vira médica, que vira professora, que vira escritora, que vira jornalista, que vira cantora, PRETA.

Preta eu.

Preta você.

Preta nós.

SOMOS PRETAS.

¹³Oliveira, 2020.

Eu sou a preta¹⁴

Viviane Félix

Que preta sou eu?

Eu sou a preta da Baixada

A preta que foi desvalorizada

E nem por isso se fez amargurada

Que permite olhar para trás pra saber de onde veio

Que não cansa de olhar pra frente saber aonde vai chegar

Dez irmãos, pai e mãe, uma avó e um será, será

Será que vai viver?

Será que vai estudar?

Será que vai parar você? Será?

Acreditar em mim foi meu melhor suspiro

Confiar em Deus o maior alívio

Sigo em frente na pegada

Percebi que o será não me levaria a nada.

Doação quê? Igreja aonde? Aprendi aos 16 anos o que era se doar.

As doações que recebi mal dava para usar

Hipocrisia é assim!

Jesus aonde? Amor ao próximo hahaha

Se não fosse Deus, ah

Se não fosse o Espírito Santo, nem sei o que ia dar

Fui babá.

Manicure, pedicura

Cuidadora, trancista, técnica de enfermagem e o que eu quiser será

A luta continua e eu vou lutar

Aprendi que sou livre e a sociedade não me prenderá

Eu sou a preta que escolheu viver a fim de impressionar assim mesmo

E meu final não precisa rimar

¹⁴Felix, 2020.

Nilcéa era a caçula de quatro irmãos, ainda tinha mais cinco irmãos por parte de pai. Seu pai, homem rústico daqueles que arrancava um fio do bigode e deixava na venda como garantia do pagamento. Ficou viúvo e sem conseguir dar conta das crianças, sozinho, decidiu encontrar uma esposa. Soube que nas redondezas havia uma família humilde com três filhas, moças solteiras. Foi até lá conhecer as moças, encantou-se por uma delas, trocaram olhares tímidos e pediu a mão da moça para seu pai. Trocaram algumas palavras e em poucos meses se casaram. Aristídes, assim se chamava, casou e passou a cuidar das cinco crianças. Um ano depois engravidou de sua primeira filha, Natalícia, depois veio Ameri, Enias e finalmente Nilcéa.

Quando Nilcéa completou catorze anos, seu pai faleceu, seis meses depois da morte de seu pai, sua mãe também partiu. Sozinha, sem ter para aonde ir, foi morar com uma de suas irmãs por parte de pai em Niterói, no Rio de Janeiro. A partir desse fato tudo mudou, tinha que trabalhar em uma fábrica de sardinha e ainda cuidar dos afazeres domésticos da casa de sua irmã. Lavava, passava, cozinhava. Não era nada fácil! Suportou durante longos quatro anos até que em suas idas e vindas do trabalho conheceu Manoel da Conceição, rapaz negro, forte, foi amor à terceira vista. Começaram a namorar e com a vida difícil que levava na casa de sua irmã, não demorou muito para que decidissem casar, ela com dezoito anos e ele com vinte e um.

Nilcéa possuía uma letra linda, desenhada, mas não conseguiu terminar o segundo colegial por causa da morte de seus pais. Manoel, criado em uma fazenda, veio muito cedo para o Rio de Janeiro, órfão de pai, aprendeu a se virar muito cedo. Conseguiu um emprego em uma oficina e sozinho aprendeu a dirigir, e logo foi trabalhar em uma transportadora. Manoel não era um homem de muitos estudos, lia e escrevia com dificuldade, mas, muito determinado, habilitou-se e não demorou muito para se tornar um grande caminhoneiro, requisitado e respeitado. Tiveram três filhas: Jaqueline, Grace e Andréa.

Nilcéa era uma pessoa encantadora, mesmo com todas as dificuldades nunca permitiu que as agruras da vida lhe fizesse amarga! Não à toa, Manoel carinhosamente a chamava de Ceinha, Céia, Cecéia. Para mim, apenas mãezinha.

¹⁵ Mirandela, 2020.

Mulher madura, negra e segura. Dona de uma sabedoria ímpar, sempre nos ensinou a lutar por nosso espaço. Amava passar seus ensinamentos através de ditados populares, que muitas vezes eram adaptados para as necessidades do momento. E lá ia mãezinha: “Onde come um, dois passam fome”, “Quem come e guarda põe a mesa duas vezes”, “Quando a fome entra pela porta, o amor salta pela janela”. Mãezinha e seus ensinamentos...

Às vezes era enérgica quando nos corrigia e em outras nos colocava no colo e ninava. Amava agregar as pessoas, dona de uma boa conversa, animada, recepcionava a todos com tamanha simpatia que era difícil se distanciar. Amava tanto festas que comemorava até o aniversário do cachorro, com direito a bolo e cachorros convidados. Na rua em que morávamos era referência. Uma vez decidi fazer festa junina na rua, contatou os vizinhos, envolveu a todos, colocou até pau de sebo com dinheiro pendurado, fizeram fogueira, quadrilha e tudo mais. Em outro momento, montou uma turma de Mobral na varanda lá de casa e lá ia Dona Nilcéa alfabetizando e transformando pequenos sonhos em realidade.

Dona de uma saúde frágil, possuía sede de viver e com essa intensidade sempre nos encorajou. Quando decidi fazer faculdade, vibrou como ninguém. Percebi que seus olhos lacrimejaram. Era a realização de um sonho! Resolvi também tirar habilitação, ela não perdeu tempo, “assim que você tirar a habilitação, nós iremos passear em São Paulo, tá, filha!?”. No mês que peguei a habilitação e ainda cursando a faculdade, ela virou uma estrelinha. Aos 54 anos, precocemente ela se foi! Não conseguimos ir para São Paulo, mas floresci na sombra desse Baobá chamado Nilcéa. Criei minhas raízes e ainda estou em formação, na verdade, nunca estaremos prontos. A vida é um eterno aprendizado.

NÓS¹⁶
Verônica Cunha

Laços enfeitam.

Trazem graça

Ornam

Nós não

Laços abrilhantam.

Trazem cor

Surpreendem.

Nós não.

Laços compõem.

Trazem requinte.

Complementam

Nós não.

Laços hipnotizam.

Trazem desejo.

Erotizam

Nós não

Laços enlaçam

Trazem sorrisos.

Desatam

Nós não

¹⁶Cunha, 2019.

HÁ¹⁷

Verônica Cunha

Uma chama que arde como sal em dia de chuva

Uma clama em meio ao susto de vendaval

Um calor na brisa do deserto

Um lugar para segurar no meio do mar

A esperança

Há

Uma pitada de tempero no alimentar da convalescência numa
doce pessegada no amargurado.

Um esconderijo ...no outeiro maior.

Um candeeiro naquela praia urbana linear

A esperança

Há

Um dia a mais no ano bissexto.

Um sopro de fogo que acenda o vigor

Uma sobrevida naquele mercado bipolar

Uma gota no sertão d'alma em flor

Há

¹⁷Cunha, 2019.

FORMIGUEIRO¹⁸

Verônica Cunha

Uma casa de ideias.

Uma reunião de pequeninos

Ah, o propósito.

O coletivo é arte de reunir singularidades

A propósito qual é seu formigueiro???

Temo que deixe ter alguma outra formiguinha esperando
você lá.

¹⁸Cunha, 2019.

Anexo C - Termo de Autorização de Uso de Imagem

Eu,

_____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da
cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no
CPF/MF sob nº _____, residente
à Av./Rua _____

_____, nº. _____, município
de _____/Rio de

Janeiro, AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada na Dissertação de Mestrado intitulada **QUEM SOMOS NÓS? MULHERES NEGRAS JOVENS ESTUDANTES DA BAIXADA FLUMINENSE: NARRATIVAS QUE CONSTROEM HISTÓRIAS E MEMÓRIAS** e todos os demais produtos deste trabalho, desenvolvido pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ – sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas:

(I) cartazes; (II) mídia eletrônica, (III) artigos e demais produtos oriundos do presente estudo. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Rio de Janeiro _____ de _____ de _____.

(assinatura participante ou responsável)

Nome:

Telefone p/
contato: _____

email: _____